



RICK YANCEY

O MONSTROLOGISTA

EXISTEM MONSTROS ENTRE NÓS . . .
E ELES DEVEM SER ENCONTRADOS

FAROL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

RICK YANCEY

O MONSTROLOGISTA

Tradução:
Ana Carolina Mesquita

FAROL
2011

Para Sandy

mons.tro.lo.gia.

1: Estudo da vida de formas geralmente malévolas aos seres humanos e não reconhecidas pela ciência como organismos existentes, em especial aqueles considerados produtos da mitologia e do folclore.

2: O ato de caçar tais criaturas.

Os antropófagos [*Anthropophagi*] têm os hábitos mais selvagens do mundo. Não conhecem nenhuma regra de direito nem observam nenhuma lei em vigor [...] possuem linguagem própria e, dentre todos os povos, são devoradores de seres humanos.

— Heródoto, *As histórias de Heródoto* (440 a.C.)

Foi dito que os *Blemmyae* não possuem cabeça, e sua boca e olhos se encontram no peito.

— Plínio, o Velho, *História natural* (75 d.C.)

... em outra ilha, a meio caminho, vivem pessoas de estatura e natureza terríveis, sem cabeça e com olhos nas costas; a boca, curva como uma ferradura, no peito. Em outra ilha, há várias pessoas sem cabeça e com os olhos e a cabeça nas costas.

— *Maravilhas do mundo* (1356)

Gaora é um rio, e em suas margens há pessoas cuja cabeça cresce debaixo dos ombros. Têm olhos nos ombros e a boca no meio do peito.

— *As viagens de Hakluyt* (1598)

A oeste de Caroli há várias nações de canibais, e dentre eles os *Ewaipanoma* sem cabeça.

— Sir Walter Raleigh, *O descobrimento da Guiana* (1595)

Falava, então, de muitos azares desastrosos, de acidentes patéticos no mar e em terra, como escapara por um fio de cabelo de uma iminente morte [...] Falava de canibais que comem uns aos outros, os *Anthropophagi*, e dos homens cujas cabeças crescem embaixo dos ombros.

— Shakespeare, *Othello* (1603)

PRÓLOGO

Junho de 2007

O diretor das instalações era um homem pequeno, de rosto corado e olhos fundos e escuros, testa proeminente emoldurada por cabelos brancos como algodão que se tornavam cada vez mais ralos à medida que rumavam para trás da cabeça e se moviam como ondas em direção à ilha levemente rosada da careca. Seu aperto de mão era breve e forte, apesar de não ser nem muito breve nem muito forte: ele estava acostumado a dedos artríticos.

— Obrigado por vir até aqui — disse, soltando minha mão e envolvendo meu cotovelo com os dedos grossos enquanto me guiava até o corredor deserto que levava a seu escritório.

— Onde está todo mundo? — perguntei.

— Tomando café da manhã — explicou.

O escritório ficava no final de uma área comum. Era uma sala bagunçada, claustrofóbica, forrada com um carpete branco encardido e dominada por uma escrivaninha de mogno com um dos pés quebrados, que alguém tentara nivelar com os demais colocando um livro embaixo. A mesa estava coberta de pilhas de papel pautado, pastas de arquivo pardas, periódicos e livros com títulos como *Introdução ao planejamento de um espólio* e *Como dizer adeus a quem se ama*. No aparador atrás da cadeira de couro, havia um porta-retratos com a fotografia de uma mulher idosa franzindo a testa para a câmera, como se dissesse: "Não ouse tirar uma foto minha!". Supus que fosse a esposa dele.

Ele se sentou na cadeira e perguntou:

— Quando vai sair o livro?

— Já saiu — respondi. — No mês passado — tirei um exemplar da minha maleta e lhe entreguei. Ele grunhiu e folheou algumas páginas com os lábios contraídos, unindo as sobrancelhas espessas em cima dos olhos negros.

— Bem, fico feliz por fazer minha parte — concluiu, entregando-me de volta o livro, mas eu disse para ele ficar com o exemplar, O livro repousou entre nós por um tempo enquanto ele olhava de relance para a mesa, procurando a pilha mais estável para colocá-lo. Por fim, o volume desapareceu em uma gaveta.

Eu havia conhecido o diretor no ano anterior, enquanto fazia pesquisas para o segundo livro da série Alfred Kropp. No auge da história, o herói vai parar no Devils Milhopper, um sumidouro de mais de cento e cinquenta metros de profundidade localizado a noroeste da cidade. Eu havia me interessado pelas lendas locais, e o diretor fora gentil e me apresentara a vários habitantes da região que sabiam histórias do mítico "portão do inferno", hoje parque estadual, provavelmente porque o diabo tinha ido embora e deixado o lugar para aventureiros e turistas.

— Obrigado — agradeceu ele. — Farei o livro circular.

Esperei o diretor prosseguir; afinal, eu estava lá porque ele me convidara. Ele se mexeu, inquieto, na cadeira.

— Você me disse ao telefone que tinha algo para me mostrar — incitei gentilmente.

— Ah, sim — ele pareceu aliviado e passou a falar rapidamente —, quando encontramos isso entre os pertences dele, logo pensei em você. Achei que pudesse se interessar.

— Encontraram o que entre os pertences de quem?

— De Will Henry. William James Henry. Morreu na quinta-feira passada. Nosso morador mais antigo. Acho que você não o conheceu.

Fiz que não.

— Não. Quantos anos ele tinha?

— Bem, não temos certeza. Ele era indigente — não tinha identidade nem parentes vivos —, mas dizia ter nascido em 1876.

Olhei para o diretor,

— Isso quer dizer que ele tinha cento e trinta e um anos!

— Eu sei que é ridículo — afirmou o diretor. — Achamos que ele tinha noventa e poucos anos.

— O que você encontrou que o fez pensar em mim?

O diretor abriu a gaveta da escrivaninha e tirou uma pilha de trinta cadernos de anotações grossos, amarrados com barbante marrom, todos com capas de couro desbotadas para um tom creme.

— Ele nunca falava nada — explicou enquanto puxava o barbante, impaciente. — Só abria a boca para nos dizer seu nome e o ano em que nasceu. Parecia ter bastante orgulho de ambos. "Meu nome é William James Henry e nasci no ano do Senhor de mil oitocentos e setenta e seis!", contava a todos que quisessem ouvir — e aos que não quisessem também. Mas, quanto ao resto — de onde era, a que grupo pertencia, como foi parar no aqueduto onde foi encontrado —, silêncio. Demência avançada, os doutores me contaram, e certamente não tive motivos para duvidar do diagnóstico... até encontrarmos esses cadernos enrolados em uma toalha debaixo da cama dele.

Peguei os cadernos da mão do diretor.

— Um diário?

Ele deu de ombros.

— Pode ler. Abra o de cima e leia a primeira página.

Abri e li. A letra era bonita, apesar de pequena — sinal de educação formal, de uma época em que a escola ensinava lições de caligrafia. Li a primeira página, depois outra e as cinco seguintes. Abri o caderno a esmo e li a página escolhida aleatoriamente duas vezes. Enquanto lia, ouvi a respiração do diretor, muito pesada, como a de um cavalo após uma corrida extenuante.

— E então? — perguntou o diretor.

— Agora sei por que pensou em mim.

— Vou precisar deles de volta quando você terminar a leitura, claro.

— Claro.

— Pela lei, sou obrigado a ficar com o material, para o caso improvável de um parente aparecer atrás das coisas dele. Colocamos um anúncio no jornal e fizemos todas as investigações necessárias, mas temo que esse tipo de coisa aconteça com muita frequência: alguém morrer sem ter ninguém no mundo.

— Isso é triste — abri em uma página qualquer de outro caderno.

— Não li todos, não tenho tempo para isso, mas estou muito curioso para saber o que há neles. Talvez haja pistas sobre seu passado: quem era, de onde veio, essas coisas. Pode ser que nos ajude a encontrar algum parente. Embora ache, pelo pouco que li, que não se trata de um diário, mas de uma ficção.

Concordei que, com base nas páginas que havia lido, provavelmente era quase uma ficção.

— Quase? — perguntou, parecendo confuso. — Bom, acho que quase tudo é possível, apesar de algumas coisas serem mais possíveis que outras!

Levei os cadernos de anotações para casa e os coloquei na escrivaninha, onde ficaram por quase seis meses, intocados. Tinha de cumprir o prazo de entrega de outro livro e não me senti estimulado a mergulhar em um material que julguei ser os desvãos incompreensíveis de um nonagenário com demência. Um telefonema do diretor no inverno seguinte me instigou a desamarrar o barbante em frangalhos e reler as primeiras e extraordinárias páginas, mas foi tudo. A letra era tão pequena, as páginas tão numerosas, escritas na frente e no verso, que apenas passei os olhos pelo primeiro volume. Isso me fez notar que o diário deveria ter sido escrito em vários meses, senão anos: a cor da tinta se alternava, por exemplo, do preto ao azul e depois voltava a ser preto, como se no meio-tempo a caneta tivesse secado ou se perdido.

Foi só depois do Ano-Novo que terminei de ler os primeiros três volumes, de uma sentada só, da primeira à última página. A transcrição do conteúdo vem a seguir, com algumas modificações de ortografia e da gramática arcaica.

FÓLIO I
Prole

UM

"Uma Curiosidade Singular"

Estes são os segredos que guardei. A confiança que nunca traí.

Porém, agora ele está morto, e já se passaram mais de quarenta anos, aquele que confiou em mim, aquele por quem mantive estes segredos.

Aquele que me salvou... e me amaldiçoou.

Não consigo me lembrar do que tomei no café da manhã de hoje, mas me recordo com clareza aterradora daquela noite na primavera de 1888, em que ele me acordou bruscamente, com o cabelo despenteado, os olhos esbugalhados reluzindo à luz do lampião e um brilho exaltado nos traços bem esculpidos; aquele homem com quem, infelizmente, eu havia me familiarizado muito bem.

— Levante-se! Levante-se, Will Henry, e se apresse! — disse com insistência. — Temos uma visita!

— Uma visita? — murmurei. — Que horas são?

— Pouco depois da uma. Agora se troque e me encontre na porta dos fundos. Ande logo, Will Henry, rápido!

Ele se retirou da minha pequena alcova, levando o lampião consigo. Troquei-me no escuro e descí as escadas correndo, só de meias, vestindo o último item de meu traje, um chapéu de feltro macio pequeno demais para minha cabeça de doze anos. Aquele chapéu pequeno era a única coisa que sobrara da minha vida antes de morar com ele, por isso me era tão estimado.

Ele tinha acendido o gás dos lampiões ao longo do corredor do andar de cima, mas no andar principal havia uma única luz acesa, a da cozinha, que ficava nos fundos do velho casarão onde morávamos apenas nós dois, sem nem sequer uma empregada para arrumar a bagunça. O doutor era um homem solitário, envolvido em um trabalho perigoso e sombrio, e não podia se permitir o luxo de ter os olhos curiosos e a língua solta dos empregados. Quando o pó

e a sujeira se tornavam insuportáveis, mais ou menos a cada três meses, ele colocava um pano de chão e um balde em minhas mãos e me dizia para ser "rápido", antes que a maré de imundície nos engolisse.

Segui a luz até a cozinha, ainda sem sapatos, os quais eu havia esquecido completamente em minha agitação. Não era a primeira vez que o doutor recebia uma visita noturna desde que eu passara a morar com ele, no ano anterior. Ele recebia inúmeros visitantes nas primeiras horas da manhã, mais do que consigo lembrar, e nenhum deles vinha para uma visita comum. Seu trabalho era perigoso e sombrio, como já disse, e assim também eram, na maioria das vezes, seus visitantes.

O daquela noite, uma figura desengonçada e esquelética cuja sombra fantasmagórica se erguia dos paralelepípedos brilhantes, esperava do lado de fora da porta dos fundos. O rosto estava escondido sob a aba do chapéu de palha, mas eu conseguia ver os nós de seus dedos salientes sob as luvas gastas e os tornozelos amarelos e protuberantes do tamanho de maçãs embaixo das calças esfarrapadas. Atrás do velho havia uma égua estropiada, pisando forte e arfando, com vapor subindo dos flancos trêmulos. Sob o nevoeiro, quase invisível, estava a carroça com sua carga grotesca, enrolada em várias camadas de estopa.

Quando entrei, o doutor falava serenamente com o homem, com uma mão pousada sobre seu ombro para tentar acalmar o visitante, quase em pânico. Tinha feito a coisa certa, pois ele, o doutor em pessoa, cuidaria do assunto dali em diante, garantiu. Tudo iria terminar bem. A pobre alma mexeu a cabeça grande, que pareceu ainda maior ao balançar sob o chapéu de palha acima do pescoço delgado.

— É um crime, um maldito crime da natureza! — exclamou. — Não devia ter trazido isso aí, devia ter voltado a cobrir tudo e deixado nas mãos de Deus!

— Meu ramo não é a teologia, Erasmus — explicou o doutor. — Sou um cientista. Mas não dizem que somos todos instrumentos de Deus? Se assim for, então Ele levou o senhor até ela e depois o guiou direto à minha porta.

— Quer dizer que o senhor não vai me denunciar? — quis saber o velho, olhando o doutor com desconfiança.

— Seu segredo estará seguro comigo, assim como espero que o meu fique com o senhor. Ah, este é Will Henry. Will Henry, onde estão seus sapatos? Não, não — falou enquanto eu me virava para ir buscá-los. — Preciso que apronte o laboratório.

— Sim, doutor — respondi obedientemente e me virei para sair pela segunda vez.

— E coloque a chaleira no fogo. Será uma noite longa.

— Sim, senhor — respondi e me virei pela terceira vez.

— E ache minhas botas, Will Henry.

— Claro, senhor.

Hesitei, esperando uma quarta ordem, enquanto o tal de Erasmus me encarava.

— O que está esperando? Rápido, Will Henry! — bradou o doutor.

— Sim, senhor — respondi. — Agora mesmo, senhor! Deixei os dois lá fora e ouvi o velho perguntar enquanto eu atravessava a cozinha correndo:

— É seu filho?

— É meu assistente — foi a resposta do doutor.

Coloquei a água para ferver e desci ao porão. Acendi os lampiões e arrumei os instrumentos na mesa (não sabia bem do que o doutor iria precisar, mas tinha uma forte suspeita de que a carga do velho não estivesse viva — não ouvi nenhum barulho vindo da carroça velha, e ninguém pareceu ter a menor pressa de buscá-la... bem, mas isso poderia ser mais um desejo meu que uma suspeita). Depois apanhei um avental limpo no armário e procurei as botas de borracha do doutor embaixo da escada. Não estavam lá. Parei por um momento perto da mesa de exame, dominado por um pânico silencioso. Eu as havia lavado na semana anterior e tinha certeza de que as colocara embaixo da escada. Onde será que estavam? Ouvi o ranger dos passos no chão de madeira da cozinha. O doutor estava vindo, e eu tinha perdido suas botas!

Avistei-as bem na hora em que o doutor e Erasmus começavam a descer as escadas. Estavam embaixo da mesa, onde eu as tinha

colocado. Por que as deixara ali? Coloquei-as perto do banquinho e esperei, com o coração acelerado e a respiração curta, irregular. Fazia muito frio no porão, pelo menos dez graus a menos que no resto da casa, e assim ficava o ano todo.

A carga, ainda enrolada firmemente na estopa, era pesada: os músculos do pescoço dos dois homens saltaram com o esforço de descê-la, o que fizeram devagar e penosamente. Em dado momento, o velho precisou fazer uma pausa. Eles pararam a cinco passos do fim da escada, e percebi que o doutor estava impaciente com o atraso, ansioso para desvendar seu mais novo prêmio.

Por fim puseram a carga em cima da mesa, e então o doutor indicou o banquinho ao velho. Erasmus afundou no banco, tirou o chapéu de palha e enxugou a testa enrugada com um pano imundo. Tremia sem parar e, sob a luz, vi que praticamente seu corpo todo estava muito sujo: os sapatos enlameados, as unhas quebradiças, as rugas e as marcas delicadas de seu rosto velho, tudo estava coberto de sujeira. Senti o cheiro forte de terra úmida vindo dele.

— Um crime — murmurou. — Um crime!

— Sim, violar túmulos é um crime — explicou o doutor.

— Um crime gravíssimo, Erasmus. A pena é uma multa de mil dólares, mais cinco anos de trabalhos forçados. — Ele ergueu os ombros dentro do avental, fez um gesto me pedindo as botas e depois se apoiou no corrimão para calçá-las.

— Agora somos cúmplices. Tenho de confiar no senhor, e o senhor precisa confiar em mim. Will Henry, e o meu chá?

Subi as escadas correndo. Lá embaixo, o homem lamentava:

— Tenho família para sustentar. Minha mulher está muito doente, precisa de remédios. Não consigo arrumar emprego, e para que os mortos precisam de ouro e jóias, afinal?

Erasmus havia deixado a porta entreaberta. Fechei-a e passei a tranca, não sem antes dar uma olhada lá fora. Só se via a neblina, ainda mais espessa, e a égua, cujos olhos esbugalhados pareciam implorar por ajuda.

Enquanto preparava o chá, ouvia as vozes no porão; a voz de Erasmus era aguda e quase histérica; a do doutor, comedida e baixa, escondendo certa impaciência, sem dúvida por causa da ansiedade

em desembrulhar a carga profana do velho. Meus pés descalços tinham ficado muito frios, mas tentei ao máximo ignorar o desconforto. Coloquei açúcar, leite e duas xícaras na bandeja, Embora o doutor não tivesse pedido a segunda xícara, pensei que o velho poderia precisar de uma para acalmar os nervos devastados.

— ... No meio da coisa toda, o chão cedeu embaixo dos meus pés — ouvi o velho violador de túmulos dizendo enquanto eu descia a escada levando a bandeja —, como se eu tivesse topado com um buraco ou uma cratera. Caí de cara em cima do caixão. Não sei se foi minha queda que quebrou a tampa ou se ela tinha sido quebrada pelo... se ela já estava quebrada antes de eu cair.

— Antes, sem dúvida — resumiu o doutor.

Eles estavam na mesma posição de quando os deixei: o doutor apoiado no corrimão, o velho tremendo em cima do banquinho. Ofereci-lhe uma xícara de chá, que ele aceitou com gratidão,

— Nossa, estou tremendo até os ossos! — gemeu o visitante.

— Tem sido uma primavera fria — observou o doutor, parecendo-me ao mesmo tempo entediado e agitado.

— Eu não podia simplesmente deixar a coisa lá — explicou o velho. — Cobrir de novo e deixar lá? Não, não. Tenho mais respeito que isso. Sou temente a Deus. Temo o julgamento da eternidade! Um crime, doutor. Uma abominação! Depois que recuperei o sangue-frio, usei a égua e uma corda pra tirar os dois do buraco, enrolei tudo... e trouxe pra cá.

— Fez a coisa certa, Erasmus,

— Só tem um homem que vai saber o que fazer, disse a mim mesmo. Desculpe, mas deve saber o que as pessoas comentam a respeito do senhor e das coisas esquisitas que acontecem nesta casa. Só um surdo não saberia nada sobre Pellinore Warthrop e o casarão na Harrington Lane!

— Então que sorte a minha o senhor não ser surdo — rebateu o doutor secamente. Depois se pôs ao lado do velho e colocou as duas mãos em seus ombros. — Confio no senhor, Erasmus Gray, assim como sei que confia em mim.

— Não comentarei com ninguém sobre seu envolvimento neste "crime", como diz. Tenho certeza de que também não vai falar uma

palavra sobre mim. Agora, pelo seu incômodo...

Tirou um maço de notas do bolso e o entregou ao velho.

— Não quero apressá-lo, mas cada minuto que fica aqui coloca o senhor e meu trabalho em risco, e ambos significam muito para mim, embora talvez um importe um pouco mais que o outro — pronunciou com um sorriso forçado.

E, virando-se para mim, ordenou:

— Will Henry, acompanhe a visita até a porta.

Então, voltando-se para Erasmus Gray, acrescentou:

— O senhor prestou um serviço inestimável para o avanço da ciência.

O velho parecia mais interessado no avanço de sua fortuna, pois ficou olhando, boquiaberto, o dinheiro que segurava com as mãos ainda trêmulas. O dr. Warthrop o convidou a se levantar e a subir as escadas, instruindo-me a não me esquecer de trancar a porta e a achar meus sapatos.

— E não enrole, Will Henry. Temos trabalho para a noite inteira. Rápido!

O velho Erasmus hesitou na porta dos fundos. Apoiou uma das mãozorras sujas no meu ombro e com a outra segurou o chapéu de palha esfarrapado; seus olhos remelentos lutavam contra a neblina, que havia encoberto completamente a égua e a carroça: exceto o ruído das pisadas nos pedregulhos e do seu arfar, não havia nenhum sinal da existência do animal.

— Por que está aqui, menino? — perguntou repentinamente o velho, apertando meu ombro com força. — Isso não é trabalho para uma criança.

— Meus pais morreram em um incêndio, senhor — expliquei. — O doutor me acolheu.

— Doutor... — repetiu Erasmus. — As pessoas o chamam assim, mas ele é doutor de quê?

Do grotesco, eu poderia ter respondido. Do bizarro. Do indescritível. Em vez disso, respondi sem muita convicção a mesma coisa que o doutor me disse não muito depois da minha chegada à casa da Harrington Lane: — De filosofia.

— Filosofia! — exclamou em voz baixa. — Eu não chamaria isso de filosofia, disse tenha certeza!

Enfiou o chapéu na cabeça e caminhou para a frente até desaparecer na névoa.

Alguns minutos depois, desci a escada até o laboratório, no porão. Fechei a tranca e achei meus sapatos no mesmo lugar onde os deixara na noite anterior, após os procurar freneticamente por algum tempo. O doutor me esperava lá embaixo, tamborilando os dedos no corrimão, impaciente. Pelo jeito achava que eu não tinha sido "rápido" o bastante. Eu, de minha parte, não estava nem um pouco ansioso em enfrentar o resto da noite. Não era a primeira vez que alguém batia à nossa porta dos fundos de madrugada trazendo pacotes macabros, embora esse com certeza fosse o maior desde que eu passara a morar com o doutor.

— Trancou a porta? — quis saber.

Percebi de novo o seu rosto corado, a leve falta de ar, o tremor de empolgação na sua voz. Respondi que sim.

Ele se mostrou de acordo.

— Se o que o velho diz for verdade, Will Henry, se eu não tiver bancado o idiota (não seria a primeira vez), então este é um achado extraordinário. Venha!

Ocupamos nossos lugares — o doutor atrás da mesa onde estava o monte de tecido enlameado, e eu atrás dele, à sua direita, com lápis e um caderninho à mão, operando a bandeja de instrumentos que ficava sobre um carrinho móvel. Minha mão tremeu de leve enquanto escrevia a data no topo da página: 15 de abril de 1888.

Ele vestiu as luvas, que, ao baterem nos pulsos, fizeram um "plop!" alto, e pisou firme com as botas no chão de pedra frio. Colocou a máscara, deixando à mostra apenas a parte superior do nariz e os olhos negros.

— Pronto, Will Henry? — sussurrou com a voz abafada pela máscara e tamborilou os dedos no ar.

— Pronto, doutor — repliquei, embora não me sentisse nada pronto.

— Tesoura!

Passei o instrumento para a sua mão espalmada.

— Não, a maior, Will Henry. Aquela tesoura cirúrgica ali.

O doutor começou pela parte mais estreita do embrulho, onde provavelmente estavam os pés, cortando o centro do material grosso com os ombros curvados e os músculos da mandíbula contraídos. Parou para alongar e relaxar os dedos tensos, depois retornou ao trabalho. O tecido estava molhado e coberto de lama.

— O velho o amarrou mais forte que um peru de Natal — murmurou.

Após o que me pareceram horas, ele chegou à outra extremidade do embrulho. A estopa tinha cedido de dois a cinco centímetros ao longo do corte, mas não mais que isso. O conteúdo ainda era um mistério e continuaria assim por mais alguns segundos. O doutor me passou a tesoura cirúrgica e se apoiou na mesa, descansando um pouco antes do terrível desfecho. Por fim endireitou o corpo, pressionando a lombar. Respirou fundo.

— Muito bem — falou em voz baixa. — Vamos lá, Will Henry.

Abriu as camadas do material, separando-o na mesma direção do corte. O tecido se partiu ao meio, caindo sobre a mesa como pétalas de uma flor que se abre para receber o sol da primavera.

Por trás das costas curvadas do doutor, eu os vi. Não era um único cadáver corpulento, como eu imaginara, mas dois corpos emaranhados num abraço obscuro. Engoli a bile que voltou do meu estômago vazio e ordenei que meus joelhos ficassem parados. Vejam bem, eu tinha doze anos. Um menino, sim; mas um menino que já tinha visto uma bela cota de bizarrices. Ao longo das paredes do laboratório havia prateleiras com potes enormes cheios de esquisitices boiando em conservantes, extremidades e órgãos de criaturas irreconhecíveis que juraríamos pertencer a um mundo de pesadelo, e não ao mundo comum. E, como já disse, não era a primeira vez que auxiliava o doutor na mesa de dissecação.

Porém, nada havia me preparado para o que o velho trouxera naquela noite. Ouso dizer que um adulto normal teria deixado a sala correndo, subido as escadas aos gritos e saído da casa horrorizado, pois o conteúdo do casulo dentro da estopa teria desonrado todos os clichês e promessas de milhares de religiosos que pregam sobre a

natureza de um Deus justo e amoroso, de um universo bom e equilibrado e da dignidade do homem. "Um crime", segundo o velho ladrão de túmulos. Realmente não parecia haver descrição melhor, embora um crime precise de um criminoso... e quem ou o que seria o criminoso naquele caso?

Em cima da mesa, deitada, jazia uma menina cujo corpo estava parcialmente encoberto por uma figura nua abraçada a ele. Uma das pernas grossas da criatura estava em cima do dorso da moça, e um de seus braços, sobre o peito. O traje fúnebre branco dela tinha uma mancha ocre inconfundível de sangue seco, cuja origem foi rapidamente descoberta: o cadáver não tinha metade do rosto, e por baixo os ossos do pescoço estavam expostos. Os restos de pele eram irregulares e triangulares, como se alguém tivesse cortado o corpo dela com uma machadinha.

O outro cadáver era de um homem, pelo menos duas vezes maior que a garota, abraçado, como já disse, ao corpo diminuto dela. A cena lembrava uma mãe aninhando o filho: o peito da criatura estava a poucos centímetros do pescoço destruído da moça; o resto do corpo apertado firmemente contra o dela. Contudo, o mais assombroso não era o tamanho, nem mesmo a presença assustadora do monstro. Não, o mais aterrador daquela cena inesquecível era que a criatura não tinha cabeça.

— *Anthropophagi* — murmurou o doutor com os olhos arregalados e brilhantes acima da máscara. — Tem de ser... mas como? Isso é extremamente curioso, Will Henry. O fato de ele estar morto já é muito curioso, mas o mais instigante é ele estar aqui, em primeiro lugar!... O espécime é do sexo masculino, tem entre vinte e cinco e trinta anos, sem sinais aparentes de ferimento ou trauma... Will Henry, está anotando?

Ele estava me encarando, e eu o fitei de volta. Um forte cheiro de morte dominara a sala, e meus olhos ardiam e lacrimejavam. O doutor apontou para o caderno de anotações, esquecido em minha mão:

— Concentre-se na tarefa que está fazendo, Will Henry.

Concordei com a cabeça e enxuguei as lágrimas com as costas da mão. Pressionei a ponta do lápis no papel e comecei a escrever

embaixo da data.

— O espécime parece pertencer ao gênero *Anthropophagi* — repetiu. — É do sexo masculino, tem entre vinte e cinco e trinta anos, sem sinais aparentes de ferimento ou trauma...

Concentrar-me nas anotações me ajudou a ficar calmo, embora sentisse certa curiosidade mórbida que me fazia olhar para aquilo de novo, como a maré vazante que puxa um nadador. Mordi o lápis enquanto tentava acertar a grafia de "*Anthropophagi*".

— A vítima é do sexo feminino, tem cerca de dezessete anos, com evidência de marcas de mordidas no lado direito do rosto e do pescoço. O osso hioide e a mandíbula estão completamente expostos e exibem cortes causados pelos dentes do espécime...

Dentes? Mas a criatura não tinha nem cabeça! Tirei os olhos do caderno e vi o dr. Warthrop debruçado sobre os dois corpos, por sorte tapando minha visão. Que tipo de criatura seria capaz de morder sem ter uma boca? Logo depois desse pensamento, veio a terrível revelação: aquela coisa estivera comendo a garota.

O doutor moveu-se rapidamente para o outro lado da mesa, permitindo que eu visse o "espécime" e sua pobre vítima. Era uma garota miúda, cujos cachos negros suntuosos derramavam-se sobre a mesa. O doutor debruçou-se sobre o peito da criatura e, com os olhos cerrados, examinou o corpo da jovem cujo descanso eterno fora interrompido por aquele abraço maldito, pelo aperto mortal de um invasor vindo de um mundo de trevas e pesadelo.

— Sim! — exclamou em voz baixa. — Sem dúvida um *Anthropophagi*. O fórceps, Will Henry, e uma bandeja, por favor. Não, a menor, ali, perto do cinzel de crânio. Essa mesma.

De alguma maneira, encontrei forças para me mover, embora meus joelhos tremessem muito, e eu literalmente não sentisse os pés. Não tirei os olhos do doutor e tentei ignorar ao máximo a vontade irresistível de vomitar. Entreguei-lhe o fórceps e a bandeja com os braços tremendo e respirando superficialmente, pois o vapor putrefato queimava minha boca e a garganta como brasa.

O dr. Warthrop abriu o peito da criatura com o fórceps. Ouvi o barulho do metal batendo em algo duro — seria uma costela exposta? Será que a criatura também teria sido parcialmente

consumida? E, em caso positivo, onde estaria o outro monstro responsável por isso?

— Muito curioso, muito curioso — disse o doutor com a voz abafada pela máscara. — Sem sinal aparente de trauma; estava claramente no clímax, mas sem dúvida alguma está morto... *Anthropophagus*, o que o matou, hein? Como encontrou seu destino?

Enquanto falava, o doutor extraía tiras finas de pele do fórceps e as colocava na bandeja de metal. Os pedaços eram escuros e fibrosos, como uma carne-seca semicurada, e havia um material branco preso a um ou dois filamentos. Dei-me conta de que os pedaços de pele que o doutor dissecava não eram do monstro, mas do rosto e do pescoço da garota.

Olhei para baixo, entre meus braços estendidos, para onde o doutor trabalhava, e vi que ele não havia dissecado a costela exposta.

Ele havia limpado os dentes da criatura.

A sala começou a girar à minha volta. O doutor falou com voz calma e baixa:

— Agüente firme, Will Henry. De nada me vale se você desmaiar. Temos um trabalho a fazer esta noite. Somos estudantes da natureza e de seus frutos, todos eles, incluindo nós e esta criatura. Todos nascemos da mesma mente divina, se acredita nessas coisas, e vamos cumprir nosso dever. Certo, Will Henry? *Certo, Will Henry?*

— Sim, doutor — falei com a voz entrecortada. — Sim, senhor.

— Bom garoto — e jogou o fórceps na bandeja de metal. Pequenos fragmentos de pele e gotas de sangue mancharam os dedos de sua luva, — Traga-me o cinzel.

Voltei a cuidar da bandeja de instrumentos, aliviado. Antes de entregar-lhe o cinzel, porém, parei um pouco para recobrar o ânimo, como um bom soldado da ciência, para o próximo assalto.

Embora não tivesse cabeça, o *Anthropophagus* tinha boca. E dentes. O orifício era similar ao de um tubarão, assim como os dentes: triangulares, serrilhados e brancos como leite, dispostos em fileiras que seguiam do interior da cavidade oculta da garganta até a

boca. Esta ficava pouco abaixo do enorme peito musculoso, na região entre os músculos peitorais e a virilha. O monstro não tinha nariz aparente nem era cego: seus olhos (confesso que só consegui ver um) ficavam nos ombros, não tinham pálpebras e eram completamente escuros.

— Rápido, Will Henry! — ordenou o doutor. Eu estava demorando muito para recobrar o ânimo. — Deixe a bandeja mais perto da mesa; vai se cansar muito se ficar nesse zigue-zague o tempo todo.

Quando eu e a bandeja estávamos a postos, o doutor estendeu a mão e lhe passei o cinzel. Ele deslizou o instrumento alguns centímetros para dentro da boca do monstro e o utilizou como alavanca para abrir a mandíbula.

— Fórceps!

Passei-lhe o instrumento e o vi adentrar aquela boca repleta de presas... bem fundo, depois mais profundamente, até toda a mão do doutor desaparecer. Os músculos do seu antebraço saltaram quando ele virou o pulso para explorar a parte de trás da garganta com a ponta do fórceps. O suor brilhava em sua testa; sequei-a com um pedaço de gaze.

— Deve ter aberto um buraco para respirar e não se sufocar — murmurou. — Nenhum sinal de lesões... deformidades... nem sinais aparentes de trauma... Ah! — o doutor parou de mexer o braço. Os ombros balançaram dele quando puxou o fórceps, — Segure firme! Vou precisar das duas mãos livres, Pegue o cinzel e puxe-o, Will Henry. Se preferir, use as duas mãos, assim. Não deixe escorregar, senão sou eu quem vai perder as duas mãos. Isso, assim mesmo. Bom menino. Ahhhh!

O doutor se afastou da mesa, agitando a mão esquerda para se equilibrar. Com a mão direita segurou o fórceps, de onde pendia um colar de pérolas emaranhado e manchado de sangue. Após recuperar o equilíbrio, o monstrologista ergueu bem alto seu merecido prêmio.

— Sabia! — gritou. — Cá está nosso culpado, Will Henry, Ele deve ter arrancado isto do pescoço dela em meio ao ataque. O colar ficou preso na garganta dele e o sufocou, matando-o.

Larguei o cinzel, afastei-me da mesa e olhei o colar carmim balançando na mão do doutor. A luz vibrou, refletida nos coágulos de sangue, e senti o ar mais pesado, recusando-se a encher meus pulmões por completo. Meus joelhos começaram a tremer. Afundei no banquinho, lutando para respirar. O doutor, sem se dar conta do meu estado, jogou o colar na bandeja e pediu a tesoura. "Vá para o inferno", pensei. "Ele que pegue a tesoura." O doutor, de costas para mim, pediu o instrumento de novo, com a mão estendida, os dedos cheios de sangue dobrados e curvados. Levantei-me do banco, suspirei e entreguei-lhe o instrumento.

— Há algo curioso — murmurou, enquanto cortava ao meio o traje fúnebre da garota. — Os *Anthrophagi* não são nativos das Américas. Do norte e do oeste da África, das Ilhas Caroli, mas não daqui. Nunca daqui!

Ele partiu o material com cuidado, quase com delicadeza, expondo a pele perfeita de alabastro da jovem.

O dr. Warthrop aproximou o estetoscópio da barriga dela e auscultou atentamente enquanto movia devagar o instrumento, primeiro em direção ao peito, depois para baixo, em direção ao umbigo, até que, ao chegar a certo ponto, parou, de olhos fechados, quase sem respirar. Assim ficou por vários segundos. O silêncio era aterrorador.

Por fim, tirou o aparelho dos ouvidos e disse:

— Como suspeitei — fez um gesto em direção à mesa e completou: — Um pote vazio, Will Henry. Um dos grandes.

O doutor me instruiu a abrir a tampa e colocar o recipiente aberto no chão, ao lado dele.

— Segure firme a tampa, Will Henry — ordenou. — Temos de ser rápidos. Bisturi!

Voltou ao trabalho. Devo confessar que desviei o olhar? Que não era capaz de continuar a observar a lâmina brilhante enquanto ele cortava a pele imaculada da garota? Apesar de todo o meu desejo de agradar e impressionar o doutor, de manter o firme propósito de ser um bom soldado a serviço da ciência, nada poderia me fazer assistir ao que veio depois.

— Eles não são carniceiros natos — explicou. — Os *Anthropophagi* preferem presas frescas, mas há instintos ainda mais fortes que a fome, Will Henry. A fêmea é capaz de se reproduzir, mas não consegue carregar a cria. Não tem útero, entende, pois em seu lugar leva outro órgão, ainda mais vital: o cérebro... Tome, pegue o bisturi.

Ouvi um barulhinho quando o doutor enfiou o pulso na incisão. Seu ombro direito girou enquanto os dedos exploravam o dorso da jovem.

— Mas a natureza é engenhosa, Will Henry, e maravilhosamente implacável. A fêmea expele o ovo fecundado na boca do parceiro, e ele fica alojado em uma bolsa localizada em sua mandíbula inferior. O macho tem dois meses para encontrar um hospedeiro para sua prole. Depois disso, o feto sai do saco gestacional, e aí o macho pode engoli-lo ou se asfixiar com ele... Ah, deve ser isso. Deixe a tampa preparada.

O doutor tensionou o corpo, e tudo ficou em silêncio por um momento. Depois, com um floreio dramático, puxou da barriga aberta da jovem uma massa retorcida de pele e dentes, uma versão em miniatura da besta atracada à garota. Envolta em um saco leitoso que se rompeu, a criatura lutou contra o doutor, liberando um líquido fétido que ensopou o casaco dele e se esparramou em suas botas. Ele quase a derrubou. Segurou-a contra o peito enquanto ela retorcia e golpeava os bracinhos e as perninhas, sem parar de morder e cuspir com a boca repleta de pequenos dentes em forma de lâminas afiadas.

— O pote! — berrou. Empurrei-o em direção aos pés do doutor. Ele colocou a criatura no pote, e eu fechei a tampa antes mesmo de ele mandar.

— Feche-a bem, Will Henry! — ofegou. Estava coberta da gosma sanguinolenta, cujo odor era ainda mais penetrante que o da carne decomposta que jazia em cima da mesa. O pequeno *Anthropophagus* se debatia dentro do pote, sujando todo o vidro de líquido amniótico enquanto cravava as unhas do tamanho de agulhas nas paredes de sua cela, abrindo a boca furiosa localizada no peito como um peixe que luta para respirar na praia. Seus gemidos de

horror e dor eram tão altos, que atravessavam o vidro grosso — um barulho sobre-humano que estou fadado a lembrar para o resto da vida.

O dr. Warthrop apanhou o pote e o colocou sobre a mesa. Molhou um pedaço de algodão em uma mistura de halotano e álcool, jogou-o no pote e fechou a tampa de novo. O pequeno monstro atacou o algodão, separou as fibras com os pequenos dentes e engoliu pedaços do material. A ira da criatura apressou os efeitos mortais da substância: em menos de cinco minutos o maldito filhote estava morto.

DOIS

"Seus Serviços São Indispensáveis"

O monstrologista parou de trabalhar apenas duas vezes durante a noite toda e boa parte do dia seguinte — para tomar outra xícara de chá lá pelas três da manhã e para esvaziar a bexiga perto das quatro —, embora já não tivesse tanta pressa depois do aborto da criatura abominável que antes crescia no corpo da jovem.

— Depois de se desenvolver completamente — explicou em tom seco e professoral, que de certo modo deixava o assunto ainda mais horripilante —, o filhote de *Anthrophagus* rompe o saco amniótico e imediatamente começa a se alimentar do hospedeiro, até sobraem só os ossos, que ele perfura com os dentes pontiagudos para sugar a medula nutritiva. Ao contrário do *Homo sapiens*, os *Anthrophagi* desenvolvem dentes antes de praticamente qualquer outra coisa.

Tínhamos separado os corpos com muito esforço, pois a besta enfiara completamente as garras de mais de cinco centímetros na vítima. O doutor tirou as garras rígidas, uma por uma, usando o cinzel como alavanca.

— Veja como as garras têm farpas — mostrou. — Parecem um anzol enorme ou as patas dianteiras de um louva-a-deus. Sinta a ponta, Will Henry, mas cuidado! São tão afiadas como uma injeção hipodérmica e resistentes como diamante. Os nativos de seu *habitat* natural usam-nas para fazer agulhas de cerzir e pontas de lanças,

O doutor afastou o braço enorme do peito do cadáver da garota.

— Sua envergadura é mais de trinta centímetros maior que a do homem. Veja como a mão é grande — e colocou a palma da própria mão contra a do monstro. A mão da criatura cobriu a do doutor como se fosse a de um adulto envolvendo a de uma criança. — Como o leão, ele usa as garras como principal arma para atacar, mas, ao contrário dos grandes mamíferos predadores, não mata a

presa antes de se alimentar dela. Assim como o tubarão e o inseto, o *Anthropophagus* prefere carne fresca.

Nós dois tivemos de tirar a perna da criatura de cima da garota. Um pouco sem ar, o doutor continuou:

— A espécie tem o maior tendão de Aquiles conhecido entre os primatas, por isso consegue saltar distâncias absurdas, mais de doze metros... Observe a musculatura rija das panturrilhas e do quadríceps... Cuidado agora, Will Henry, senão ele pode cair em cima da gente.

Ele me instruiu a deixar um espaço livre na mesa. Ergueu os ombros da jovem, enquanto eu pegava as pernas dela, e, juntos, levantamos o corpo, Ela era tão leve que não parecia pesar mais que um pássaro. O doutor dobrou seus braços sobre o peito e fechou o traje fúnebre sobre o dorso violado.

— Pegue um lençol limpo, Will Henry — ordenou antes de cobri-la.

Ficamos um momento diante do corpo envolto na mortalha sem dizer uma única palavra.

Por fim, o doutor suspirou.

— Bem, ela está livre dele agora. Se há algum consolo nisso tudo, Will Henry, é que, pelo menos, ela não sofreu. Não sofreu.

Bateu as mãos e se virou, deixando a tristeza num piscar de olhos. Depois voltou até a mesa de dissecação, ansioso para retomar a comunhão com a criatura. Arrastamos o monstro para o centro da mesa e o viramos de costas. Os olhos negros e sem pálpebras localizados nos ombros e a boca aberta cheia de presas encravada no meio do peito lembravam, mais que tudo, um tubarão. A pele era clara como a barriga de um tubarão, e, pela primeira vez, notei que a criatura não tinha pelos, o que a deixava ainda mais horripilante.

— São caçadores noturnos, como os leões — completou o doutor, como se tivesse lido meus pensamentos. — Daí os olhos enormes e a falta de melanina na epiderme. Assim como o *Panthera leo* e o *Canis lupus*, são caçadores comunitários.

— Comunitários, senhor?

— Caçam em grupos.

Ele estalou os dedos, pediu um bisturi novo e começou a autópsia com determinação. Enquanto abria a criatura, eu me ocupava anotando o que ele ditava, passando-lhe os instrumentos e correndo do armário para a mesa várias vezes para encher os potes de espécimes com formol, a fim de armazenar os órgãos. Primeiro saiu um dos olhos, com os nervos ópticos pendurados como se fossem cordas retorcidas. O doutor apontou os ouvidos do monstro: duas fendas de mais de doze centímetros localizadas em ambos os lados dos quadris, pouco acima da cintura.

Depois Warthrop abriu o peito da criatura, bem acima da boca oblíqua, usando o afastador de costelas até obter espaço para enfiar a mão e retirar o fígado, o baço, o coração e os pulmões, branco-acinzentados e ovais como uma bola de futebol americano murcha. Continuou a palestra, interrompendo-a de tempos em tempos para ditar medidas e descrever o estado dos diversos órgãos.

— A ausência de folículos é curiosa, não foi citada em nenhuma literatura... As medidas dos olhos, de 9,7 por 7,3 centímetros, talvez se devam ao seu *habitat* natural. Eles não se desenvolvem em climas temperados.

Fez uma incisão poucos centímetros acima da virilha do monstro, enfiou as duas mãos na cavidade e retirou o cérebro. Era menor do que eu esperava, mais ou menos do tamanho de uma laranja. O doutor o pesou na balança, e eu anotei o valor no caderninho.

"Bem", pensei, "pelo menos isso é um bom sinal. Com um cérebro assim pequeno, eles não podem ser muito inteligentes."

Novamente, como se pudesse ler meus pensamentos, ele falou:

— Sua capacidade mental deve ser igual à de uma criança de dois anos, Will Henry. Algo entre um macaco e um chimpanzé. Embora não tenham língua, conseguem se comunicar por meio de grunhidos e gestos, tal como seus primos primatas, apesar de suas intenções serem muito piores.

Segurei um bocejo. Não estava entediado, mas sim exausto. O sol já tinha nascido havia horas; contudo, na sala sem janelas

empestada com o cheiro de morte e do ácido dos produtos químicos, a noite não tinha fim.

O doutor, entretanto, não mostrava sinais de cansaço. Já o tinha visto assim antes, quando se deixava dominar pela febre de sua paixão peculiar. Nessas ocasiões, ele comia muito pouco, dormia menos ainda e dedicava toda a sua concentração, a mais formidável que já vi, à tarefa em questão. Passavam-se dias, uma semana, duas até, sem que ele fizesse a barba ou tomasse banho; não penteava os cabelos nem trocava de camisa, até ficar semelhante, graças à falta de comida e descanso, a uma das espécies macabras que estudava: os olhos vermelhos e com olheiras fundas, a pele cor de pó de carvão, as roupas frouxas no corpo definhado. Inevitavelmente, como a noite após o dia, a chama de sua paixão acabava por exaurir-lhe a mente e o corpo até ele quase sucumbir, quando então ia para a cama como se sofresse de uma febre tropical, letárgico e irritado, a depressão ainda mais estarrecedora que a mania que a precedera. Noite e dia eu ficava para cima e para baixo, levando comida, bebida e cobertores, dispensando visitas ("O doutor está doente e não pode receber ninguém agora"), sentado ao seu lado na cama por horas enquanto ele lamentava a própria sorte: seu trabalho era em vão. Dali a cem anos ninguém lembraria seu nome, reconheceria seus feitos, lhe renderia homenagens. Eu tentava consolá-lo ao máximo, garantindo-lhe que chegaria o dia em que ele seria tão famoso quanto Darwin. Ele dispensava, geralmente com desdém, minha tentativa infantil de ajudá-lo: "Ah, você não passa de um garoto. O que sabe sobre as coisas?", perguntava, deitando a cabeça no travesseiro. Outras vezes segurava minha mão, me chamava para perto, olhava dentro dos meus olhos e sussurrava baixinho: "É você, Will Henry, quem deve continuar meu trabalho, Não tenho nem terei família, você deve ser minha memória. Deve carregar o peso do meu legado. Promete que todo esse sacrifício não será em vão?".

E eu prometia, é claro. Uma coisa era certa: eu era tudo o que ele tinha. Sempre me perguntei se um dia já ocorrera àquele homem, cuja capacidade de concentração me inspirava ainda mais

respeito, que o contrário também era verdadeiro: ele era tudo o que eu tinha.

Sua recuperação durava uma semana, às vezes duas, até acontecer alguma coisa — um telegrama, a chegada pelo correio de um novo jornal ou livro sobre a última descoberta científica, uma visita importante no meio da noite — e tudo recomeçar. A centelha iniciava o incêndio.

— Rápido, Will Henry! — gritava ele. — Temos trabalho a fazer!

A centelha que chegara à nossa porta trazida por Erasmus Gray naquela manhã nebulosa de abril tinha, ao anoitecer, se transformado em chama incandescente. Retiramos, examinamos, catalogamos e preservamos todos os órgãos; anotamos todas as medidas; o doutor ditou e dissertou sobre a natureza da criatura durante horas. ("Nosso amigo deve ser o macho alfa do bando, Will Henry. Somente os machos alfa têm o privilégio de se reproduzir.") E, depois de tudo isso, sem parar para descansar um só minuto, ainda foi preciso arrumar tudo: limpar os instrumentos, esfregar o chão com água sanitária, esterilizar todas as superfícies com alvejante. Por fim, muito depois do meio-dia, sem conseguir agüentar mais, desabei no último degrau da escada, sem ligar se ele iria me criticar por minha indolência. Observei-o retornar ao corpo da jovem, levantar o lençol e suturar a incisão do estômago. Depois, estalou os dedos sem olhar em minha direção.

— Traga-me as pérolas, Will Henry.

Levei-lhe a bandeja com o colar, cambaleando extenuado, A peça passara horas mergulhada em álcool; a maior parte do sangue passara para o líquido, dando-lhe um tom róseo bastante bonito. O doutor chacoalhou o colar para tirar o excesso de solvente, abriu o fecho e colocou gentilmente o cordão claro no pescoço devastado da garota.

— O que podemos dizer, Will Henry? — murmurou com os olhos negros fixos no cadáver. — Aquela que riu, chorou e sonhou um dia se torna forragem. O destino levou o monstro a ela, mas, se não fosse essa criatura, sem dúvida seriam os vermes, seres tão famintos quanto ele. Há monstros que esperam todos nós voltarmos à terra, então o que podemos dizer?

O doutor cobriu o rosto da moça com o lençol e saiu.

— Não temos muito tempo. Onde há um há outros. Os *Anthropophagi* não são muito férteis. Eles se reproduzem apenas uma ou duas vezes por ano; porém não sabemos há quanto tempo estão aqui no Novo Mundo sem ser notados, Independentemente do número exato, em algum lugar próximo de Nova Jerusalém há uma população reprodutora desses devoradores de homens que precisa ser encontrada e erradicada — senão estaremos perdidos.

— Sim, senhor — sussurrei. Sentia a cabeça leve, os braços e pernas pesados, e o rosto do doutor parecia sair de foco.

— Que foi? — perguntou, — O que você tem? Não vá desmaiar, Will Henry, não posso contar com isso agora.

— Não, senhor — concordei e depois desmaiei no chão,

Ele me pegou e carregou nos braços para o andar de cima, atravessou a cozinha iluminada pela luz fraca do sol primaveril, levou-me para o segundo andar e subiu a escadinha que dava no meu sótão, onde me deitou na cama por cima das cobertas, sem se preocupar em tirar minha roupa suja de sangue. Entretanto, tirou meu chapéu e o pendurou no cabide da parede. A imagem do chapéu pequeno e rasgado pendurado tristemente no cabide foi demais para mim. Representava tudo o que eu havia perdido. Desapontar o doutor por causa da minha falta de coragem e virilidade era impensável, e, embora eu não pudesse suportar essa idéia, a imagem do chapéu e as memórias que ele trazia se sobrepunham ao horror surreal das horas anteriores.

Chorei e soluzei como louco, curvado sobre a barriga enquanto ele continuava em pé diante de mim, sem se mover, para tentar me confortar ou consolar, estudando-me com a mesma curiosidade intensa que dedicara aos testículos do macho *Anthropophagus*.

— Sente a falta deles, não? — perguntou com delicadeza.

Sem conseguir falar por causa dos malditos soluços, concordei com a cabeça.

O doutor também assentiu, confirmando a premissa.

— Eu também, Will Henry — afirmou. — Eu também.

Estava sendo sincero. Meus pais tinham sido empregados dele; minha mãe cuidava da casa, e meu pai, como eu mesmo faria

depois, de seus segredos. No enterro deles, o doutor colocou a mão sobre meu ombro e disse: "Não sei o que farei agora, Will Henry. O serviço deles me era indispensável". Pareceu não se dar conta de que falava com um garoto que ficara órfão e desabrigado com aquela perda.

Não seria exagero dizer que meu pai venerava o dr. Warthrop. Porém, seria um enorme exagero (na verdade, uma mentira sem tamanho) dizer que minha mãe também. Hoje, analisando melhor, posso dizer sem medo de errar que a principal causa de atrito entre meus pais era o doutor, ou melhor, os sentimentos que meu pai nutria por ele, sua enorme lealdade, uma lealdade que superava todas as outras, incluindo qualquer sentimento de obrigação em relação à mulher e ao único filho. Que papai nos amava, disso nunca duvidei; o que acontece é que seu amor pelo doutor era simplesmente mais forte. Eis a raiz do ódio que minha mãe sentia pelo dr. Warthrop. Sentia ciúme. Fora traída. E foi essa sensação de traição que gerou as brigas mais violentas entre eles.

Algumas noites antes de o incêndio tirá-los de mim, fiquei deitado, acordado, ouvindo-os discutir através da parede fina do meu quarto na Clary Street. O som das vozes contra o reboco parecia o de uma tempestade batendo no quebra-mar. Era o ápice de uma briga que, em geral, começava horas antes, porque meu pai chegara atrasado para o jantar — o doutor o havia prendido de novo. Certas vezes meu pai nem vinha jantar, outras não aparecia por dias. Quando por fim voltava para casa, depois da minha recebida calorosa, desviava do meu olhar amoroso e encontrava o da minha mãe, bem menos carinhoso. Dava um sorriso sem graça, erguia os ombros, impotente, e dizia:

— O doutor precisou de mim.

— E eu? — gritava ela, — E nosso filho? E nossas necessidades, James Henry?

— Ele só tem a mim — era a resposta determinada.

— E nós só temos você. Você desaparece por dias sem dizer a ninguém aonde vai nem quando vai voltar. E quando por fim resolve trazer sua carcaça desatenciosa para cá, não diz onde esteve nem o que estava fazendo.

— Chega, Mary! — pedia com firmeza. — Há coisas que posso contar e outras, que não.

— Não pode contar? O que seriam essas coisas, James Henry, para não me contar nada a respeito?

— Conto o que posso. E o que posso contar é que o doutor está desenvolvendo um trabalho muito importante e precisa da minha ajuda.

— E eu, não? Você me leva a cometer um pecado, James.

— Pecado? Do que está falando?

— O pecado do falso testemunho! Os vizinhos me perguntam: "Onde está seu marido, Mary Henry? Onde está James?", e preciso mentir por sua causa — por causa dele! Como me irrita ter de mentir por ele!

— Então não minta. Conte a verdade. Diga que não sabe onde estou.

— Isso seria pior que mentir. O que eles iriam dizer a meu respeito — uma mulher que não sabe sequer por onde o próprio marido anda?

— Não entendo por que isso a irrita tanto, Mary. Se não fosse por ele, o que teríamos? Devemos tudo a ele.

Isso ela não podia negar, então ignorava o fato.

— Você não confia em mim.

— Não é isso; simplesmente não posso trair a confiança dele.

— Um homem respeitável não precisa manter segredos.

— Não sabe o que está falando, Mary. O dr. Warthrop é o homem mais respeitável que já conheci. E um privilégio servi-lo.

— Servi-lo em quê?

— Em seus estudos.

— Que tipo de estudos?

— Ele é um cientista.

— Cientista de quê?

— De... certos fenômenos biológicos.

— E o que isso quer dizer? De que "fenômenos biológicos" você está falando? Pássaros? Então Pellinore Warthrop é um observador de pássaros, James Henry, e você carrega seus binóculos no campo?

— Não vou discutir isso, Mary. Não vou lhe contar mais nada sobre a natureza do trabalho do doutor.

— Por quê?

— Porque você não quer saber! — pela primeira vez meu pai elevava a voz. — Digo sinceramente que há dias que nem eu gostaria de saber! Vi coisas que nenhum homem deveria ver! Fui a lugares aonde os próprios anjos teriam medo de ir! Agora não me force a falar mais, Mary, pois você não sabe o que está dizendo. Agradeça sua ignorância e console-se com o falso testemunho que ele a obriga a manter! O dr. Warthrop é um grande homem envolvido em uma grande obra, e nunca vou lhe dar as costas, nem que o próprio fogo do inferno se erga para me impedir.

E assim a briga chegava ao fim, pelo menos por algum tempo; geralmente eles começavam depois que meu pai me colocava na cama. Antes de se juntar à minha mãe na sala e enfrentar sua ira, que era apenas um pouco menos intensa que o fogo do inferno, ele sempre me beijava a testa, acariciava meus cabelos e fechava os olhos enquanto eu rezava antes de dormir.

Quando terminava minhas súplicas ao céu, abria os olhos e olhava para seu rosto doce, os olhos gentis, tranquilo na minha ingenuidade trágica de criança, acreditando que ele sempre estaria ao meu lado.

— Aonde vai, papai? — perguntei certa vez. — Não vou contar à mamãe. Não vou contar a ninguém.

— Ah, já fui a tantos lugares, Will — respondeu. — Alguns tão estranhos e maravilhosos que parecem sonho. Outros estranhos e não tão maravilhosos assim, tão escuros e assustadores que parecem o pior dos pesadelos. Vi maravilhas que os poetas apenas imaginam. E vi outras coisas que transformariam um homem adulto em um bebê chorão no colo da mãe. Tantas coisas. Tantos lugares...

— Você me leva da próxima vez?

Ele sorriu. Um sorriso triste e cúmplice, pois sabia, com a intuição de um homem que reconhece que sua sorte não é inesgotável, que chegaria o dia em que embarcaria rumo à sua derradeira aventura.

— Sou grande o bastante — falei, rompendo o silêncio. — Tenho onze anos, papai, quase doze; sou praticamente um homem! Quero ir com você. Por favor, por favor, leve-me com você!

Ele pôs as mãos em minhas bochechas. Seu toque era quente.

— Quem sabe um dia, William. Quem sabe um dia.

O monstrologista me deixou sofrendo sozinho. Não foi ao quarto para descansar; ouvi seus passos na escada e, depois de um tempo, o leve ranger da porta que levava ao porão. Não dormiria naquele dia: fora tomado pela febre de caça.

Meus soluços cessaram. A alguns metros da minha cabeça, na altura do telhado, havia uma janela, e pude ver as nuvens translúcidas navegando como navios majestosos pelo céu brilhante cor de safira. Na escola, meus antigos colegas jogavam taco no jardim, aproveitando os últimos minutos antes de o sr. Proctor, o diretor, chamá-los de volta para as aulas da tarde. Depois, ao último toque do sinal, rumo ao leve ar da primavera, uma centena de vozes em balbúrdia saía porta afora gritando em uníssono: "Liberdade! Liberdade! O dia é nosso!". Talvez então eles recomeçassem o jogo de taco, encarando as aulas da tarde apenas como uma pequena distração. Eu era pequeno para minha idade e um batedor medíocre, mas era rápido. Quando saí da escola para receber aulas em casa ministradas pelo dr. Warthrop, era o corredor mais rápido do time e tomava a maioria das bases. Havia roubado a base inicial treze vezes, um recorde.

Fechei os olhos e me imaginei assumindo a liderança da terceira base, correndo para a linha de base, os olhos movendo-se rapidamente do arremessador para o pegador e vice-versa, o coração batendo forte enquanto esperava outro lançamento. Corria... trinta centímetros. Corria... mais trinta. O arremessador hesita e me olha de soslaio. Deveria mandar a bola para a terceira base? Ele me espera correr. Espero o lançamento.

Ainda estou esperando quando uma voz clara diz em meu ouvido:

— Will Henry! Levante-se, Will Henry!

Abri os olhos — como as pálpebras estavam pesadas! — e vi o doutor parado na entrada da minha pequena alcova, segurando uma

lanterna, com a barba por fazer, o cabelo desarrumado e vestido com as mesmas roupas da noite anterior. Precisei de um tempo para perceber que ele estava coberto de sangue dos pés à cabeça. Levantei, alarmado, e dei um grito.

— Doutor, o senhor está bem?

— Como assim, Will Henry? É óbvio que estou bem. Você deve ter tido um pesadelo. Agora vamos. Já está ficando tarde e há muito o que fazer antes de amanhecer!

Bateu na parede como se quisesse enfatizar o que dissera e desapareceu escada abaixo. Vesti rapidamente uma camisa limpa. "Que horas são?", perguntei a mim mesmo. As estrelas acima chamuscavam o céu escuro; a lua não aparecera. Tateei a parede para encontrar meu pequeno chapéu pendurado no cabide e o coloquei na cabeça. Era bem apertado para mim, como já disse, mas de alguma maneira me trazia um grande conforto.

Encontrei o doutor na cozinha, mexendo uma panela com um líquido fedido, e demorei um pouco para perceber que ele estava preparando o jantar, e não fervendo o osso do *Anthropophagus* para remover sua carne. "Talvez não seja sangue, afinal", pensei. "Talvez ele esteja coberto com meu jantar." O doutor podia ser um gênio, mas, como a maioria dos gênios, seu brilho era apagado por um espectro muito limitado: era um péssimo cozinheiro.

Colocou um pouco da mistura fedorenta em uma tigela e bateu-a sobre a mesa.

— Sente — ordenou, indicando a cadeira. — Coma. Provavelmente não teremos oportunidade de comer mais tarde.

Misturei hesitante a papa com uma colher. Um objeto verde acinzentado boiava no caldo marrom espesso, Um feijão? Era grande demais para ser uma ervilha.

— Tem pão, senhor? — ousei perguntar.

— Não tem — respondeu secamente. Depois desceu as escadas rumo ao porão sem dizer mais nenhuma palavra. Levantei-me de uma só vez da mesa e fui olhar a cesta de pães perto do armário. Um único pedaço, talvez da semana anterior, fermentava. Olhei ao redor e não vi mais nenhuma tigela. É claro que ele não havia jantado. De volta à minha sopa, ou ensopado, ou seja lá como

chamava aquela gororoba, empurrei para dentro algumas colheradas com a ajuda de um copo d'água e algumas preces ansiosas (não de agradecimento, mas de súplica).

— Will Henry? — sua voz flutuou do porão pela porta aberta.
— Will Henry, cadê você? Rápido, Will Henry!

Minhas preces foram atendidas. Deixei cair a colher na tigela, que balançou de leve quando bateu no líquido pegajoso, e desci correndo as escadas.

Encontrei-o perambulando da bancada onde a garota estava deitada para a mesa de exame, já vazia e bem limpa. Examinei a sala com certo pânico irracional, como se, de alguma maneira, a criatura pudesse haver renascido do mundo dos mortos e estivesse me aguardando nas sombras. Olhei-a, pendurada de cabeça para baixo entre a bancada e as prateleiras que abrigavam seus órgãos. A corda amarrada no teto cedia com o peso enorme, e, embaixo, havia uma banheira grande cheia de sangue parcialmente coagulado, escuro, pegajoso e malcheiroso. Aí estava a explicação para os restos na roupa do doutor: ele havia drenado a carcaça. Mais tarde, ele a embalsamaria, enrolaria em um tecido de linho e a enviaria em um navio fretado para a Sociedade em Nova York, mas, por ora, o monstro jazia pendurado como um porco abatido no açougue, os braços pesados e musculosos balançando dos dois lados da banheira, a ponta das garras arranhando o chão enquanto a corda se retorcia lentamente e gemia devido ao excesso de peso.

Desviei o olhar; o olho que sobrara da criatura, escuro e sem pálpebras, congelado pela morte, parecia me fitar diretamente: vi minha pequena imagem refletida naquela órbita gigantesca.

O doutor parou de andar quando cheguei e me olhou boquiaberto, como se estivesse sobressaltado com minha presença, mesmo depois de ter gritado para que me juntasse a ele.

— Will Henry! — exclamou. — Onde você estava?

Comecei a dizer:

— Comendo, como o senhor mandou...

Mas ele me interrompeu:

— Will Henry, quem é nosso inimigo?

Seus olhos brilhavam, e suas bochechas estavam coradas, sintomas da mania característica que eu já tinha presenciado várias vezes. Aparentemente, a resposta à sua pergunta — gritada em um tom que mais lembrava uma ordem — era óbvia. Apontei o dedo trêmulo para o *Anthropophagus* pendurado.

— Bobagem! — falou rindo. — A inimizade não é um fenômeno natural, Will Henry. O antílope é inimigo do leão? O rato ou o alce juram amizade eterna ao lobo? Somos apenas uma coisa para os *Anthropophagi*: carne. Somos presas, não inimigos. Não, Will Henry, nosso inimigo é o medo. O medo que nos cega, que destrói a razão. O medo consome a verdade, envenena todas as evidências e nos leva a teorias falsas e conclusões irracionais. Na noite passada, permiti que o inimigo tomasse conta de mim; ele me deixou cego e me impediu de enxergar a verdade que estava bem diante de meus olhos: nossa situação não é tão terrível quanto o medo me levou a acreditar.

— Não é? — perguntei, embora não enxergasse nenhuma sabedoria naquele julgamento. Então o monstro pendurado no teto não desmentia aquela afirmação?

— Um bando típico de *Anthropophagi* contém de vinte a vinte e cinco fêmeas reprodutoras, um punhado de jovens e um único macho alfa!

Esperou minha reação, sorrindo como um bobo, os olhos faiscantes. Quando percebeu que eu não compartilhava de seu alívio e sua empolgação, apressou-se a dizer:

— Não percebe, Will Henry? Não pode haver mais do que outros dois ou três deles. É impossível haver uma população reprodutora nas vizinhanças de Nova Jerusalém!

Recomeçou a andar, correndo os dedos incessantemente pelos fios grossos de cabelo, e, enquanto falava, minha presença sumia de sua consciência como a luz em um céu outonal.

— Esse único fato despertou meu medo, que destruiu todas as outras evidências — extremamente pertinentes, diga-se de passagem. Sim, é fato que o bando típico possui até trinta membros, mas também é verdade que os *Anthropophagi* não são nativos das Américas. Não há nenhum registro da espécie neste continente

desde o descobrimento; nunca foram encontrados restos mortais ou outras evidências de sua existência aqui; nem há nenhuma lenda ou mito sobre eles no folclore nativo.

Interrompeu seu andar em círculo e virou-se para mim.

— Entende agora, Will Henry?

— A-acho que sim, senhor.

— Bobagem! — gritou. — É claro que não entende! Não minta, Will Henry. Nem para mim, nem para ninguém, nunca. A mentira é o pior tipo de tolice!

— Sim, senhor.

— Junte a isso o fato de que eles não são nativos destas costas e o fato de serem extremamente agressivos. Uma população reprodutora não poderia ter passado despercebida simplesmente porque está faltando uma coisa. E que coisa é essa, Will Henry?

Ele não me esperou responder, talvez por ter percebido que eu não tinha nenhuma resposta para lhe dar.

— Vítimas! Eles precisam de comida, é claro, para sobreviver, mas não houve nenhum relato de ataques. Ninguém viu nada; não há evidências, diretas ou indiretas, de sua presença aqui, além desta. — E cutucou com o dedo a criatura pendurada, — E daquela — disse, fazendo círculos com o dedo em volta do corpo coberto na bancada. — Por isso eles não podem ser muitos, não poderiam ser. Então perceba, Will Henry, como nosso inimigo, o medo, transforma o impossível em possível e o pouco razoável em perfeitamente razoável! Não. Temos um caso de imigração recente; este macho, e talvez uma — não mais que duas, eu diria — fêmeas reprodutoras, O grande mistério não é a quantidade, mas como chegaram até aqui. Não são anfíbios, não poderiam ter vindo nadando, Não têm asas, portanto não vieram voando. Então como chegaram até aqui? Temos de responder a essa questão, Will Henry, assim que terminarmos nosso trabalho hoje à noite. Agora, onde está a lista?

— Lista, senhor?

— Sim, sim, a lista, a lista, Will Henry. Por que você está me olhando desse jeito? Por acaso sou um lunático, Will Henry? Falo em outras línguas?

— Eu não... não vi... o senhor não me deu nenhuma lista, senhor.

— Não podemos nos desconcentrar agora, Will Henry. Perder a concentração provavelmente poderá nos custar a vida. Mesmo uma ou duas fêmeas são extremamente perigosas. Como no caso dos leões, devemos temer a fêmea, não o macho negligente, que em geral se alimenta da carcaça que a fêmea lutou para matar.

O doutor pegou um papel que estava sobre o peito coberto da jovem morta.

— Ah, aqui está. Bem aqui, Will Henry, onde *alguém* a deixou.

O tom de sua voz era um pouco acusatório, como se, caso tivesse tempo e provas suficientes, ele conseguisse provar que eu deixara a lista lá. Empurrou o papel em minha direção.

— Agora reúna as coisas logo e coloque-as junto à porta dos fundos. Rápido, Will Henry!

Peguei a lista. Sua caligrafia era horrorosa, mas eu já trabalhava com ele tempo o suficiente para decifrá-la. Subi as escadas pulando os degraus e comecei a procurar os itens como um catador de lixo, literalmente, pois o doutor tinha apenas um pouco mais de talento para organizar as coisas do que para cozinhar. Levei quase dez minutos, por exemplo, só para encontrar o revólver (era o primeiro item da lista), que não estava na gaveta superior esquerda da sua escrivaninha, como de costume, mas na estante atrás dela. Continuei a seguir a lista, metodicamente.

Faca Bowie. Tochas. Sacos para espécimes.

Pólvora. Fósforos. Estacas.

Querosene. Corda. Maleta de primeiros socorros. Pá.

Por mais que me esforçasse em seguir o conselho do doutor e me concentrar apenas na tarefa à minha frente, não pude ignorar o significado daquela lista: estávamos nos preparando para uma expedição.

E, durante todo o tempo, enquanto descia e subia as escadas correndo, entrava e saía dos aposentos, fuçava armários e cômodas, escrivaninhas e gavetas, a voz do doutor me acompanhava, ora mais baixa, ora estridente e às vezes etérea:

— Will Henry? Will Henry, por que tanta demora? Rápido, Will Henry! Rápido!

Quando o relógio bateu meia-noite, eu estava na porta dos fundos amarrando toras de madeira com um pedaço de barbante, acompanhado da eterna ladainha do doutor:

— Não pedi nada de mais a você, Will Henry. Alguma vez lhe pedi algo sem sentido?

Uma batida brusca na porta interrompeu nossas atividades (minha amarração das toras e as repreensões dele).

— Doutor! — chamei-o baixinho no exato momento em que ele surgiu no alto das escadas, — Alguém está batendo à porta!

— Então abra, Will Henry — ordenou, impaciente. Tirou o macacão sujo de sangue e o atirou sobre uma cadeira.

Era Erasmus Gray, o velho ladrão de túmulos que havia nos procurado quase na mesma hora na noite anterior. Estava encurvado no alpendre, com o mesmo chapéu de abas largas surrado. Atrás dele, notei a mesma égua esquelética e a mesma carroça caindo aos pedaços, ambas quase desaparecidas na neblina. Tive a clara sensação desagradável de ter, pela segunda vez, o mesmo pesadelo e, por um momento, tive certeza, certeza absoluta, de que havia outra carga grotesca na velha carroça.

Quando abri a porta, o visitante tirou o chapéu e me olhou de soslaio com os olhos remelentos escondidos por trás de uma cortina de pele branca.

— Avise ao doutor que cheguei — disse em voz baixa.

Não foi preciso. O doutor veio atrás de mim, abriu a porta com força e puxou Erasmus Gray para a cozinha. E puxá-lo foi mesmo necessário, porque o passo do velho era hesitante; ele literalmente arrastava os pés no chão, E quem poderia julgá-lo? Das três pessoas que estavam na cozinha, apenas uma estava ansiosa pelo que nos aguardava, e não era o velho Erasmus Gray nem o jovem assistente do doutor.

— Carregue a carroça, Will Henry — ordenou o doutor, enquanto orientava (ou forçava) Erasmus a descer os degraus que levavam ao sótão, com a mão apoiada no cotovelo do velho.

O ar primaveril estava frio e úmido, e a neblina beijou minhas bochechas gentilmente. Quando me aproximei com a primeira carga, a égua baixou a cabeça em reconhecimento, como faz um burro de carga diante de um semelhante. Parei para afagar seu pescoço; ela me estudou com os olhos grandes e emotivos, e lembrei-me da criatura pendurada no porão e dos seus olhos, vagos e escuros, vazios, tão profundos quanto o espaço entre as estrelas. Seria apenas o vazio da morte que tornava aqueles olhos tão repugnantes, ou seria algo mais profundo? Havia me visto refletido nos olhos mortos e sem alma do *Anthropophagus*; como era diferente ver meu reflexo nos olhos daquele animal dócil! A diferença estaria apenas entre o olhar caloroso cheio de vida e o olhar frio da morte? Ou será que minha imagem assumia significados diferentes quando refletida no olhar de cada ser — um para quem eu era companheiro, outro para eu quem era presa?

Assim que coloquei os últimos suprimentos na carroça, o doutor e o ladrão de túmulos apareceram, trazendo o corpo da jovem morta ainda enrolado na mortalha de linho improvisada. Saí rapidamente do caminho e fui em direção ao raio de luz suave e reconfortante que escapava pela fresta da porta entreaberta. Da mortalha branca, pendia uma mão pálida, com o dedo indicador estendido como se apontasse para o chão.

— Tranque a porta, Will Henry — ordenou com calma o doutor, embora a ordem fosse totalmente desnecessária: eu já estava a meio caminho da porta, com a chave na mão.

Não havia lugar para mim no pequeno banco da frente da carroça, portanto subi atrás e sentei-me junto ao cadáver. A cabeça do velho chacoalhou para a frente, e ele franziu a testa ao me ver junto à garota. Depois lançou um olhar de desaprovação ao doutor.

— O menino vai com a gente?

O doutor concordou com a cabeça, impaciente.

— É claro que vai.

— O senhor vai me desculpar, doutor, mas isso não é trabalho para uma criança.

— Will Henry é meu assistente — respondeu o doutor com um sorriso, fazendo um carinho paternal em minha cabeça. — Pode

parecer uma criança, mas é maduro para a idade e mais forte do que parece. Seus serviços me são indispensáveis.

Assim, o doutor deixou claro que não toleraria argumentos de alguém como Erasmus Gray. O velho voltou a olhar para mim; eu estava amontoado, curvado, tremendo, abraçado aos joelhos no frio da primavera. Parecia sentir piedade, uma empatia profunda por meu infortúnio, e não apenas por eu ser forçado a acompanhar meu guardião em sua tarefa noturna. Talvez tenha intuído o peso de ser "indispensável" ao dr. Pellinore Warthrop.

E, quanto a mim, lembrei-me da minha ingenuidade e da súplica desesperada ao meu pai menos de um ano antes: "Quero ir com você. Por favor, por favor, me leve com você!" E naquele instante passara ironicamente a dividir a mesma vizinhança com uma jovem morta ao meu lado.

O velho se virou, fazendo um som de reprovação, e balançou a cabeça idosa. Soltou as rédeas, e a carroça deu um solavanco para a frente, iniciando nossa peregrinação noturna.

Agora, leitor, já se passaram muitos anos desde os eventos assustadores daquela terrível noite da primavera de 1888.

Em todos esses anos não houve um dia sequer em que não me lembrasse daqueles acontecimentos com espanto e um medo constante, o medo terrível que sente uma criança quando são plantadas as primeiras sementes da desilusão. Podemos adiar e lutar com todas as nossas forças para evitar a colheita amarga, mas seu dia sempre chega.

A pergunta ainda me persegue e, imagino, continuará a me perseguir até que eu me junte aos meus pais, Se o doutor soubesse quais horrores nos esperavam, não apenas naquela noite no cemitério, mas também nos dias seguintes, teria insistido para que eu o acompanhasse? Teria exigido que uma simples criança mergulhasse tão fundo no sofrimento e no sacrifício humanos, em um rio de sangue, literalmente? E, se a resposta for positiva, então há monstruosidades ainda mais terríveis no mundo do que os *Anthrophagi*. Monstruosidades que, com um sorriso e um carinho reconfortante na cabeça, desejam sacrificar uma criança em favor da própria ambição e orgulho desmesurados.

TRÊS

"Parece que devo reconsiderar minha Hipótese Original"

O Cemitério Old Hill ficava em uma colina nos arredores de Nova Jerusalém, atrás dos portões pretos de ferro fundido e dos muros de pedra erguidos para desencorajar atos semelhantes aos que levaram Erasmus Gray à nossa porta na noite anterior. Ali gozavam do descanso eterno alguns dos colonizadores dos primórdios, após receberem o abraço negro da morte nas primeiras décadas do século XVIII. Meus pais estavam enterrados lá, assim como o clã do doutor; na verdade, o mausoléu da família Warthrop era o maior e mais imponente edifício da área. Ficava no ponto mais alto, no topo da colina, visível de cada placa e lápide do cemitério, um mini-castelo gótico sinistro que parecia dominar as habitações menores como se fosse a residência de um príncipe medieval. E, de certo modo, os Warthrop eram mesmo os príncipes de Nova Jerusalém. O tataravô do doutor, Thomas Warthrop, fizera fortuna no mercado de transportes e de tecidos e fora um dos fundadores da cidade. Seu filho, o bisavô do doutor, fora prefeito seis vezes. Não tenho dúvida de que, se não fosse pelo trabalho e pelo pragmatismo teimoso e sovina dos seus ancestrais (tão típico da Nova Inglaterra), o dr. Warthrop não teria se dado ao luxo de abandonar todos os interesses mundanos para se tornar um "filósofo da *monstrologia*".

Simplesmente não poderia ter bancado tal escolha. Sua "profissão" peculiar era um segredo conhecido na cidade, cochichado, muito criticado por um quarto das pessoas e temido pelo resto. Elas, contudo, o deixavam em paz, com raras exceções — acredito que mais pelo respeito conquistado pela riqueza enorme, quase infindável, acumulada por seus ancestrais, do que por qualquer apreço aos interesses filosóficos do doutor. Isso se refletia perfeitamente no monumento de pedra que dominava o Cemitério Old Hill.

No portão de ferro, Erasmus Gray puxou as rédeas, e ficamos sentados ali por um tempo, até que a velha égua recuperasse o fôlego depois da subida longa e tortuosa que levava à entrada.

— Meu revólver, Will Henry — pediu em voz baixa o doutor.

O velho me observou passar a arma para ele e depois, lambendo os lábios, desviou o olhar rapidamente.

— Trouxe uma arma, espero — o doutor disse ao velho.

— Minha Winchester — replicou Erasmus Gray. — Nunca atirei em nada maior que um ganso com ela — completou tristemente.

— Mire na barriga — ensinou o doutor calmamente. — Bem abaixo da boca.

— Pode deixar, doutor; se eu conseguir mirar direito enquanto corro na direção contrária — respondeu secamente.

Novamente, ele se virou para trás e lançou um olhar para minha figura encolhida.

— E o garoto?

— Eu cuido do Will Henry.

— Ele devia ficar aqui no portão. Vamos precisar que alguém fique de vigia.

— É o pior lugar para ele ficar.

— Ele pode ficar com meu rifle.

— Ele vem comigo — disse o doutor com firmeza. — Will Henry, abra o portão.

Saltei da carroça. A minha frente estava o portão, e além dele havia uma colina repleta de lápides perfiladas que seguiam em direção ao topo, escondido por ramos de carvalhos, freixos e choupos. Atrás de mim, completamente envolta pela neblina, estava Nova Jerusalém, cujos habitantes dormiam em doce ignorância. Mal sabiam e menos ainda suspeitavam que, atrás daquela elevação, daquela ilha de morte que se erguia do mar de suave neblina primaveril envolvendo os vivos, habitava um pesadelo real que tornava todos os outros pesadelos insignificantes.

Erasmus Gray manteve a carroça na pequena alameda que circundava os muros do cemitério. À nossa direita, estavam os muros; à esquerda, os mortos; e acima, o céu sem lua repleto de estrelas. O ar da noite estava parado, sem nenhuma brisa, e

silencioso, a não ser pelo "toc-toc" dos cascos da égua, pelo ranger das rodas e pelo chilrear baixo dos grilos. A alameda tinha um desnível que fazia a carroça balançar de um lado para o outro ao passar; o cadáver a meu lado ia para a frente e para trás, o que me pareceu uma paródia obscena de um bebê no berço. O ladrão de túmulos olhava para a frente, segurando frouxamente as rédeas sobre o colo; o doutor se inclinava, olhando ansiosamente entre as árvores. Em alguns pontos elas se amontoavam pela alameda, com galhos enormes arqueados sobre nós. O doutor jogava a cabeça para trás e olhava para cima, em direção à folhagem.

— Muita atenção agora, Will Henry — cochichou sobre os ombros. — Eles são ótimos escaladores. Se um deles cair, mire nos olhos, onde são mais vulneráveis.

Puxei uma estaca de madeira da pilha de suprimentos e segui o olhar dele para cima. Na escuridão entre os troncos emaranhados acima da minha cabeça, imaginei silhuetas humanoides com presas que gotejavam sangue, braços enormes que pendiam dos velhos ramos e olhos negros brilhantes, cheios de más intenções.

Estávamos perto da fronteira oriental do cemitério (pude ver o muro ameaçador que servia como divisória piscando na escuridão), quando Erasmus virou a carroça e tomou um caminho estreito e sinuoso, que passava entre as árvores e levava ao coração do cemitério. Nossa passagem incomodou alguma criatura dos bosques, talvez um esquilo ou um pássaro, que revolia e arranhava a vegetação rasteira. O doutor apontou o revólver, mas não havia nenhum alvo a acertar, apenas sombras.

— O inimigo! — ouvi-o sussurrar.

Saímos das árvores e demos com uma clareira repleta de lápides de mármore que brilhavam sob a luz das estrelas. Depois de pouco mais de cinco metros, Erasmus nos fez parar. Levantei e olhei com dificuldade para a lápide mais próxima, uma pedra enorme onde estava escrito o nome da família dona do jazigo: BUNTON.

— Lá está — disse o velho, apontando o dedo nodoso para a lápide mais próxima do caminho. — Aquela ali, doutor.

O dr. Warthrop saltou da carroça e caminhou até a cova. Deu uma volta ao redor do terreno, rastreado o chão e murmurando

palavras ininteligíveis a si mesmo, enquanto Erasmus Gray e eu continuávamos em nossos lugares, olhando para ele.

Meu olhar foi atraído para a lápide pela qual o doutor passava, na qual li a inscrição: ELIZA BUNTON — NASCIMENTO EM 7 DE MAIO DE 1872, MORTE EM 3 DE ABRIL DE 1888. Pouco menos de um mês antes do décimo sexto aniversário, em seu resplendor inicial e doce de feminilidade, fora consumida pelo abraço frio da morte, indigno e indiferente, e depois arrastada para um abraço nem tanto indiferente, consumida por algo mais asqueroso que a própria afronta da morte. Em um intervalo de duas semanas, Eliza Bunton deixara de ser a noiva virgem da morte e se transformara em incubadora da prole de um monstro. Desviei os olhos do mármore frio para a forma gélida embaixo da mortalha; senti dor no coração, pois de repente ela não era mais um corpo sem nome, uma vítima anônima. Tinha um nome — Eliza — e uma família que deve tê-la amado, pois fora vestida com seu traje mais fino e enterrada com um colar de pérolas legítimo. Até mesmo seus cachos suntuosos foram arrumados com cuidado extremo, muito embora seu destino não fosse gozar o descanso eterno entre os seus, mas sim ser devorada.

Erasmus Gray deve ter percebido minha agonia, pois colocou a mão sobre meu ombro e falou:

— Pronto, pronto, menino. Pronto, pronto — então o tom de sua voz mudou abruptamente, de simpático para indignado, — Ele não devia ter trazido você. Este é um trabalho sombrio e sujo; não é lugar para nenhum cristão temente a Deus, muito menos para uma criança.

Tirei suas mãos do meu ombro. Não sentia nenhuma simpatia por um homem cuja profissão era tão vergonhosa.

— Não sou criança — repliquei.

— Não é, hein? Então estes olhos maduros tornaram Erasmus Gray um mentiroso! Deixe-me olhar de perto...

Levantou meu pequeno chapéu esfarrapado e fitou meu rosto com os olhos semicerrados e um sorriso brincalhão, e, apesar de eu não querer, sua expressão ao me estudar com seriedade era tão engraçada que me peguei sorrindo também para ele.

— Nossa! Está certo, não é criança; é um perfeito rapazinho, então! Sabe o que acho que me confundiu, William Henry? Este chapéu! É muito pequeno para um rapaz grande como você. Um homem deve ter um chapéu de homem!

Pegou meu chapéu com uma das mãos e, com a outra, colocou-me o seu, grande e com abas largas. O chapéu caiu sobre meus olhos e o nariz, para seu deleite; começou a rir cada vez mais alto, e a carroça chacoalhou. Afastei o chapéu para trás e o vi agigantando-se diante de mim, sua silhueta espectral contra o céu aveludado e meu pequeno chapéu naquele instante encarapitado sobre sua cabeça careca. Para minha surpresa, comecei a rir novamente com ele.

— O que você acha, Will Henry? É verdade mesmo que a roupa faz o homem? Porque agora me sinto cinqüenta anos mais moço; por Josafá que me sinto!

O chamado impaciente do doutor interrompeu nossa bagunça.

— Will Henry, traga a tocha e as estacas! Rápido, Will Henry!

— De volta ao trabalho, sr. Henry — disse o velho com um pouco de tristeza na voz. Trocou nossos chapéus, deu uma batida forte no meu após colocá-lo sobre minha cabeça e depois levantou gentilmente meu queixo para que eu o olhasse nos olhos.

— Você toma conta de mim que eu tomo conta de você, Will Henry. Combinado, então? Fechado?

Estendeu-me a mão, e eu a apertei rapidamente antes de pular para o chão. O doutor havia me chamado; é claro que eu iria atender. Peguei a tocha e várias estacas da pilha de suprimentos. Quando me juntei a ele ao pé da cova de Eliza Bunton, Warthrop estava de quatro, com o nariz a alguns centímetros da terra recém-revolvida, farejando como um cão de caça atrás de uma presa fujona. Fiquei diante dele meio ofegante, com a tocha em uma das mãos e as estacas em outra, sem ser notado e aguardando mais instruções, enquanto ele inspirava fundo, de olhos fechados e testa franzida em sinal de concentração.

— Sou um tolo, Will Henry — declarou por fim, sem levantar a cabeça nem abrir os olhos. — Pois só um tolo dá como certo o que um homem inteligente relega aos tolos.

Virou a cabeça para mim sem levantar um centímetro e abriu um dos olhos.

— Uma tocha acesa, Will Henry.

Envergonhado, virei-me apenas para voltar a me virar novamente na direção dele, quando disparou:

— Deixe as estacas, acenda a tocha e traga-a para mim. Rápido, William Henry!

O velho Erasmus Gray tinha descido da carroça e estava apoiado na lateral do veículo, segurando seu rifle Winchester nos braços, quando voltei ofegante. Observou-me, sem expressão nenhuma, remexer o saco de suprimentos atrás de fósforos. Tirou o cachimbo e um saquinho do bolso e começou a colocar tabaco no forninho enquanto eu, cada vez mais nervoso, revirava o saco, lembrando-me com clareza quase pesarosa de ter apanhado a caixa de fósforos do consolo da lareira. "Mas será que coloquei a caixa na sacola ou a deixei perto da porta?"

— O que está procurando, garoto? — indagou Erasmus, pegando um fósforo do bolso e riscando-o na sola da bota velha. Olhei para ele e balancei a cabeça, com lágrimas brotando dos olhos. Com tanta coisa para esquecer, tinha de ser justo os fósforos? O velho mexeu na chama do forninho, e o aroma doce de tabaco impregnou o ar.

— Will Henry! — chamou o doutor.

Não se passaram mais que dois segundos até eu me dar conta do que via, e imediatamente implorei um fósforo ao velho. Acendi a tocha com a mão trêmula e marchei de volta ao doutor; seu discurso sobre o pânico e o medo ficou completamente claro para mim: perder a cabeça me impedira de enxergar o óbvio.

Ele apanhou a tocha da minha mão trêmula e disse:

— Quem é nosso inimigo, Will Henry?

Não esperou a resposta, mas virou de costas rapidamente e continuou seu trabalho ao redor da cova.

— As estacas, Will Henry! — ordenou, — E fique por perto!

Com a pilha de estacas em mãos, segui-o. Enquanto andava, o doutor segurava a tocha rente ao chão, para iluminá-lo. De vez em quando parava e pedia uma estaca, com a mão aberta para trás

para pegá-la. Enfiava-a no chão e depois prosseguia, até plantar cinco delas, uma de cada lado da lápide, e mais três a aproximadamente sessenta centímetros da terra recém-revolvida da cova. Não entendi por que ele estava marcando aqueles lugares; a área da terra sem marcas parecia idêntica às que receberam uma estaca. Após mais duas voltas, cada uma a vários passos de distância do túmulo, o doutor parou, segurando a tocha para cima, e analisou o trabalho.

— Muito curioso — murmurou. — Will Henry, vá apertar as estacas.

— Apertar as estacas, senhor?

— Tente enfiá-las mais fundo na terra.

Não consegui empurrar nenhuma mais de um centímetro no solo rochoso. Quando fui me juntar a ele novamente, ele balançou a cabeça, consternado.

— Sr. Gray!

O velho veio se arrastando, carregando o rifle na dobra do braço. O doutor se virou para ele, segurando alto a tocha. A luz oscilou nos traços desgastados do velho, formando grandes sombras nas rugas que lhe cortavam as bochechas e as sobrancelhas.

— Como achou a cova? — quis saber o doutor.

— Ah, eu sabia onde ficava o jazigo dos Bunton. Sabia sim, doutor — respondeu o ladrão de túmulos.

— Não. Quero dizer, ela estava remexida de alguma maneira? Notou alguma evidência de escavação?

Erasmus balançou a cabeça negativamente.

— Não teria me importado com essa tumba se isso tivesse acontecido, doutor.

— E por quê?

— Porque teria achado que alguém chegou antes de mim e levou o prêmio.

Algo tinha mesmo chegado antes dele e levado o "prêmio" é claro; aliás, era justamente por isso que o doutor estava averiguando.

— Então percebeu alguma coisa fora do comum ontem à noite?

— Só quando abri o caixão — respondeu o velho secamente.

— Nenhum buraco ou monte de terra por perto?

Erasmus balançou a cabeça.

— Não, senhor. Nada desse tipo.

— Nenhum odor estranho?

— Odor?

— Sentiu algum cheiro esquisito, como de fruta podre?

— Só quando abri o caixão. Mas o cheiro de morte não é assim tão esquisito para mim, dr. Warthrop.

— Ouviu algo anormal? Algo bufando ou sibilando?

— Sibilando?

O doutor soprou o ar com os dentes cerrados.

— Assim.

Erasmus negou novamente com a cabeça.

— Foi uma operação completamente normal, doutor, até eu abrir o caixão — tremeu diante da recordação.

— E não notou nada de diferente até esse momento?

O ladrão de túmulos respondeu que não. O doutor virou-se para observar o sepulcro, o jazigo da família, as terras além e as árvores enfileiradas à sua direita, que faziam fronteira com o lado do muro de pedra escondido atrás do bosque.

— Muito curioso — murmurou pela segunda vez.

Acordou do devaneio, mudando o tom abruptamente de contemplativo para brusco.

— O mistério fica cada vez maior, mas não vai atrapalhar nossa expedição desta noite. Cave, sr. Gray. E ajude-o, Will Henry. Voltaremos quando o dia nascer e rezaremos para nossa sorte melhorar com o nascer do sol. Quem sabe a luz do dia ilumine as evidências que as sombras esconderam! Rápido, Will Henry, e trabalhe depressa.

E então ele nos deixou e correu em direção às árvores, segurando baixo a tocha, curvado, balançando o fogo para a esquerda e para a direita enquanto falava sozinho.

— Eu não iria para essas árvores se fosse ele — disse Erasmus Gray severamente. — Mas não sou eu o caçador de monstro, não é? — colocou a mão cheia de calos em meu ombro. — Vamos rápido

com isso, como diz seu mestre, William Henry! A quatro mãos, o trabalho se torna mais fácil.

Vinte minutos depois, com a lombar e os ombros doendo, e a pele delicada da palma da mão queimando, quando ainda faltava quase um metro para terminarmos, pensei que discordava do que ele dissera, pois quatro mãos não me pareciam muito naquele momento, e o trabalho era tudo, menos fácil. O solo de Nova Jerusalém, como em grande parte da Nova Inglaterra, é rochoso e duro, e, embora tivesse sido revolvido na noite anterior pelo próprio Erasmus Gray quando procurava riquezas macabras, o do túmulo de Eliza Bunton teimava em resistir às nossas pás. Enquanto trabalhava, lembrei-me do enorme macho *Anthropophagus* que, sem nenhuma ferramenta, apenas com suas garras duras como aço, de alguma maneira cavara um túnel no chão duro para alcançar sua presa. Assim como o doutor, achei bastante curioso que não houvesse nenhuma evidência da invasão e que Erasmus dissesse não ter visto nenhum sinal estranho na noite anterior. Seria possível que o velho não tivesse notado as evidências no escuro? Poderia ele simplesmente tê-las ignorado, cego pelo desejo de roubar, e destruído as provas na pressa de sair com seu achado horripilante?

Era possível ouvir o dr. Warthrop nas árvores, a cerca de quarenta e cinco metros de distância, pisando forte no mato e nos restos de folhas caídas do outono anterior, soltando leves e incoerentes gritos de consternação. O primeiro deles fez Erasmus Gray levantar a cabeça alarmado, achando que, sem dúvida nenhuma, o doutor havia encontrado (ou o encontraram) um exemplar vivo da espécie que jazia pendurada em nosso porão. Mas aqueles não eram gritos de pânico ou medo, garanti ao velho; mas exclamações de um garimpeiro que puxara a peneira vazia outra vez.

Logo o doutor voltou e se sentou completamente desanimado perto do nosso buraco, cada vez mais fundo. Enfiou a ponta da tocha no monte de terra ao lado do túmulo. Abraçou os joelhos com os longos braços, lançando um olhar melancólico para nossos rostos suados, com a expressão de quem sofreu uma perda irreparável.

— Então? Encontrou alguma coisa, doutor? — indagou Erasmus Gray.

— Nada! — respondeu, irritado.

Erasmus Gray estava obviamente aliviado, mas o doutor não.

— Isso desafia toda a lógica — exclamou, sem escolher um interlocutor em particular. — Vai contra a razão. Eles não são fantasmas nem seres que mudam de forma. Não voam como os duendes, nem fazem viagens astrais de um lugar a outro. Ele deve tê-la encontrado graças ao faro apurado e para isso precisaria engatinhar sobre o terreno, embora não haja sinal de sua passagem em lugar algum.

Arrancou da terra uma estaca próxima e a rodou entre os dedos habilidosos e delicados.

— Ele deveria ter deixado um buraco para respirar, embora não haja nenhum aqui. Deveria ter deixado uma trilha, embora não haja nada além de algumas folhas de grama retorcidas.

O doutor nos encarou e também o fitamos; ninguém disse nada por um tempo.

— Por Deus, o que estão fazendo? Cavem, cavem!

Levantou-se e, frustrado, atirou a estaca em direção às árvores, onde as sombras enormes a engoliram; o som de galhos quebrados e folhas caídas pareceu um soluço vertiginoso.

Ouvimos uma expiração forçada e um resfôlego vindos da pequena trilha esburacada atrás de nós e viramos a cabeça em sua direção. A velha égua, abrindo as narinas e revirando os olhos, bateu as patas da frente e relinchou baixinho.

— Que foi, Bess, minha velha? — perguntou Erasmus Gray com delicadeza. — Qual o problema, menina?

A égua baixou a cabeça, esticando o pescoço magro para a frente, e bateu as patas no chão duro. A velha carroça rangeu, e as rodas instáveis derraparam. Olhei para o doutor, que encarava a égua com os braços soltos ao lado do corpo, totalmente concentrado na aflição do animal.

— Ela se assustou com alguma coisa — explicou Erasmus Gray.

— Silêncio! — ordenou o doutor. Vagarosamente, girou nos calcanhares, rastreou o chão e a trilha que serpenteava entre as

lápides (pequenas sentinelas que brilhavam à luz das estrelas) e parou de costas para nós, esquadrinhando a escuridão em direção às árvores. Por um longo e terrível momento, houve silêncio absoluto, interrompido apenas pelos protestos da velha Bess e pelo barulho dos cascos batendo no chão. O doutor levantou a mão esquerda, dobrando e esticando os dedos, com os ombros curvados e tensos, e um terrível pressentimento tomou conta de mim.

Passaram-se alguns segundos, e o animal ficou ainda mais agitado, assim como eu.

Então, no silêncio insuportável, ouvimos um assobio vindo das árvores.

Baixinho. Rítmico. Não vinha de um lugar específico, mas de vários cantos. Seriam ecos — ou respostas? Não eram contínuos, mas esporádicos: *ssss... pausa... ssss... pausa... ssssssssssss....*

O doutor virou a cabeça, olhando sobre o ombro para mim.

— Will Henry — sussurrou —, você se lembrou de carregar os cartuchos dos sinalizadores com pólvora?

— Sim, senhor — respondi baixinho.

— Traga-os aqui. Em silêncio, Will Henry — recomendou com calma, enquanto eu saía do buraco. Colocou a mão no bolso do casaco onde havia guardado o revólver.

— Deixei o rifle na carroça — falou Erasmus. — Eu trago os cartuchos. O garoto não devia...

— Não! Fique onde está! Vá, Will Henry. Traga o máximo que conseguir.

— E traga meu rifle também, se conseguir carregá-lo, Will! — pediu Erasmus com voz trêmula. Ouvi-o cochichando insistentemente com o doutor: — Não devemos ficar aqui, nenhum de nós! Voltamos quando amanhecer para devolvê-la. É uma loucura dos infernos nós...

O doutor interrompeu o apelo do velho. Não consegui decifrar tudo, mas entendi o principal do que ele quis dizer.

À luz dos eventos subsequentes, sua teimosia em não obedecer aos chamados do nosso instinto primordial, que ele chamava de "inimigo", teve um preço terrível. Há momentos em que

o medo não é nosso inimigo; há momentos em que ele é nosso mais verdadeiro, senão único, amigo.

Joguei os objetos do saco no fundo da carroça e guardei os cartuchos — quatro latas cilíndricas, praticamente do tamanho de uma lata de café, cheias de pólvora — de volta no saco. Bess virou a cabeça em minha direção e relinchou alto, um grito de súplica lamurioso, o equivalente eqüino à súplica de seu mestre: "Não devemos ficar, nenhum de nós!" Apesar da pressa, parei para consolá-la com um afago rápido em seu pescoço macio. Voltei ao túmulo, levando o saco de estopa em uma das mãos e o rifle de Erasmus na outra. Como meu retorno ao buraco pareceu longo! Porém, quando cheguei, era como se o tempo tivesse parado: Erasmus continuava agachado dentro do buraco; o doutor continuava em pé ao lado da cova. A luz da tocha, colocada em uma base improvisada, oscilava poucos centímetros à esquerda, lançando a sombra grande e desengonçada do doutor até o outro lado do campo. Erasmus pegou o cano do rifle, arrancou-o da minha mão e abaixou-se como um soldado entrincheirado, deixando apenas o topo da cabeça aparecendo.

O assobio havia parado. Imperava apenas o silêncio, interrompido somente pelo resfolegar de medo da velha égua. Se ela disparasse, o que faríamos? Se eles atacassem, se tivéssemos menos balas que criaturas, como poderíamos escapar de um monstro que pulava mais de doze metros em um único salto?

Os minutos passaram. A noite estava silenciosa. Por fim, de seu refúgio, Erasmus falou em voz baixa:

— Foram embora, graças a Deus. E nós também deveríamos ir, doutor. Voltaremos durante o dia. Prefiro correr o risco de ser descoberto por um homem a ser...

— Cale a boca, seu velho tolo! — sussurrou. — Um cartucho, Will Henry.

Tirei um cilindro do saco e o coloquei na mão esquerda do doutor (a direita segurava a arma). Ele acendeu o fusível com o fogo da tocha e, com um movimento elegante, atirou o cartucho nas árvores. O aparato explodiu, emitindo uma luz branca intensa, como o *flash* de uma câmera fotográfica. Bess sacudiu os arreios; Erasmus

Gray soltou um grito assustado. Não consegui ver nada por causa da luz da explosão, que sumiu rapidamente, deixando uma imagem residual das árvores impressa em meus olhos. Não vi nada além disso, nenhum gigante de mais de dois metros de altura com dentes brilhantes no meio do peito.

— Muito curioso — afirmou o doutor. — Passe-me outro, Will Henry.

— Foram embora, garanto — o medo de Erasmus Gray tinha se transformado em raiva. — Se é que estiveram aqui, para começar. A gente ouve coisas esquisitas nos túmulos à noite. Pode acreditar, já vim aqui o suficiente! Agora, o senhor pode ficar se quiser, dr. Pellinore Warthrop, mas eu e minha égua estamos indo embora. Eu disse que não devíamos ter vindo esta noite e que não devíamos ter trazido o menino. Agora estou indo embora. Se quiser uma carona de volta à cidade, pode vir comigo.

Ele deitou o rifle aos nossos pés e se pôs a sair do buraco com dificuldade.

Porém, Erasmus Gray jamais saiu dali.

Uma garra enorme, duas vezes maior que uma mão humana, com uma farpa cinzenta de cinco centímetros afiada como uma lâmina na ponta de cada um dos seus dedos pálidos como um cadáver, irrompeu da terra entre seus pés, seguida por um braço pelado musculoso sujo de terra preta e pedra branca. E, então, como o leviatã de um mundo de pesadelos que se ergue das profundezas, os ombros largos abriram caminho pela terra ondulante; aqueles olhos negros terríveis cintilaram ao brilho indireto da tocha; as presas de quase oito centímetros da bocarra escancarada bem no meio do torso triangular da criatura bateram como se fossem as de um tubarão quando atraído pelo cheiro de sangue na água. A garra envolveu a coxa do velho; as farpas se afundaram em sua perna. Erasmus atirou um dos braços na nossa direção, com a boca aberta em um grito estridente de horror e dor que desde aquele dia me assombra — o orifício escancarado do velho revelava seu lastimável conteúdo de dentes, em uma imitação absurda da boca monstruosa situada entre suas pernas, que se debatiam.

Instintivamente, de maneira estúpida e, sem dúvida, para desaprovação e espanto do doutor, agarrei o pulso descontrolado do velho. Dentro da cova, o *Anthropophagus* enfiou a perna capturada de Erasmus Gray na boca inquieta; os dentes se fecharam sobre a panturrilha, que sacudia, os olhos negros reviraram nas órbitas, e eu deslizei meio metro para a frente, até minha cabeça e meus ombros afundarem no buraco, e os gritos do velho reverberarem como um trovão triste em meus ouvidos. A boca continuou seu trabalho, mastigando o corpo ao mesmo tempo em que a garra puxava o velho para baixo, o qual sacudia a perna livre como se fosse um homem se afogando tentando subir à superfície. Senti as mãos do doutor em minha cintura, mas mal ouvi sua voz por entre os gritos do condenado.

— Solte, Will Henry! Solte!

Porém, não era eu quem agarrava com mão de ferro; era Erasmus Gray. Seus dedos tinham envolvido o meu pulso, e o velho me puxava para dentro da cova com ele. De repente deslizei ainda mais para dentro, pois Warthrop havia me soltado, e, então, com o canto do olho, vi o cano do revólver do doutor encostar na testa do velho.

Virei a cabeça, afastando o rosto daquela cena enquanto o doutor apertava o gatilho e dava fim aos gritos de dor e pânico do velho em um único e explosivo instante. Respingos quentes de sangue, osso e cérebro se espalharam pelo meu cabelo e por trás do meu pescoço.

Os dedos em volta de meu pulso afrouxaram, e o braço sem vida acompanhou o cadáver de Erasmus Gray em sua queda ao fundo do buraco, escondendo brevemente a criatura de boca sanguinolenta abaixo dele — mas dava para ouvir a boca mastigando, o barulho doentio dos dentes pulverizando os ossos e mascando os tendões, o gemido estranho como o de um porco-domato gigantesco fungando nos arbustos.

O doutor agarrou os fundilhos de minhas calças, puxou-me para trás e, com força surpreendente (sem dúvida vinda de músculos repletos de adrenalina), me colocou de pé. Empurrou-me

na direção da alameda com uma única ordem, um comando que mal seria necessário sob aquelas circunstâncias: — CORRA!

Obedeci. Infelizmente, a velha Bess também: ela disparou com um salto digno de uma égua com metade da sua idade. Enquanto eu corria até a carroça, o veículo se afastava de mim, arrastado pela égua para fora da alameda, em direção ao terreno. O animal, desesperado, cortava caminho pelos túmulos e trançava entre as lápides. Não me arrisquei a olhar para trás, mas o barulho de passos logo atrás de mim e o de rangidos indescritíveis que pareciam emanar de todas as direções entregaram a presença do doutor.

Eu era rápido para o meu tamanho, como já disse, mas o doutor tinha passada mais larga e logo me ultrapassou. Alcançou os fundos da carroça oscilante, atirou-se sobre ela, aterrissou bem em cima do corpo da garota e lançou a mão em minha direção.

Seria minha imaginação ou senti algo bem atrás de meu corpo, um hálito quente contra o meu pescoço, o "tum-tum- -tum" de passos pesados na terra compacta a apenas um ou dois passos atrás? O "hunf-hunf!" de seus chamados estava mais alto que antes, um som frustrado repleto de raiva.

O doutor ficou deitado de bruços ao lado do corpo de Eliza e estendeu a mão esquerda em minha direção. As pontas de nossos dedos se tocaram, mas a carroça balançava loucamente de um lado para o outro. A velha Bess guinava primeiro para a direita, depois para a esquerda, abrindo caminho entre as lápides sem ter objetivo ou linha de chegada, guiada apenas pelo instinto cego de fugir. O doutor berrou algo, mas, embora eu estivesse a apenas um ou dois metros dele, não consegui entender. Seu braço direito balançou em minha direção e, segurando firme o revólver, apontou para um ponto acima de meu ombro. Berrou outra vez, a arma disparou, e os fundos de minha camisa se rasgaram quando o monstro atrás de mim deu o bote. Pelo visto, meu perseguidor não tinha sido fruto da minha imaginação.

Os dedos da mão esquerda do doutor encontraram meu pulso. Como Erasmus na cova, ele me puxou em sua direção, com a diferença que dessa vez era para a vida e não para a morte, e me arrastou para dentro da carroça. Para meu espanto, na mesma hora

ele me deixou de lado, depois de enfiar o revólver em minhas mãos trêmulas e gritar no meu ouvido:

— Vou para o banco da frente!

E lá se foi, engatinhando até o assento e as rédeas, que eram nossa única esperança de sobrevivência. Eu nunca havia usado uma arma na vida, mas disparei na direção das formas que nos perseguiam, até descarregar o tambor, e o cano fumegar. Elas vinham das árvores ou brotavam do túmulo de Eliza: dúzias, vintenas, correndo com os braços esticados para a frente e as bocas abertas, a pele descorada brilhando sob a luz das estrelas, como se cada túmulo e sepulcro tivesse vomitado para fora seu conteúdo horrendo.

Era óbvio que seríamos alcançados. Olhei com horror, sem esperança, quando o enxame de demônios fechou o cerco: a idade da velha Bess superou seus instintos, e os passos do animal começaram a fraquejar.

Atrás de mim, o doutor soltou um punhado de palavras dignos de um marinheiro, e, com um som horrível de madeira despedaçada, de repente a carroça estacou. O impacto me atirou de costas, e minha cabeça só não se abriu nas tábuas duras porque caiu sobre o corpo macio de Eliza Bunton. Eu me sentei e vi que a égua danada tinha disparado entre dois enormes bordos: ela havia conseguido passar, mas a carroça, não. Estávamos presos — e bem presos.

O dr. Warthrop reagiu imediatamente. Pulou do assento onde estava para o meu lado. Os *Anthropophagi* já estavam a trinta metros de distância, e eu podia sentir-lhes o cheiro, um fedor horrível que não se parecia com nada que já encontrara na vida, que só consigo comparar ao de fruta podre.

— Saia da frente, Will Henry! — gritou o doutor.

— Os arreios! — berrou. — Desfaça os arreios, Will Henry!

Entendi sua intenção. Subi para o assento e pulei para o chão, ao lado da égua que se debatia. O pobre animal estava enlouquecido de medo: seus olhos reviravam, as narinas abriam, e uma saliva espumosa caía de sua boca. Uma sombra caiu do outro

lado da égua, e soltei um grito involuntário; mas era o doutor, que se pôs a desfazer as amarras no flanco oposto.

— Will Henry! — gritou ele.

— Acabei! — gritei de volta.

Ele se jogou sobre a égua, deslizou a mão por baixo da minha e me puxou para cima, sentando-me atrás dele na garupa do animal. Bess não precisava de nenhuma orientação nossa: saltou para a frente, guiada pela mão decidida do doutor, até a alameda periférica que nos levaria aos portões do cemitério e depois à estrada. Eu me virei para trás uma última vez, apenas uma vez, mas depois afastei o olhar, pressionando o rosto nas costas do doutor, e fechei os olhos enquanto me agarrava à sua cintura, obrigando-me a ignorar o que eu tinha visto naquela última olhada.

A aposta desesperada do doutor tinha dado certo: o bando desistiu da perseguição e atacou o cadáver da carroça, despedaçando-o em um frenesi faminto e fazendo voar pedacinhos de linho branco pelos ares. Eles rasgavam os braços, as pernas, a cabeça e enfiavam bocados de carne nas bocarras agitadas. A última coisa que vi antes de esconder o rosto no casaco do doutor foram os cachos negros suntuosos da menina escorrendo das mandíbulas de um dos monstros.

Aos portões principais... e através deles. Até a Estrada Velha do Cemitério... e para Nova Jerusalém. Bess desacelerou de um galope para um trote e depois para uma marcha larga, arrastando os cascos com a cabeça baixa e o lombo escorregadio de suor. Relaxamos com ela, em um silêncio trovejante, após nossa fuga desesperada, e a única coisa que me lembro de ouvir o doutor dizer no longo trajeto de volta aquela noite foi:

— Bem, Will Henry. Parece que devo reconsiderar a minha hipótese original.

QUATRO

"As Horas Tardam"

Depois de nossa volta à casa na Harrington Lane, o doutor me mandou subir para me lavar e trocar minhas roupas imundas; eu estava coberto das solas dos pés ao topo da cabeça com terra e matéria orgânica em decomposição. O lado direito de minha face estava tatuado com sangue seco, fragmentos de crânio e pedacinhos cinzentos do cérebro que tinha animado Erasmus Gray durante mais de sessenta anos. De meus cabelos embaraçados, caíram pedrinhas e galhos na pia, entupindo o ralo; a pia logo se encheu de água manchada do rosa delicado do sangue. Com uma careta, enfiei a mão na água suja para desentupir o ralo, e a mórbida curiosidade atraiu meu olhar para os punhados cinzentos de meleca que flutuavam na superfície. Não foi tanto o horror que capturou a minha imaginação, mas o espanto: sessenta anos de sonhos e desejos, anseios e esperanças, amor e saudade, mente e cérebro dilacerados em uma única explosão. A mente de Erasmus Gray se fora; os remanescentes de seu receptáculo flutuavam na água tão leves quanto pipoca. Qual daqueles pedacinhos esponjosos continha sua ambição, Erasmus Gray? E qual deles trazia o seu orgulho? Ah, como é absurda a vaidade presunçosa de nossa raça! Não é então o cúmulo da arrogância acreditar que somos mais do que nossa mísera biologia? Que contra-argumentos e que objeções válidas poderiam ser levantados contra o que diz o Eclesiastes: "Vaidade das vaidades; tudo é vaidade?".

— Will Henry! — veio a voz do doutor lá de baixo. — Will Henry, onde diabos você está? Rápido, Will Henry!

Encontrei-o na biblioteca, a meio caminho do alto da escada presa às estantes que iam do chão ao teto, ainda metido em seu casaco de viagem e com os sapatos sujos de lama: pelo visto, ele não podia se dar ao luxo de perder tempo se trocando e se lavando. Sem dizer uma palavra, apontou para as prateleiras à sua direita,

para onde deslizei a escada. Atrás de nós, sobre a grande mesa que dominava o ambiente, quatro pilhas de livros prendiam os cantos de um mapa enorme de Nova Jerusalém e arredores.

— Bem, agora onde está? — murmurou ele, correndo o dedo magro ao longo das lombadas rachadas de uma fileira de tomos antigos. — Onde? Ah, aqui! Pegue, Will Henry! — Apanhou um volume e deixou-o cair três metros. O livro caiu com um baque pesado no tapete, ao meu lado. Fitei o doutor enquanto ele olhava para baixo na minha direção, com um dos lados do rosto manchado de terra e o cabelo caindo sobre sua testa, tão emaranhado e imundo como o pelo de um vira-lata.

— Eu lhe disse para apanhar — falou em voz baixa.

— Desculpe, senhor — balbuciei, erguendo o livro do chão e levando-o até a mesa. Li o título: *As histórias de Heródoto*. Folheei as páginas finas. O texto estava em grego arcaico. Olhei para o monstrologista.

O doutor desceu a escada,

— Por que está me olhando assim?

— O sr, Gray... — comecei, mas o doutor me cortou.

— Somos escravos, todos nós, Will Henry — começou, tomando o livro da minha mão e colocando-o sobre a pilha mais próxima. — Alguns são escravos do medo. Outros, da razão — ou do desejo. É nosso fardo sermos escravos, Will Henry, portanto a questão deve ser: a que iremos dedicar nossas algemas? Será à verdade ou à falsidade, à esperança ou ao desespero, à luz ou à escuridão? Escolhi servir à luz, muito embora esse cativo com freqüência repouse na escuridão. Não foi o desespero que me levou a apertar aquele gatilho, Will Henry. Foi a misericórdia.

Eu não disse nada, mas engoli com dificuldade, enquanto meus olhos se enchiam de lágrimas. O doutor não fez nenhum esforço para me consolar, e duvido que esse fosse seu objetivo. Ele não dava a mínima se eu o perdoava por haver tirado a vida do velho. Era um cientista. O perdão não importava; a compreensão era tudo.

— Ele já estava condenado assim que a criatura o atacou — continuou o doutor. — Jamais se disse nenhum preceito mais absurdo ou insidioso do que "enquanto há vida, há esperança".

Assim como a truta está condenada ao morder a isca, não havia esperança para ele depois que as farpas o cravaram. Ele teria me agradecido se pudesse. Assim como eu agradeceria a você, Will Henry.

— Me agradeceria, senhor?

— Se um dia eu enfrentar o mesmo destino, rezo para que você faça o mesmo por mim.

A frase ficou no ar, mas os olhos negros dele transmitiram o corolário de sua oração blasfema: "Da mesma maneira que você deveria rezar para que eu fizesse o mesmo por você". Se, naquele buraco, o monstro tivesse agarrado a mim em vez do velho, sem dúvida o doutor não teria hesitado em me oferecer aquele tiro de misericórdia. Entretanto, não argumentei com ele, pois não saberia como. Aos doze anos, tinha apenas os protestos inarticulados de uma criança cujo senso agudo de justiça fora ofendido pelas racionalizações piedosas de um adulto autoritário. Simplesmente não argumentei porque não podia fazê-lo. Então, assenti. Assenti! Mesmo com o rosto queimando de indignação honesta. Talvez eu fosse escravo de algo que ele achava tolo e supersticioso: a idéia de que valia a pena defender a vida e de que nada justificava render-se às forças da destruição. Se, naquela noite, eu soubesse o que ainda estava por vir dos fundos do ventre escuro da terra, talvez não tivesse sentido tanta vontade de estapear o rosto convencido dele, e me atirasse em seus braços em busca do consolo que apenas alguém que já passou por coisas terríveis é capaz de oferecer.

— Mas basta de filosofia! Vamos tratar de assuntos mais práticos e urgentes, Will Henry! — gritou o doutor, ignorando meu corpo tanto quanto havia ignorado minha alma perturbada. Deu a volta até o outro lado da mesa e olhou o mapa; já havia desenhado um círculo vermelho em torno de Nova Jerusalém. — Obviamente os acontecimentos desta noite provam que minha hipótese original estava incorreta. Trata-se de um bando maduro de *Anthropophagi*, cujo macho alfa está agora pendurado em nosso porão. De vinte a vinte e cinco fêmeas em idade reprodutora e um punhado de jovens. Talvez sejam trinta ao todo, embora, dadas as circunstâncias, tenha sido difícil estabelecer o número exato.

Ele olhou para mim por cima do mapa.

— Você conseguiu fazer uma contagem, Will Henry?

— perguntou com a maior seriedade, como se fosse algo plausível contar os monstros e ao mesmo tempo fugir para salvar a própria pele.

— Não, senhor — respondi.

— Mas esse número parece algo próximo da realidade?

— insistiu ele. — De vinte e cinco a trinta, com base na sua observação?

Em minha opinião, cento e trinta seria algo mais próximo da realidade, mas minha capacidade de observar havia sido suprimida pelo terror. Minha impressão tinha sido de que o cemitério estava repleto deles, de que eles brotavam de todas as sombras e por trás de cada árvore.

— Sim, senhor — respondi. — Eu diria vinte e cinco. De vinte e cinco a trinta.

— Besteira! — berrou, batendo a mão espalmada em cima da mesa. Aquela resposta ácida me fez estremecer. — Nunca me diga o que acha que eu desejo ouvir, Will Henry. Nunca! Não posso confiar em você se escolher ser um papagaio. Esse é um vício detestável que não se limita apenas às crianças. Sempre fale a verdade, toda a verdade sobre tudo, em todos os momentos! Nenhum homem jamais conquistou a grandeza voando nas asas do engano subserviente. Agora seja sincero. Você não faz a menor idéia se eles eram trinta, cinqüenta ou duzentos e cinqüenta.

Abaixei a cabeça.

— É verdade, senhor — concordei. — Não consegui ver direito.

— Nem eu — admitiu. — Posso apenas fazer uma suposição inteligente, baseada na literatura sobre o assunto. Ele apanhou o Heródoto da pilha e folheou rapidamente as páginas antigas até dar com uma passagem e lê-la em voz baixa para si mesmo no grego original. Após um ou dois instantes, fechou o livro bruscamente, recolocou-o na pilha e voltou a atenção ao mapa. Tirou uma régua do bolso, mediu a menor distância entre Nova Jerusalém e a costa e depois se pôs a fazer cálculos em um caderninho, murmurando consigo mesmo o tempo inteiro; quanto a mim, que fora objeto de

sua atenção total havia tão pouco tempo, fiquei ali parado, totalmente esquecido. A concentração dele era a mais completa e exaustiva em termos de intensidade que eu já conhecera em toda a minha "longa" vida. Depois que a luz estonteante do foco dele se desviou, me senti como alguém caindo em um poço, despencando da luz brilhante do sol para a completa escuridão.

Ele tomou diversas medidas — dos limites de nosso condado a vários portos ao longo da costa —, anotando cada uma cuidadosamente em seu caderno e traçando linhas de conexão com a ajuda da régua. Nossa cidade ficava a apenas um dia de viagem do litoral, e não demorou para o papel ficar repleto de dúzias de linhas de intersecção que me lembraram o emaranhado de uma teia de aranha. Eu não tinha certeza absoluta, mas achei que estava tentando descobrir a rota que os monstros tomaram para chegar a Nova Jerusalém.

Confesso que me pareceu estranho demais, depois da nossa fuga por um triz, que ele gastasse seu tempo tão precioso com aquela tarefa interessante mas sem sentido. Que importava de onde aquelas coisas tinham vindo ou como tinham aparecido lá? Será que nosso tempo não seria mais bem empregado se convocássemos todos os homens da cidade a uma caça de última hora? Os *Anthrophagi* estavam à solta entre nós — e obviamente famintos. Eu não conseguia esquecer a imagem do cabelo de Eliza Bunton saindo das mandíbulas agitadas daqueles monstros esfomeados. Por que perdíamos tempo lendo livros velhos, estudando mapas e tirando medidas enquanto um bando de trinta hóspedes vindos de um pesadelo perambulava por aí? Deveríamos ter alertado os moradores da cidade a fugir do massacre daquelas criaturas ou a lançar barricadas contra o seu cerco iminente. O momento de desvendar o mistério da presença deles ali em Nova Jerusalém deveria ocorrer depois que fossem erradicados, e não quando nossa sobrevivência estava por um triz. "Quem mais", perguntei a mim mesmo, "poderá morrer esta noite da mesma maneira inenarrável que Erasmus Gray, enquanto o doutor fica aí desenhando linhas, lendo grego e fazendo anotações em seu caderninho? Quem mais será sacrificado no altar da ciência?" Se tais perguntas ocorreram a

um garoto de doze anos, com certeza também ocorreram a um homem do intelecto de Warthrop.

Refleti sobre esse enigma, lembrando as advertências que o doutor fizera sobre os perigos do medo, O que significaria aquilo tudo? Será que esse homem, o maior monstrologista da sua época, estava aterrorizado? Será que aquelas tarefas inúteis (a meu ver) nessa hora desesperada seriam uma forma de evitar a dura realidade que as circunstâncias tinham colocado em seu caminho? Em suma, será que ele, o grande Pellinore Warthrop, estava com medo?

Dizendo a mim mesmo que não era pelo meu bem-estar egoísta, mas sim pelo de meus semelhantes, por fim levantei a voz. Em nome de todos os inocentes que dormiam sem desconfiar do perigo mortal que se escondia em seu seio, em nome do velho dormindo em sua cama e do bebê frágil e tranqüilo em seu berço, finalmente eu me exaltei.

— Dr. Warthrop? Senhor?

Ele não interrompeu o que estava fazendo.

— O que é, Will Henry?

— Devo chamar a polícia agora?

— A polícia? Por que motivo?

— Para... para ajudar — gaguejei.

— Ajudar quem? Com o quê?

— Ajudar-nos, senhor. Com a... a infestação...

Ele fez um gesto desprezando o que eu dissera, ainda absorto em suas medidas.

— Os *Anthropopkagi* não se alimentarão novamente esta noite, Will Henry — declarou. O cabelo negro caiu sobre a testa quando se inclinou na direção do mapa, com os lábios contraídos em concentração.

Eu teria deixado o assunto de lado se não fosse pelo erro de sua primeira hipótese — a de que não poderia haver mais do que um ou dois comedores de homens à espreita nas vizinhanças de Nova Jerusalém —, um erro que custara a vida de um homem e que fora pronunciado com a mesma convicção absoluta do que ele dizia naquele momento.

Por isso, eu o pressionei como jamais havia feito.

— Como o senhor sabe, senhor? — perguntei.

— Como sei o quê?

— Como o senhor sabe que eles não voltarão a atacar?

— Porque eu sei ler — uma pontada de irritação escapou em seu tom de voz. Ele deu um tapinha na pilha de livros mais próxima. — Dois mil anos de observação apoiam minha conclusão, Will Henry. É só ler Heródoto, estudar Plínio, os escritos de Walter Raleigh. Os *Anthropophagi* se empanturram: caçam, se banqueteam e depois descansam — por dias, às vezes semanas — antes de voltarem a matar — e olhou para mim. — O que você está insinuando, Will Henry? Que a culpa é minha? Que o sangue do ladrão de túmulos está nas minhas mãos? Talvez esteja. Errei quanto à quantidade deles? Obviamente. Mas foi uma estimativa baseada em todos os dados disponíveis e ancorada na lógica. Se eu estivesse diante dos mesmos fatos novamente, teria feito a mesma aposta, pois ainda acharia o tempo fundamental. A descoberta de Erasmus me forçou a entrar em ação com mais rapidez do que eu gostaria, e estou certo de que, se houvesse mais tempo para refletir, teria me deparado com a possibilidade de eles terem se adaptado ao novo ambiente de maneiras imprevistas — algo que sem dúvida fizeram. Porém, você precisa entender, Will Henry, que "possibilidade" não quer dizer "probabilidade". É possível que o sol se levante a oeste amanhã, mas pouquíssimo provável. Defendo minha decisão, embora eu tenha errado na premissa que me levou até ela.

Então o monstrologista pôs a mão sobre meu ombro, suavizando a expressão.

— Lamento a morte dele. Se isso lhe traz algum conforto, lembre-se de que ele foi um velho que viveu uma vida longa, cheia de sofrimentos e privações. Ele entendeu, aceitou o perigo; e não pedi nada a ele que não tenha pedido a mim mesmo. Não o obriguei a nos acompanhar esta noite, nem lhe pedi que aceitasse um risco maior do que aquele que eu mesmo estava disposto a correr.

Talvez tenha percebido meu corpo tremendo sob sua mão, porque depois acrescentou, com o olhar voltando a ser duro como pedra:

— E devo dizer, Will Henry, que é bastante curioso que você insista na estupidez e na injustiça do fim dele e não na sua própria boa sorte, uma vida que teria sido perdida caso eu não tivesse dado um fim nisso tudo. Consegue enxergar? Começa a entender por que eu disse que ele teria me agradecido se pudesse?

— Não, senhor, não entendo.

— Então eu lhe dou crédito demais. Achei que você fosse um garoto inteligente.

Afastei a mão dele do meu ombro e gritei:

— Não entendo! Perdão, doutor, mas não entendo mesmo. Não devíamos ter ido até lá esta noite. Devíamos ter esperado o dia raiar para levá-la de volta, Se tivéssemos esperado e chamado a polícia, talvez ele ainda estivesse vivo!

— Mas esses não são os fatos — respondeu o doutor calmamente. — Nós não esperamos. Não chamamos a polícia. Você ainda não conseguiu entender o essencial aqui, Will Henry. James Henry teria. Seu pai teria compreendido; não teria me censurado ou julgado. Teria me agradecido.

— Agradecido?

— Da mesma forma como você deveria me agradecer agora, por salvar a sua vida, Will Henry,

Aquilo era mais que uma ofensa; era irritante, dado o que aconteceu ao meu pai por sua lealdade inquestionável ao monstrologista. Meu pai morrera e perdara tudo o que mais gostava por causa daquele homem, e agora o mesmo homem estava ali pedindo a minha gratidão!

— Se eu tivesse poupado o velho — continuou —, você não teria sido poupado. Eu teria perdido você, Will Henry, e, como disse ao velho, os seus serviços me são indispensáveis.

O que mais preciso dizer a respeito dessa estranha e solitária figura, desse gênio que trabalhou a vida inteira na obscuridade e com a mais sombria das ciências? Alguém que o mundo mal notaria nem lembraria, mas a quem muito devia? Desse homem que, pelo jeito, não possuía a menor fagulha de humildade ou simpatia, a quem faltava empatia, compaixão e a capacidade de ler o coração dos homens — ou pelo menos o coração de um garoto de doze anos

cujo mundo fora despedaçado em uma ocasião horrível? Lembrar meu pai em um momento daqueles! O que mais posso oferecer como prova de minha hipótese de que o excesso de presunção desse homem ia até níveis (ou despencava até as profundezas) raramente vistos fora do teatro grego ou das tragédias de Shakespeare? Ele falou sem rodeios comigo. Não amenizou suas palavras em clichês reconfortantes ou desgastados. Salvava a minha vida porque ela era importante para ele. Salvava a minha vida para o bem dele, para o amparo de sua ambição. Portanto, até mesmo a sua misericórdia estava ancorada em seu ego.

— Agradeça a mim, Will Henry — disse em voz baixa, com o tom gentil mas insistente do professor cheio de paciência que se dirige ao pupilo rebelde. — Agradeça por eu ter salvado a sua vida.

Balucei um "obrigado", olhando para os pés. Embora o que eu tenha dito mal passasse de um sussurro, ele pareceu ficar satisfeito. Deu um tapinha em meu ombro e se virou; depois atravessou a biblioteca rapidamente com seus passos largos.

— Eu não o esquecerei! — gritou por sobre o ombro. Achei que ainda estivesse falando do meu pai, mas não. — Embora os motivos dele tenham sido tudo, menos puros, sua descoberta sem dúvida salvou vidas e talvez tenha trazido à luz uma espécie completamente nova. Devo propor à Sociedade que ela seja nomeada *Anthrophagi americanis erasmus* em homenagem a ele.

Para mim parecia uma recompensa insignificante, mas segurei a língua.

— Pois, se minhas suposições estiverem corretas, isso é precisamente o que descobrimos: uma geração de *Anthrophagi* que se adaptou brilhantemente a seu novo *habitat*, um *habitat* bastante diferente da África nativa. A Nova Inglaterra não é a savana, Will Henry. Ah! Longe disso.

Enquanto falava, ele remexia as estantes em busca de jornais. O monstrologista assinava dúzias de diários, semanários e periódicos mensais, da *Gazeta de Nova Jerusalém* ao *Globe*, do *Times* de Nova York e de Londres à menor publicação do mais minúsculo vilarejo. Toda terça-feira uma grande pilha era despejada em nossa soleira e carregada (por mim) até a biblioteca, onde os jornais eram

classificados (por mim) em ordem alfabética e por data de publicação. No início de meu aprendizado, me pareceu estranho que, apesar de ele assinar todos os jornais, nunca lia uma única manchete. No entanto, ele parecia sempre bastante informado sobre os acontecimentos do dia, dos portentosos aos insignificantes. Era capaz de falar horas, por exemplo, sobre as oscilações do mercado de ações ou a última moda em Paris. Cheguei à conclusão de que devia lê-los à noite, depois de já ter me retirado para minha pequena alcova no sótão, e por algum tempo tive certeza, com base nisso e em outras evidências, de que o monstrologista não dormia. Eu nunca o vira dormir, nem mesmo naqueles períodos de intensa melancolia que duravam uma noite ou mais, em que ele me chamava até seu leito, inconsolável e indisposto.

Nos primeiros meses de minha vida na Harrington Lane, o sono havia me iludido. Eu ansiava por ele e o temia, pois de descanso eu precisava, mas de pesadelos, não — aquelas recordações horríveis da noite em que meus pais faleceram. Muitas horas no escuro se passavam antes de a exaustão finalmente tomar conta de mim, e de vez em quando eu descia a escada de fininho e ia espiar o quarto do doutor, no segundo andar, onde costumava encontrar a cama vazia. Descendo mais as escadas, eu espiava, então, o andar principal, onde às vezes a luz da biblioteca enchia o corredor, ou ouvia da cozinha o bater fraco de panelas ou o tilintar da prata sobre a porcelana. O mais comum, entretanto, era o doutor estar em seu laboratório, remexendo tubos de ensaio, potes com espécimes e gavetas cheias de ossos e vísceras secas noite adentro. Ao amanhecer, subia as escadas até a cozinha — levantando-se, como o sol, daquele poço de esquisitices e putrefação — para preparar nossa refeição matinal (ou, como era mais comum, para comer às pressas o que eu havia preparado) com o jaleco manchado de sangue, pedaços de tecido orgânico e outros respingos biológicos cuja natureza e origem eu não fazia a menor questão de saber.

Havia vezes, porém, em que nenhuma pesquisa noturna era necessária. Parecia ser sempre bem depois da meia-noite quando eu finalmente começava a cair em um sono muito profundo: ouvia seus passos rápidos e duros na escada, e, quando não eram estes que

me acordavam, ele disparava pela porta e batia o punho contra o teto inclinado, gritando alto:

— De pé, de pé, de pé, Will Henry! Rápido! Preciso de você lá embaixo imediatamente!

E eu arrastava meus ossos cansados escada abaixo, em geral até o lugar que eu mais temia, o porão. Sobre um banquinho, despencava minha figura exausta enquanto ele ditava uma carta ou seu último ensaio para a Sociedade dos Monstrologistas (tarefa que, para meu cérebro privado de sono, poderia muito bem esperar o amanhecer).

Às vezes, porém, ele me arrancava da cama sem nenhum motivo aparente. Eu me sentava no banquinho, bocejando, enquanto ele falava até bem depois de o sol nascer sobre algum conhecimento esotérico ou a última descoberta científica. Embora fosse intrigante na época (e irritante, porque ele sempre vinha me acordar depois de eu vencer uma grande e amarga luta com Morfeu), por fim entendi que o serviço que eu lhe prestava era tão ou mais indispensável para ele quanto qualquer outro, talvez o serviço mais vital de todos: amenizar o fardo horrível de sua solidão.

Ele já havia passado diversas vezes entre as prateleiras e a mesa comprida, carregando braçadas de jornais, antes de eu me dar conta de que talvez precisasse de ajuda. Mas, assim que me ofereci, ele me repreendeu e ordenou que eu apanhasse papel e caneta para escrever o que ele ditaria. Continuou a vasculhar os jornais — principalmente os obituários — e a tomar notas enquanto ditava, de vez em quando deixando de lado tanto o jornal quanto o caderno para marcar alguma coisa no mapa. Os pontos que ele desenhava começaram a se amontoar, indo em geral de leste a oeste, em direção à Costa Atlântica. O propósito daquilo era óbvio: o doutor estava traçando uma migração.

A primeira carta ditada era para a Sociedade, informando a descoberta do ladrão de túmulos e oferecendo uma história truncada dos acontecimentos subsequentes, protagonizados pelo grande macho enterrado com os restos mortais de Eliza Bunton. Ele não mencionou nossa fuga desesperada e quase impossível, talvez porque achasse que isso o faria parecer covarde, mas suspeito que

tinha mais a ver com proteger sua reputação e esconder a verdade dolorosa de que errara completamente na sua primeira hipótese. Acrescentou um *post scriptum* informando a Sociedade que lhes enviaria por correio expresso as anotações da autópsia depois de transcrevê-las, bem como o exemplar adulto.

Trabalhava metodicamente enquanto ditava, sempre fazendo anotações no caderno e dividindo os jornais em duas pilhas após os ler. Era uma tarefa formidável, pois à frente dele havia quase três anos de reportagens. De vez em quando ele se interrompia com um grito agudo ou uma expressão gutural demais para eu conseguir compreender. Noutras vezes ria sem vontade, sacudindo a cabeça melan- colicamente enquanto anotava com fúria.

— Agora outra, para o dr. John Kearns, representando a Smithsonian Institution, em Washington — instruiu o doutor. — Caro Jack — começou e depois parou, franzindo a testa enquanto mordiscava o lábio inferior. — Devia escrever para Stanley, óbvio — murmurou consigo mesmo. — Stanley é o verdadeiro especialista, porém está em Buganda... Mesmo que partisse imediatamente, o assunto já poderia estar resolvido quando o navio dele chegasse às Bermudas... Mas, então, quem mais, se não Kearns! — continuou ditando com ar de desgosto. Eu nunca tinha ouvido falar naquele John Kearns; imaginei que fosse outro monstrologista ou um profissional de alguma área correlata da história natural. Errei nas duas suposições. John Kearns não era nem monstrologista nem aluno — pelo menos não de história natural. Era muito mais do que isso e (como eu descobriria depois, para minha tristeza) muito menos também.

Mais curta do que a missiva a seus companheiros monstrologistas, a carta para o dr. John Kearns dizia o seguinte:

Caro Jack,

Uma nova espécie potencial de Antropophagi fez moradia nas vizinhanças de Nova Jerusalém. Há um grupo de vinte e cinco a trinta espécimes maduros maiores e significativamente mais agressivos do que seus primos africanos. Seus serviços inestimáveis

são necessários. Poderia vir imediatamente? A expedição será financiada de forma integral, com todas as despesas pagas.

Espero que esta carta o encontre bem etc. etc

Seu humilde servo,

Pellinore Warthrop

Depois de terminar esta carta, o doutor ficou em silêncio por vários minutos. Inclinou-se sobre a mesa, com os ombros erguidos até quase as orelhas. Olhou o mapa amontoado de pontos que ele desenhara, os quais ziguezagueavam como uma serpente em sua marcha inexorável em direção ao mar. Então, com um suspiro pesado, se apurou, pressionando as mãos na curva das costas, e nervosamente passou os dedos compridos e pálidos nos cabelos negros. Apanhou o caderno e estudou as anotações, batendo ritmadamente a ponta do lápis na página enquanto mordiscava o lábio inferior, ignorando mais uma vez minha presença a poucos centímetros. Eu estava acostumado a esse isolamento estranho na companhia dele, mas ainda precisava me acostumar com o efeito que aquilo exercia sobre mim: não existe solidão mais profunda, de acordo com minha experiência, do que ser ignorado pela única companhia que temos na vida. Dias inteiros se passavam sem que ele me dirigisse uma única palavra, nem mesmo quando jantávamos juntos, trabalhávamos lado a lado no laboratório ou fazíamos nossa caminhada noturna pela Harrington Lane. Quando ele falava comigo, raramente era para conversar; nossos papéis eram rigidamente definidos: ele falava, eu escutava. Ele: o orador; eu: a audiência. Logo aprendi a só falar quando ele se dirigisse a mim; a obedecer a qualquer ordem instantaneamente e sem questionar, não importando o quanto ela parecesse desconcertante ou absurda; a ficar a postos como um bom soldado que dedica sua honra sagrada a uma causa digna, embora raras fossem as vezes em que eu entendia bem a causa.

As estrelas estavam sumindo no céu. O aperto teimoso da noite começou por fim a ceder, mas mesmo assim o monstrologista continuava a trabalhar em seus mapas, livros e jornais, tirando

medidas, fazendo anotações no caderninho e às vezes afastando-se da mesa de trabalho em intensa agitação, apertando as mãos e passando-as pelas sobrelhas, murmurando à meia-voz sem parar de andar de um lado para o outro. Estava estimulado pela perseguição peculiar de sua paixão e pelas xícaras de chá preto que consumira copiosamente — sua escolha para um brinde durante esses episódios maníacos de intenso esforço mental. Ao longo de todos os anos em que estive com ele, nunca vi uma bebida mais pesada tocar-lhe os lábios. O doutor desaprovava o álcool e com freqüência expressava espanto ante os homens que por vontade própria se colocavam no papel de imbecis.

Enquanto estava na cozinha preparando o quinto bule de chá, a manhã se aproximava. Comi algumas bolachas de água e sal amanhecidas para animar a minha vigília cansada, pois tudo o que comera desde que tinha acordado, talvez você se lembre, fora apenas um ou dois goles apressados da sopa nojenta preparada pelo monstrologista, com ingredientes de origem duvidosa. Minhas costas doíam, e cada músculo reclamava de cansaço enquanto eu me movia em meio a uma névoa difusa: a adrenalina que tinha me sustentado desde nossa volta do cemitério havia tempos me abandonara, e eu beirava a completa exaustão. Com o pensamento lento e os movimentos comprometidos, mais a sensação estranhamente desconcertante de ser um hóspede não convidado na morada familiar de minha própria pele, carreguei o bule até a biblioteca, onde surpreendi o doutor, ainda em silêncio completo não fosse por seus suspiros — longos, cansados e frustrados — e pelo tique-taque do relógio sobre a lareira. Ele vasculhou a pilha de jornais até encontrar um periódico específico que já tinha lido com atenção. Concentrou-se no artigo ali circulado por mais um ou dois minutos, murmurando a mesma palavra repetidamente. Depois deixou o jornal cair em cima da pilha e foi verificar o círculo colorido correspondente no mapa: Dedham.

— Dedham. Dedham — murmurou. — Vejamos: por que esse nome me é familiar? — inclinou-se sobre o mapa até seu nariz ficar a dois centímetros do pergaminho. Bateu naquele ponto com o indicador e repetiu a palavra três vezes, enquanto batia seu dedo

sobre o ponto também três vezes: — Dedham. — *Toc.* — Dedham. — *Toc.* — Dedham. — *Toc.*

Voltou completamente o rosto severo para mim, despertando-me de meu semi-estupor, pois de repente eu passara a existir de novo. Eu estava morto e renasci. Tinha sido esquecido, e, num piscar de olhos (dos olhos dele), o mundo voltara a se lembrar de minha existência.

— Dedham! — gritou, sacudindo o jornal sobre a cabeça, fazendo com que farfalhasse no ar viciado da biblioteca. — Dedham, Will Henry! Sabia que já tinha ouvido essa palavra antes! Rápido, desça até o porão. Embaixo das escadas você encontrará uma mala-armário. Traga-a já aqui. Já, Will Henry. Rápido, rápido!

O primeiro "rápido" foi pronunciado por força do hábito; o segundo, se me perdoarem a licença, com fúria mal contida, pois não reagi imediatamente. Não tinha ouvido o primeiro, pois a palavra "porão" havia me ensurdecido por algum tempo — não pelo volume, mas pelo significado. Só um surdo, porém, não teria ouvido o segundo "rápido".

Saí apressado da biblioteca, entrei um pouco mais devagar na cozinha e mais vagorosamente ainda abri a porta que levava às escadas que desapareciam no fundo da escuridão. Elas iam até as profundezas, onde o monstro estava pendurado num gancho de aço e onde repousava o vidro contendo a emissão nojenta de sua virilha. Tal emissão pegajosa fora extraída inteira da barriga de um receptáculo virgem que a nutrira; era o filho bastardo no sentido mais macabro possível, com braços brancos finos e compridos e peito dominado por presas afiadas como lâminas que haviam mordido e mastigado o ar em sua fúria primitiva.

A luz da manhã, penetrando as janelas abertas com raios gloriosos de abundância primaveril, inundou a escadaria estreita, porém parecia que a escuridão das profundezas a afastava ou agia como uma muralha inflexível, contra a qual a luz se quebrava, impotente. A luz desceu mais; o cheiro do *Anthropophagus* morto subiu até mim, um fedor enjoativo como o de fruta podre misturado ao odor inconfundível de decomposição. Virei o rosto para longe da porta aberta, respirei fundo e segurei a respiração enquanto descia

os degraus, cobrindo com uma das mãos o nariz e a boca, e Tateando com a outra a parede fria de pedra. As tábuas desgastadas rangeram e gemeram sob meus passos trêmulos, os pelos de minha nuca se eriçaram, e minhas panturrilhas ficaram dormentes, coçando, à medida que minha imaginação dominava o intelecto. A cada passo, meu coração batia mais rápido, pois por dentro eu via aquilo sob as escadas, rastejando de quatro sobre o chão de pedra úmido, um monstro sem cabeça com olhos negros vazios afundados nos ombros e boca repleta de fileiras e mais fileiras de dentes cintilantes. Um leão na savana, um tubarão à sombra dos corais, enquanto eu era a gazela pastando, o filhote de foca brincando na arrebentação. Ele se ergueria, e eu me encolheria. Esticaria os braços pelas ripas abertas e agarraria meu tornozelo com suas farpas de oito centímetros. Depois que eu fosse presa de seu aperto implacável, estaria perdido, perdido como Erasmus Gray estivera assim que o monstro no túmulo de Eliza Bunton brotou da cova em que ela havia sido fecundada. Será que o monstrologista, ao ouvir os meus gritos, desceria correndo com seu revólver e cumpriria a promessa feita uma ou duas horas antes? Será que ele, enquanto a coisa quebrasse as escadas bambas para me engolir inteiro nas suas mandíbulas agitadas, mostraria misericórdia e enfiaria uma bala no meu cérebro?

Na metade do caminho, não consegui mais me obrigar a avançar. Estava zozno de tanto segurar o fôlego, meu coração batia com força, e eu tremia dos dedos dos pés ao topo da cabeça. ("Onde tinha ido parar meu chapéu?", eu me perguntei com um ataque de pânico. "Será que eu o perdi na cova?") Parei congelado nos degraus; minha sombra absurdamente comprida desceu em direção à muralha de escuridão. Expirei devagar, e o ar estava gelado o bastante para que minha respiração se congelasse e rodeasse minha cabeça. Engoli um pouco do ar fétido — o bastante, esperava, para me sustentar pelo restante do trajeto. "Rápido agora, Will Henry!", me repreendi. "O doutor está esperando!" Voltar de mãos vazias era algo impensável.

Então, afastando o medo, esse inimigo comum a todos os combatentes, e lembrando a mim mesmo que tinha presenciado o

desmembramento parcial daquela criatura com meus próprios olhos (o que colocava sua morte acima de qualquer suspeita), disparei pelos degraus restantes. Encontrei a mala-armário sob as escadas, atirada contra a parede e coberta por uma camada fina de poeira, como se não tivesse sido movida ou aberta em anos. Ela soltou um guincho alto de protesto quando a retirei de seu gancho confortável e a arrastei pelo chão de pedra, como um animal que tivesse sido desperto bruscamente de um longo cochilo de inverno. Agarrando-a pelas alças de couro gastas, ergui-a alguns centímetros do chão: pesada, mas não tão pesada que não fosse possível arrastá-la pelas escadas. Coloquei-a de volta no chão e a arrastei até o primeiro degrau, mantendo os olhos focados à frente, embora com o canto de meu olho esquerdo eu visse uma sombra mais negra do que a penumbra característica dos porões. O *Anthropophagus*. Ao erguer a mala escada acima, ouvi a voz de meu inimigo; o medo sussurrou em meu ouvido, ecoando as palavras de Warthrop: "A fêmea expele o ovo fecundado na boca do parceiro, e ele fica alojado em uma bolsa localizada em sua mandíbula inferior.

O macho tem dois meses para encontrar um hospedeiro para sua prole. Depois disso, o feto sai do saco gestacional e aí o macho pode engoli-lo ou se asfixiar com ele".

E se ele não o tivesse visto durante a autópsia? E se outro filhote de monstro tivesse permanecido dentro da bocarra do macho e depois se libertado da sua bolsa de carne e, naquele exato momento, estivesse rastejando em minha direção? "Eles são ótimos escaladores", dissera o doutor a caminho do cemitério. E se, com suas unhas farpadas, ele estivesse pendurado no teto acima de mim e, entre uma respiração e outra que eu desse, caísse sobre minha cabeça, esticasse os braços pálidos e finos e arrancasse meus olhos das órbitas? Eu me vi girando ao redor do laboratório, com sangue espirrando das cavidades oculares vazias, enquanto uma criatura menor que o meu pulso rastejava pelo meu rosto e silenciava meus gritos de terror, despedaçando minha língua com seus minúsculos dentes e mandíbula. Era uma cena ridícula, vinda do pânico, mas nenhum pânico é ridículo no momento em que surge. O pânico possui sua própria integridade lógica. Ele foi responsável por me

fazer ir escada acima, deu-me força e resistência sobrenaturais. Nem notei a cãibra em meus dedos, a queimação em meus ombros pelo peso da mala-armário, a batida forte da caixa contra meus joelhos enquanto subia nem a luz do sol, que inundava os degraus superiores com seu banho benéfico. Deixei a caixa no chão da cozinha e deslizei-a para dentro; escalei os últimos três degraus, pulei a soleira da porta para entrar e bati a porta atrás de mim, ofegante, a cabeça girando, pontos negros oscilando como duendes sombrios e dançantes à minha frente, com a sensação de que tinha escapado por pouco... mas escapado do quê? E muito comum que os monstros que povoam nossa mente não passem de uma criação estranha e completamente alienígena de nossas próprias fantasias de terror.

— Will Henry! — chamou o doutor. — Você caiu no sono? Está roubando alguma coisa para comer? Vai haver tempo para dormir e jantar mais tarde. Rápido, Will Henry, rápido!

Respirando fundo — como o ar era doce ali em cima! —, apanhei a mala-armário e a carreguei pelo corredor até a porta da biblioteca, onde o doutor me aguardava impacientemente. Tomou a caixa de minhas mãos e a jogou ao lado da mesa de trabalho. Ela aterrissou com tanta força que estremeceu as tábuas de madeira do chão.

— Dedham, Dedham — murmurou, caindo de joelhos ao lado da mala velha. Abriu os fechos de metal e a tampa. As dobradiças responderam com um rangido de protesto. Eu me inclinei para perto, curioso para descobrir o que aquela caixa (que eu nunca notara nas sombras embaixo da escada, apesar de haver passado a maior parte do ano anterior naquela câmara macabra) continha e como seu conteúdo se relacionava ao quebra-cabeça que intrigava o monstrologista — um enigma que pelo jeito ele considerava mais urgente do que o problema urgente dos *Anthropophagi* (até o momento despercebidos) entre nós.

O primeiro objeto que tirou da mala empoeirada foi uma cabeça humana mumificada que havia encolhido até mais ou menos o tamanho de uma laranja, e cuja pele adquirira um tom de melão. Os olhos estavam fechados e costurados; a boca desdentada, aberta

em um grito silencioso congelado. Ele colocou a cabeça de lado sem mal a olhar. Sentindo a proximidade, olhou para mim, e algo em minha expressão assustada deve tê-lo divertido, Um sorriso raro, tão passageiro quanto um raio, cruzou-lhe o rosto.

— É de meu pai — disse.

Meu interesse mórbido se transformou imediatamente em espanto horrorizado diante daquela confissão. Eu sabia que o doutor era estranho, mas isso era algo tão bizarro que nem mesmo em sonhos eu poderia imaginar. Que tipo de homem guarda embaixo da escada do porão a cabeça encolhida do próprio pai?

Ele percebeu minha reação incrédula àquela informação e deixou escapar de novo o menor dos sorrisos.

— Não é a cabeça de meu pai, Will Henry. Só uma lembrança que ele trouxe de uma de suas viagens.

Voltou a tirar coisas da mala. De lá saíram pilhas de papel, maços de cartas e o que pareciam ser documentos, um pacote grande embrulhado em barbante desgastado e uma bolsa de couro cheia de objetos evidentemente de metal, a julgar pelo tinido que fez quando ele a pousou no chão.

— É o mistério central da presença deles aqui, Will Henry — disse, referindo-se aos *Anthropophagi*. — Certamente já lhe ocorreu que essa é uma coincidência extraordinária, levando-se em conta o fato de eu ser o único monstrologista praticante em um raio de oitocentos quilômetros. Quais as chances, Will Henry, de uma espécie dessa, para a minha muito esotérica e incomum profissão, aparecer a dezesseis quilômetros da minha cidade? Um observador qualquer concluiria que essas chances, por serem astronomicamente remotas, dão margem ao argumento de que não se trata de coincidência, de que devo ser responsável de alguma maneira pela chegada inesperada deles a um local tão próximo de minha moradia. Claro que não tive nada a ver com isso; a questão é tão intrigante para mim quanto seria para nosso suposto jurado. Não podemos excluir de todo a possibilidade de uma coincidência verdadeiramente extraordinária, óbvio, pois coincidência é o que deve ser, mas duvido. Duvido.

Um par de óculos. Uma bolsa de veludo com um relógio de pulso masculino e uma aliança dentro. Um cachimbo tão desgastado que a madeira de seu forninho estava bege de tanto ter sido esfregada em décadas de uso. Uma caixinha de madeira com uma coleção de bibelôs de mármore, que o doutor revirou fazendo-os tilintar uns contra os outros enquanto vasculhava os poucos itens remanescentes no fundo da mala.

— Não existe universidade que ensine a ciência da monstrologia, Will Henry — disse. — A Sociedade oferece seminários apenas para convidados, nos quais os principais praticantes lecionam sobre os pontos mais sutis de sua especialidade. A maioria de nós, se não todos, foi aprendiz dessa arte sob a tutela de um mestre oficialmente reconhecido pela Sociedade. Ah, aqui está!

De maneira triunfal, ele ergueu um volume com encadernação de couro envolto em barbante despedaçado; a capa e a lombada estavam tão gastas pelos anos de uso que tinham uma aparência brilhosa.

— Aqui, Will Henry, segure isso um instante — pediu, depositando as estatuetas de mármore em minhas mãos. Arreventou o barbante, enquanto eu examinava os bibelôs que segurava, ainda aquecidos pelas mãos dele. Eram seis ao todo, delicadamente esculpidos em forma de esqueleto, com crânios sorridentes de tamanhos grandes e desproporcionais e braços cruzados sobre as caixas torácicas, que não eram cilíndricas como charutos, mas achatadas na frente e atrás, como dominós. Embora o doutor estivesse absorvido no livro antigo (parecia ser um diário ou uma agenda de algum tipo, escrito em caligrafia elegante, com um ou outro desenho rascunhado preenchendo as margens), deve ter notado minha curiosidade, pois disse:

— Ossos para adivinhação, da Nova Guiné. Nos últimos anos de vida, meu pai era fascinado pelas práticas de ocultismo de certas tribos xamãs. Esses aí foram esculpidos por um sacerdote com os ossos de um rival.

Não eram de ossos de baleia, então; mas humanos. O doutor prosseguiu:

— Mas "fascinado" é um adjetivo muito suave; "obcecado" define melhor. Meu pai estava consternado com a própria mortalidade; como muitos, via a morte iminente como uma afronta à dignidade, como o insulto derradeiro, e seus últimos anos foram consumidos pelo desejo de trapacear a ordem natural das coisas, ou pelo menos de lutar contra o abraço gélido da morte por um ou dois breves instantes além da sua hora. Os ossos que você está segurando são supostamente capazes de prever o futuro daquele que os lança, tal como o famoso lance de dados cósmico. Interpretar o significado da posição em que caem — as várias combinações de crânio para cima ou para baixo — é algo complicado que meu pai nunca chegou a dominar completamente, mas passava horas nisso; ele era tudo, menos sem determinação. Não me lembro bem da fórmula, mas recorro que seis crânios com o rosto para cima têm um significado medonho: morte iminente, danação eterna ou alguma besteira do gênero.

Ele se levantou subitamente, com um grito de comemoração. Espantado, desci um ou dois degraus, e os ossos deslizaram de minha mão, rolando pelo tapete em uma série de pancadas e um estalo. Tremendo, me ajoelhei para recolhê-los, pois temia ver seis esqueletos sorridentes olhando com o rabo do olho para mim. Quatro crânios para cima. Dois para baixo. Eu não sabia, é claro, como interpretar meu lance não intencional, mas mesmo assim me senti aliviado. Sem pensar, pus os ossos no bolso.

— Dedham! — gritou o monstrologista. — Sabia que já tinha visto isso antes! Cá está, Will Henry, na entrada do dia 19 de novembro de 1871: "Dedham. Fui para Motley Hill pela última vez. Simplesmente não consigo me obrigar a voltar para lá, olhar seu semblante torturado e ver em seu rosto a perfídia de meu pecado perfeitamente retratada. Ante minha chegada, ele ficou bastante agitado, exigindo que de uma vez por todas eu corroborasse sua história de sofrimento e infortúnio, mas, em prol amargo dos interesses pessoais e da ciência, fui obrigado a negar. Ceder e fazer tal confissão poderia produzir o efeito contrário. Poderia, muito provavelmente, fazê-lo passar o resto de seus dias na prisão — e eu também. Isso eu não poderia arriscar, e foi o que tentei lhe explicar,

mas nesse ponto me ameaçou fisicamente e fui forçado a me retirar... Pobre criatura atormentada! Perdão, V., perdão! Não é o primeiro a pagar pelos pecados de outrem! Perdoe minha transgressão, nem a primeira, nem a última dentre tantas, temo. Devo vê-lo novamente no Dia do Juízo Final. Devo responder pelo que lhe causei...

Não posso mais prosseguir... a hora das bruxas se aproxima, *quando os cemitérios de igreja bocejam, e o próprio inferno expira: Contágio*. Embora enojado até as profundezas da medula, devo atender às temidas convocatórias. O sino toca, a hora chega, e o próprio Cristo se vê desmoralizado..."

Warthrop parou de ler e fechou a página sobre o dedo. Algo sombrio cruzou seu rosto magro. Suspirou, ergueu os olhos para o teto e coçou suavemente o queixo.

— A coisa continua. Mais bobagens cansativas, mais roeduras no osso da autorrecreinação e da culpa. Em seu auge, meu pai foi igualado a poucos, Will Henry. Seu intelecto só era superado pela curiosidade incansável; sua busca sem fim, pelo conhecimento e pela verdade. A monstrologia deve muito ao trabalho de sua juventude, mas, à medida que envelhecia e o medo da morte começava a sufocá-lo, afundou cada vez mais no poço da superstição boba e da culpa inútil. Morreu um homem aterrorizado e tolo, distante do cientista brilhante que fora um dia, consumido pelo medo, enlouquecido pela culpa, acossado como recompensa por uma arca de vergonha fabricada.

Suspirou de novo, muito mais longa e tristemente.

— E morreu sozinho. Minha mãe sucumbira à tuberculose vinte anos antes; eu estava em Praga; e seus colegas o abandonaram um a um ao longo dos anos, à medida que ele sucumbia à senilidade debilitada e à loucura religiosa. Voltei aos Estados Unidos para tratar dos assuntos dele e então descobri isto — disse, erguendo o velho diário —, um registro espantoso da lenta ruína de meu pai até a insanidade; evidentemente apenas um entre muitos volumes, embora por motivos que ainda não compreendo este tenha sido o único que ele escolheu não destruir. Por longo tempo, o significado dessa entrada específica intrigou-me, e até agora eu não estava

totalmente convencido de que ela, como tantas que a antecedem e sucedem, pudesse não ser fruto dos delírios de uma mente antes genial se deteriorando por causa do ataque violento do remorso e da doença debilitante da dúvida. Ele não torna a mencionar Dedham, Motley Hill ou esse misterioso V. em seu diário, e não vi esses nomes em nenhum de seus tratados publicados ou de seus relatórios à Sociedade.

O doutor apanhou um jornal de cima da pilha à sua frente.

— Não vi referência nenhuma a nada disso até hoje, aqui, neste jornal, que está comigo há mais de três anos. Três anos, Will Henry! E agora temo que o pecado de meu pai tenha vindo repousar sobre os ombros de seu filho.

Deixou cair o jornal sobre a pilha e apertou com força os nós dos dedos sobre seus olhos.

— Se é que poderíamos chamar isso de pecado — murmurou. — Um conceito estranho à ciência, embora não tanto aos cientistas! Pois aqui está a questão crítica, científica, Will Henry: quantos *Anthropophagi* imigraram a essas costas? A resposta é a chave de tudo, pois sem ela não temos como saber quantos são eles agora — não só em Nova Jerusalém como em toda a Nova Inglaterra. A infestação pode muito bem ser mais abrangente do que nosso encontro no cemitério indica.

Estudou o mapa por mais alguns segundos, depois se levantou da mesa num giro só, chutando despropositadamente a velha mala-armário, como se tivesse visto os olhos da Górgona nas linhas que anotara, no artigo que durante três anos permanecera oculto, na caligrafia atormentada de um morto num outono muito remoto, e fosse obrigado a desviar o olhar para não ser transformado em pedra.

— As horas tardam — declarou o monstrologista. — Não temos mais do que dois, talvez três dias antes do próximo ataque. Vá agora, Will Henry, rápido, postar estas cartas. Não pare por nada nem fale com ninguém. Direto ao correio e direto para casa. Partiremos esta noite para Dedham.

CINCO

"Sinto-me bastante sozinho às vezes"

Menos de uma hora depois, após cumprir as ordens ao pé da letra — fui direto ao correio e voltei para casa sem parar no caminho, embora minha rota tenha dado na padaria, onde a tentação dos aromas frescos de muffin e pão era forte —, cheguei à casa na Harrington Lane e segui sem desvios até a biblioteca, esperando encontrar meu mestre. Mas não. Lá estavam a mesa de trabalho abarrotada de suas pesquisas e a mala-armário tombada, com a tampa aberta como um bocejo, com seu conteúdo espalhado ao redor (os restos da vida do pai do doutor e a cabeça murcha tombada de lado, com a boca congelada num grito). Porém, nada de Pellinore Warthrop. Eu havia entrado pela porta dos fundos, passando pela cozinha a caminho da biblioteca, e não o encontrei. Voltei à cozinha.

Hesitei em frente à porta entreaberta do porão, mas não havia nenhuma luz acesa lá embaixo nem barulho algum. Só por descargo de consciência, chamei o nome dele baixinho. Nenhuma resposta. Talvez estivesse exausto até os ossos, como este seu assistente, e tivesse ido para a cama, embora tal possibilidade parecesse ridiculamente remota. Como já disse, o doutor, quando estimulado pela ação, se mostrava indisposto ou incapaz de entregar-se às necessidades humanas naturais de repouso e alimentação. Sobrevivia com alguma reserva imperceptível de sua figura magra e angulosa. Mesmo assim, subi as escadas até seu quarto. A cama estava vazia.

Relembrando meu temor irracional anterior por causa dos passos no porão — haveria alguma desova do monstro suspenso sobrevivido? —, desci as escadas apressadamente em direção à porta encostada e chamei seu nome de novo.

— Dr. Warthrop? Dr. Warthrop, o senhor está aí?

Silêncio. Virei-me e trotei pelo corredor. Passei pela biblioteca e entrei no escritório. Aquele refúgio em tempos de crise também estava deserto, tal como a sala de estar e todos os outros aposentos do andar de baixo. Com certeza, se tivesse saído, teria deixado um recado explicando a ausência. Voltei à biblioteca. Sobre a mesa estava o artigo que ele havia circulado, aquele que iluminara sua memória de elefante: "Sabia que já tinha visto isso antes!", e o apanhei para ler:

CAPITÃO VARNER RETORNA A SANATÓRIO

Ontem, quase vinte anos após a data da primeira internação do cap. Hezekiah Varner, o Tribunal Estadual de Apelações proferiu seu veredicto no julgamento final. O capitão foi condenado em março de 1865 por quebra de bloqueio naval e abandono de serviço militar em alto-mar quando seu navio, o cargueiro Peronia, afundou perto da costa de Swampscott. No primeiro julgamento, afirmou que fora contratado por certos simpatizantes dos confederados para abastecer a rebelião com "mercadorias e bens móveis" e que toda a sua carga e tripulação haviam sido dominadas no mar por "criaturas que não são deste mundo, mas vieram das profundezas do inferno". Em seu novo testemunho, o cap. Varner, hoje com setenta e dois anos e em estado de saúde debilitado, falou somente em defesa própria, repudiando o testemunho anterior ao afirmar que fora vítima de um caso grave de insolação durante os dois dias que passou perdido no mar após abandonar sua embarcação. Porém, não indicou quaisquer testemunhas que sustentassem tal declaração. O dr. J. P. Starr, autor do discurso da defesa em nome do Estado, afirmou que o capitão não se encontra em seu juízo perfeito. "Ele estava insano vinte anos atrás e continua insano hoje", declarou. Após a sentença, o cap. Varner foi levado de volta ao Sanatório de Kotley Hill, propriedade particular do dr. Starr, onde esteve confinado desde o primeiro julgamento.

"Criaturas que não são deste mundo, mas vieram das profundezas do inferno" Pensei na coisa pendurada no cômodo que

ficava exatamente sobre aquele onde eu estava agora; no braço branco e musculoso imergindo da terra revolvida do túmulo de Eliza Bunton; no respingar nojento daquela garra perfurando a perna do velho; na massa de carne branca nojenta; nos olhos negros brilhantes e nas bocas babando, repletas de fileiras e mais fileiras de dentes triangulares cintilando ao brilho das estrelas do céu de abril; nos monstros enormes e parrudos surgindo de cada sombra, pulando e correndo com passadas gigantescas; no cadáver de Eliza Bunton sendo dilacerado membro a membro, e em sua cabeça sendo enfiada inteira na boca de uma criatura que qualquer homem em sã consciência de fato acreditaria ter vindo do inferno. Depois de ler o artigo e ouvir a narração daquele trecho do diário, não tive dúvidas de que o dr. Warthrop estava certo: o tal capitão Varner (V., como o velho Warthrop o chamara) tivera um encontro com os *Anthropophagi*. Mas isso fora há vinte anos! Como aqueles predadores bizarros e aterrorizantes haviam conseguido sobreviver — não apenas isso, mas prosperar e se reproduzir — despercebidos por tanto tempo?

Perdido nesses pensamentos, não ouvi a porta dos fundos se fechar, nem os passos do monstrologista entrando na biblioteca. Permaneci alheio a seu retorno até ele aparecer à porta com o rosto corado, o cabelo cheio de terra e sujeira, os sapatos cobertos de lama e um chapéu de palha estropiado na mão. Reconheci o chapéu: ele havia sido colocado em minha cabeça por um velho cujos miolos eu limpava de meu cabelo poucas horas antes.

— Will Henry — disse o doutor em voz baixa. — O que está fazendo?

Sentindo as faces corarem, respondi:

— Nada, senhor.

— Isso é óbvio — replicou secamente. — Postou as cartas?

— Sim, senhor.

— Foi direto ao correio e voltou direto para casa?

— Sim, senhor.

— Sem falar com ninguém?

— Somente com o funcionário do correio, senhor.

— E enviou as duas correspondências por correio expresso?

— Sim, senhor.

Ele assentiu com a cabeça. Ficou em silêncio por mais um instante, como se estivesse entrado em transe. O olhar não tinha foco, e, embora o doutor permanecesse imóvel, a agitação parecia brotar de cada um de seus poros. Notei em sua outra mão um pedaço de tecido imundo que de início pensei ser um trapo, mas logo vi que se tratava de um retalho destroçado do vestido com o qual Eliza Bunton fora enterrada.

— E o que está fazendo agora? — ele quis saber.

— Nada, senhor.

— Sim, sim — interrompeu-me. — Isso você já me disse, Will Henry.

— Não sabia onde o senhor estava, por isso eu estava...

— Fazendo nada.

— Procurando pelo senhor.

— Achou que talvez eu tivesse me refugiado na mala de meu pai?

— Achei que talvez o senhor tivesse me deixado um recado.

— Por que eu faria isso?

A noção de que ele me devia alguma explicação sobre seu paradeiro lhe era completamente estranha.

— O senhor foi ao cemitério? — perguntei. "Melhor mudar de assunto", pensei. Quando irritado, o humor dele se transformava, e dava para ver que ele já estava incomodado.

Minha tática funcionou, pois ele consentiu:

— Havia pelo menos duas dúzias de pares de pegadas diferentes. Supondo que haja quatro ou cinco jovens abrigados onde quer que seja o ninho, temos ao todo de trinta a trinta e cinco espécimes. Um número alarmante e extraordinário, Will Henry.

Ver o chapéu em sua mão me lembrou de meu próprio chapéu, minha única posse, perdido na fuga insana da noite anterior. Seria muita ousadia eu lhe perguntar se o havia encontrado? Ele percebeu minha aflição e disse:

— Limpei tudo o melhor que pude. Preenchi o túmulo dela com terra. Recuperei a maior parte de nossos equipamentos e espalhei os

pedaços quebrados da carroça pela floresta. Com um pouco de sorte, talvez liquidemos esse assunto antes de sermos descobertos.

Eu poderia ter perguntado por que, àquela altura, não poderíamos ser descobertos, mas tudo no comportamento dele sugeria que a resposta era óbvia. Suspeitei que tinha mais a ver com a descoberta do possível envolvimento do pai dele do que com o risco de espalhar uma onda de pânico. O doutor estava mais preocupado com a reputação de seu pai (e, por consequência, com a sua própria reputação) do que com o bem-estar público.

Talvez eu o esteja julgando muito duramente. Talvez ele acreditasse que tal descoberta superasse em muito o benefício da advertência antes de um novo ataque dos monstros. Talvez. Embora, após muitos anos pensando no assunto, eu duvide. O ego do monstrologista, como já disse, tal como o universo, parecia não conhecer limites. Mesmo durante os períodos de intensa melancolia, nada lhe importava mais do que ele mesmo, seu valor como cientista e seu lugar na história. Autopieda- de é egoísmo não diluído; no final das contas, é egocentrismo em sua mais pura forma.

— Vou subir para me lavar — prosseguiu. — Coloque as coisas de volta na mala-armário, Will Henry, e guarde-a. Sele os cavalos e prepare algo para você comer. Rápido, agora!

Ele começou a andar pelo corredor, pensou em algo, voltou e atirou o chapéu velho e o trapo ensangüentado na biblioteca.

— E queime essas coisas.

— Queimar, senhor?

— Sim.

Hesitou um instante, depois entrou no aposento e apanhou o diário do pai em cima da mesa. Apertou-o contra minha mão.

— E isso aqui, Will Henry — declarou. — Queime isso também.

E foi o que fiz, queimei o diário com o trapo ensangüentado do vestido de Eliza e o chapéu de palha estropiado. Permaneci um tempo agachado em frente ao fogo na lareira da biblioteca, sentindo o calor apalpar meus joelhos, meu rosto e a ponta do nariz. A testa parecia esticar-se com o calor intenso, como se a pele estivesse sendo repuxada para trás a partir de meu crânio. Depois do incêndio

que extinguiu a vida de meus pais, eu imaginava que sentiria o cheiro de fumaça em mim durante dias, na minha pele e nos meus cabelos. Com sabão de lixívia, esfreguei meu corpo até a pele ficar vermelha e esfolada. Imaginei que a fumaça emanava de mim como uma mortalha, e somente semanas depois essa sensação passou. Durante aquelas poucas semanas, porém, fui sem dúvida o garoto de doze anos mais limpo da Nova Inglaterra.

Embora estivesse extremamente exausto e faminto, decidi terminar o que tinha a fazer na biblioteca antes de me aventurar na cozinha para preparar nossa refeição. Endireitei a velha mala, que estava esvaziada de tudo, com exceção de mais ou menos uma dúzia de cartas antigas ainda nos envelopes. A curiosidade assolou-me, pois em uma delas vi o nome do doutor escrito acima do endereço do remetente: Pellinore Warthrop. Estava endereçada ao Dr. A. E Warthrop, no número 425 da Harrington Lane, e o carimbo dizia "Londres, Inglaterra". A letra, sem dúvida, era do doutor, só que bem mais cuidadosa que de costume, como se ele tivesse feito um esforço enorme em prol da legibilidade. O envelope apresentava seu selo de cera original intacto, tal como os demais envelopes da mala, quinze no total, todos com o mesmo endereço de remetente. Depois de viajar longas distâncias, essas cartas de um filho para o pai haviam sido atiradas sem ser lidas dentro de uma mala velha guardada num canto úmido e empoeirado. Ah, Warthrop! Ah, humanidade! Será que ele sabia disso? Ele lera o diário, lembrava-se dele bem o suficiente para localizar a passagem que fazia referência ao capitão Varner. Será que um dia notara, ao vasculhar essa velha caixa, que aquelas cartas jamais haviam sido abertas? E será que agora perceberia que uma delas o fora?

Era algo impertinente, desobediente, uma invasão de sua privacidade. Eu deveria fazer isso? Ousaria? Olhei na direção da porta, segurando a respiração. Nenhum ruído, exceto o tique-taque do relógio sobre a lareira, e o sangue pulsando em meus ouvidos. Tanta coisa sobre esse homem, com quem eu compartilhava cada momento e cuja vida estava inextricavelmente ligada à minha, era um mistério para mim. Não sabia quase nada a respeito dele e absolutamente nada de seu passado. A carta em minha mão com

certeza traria algumas pistas. "É agora ou nunca, Will Henry", disse a mim mesmo."Largue-a ou abra-a — é agora ou nunca.

Eu a abri.

O envelope continha uma única folha de papel almaço, escrita com a mesma letra que havia endereçado o envelope. Datada de 14 de março de 1865, dizia o seguinte:

Querido pai,

Como já se passaram quase três semanas desde que lhe escrevi, achei bom bem voltar a escrever, para que não pense que fui negligente com o meu lar. Não aconteceu muita coisa desde a minha última carta, exceto que peguei uma gripe terrível, com direito a febre, tosse etc., mas o senhor ficaria satisfeito em saber que não faltei um único dia à aula por causa disso. O diretor diz que está bastante feliz com meu progresso e pretende mandar-lhe um recado quanto ao meu bem-estar em geral etc. Por favor, aguarde por isso e, se não for demasiado incômodo, ofereça-lhe a cortesia de uma resposta. Ele tem o senhor em altíssima conta, assim como, é claro, eu também e todos os que o conhecem. Desejaria tanto que o senhor me escrevesse! Toda semana chegam cartas dos Estados Unidos e fico na fila com o restante de meus colegas, e toda semana espero que meu nome seja chamado, mas toda semana isso não acontece. Não estou reclamando, pai, espero que não encare essa confissão esquisita como uma reclamação. Sinto-me bastante sozinho às vezes e não me sinto inteiramente em casa aqui. Quando eu não estou em aula, permaneço a maior parte do tempo no quarto e, às vezes, como hoje, quando o tempo está frio e nublado, mas não chove ou neva e continua fechado, como se uma mortalha envolvesse o mundo, sinto-me imensamente sozinho. Uma carta sua alegraria essa melancolia, pois, como o senhor sabe, tenho essa inclinação familiar à rigidez. Sei que o senhor é bastante ocupado com suas pesquisas e viagens. Imagino minhas cartas se acumulando na porta de entrada, aguardando o seu retorno. E, claro, preocupo-me que algo possa ter lhe acontecido e que ninguém se incomode em me avisar a respeito. Se receber esta carta, poderia dedicar apenas um momento ou dois para me

escrever uma resposta rápida? Isso significaria o mundo para mim. Eternamente etc.

seu filho,
Pellinore

Ouvi as tábuas do assoalho rangerem no andar de cima. Rapidamente dobrei a carta, enfiei-a de volta no envelope e apertei o polegar com força sobre o selo de cera, o que foi inútil, já que ele estava duro como um prego depois de praticamente vinte e três anos. A aba saltou quase um centímetro. Guardei a carta na mala e espalhei algumas das suas companheiras intocadas sobre ela.

"Isso significaria o mundo para mim" Aparentemente, para o pai dele, não. O que o filho escrevera o pai ignorara. Será que de fato ele estivera longe, às voltas com alguma aventura no período em que Warthrop vivera em Londres, um garoto mais ou menos da minha idade, sozinho e privado da família, ansioso por ouvir notícias de seu tão distante lar? Se fosse o caso, por que o velho Warthrop não abrisse as cartas ao retornar? E por que as guardara se não se importava com o filho? Ironicamente, eu tinha aberto aquela carta em busca de respostas e apenas me afundara ainda mais em mistério.

Porém, ler aquilo me trouxera algo. Como acontece com frequência, os *insights* que buscamos não são os que encontramos: pude imaginar claramente o doutor, vestido em um camisão de dormir e deitado na sua caminha, escrevendo febrilmente esta carta entre um ataque e outro de tosse — um menino não muito diferente de mim, distante da família e dos amigos, sem ninguém nem nada para consolá-lo. Pela primeira vez senti algo além de respeito e medo pelo monstrologista. Pela primeira vez, senti pena. Meu coração se condeu pelo garotinho adoentado tão longe de casa.

Esses sentimentos não durariam muito tempo. Eu mal havia me livrado da carta quando o doutor desceu as escadas correndo e entrou como uma lufada de vento na biblioteca.

— Will Henry! O que está fazendo?
— Nada... nada, senhor — balbuciei,

— Nada? Mais uma vez lhe pergunto o que está fazendo, e você não está fazendo nada? Parece que esta é sua ocupação principal, Will Henry.

— Sim, senhor. Quer dizer, não, senhor! Desculpe, senhor, vou parar.

— Parar o quê?

— De fazer nada.

— Você não me serve para nada, Will Henry, se toda vez que eu lhe der uma ordem, escolher fazer justamente o oposto. Rápido! Temos três horas ou mais de cavalgada árdua até Dedham.

Não aguardou resposta, mas seguiu pelo corredor até a cozinha. Ouvi a porta do porão bater com força. Com o rosto fervendo por quase ter sido flagrado, apressei-me em terminar o que tinha a fazer. Atirei as raridades e os pertences de volta na mala-armário, ignorando o cuidado que costumo prestar às tarefas. Apanhei a cabeça murcha do chão. Era bem mais leve do que eu esperava. Imaginei a história daquele pobre camarada de origem indefinida. Seria outro presente de algum chefe tribal com quem o velho Warthrop fizera amizade em suas peregrinações, ou haveria uma conexão mais pessoal? Era impossível determinar o sexo e a idade, e sua raça fora apagada pela passagem do tempo, esse grande igualador que zomba de nossas distinções — rei e servo; homem e mulher; herói, trapaceiro e bobo. "Volte à sua caixa, Yorick anônimo, com seus olhos suturados e seu grito congelado! A indignidade de seu confinamento não é pior do que a nossa."

E atirei a cabeça na mala. Ela ricocheteou contra um dos lados antes de cair. Rolou de lado e parou sobre os outros itens. A força do impacto deve ter movido o objeto alojado dentro daquele pequeno crânio, pois vi sair do pescoço um pedaço de tecido vermelho vivo. Voltei a atirar a cabeça, agarrei a ponta do pano e puxei-a até que o objeto que estava amarrado na outra ponta se libertasse de seu casulo. Era uma chave: do quê eu não sabia, mas era grande demais para ser da mala ou de uma porta.

— Will Henry! — berrou o doutor da escada do porão.

Joguei a cabeça de novo na mala e enfiei a chave no bolso.

Eu a mostraria ao doutor mais tarde, decidi. Ele fizera um inventário dos objetos da caixa; talvez já soubesse da existência daquela chave escondida na cabeça oca.

— Os cavalos, Will Henry! A comida, Will Henry!

Dessa vez minha descida até o laboratório não me trouxe nada do terror que havia sentido na expedição anterior, pois as luzes haviam sido acesas, e o doutor estava ali, de pé, em frente ao cadáver suspenso do *Anthropophagus* macho. Não se virou quando descii correndo as escadas com minha carga: permaneceu de costas, os braços cruzados, a cabeça inclinada para um dos lados enquanto contemplava a besta pendurada diante de si. Enfiei a mala de seu pai embaixo da escada e depois fui até ele, meio sem fôlego.

— Doutor — chamei baixinho. — O que gostaria de comer?

Não se virou. Ergueu a mão direita, varreu o ar com a ponta dos dedos num gesto indiferente e nada disse. Pensei em mencionar a chave, mas decidi aguardar até que seu humor melhorasse. Voltei a subir as escadas para raspar o que quer que houvesse de comestível na nossa despensa empobrecida. Estava faminto.

Ele entrou na cozinha meia hora depois e, embora tivesse se lavado e se trocado depois de voltar do cemitério, o fedor persistente de morte o havia impregnado e agora o circundava como um aerossol enjoativo. Viu-me sentado à mesa, apanhou a tigela fumegante diante de mim e depois olhou para a tigela gêmea da minha disposta do outro lado da mesa. Ao lado dela havia um guardanapo cuidadosamente dobrado, uma colher polida, o bule e uma xícara de chá recém-feito, cujo vapor aromático emanava de sua superfície cor de ébano.

— O que é isso? — perguntou.

— Sopa, senhor.

— Sopa?

Como se nunca tivesse ouvido essa palavra.

— Sopa de batata,

— Sopa de batata — repetiu.

— Sim, senhor. Encontrei duas batatas razoavelmente boas na cesta, umas cenouras e uma cebola. Não tínhamos creme ou carne, por isso usei água e um pouco de farinha para engrossar.

— Para engrossar.

— Sim, senhor; farinha, senhor, para engrossar.

— Farinha — disse.

— Não está ruim — falei. — Passei pela padaria a caminho do correio, mas o senhor me disse para não parar, e não parei. Por isso não temos pão para acompanhar. O senhor deveria comer.

— Não tenho fome.

— Mas o senhor disse que deveríamos comer antes de...

— Sei o que eu disse — interrompeu com grosseria. — Poucas coisas são mais irritantes, Will Henry, do que sermos obrigados a ouvir o que dissemos ser repetido como se fôssemos imbecis incapazes de nos lembrar. Você é quem não consegue se lembrar do que eu disse: que você deveria comer algo antes de partirmos.

— Mas estou comendo algo, senhor.

— Bom Deus! — exclamou. — Ficou maluco, William James Henry? Sofre de algum defeito mental que eu desconheça?

— Não, senhor; quer dizer, creio que não. Apenas achei que o senhor gostaria de tomar um pouco de sopa.

Senti meu lábio inferior tremer.

— Uma conclusão baseada numa falsa premissa — cortou. — Não estou com fome.

Baixei os olhos: a intensidade daquele olhar era insuportável. Seus olhos negros cintilaram com fúria incomensurável; todo o seu ser vibrava com essa força. "O que seria isso?", perguntei-me. Será que ele achava que meu estado reflexivo era um ato proposital de desobediência? Ou, após ter recordado o relacionamento frio e tenso com seu pai, aquele pequeno ato de gentileza e devoção não passaria de sal numa ferida, que, graças à impossibilidade atual de reencontrar seu pai, jamais se cicatrizaria?

Embora ele se sobressaísse diante da minha figura curva e trêmula, um homem adulto no auge de seus poderes, na minha cabeça vi o garoto doente e solitário, um estranho em uma terra estranha, escrevendo ao homem cuja atenção e afeição desejava desesperadamente, um homem que recompensaria sua devoção filial com a indignidade máxima da rejeição paterna: cartas não abertas e atiradas em uma caixa velha, esquecidas. Como são

maravilhosamente estranhas, como são terrivelmente trágicas as voltas e as reviravoltas irônicas do destino! Com freqüência nos vingamos, muito depois do ocorrido, em substitutos inocentes, reprisando os mesmos pecados daqueles que nos ofenderam, e assim perpetuamos *ad infinitum* a dor que sofremos nas mãos deles. Seu pai rejeitara suas súplicas, por isso ele rejeitava as minhas, e eu (na reviravolta mais esquisita de todas) agora era ele, o garotinho isolado e solitário em busca de aprovação e aceitação da pessoa a quem isso mais importava. Aquilo ofendia o orgulho dele e duplicava a sua raiva: raiva do pai por haver ignorado sua necessidade e raiva de si mesmo por antes de mais nada sentir necessidade de alguma coisa.

— Ah, pare com isso! — reclamou. — Pare com esse choramingo insuportável. Não o contratei para ser meu cozinheiro ou meu enfermeiro, ou por nenhum outro motivo além do favor que devia a seu pai pelos serviços dele. Você tem potencial, Will Henry. É esperto, inquisitivo e tem certo tutano, qualidades indispensáveis a um assistente e, quem sabe, futuro cientista, mas não sofra com quaisquer ilusões de ser nada mais do que isso: um assistente forçado a trabalhar para mim devido a circunstâncias infelizes. Você não está aqui para prover por mim; eu estou aqui para prover por você. Agora termine essa sopa ótima da qual sente um orgulho inexplicável e vá para a estalagem preparar os cavalos. Partiremos ao cair da noite.

SEIS

"Por que essas Moscas?"

Seguimos naquela noite direto para Dedham, uma viagem de três horas por estradas difíceis e isoladas, fazendo uma parada para descansar os cavalos e depois outra, logo nos limites da cidade, para aguardar em silêncio na floresta a fim de não sermos surpreendidos por uma carruagem que se aproximava. A noite estava tão fria que a respiração de nossos cavalos se transformava em fumaça, enquanto nos misturávamos às sombras profundas das árvores. O doutor esperou até que o barulho dos cascos e o chacoalhar das rodas de madeira da carruagem se afastassem para prosseguir viagem. Não desaceleramos o ritmo até chegar às primeiras casas esparsas que ocupavam as cercanias da cidade. No interior daqueles chalés agradáveis brilhavam luzes aconchegantes, e imaginei as famílias abrigadas ali dentro, no calor da companhia um do outro, entretidos na conversa normal de uma terça-feira à noite, o pai perto da lareira, a mãe com os pequenos, sem se preocupar com monstros à espreita na escuridão — a não ser os que existiam na cabeça dos filhos mais imaginativos. O homem que cavalgava ao meu lado não tinha as ilusões ingênuas dos pais bem-intencionados, que, com voz calma e toque gentil, extinguíam as brasas quentes e cintilantes da imaginação ardente de uma criança. Ele conhecia a verdade. "Sim, meu filho querido", diria ele sem dúvida a um pequenino aterrorizado, que, trêmulo, buscava socorro, "monstros existem, por acaso há um pendurado no meu porão."

Não havíamos nos afastado muito da rua principal de Dedham quando Warthrop guiou seu cavalo em direção a uma ruela estreita que rodeava um grupo denso de álamos, ao pé da qual havia uma placa pequena e discreta pendurada sobre uma haste enferrujada de aço: "SANATÓRIO DE MOTLEY HILL". Árvores e emaranhados de trepadeiras e ervas daninhas se amontoaram à nossa volta, enquanto seguíamos adiante, agora devagar, por uma elevação do

terreno. A floresta se fechou ao redor; a cobertura de vegetação diminuía cada vez mais de altura, cobrindo as estrelas, como se tivéssemos nos metido num túnel escuro e sinuoso. Não havia nenhum som, a não ser o "ploc-ploc" dos cascos sobre a terra dura. Nenhum cricrilar de grilos ou coaxar de sapos. Nada perturbava o silêncio profundo e fantasmagórico que martelava nossas cabeças com força. Os cavalos ficaram tensos, resfolegando e batendo os cascos à medida que subíamos. O doutor parecia bastante tranqüilo, mas eu não me sentia muito melhor do que a minha pequena égua: tanto os meus olhos quanto os dela não paravam de vasculhar a escuridão crescente. A trilha (agora aquilo mal podia ser chamado de ruela) por fim se nivelou, as árvores se afastaram, e, para grande alívio meu e de minha égua, emergimos em um descampado — ainda que com mato crescido — banhado pelo luar.

Cerca de cem metros à frente havia uma casa semelhante à Casa Branca, com cortinas negras e enormes colunas na fachada. As janelas estavam fechadas, e a propriedade parecia deserta, como se seus ocupantes tivessem há tempos fugido para lugares mais alegres. Meu primeiro pensamento foi que, depois da reinternação do capitão Varner três anos antes, o sanatório devia ter sido fechado e abandonado. Olhei para o doutor, que estava com uma expressão carrancuda e cujos olhos negros brilhavam como se iluminados por trás.

— Will Henry — disse em voz baixa enquanto nos aproximávamos da casa —, você não deve falar nada. Não deve olhar ninguém diretamente nos olhos. Se alguém lhe dirigir palavra, não responda. Ignore. Não se dirija a ninguém, nem responda de forma alguma. Nem com um aceno ou uma piscadela. Entendeu?

— Sim, senhor.

Ele suspirou.

— Acho que preferiria lidar com uma dúzia de *Anthropophagi* do que com as almas dilaceradas que estão entre estas paredes!

Depois da inspeção cuidadosa, percebi que a casa era um ou dois tons mais próximos do cinza que do branco: um dia havia sido branca, muito tempo atrás, mas a tinta desbotara e começara a descascar. Havia grandes tiras de tinta seca penduradas nas tábuas

nuas e bolorentas. As janelas não eram lavadas há meses. Teias de aranha tremulavam nos cantos. Se eu tivesse uma mente mais inclinada à metafísica, diria que aquela casa era mal-assombrada, mas, tal como o monstrologista, rejeitava a idéia de assombrações e outros fenômenos sobrenaturais. Existem de fato mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia, mas essas coisas eram, a exemplo dos *Anthropophagi*, bastante físicas, inteiramente naturais e muitíssimo capazes de preencher nossa necessidade curiosa e desconcertante de certo horror mal-intencionado, muito obrigado.

O doutor bateu secamente à porta com a cabeça da sua bengala, uma excelente imitação de gárgula com dentes arreganhados feita de jade. Não houve resposta imediata. Warthrop tornou a bater, três batidas curtas, uma pausa, depois três mais: "toc-toc-toc", .. "toc-toc-toc".

Silêncio, a não ser pelo vento que sussurrava nas árvores e pela rajada das últimas folhas de outono sendo espalhadas pelas tábuas gastas da varanda caindo aos pedaços. O doutor apoiou as mãos na bengala e esperou com paciência de Buda.

— Está abandonada — sussurrei, meio aliviado.

— Não — disse. — Viemos sem avisar, é tudo,

Do outro lado da porta percebi o arrastar de passos que se aproximavam de forma penosa, como se alguém muito velho ou manco estivesse vindo atender aos chamados insistentes do doutor. Ouvei o guincho metálico e o gemer de diversos ferrolhos sendo retirados; depois a porta se entreabriu. A luz trêmula de uma lâmpada inundou a varanda, e, de pé, ante a porta semiaberta, vimos uma mulher encurvada vestida de preto agarrando uma lâmpada, que ergueu alto para iluminar nossos rostos.

— Visitas só até as nove! — grasnou a velha com sua boca desdentada.

— Não se trata de uma visita — retrucou Warthrop.

— Visitas só até as nove! — repetiu ríspidamente erguendo a voz, como se o doutor não escutasse bem. — Sem exceções!

— Talvez a senhora pudesse abrir uma no meu caso — pediu calmamente o doutor, estendendo-lhe seu cartão, — Avise o dr. Starr

que Pellinore Warthrop está aqui para vê-lo.

— O dr. Starr já se retirou aos seus aposentos — retrucou a velha — e pediu para não ser perturbado.

— Minha boa mulher, garanto-lhe que o doutor não desejaria que a senhora nos mandasse embora.

— O doutor está dormindo.

— Então vá acordá-lo! — gritou o doutor, perdendo a paciência. — Minha missão é da mais alta importância,

Ela forçou a vista para ler o cartão, fazendo os olhos quase sumirem sob a pele que os circundava.

— Dr. Warthrop — leu. — Rá! O dr. Warthrop morreu, disso sei bem. O senhor deve ser um impostor.

— Não, sou o filho dele.

Ela permaneceu boquiaberta por um momento, depois os olhos enrugados dispararam do cartão para o rosto dele e do rosto dele para o cartão.

— Ele nunca mencionou que tinha um filho — disse por fim.

— Estou certo de que há diversos assuntos de natureza pessoal que ele deixou de confidenciar à senhora — emendou o doutor secamente. — Como já observou, vim em uma missão de extrema importância; portanto, se não for muito incômodo, a senhora poderia, com o máximo de rapidez que sua idade avançada permitir, comunicar a seu patrão a minha presença e meu desejo mais sincero de falar com ele, de preferência antes que a noite se transforme em dia?

Ela bateu a porta abruptamente na nossa cara. O doutor bufou. Enquanto os segundos se transformavam em minutos, não se mexeu, ficando imóvel como uma estátua, inclinado sobre a bengala, com a cabeça baixa e os olhos semi-abertos, como se estivesse guardando energia e reunindo toda a sua sagacidade para uma prova.

— Ela vai voltar? — perguntei, quando não pude mais suportar. Tinha a sensação de estarmos de pé naquela varanda há horas. Ele não respondeu. Perguntei de novo: — Ela vai voltar?

— Ela não prendeu os ferrolhos — respondeu —, portanto, acho que sim.

Por fim, ouvi passos apressados se aproximando, e a porta se escancarou, revelando um velho — embora não tão idoso quanto a senhora enrugada a poucos passos de distância, no corredor. Ele se vestira com pressa (atirara uma sobrecasaca empoeirada sobre o camisa de dormir), mas esquecera de dar atenção ao cabelo desgrenhado pelo sono. As mechas brancas ralas caíam até quase a altura dos ombros em uma cortina transparente que despencava sobre suas enormes orelhas, expondo o couro cabeludo cheio de sardas. O nariz era comprido e reto; os olhos azuis, remelentos e miúdos; o queixo, fraco e pontilhado de pelos eriçados.

— Dr. Starr — disse o monstrologista —, meu nome é Pellinore Warthrop. Acredito que tenha conhecido o meu pai.

— É um caso lamentável — disse o velho, baixando a xícara com mão trêmula. A porcelana chacoalhou, e um fio castanho de chá escorreu pela lateral da xícara. — De interesse específico para o seu pai,

— Não apenas para ele — respondeu o doutor.

Estávamos sentados na pequena saleta de visitas situada logo depois do saguão. O aposento era igual ao resto da casa: gélido, mal iluminado e mal ventilado. Um odor estranho, doce e enjoativo, pairava no ar. Eu o notara assim que entramos — além do barulho abafado e indistinto de gente escondida em algum lugar do casarão velho e sombrio: gemidos, tosses, gritos, berros de desespero, berros de raiva, berros de medo e, flutuando em contraponto a essa cacofonia, ataques histéricos de risada aguda. Tanto meu mestre quanto o dr. Starr ignoraram esse caos, reconhecendo sua existência apenas com um leve aumento do volume da voz ao conversarem. Eu, contudo, fiquei além do ponto da distração e fui obrigado a me retirar às profundezas da minha paciência para não perguntar ao doutor se poderia esperar lá fora com os cavalos.

— Então o senhor também abraçou essa profissão estranha — arriscou o alienista. — Devo ser honesto com o senhor, dr. Warthrop: até esta noite eu sequer sabia que ele tinha um filho.

— Meu pai era um homem imensamente discreto — retrucou o doutor. — Considerava a intimidade humana... detestável. Fui seu único filho e mal o conheci.

— Como é freqüente no caso de homens como seu pai — observou o dr. Starr —, seu trabalho era tudo.

— Sempre imaginei que isso se devesse mais ao fato de ele não gostar de mim.

O dr. Starr riu, e algo se agitou nas profundezas de seu peito.

— Com licença — pediu. Tirou um lenço branco manchado do bolso e cuspiu uma bola pequena e espessa de catarro no tecido imundo. Trouxe-o até a distância de um centímetro dos olhos lacrimejantes e cuidadosamente examinou o conteúdo. Olhou na direção do doutor e deu um sorriso deplorável. — Peço-lhe perdão, dr. Warthrop. Temo estar morrendo.

— Qual o diagnóstico? — perguntou Warthrop com educação. Ele era um modelo de auto-controle, mas seu pé batucava com rapidez no carpete gasto.

— Não há um — respondeu Starr. — Não disse que estou morrendo. Disse que temo estar.

— Um temor ao qual todos nós estamos suscetíveis de vez em quando.

— No meu caso é algo quase constante. Entretanto, minha relutância em buscar um diagnóstico aumenta na proporção direta do temor.

— Interessante — comentou o doutor, sem grande convicção.

— E, ao contrário de seu pai e, ao que tudo indica, do filho dele, não tenho ninguém a quem passar a tocha adiante depois que eu me for.

— Will Henry não é meu filho — disse Warthrop.

— Não?

— É meu assistente,

— Seu assistente! É bastante jovem para uma posição de tal importância, não?

Olhou para mim, e imediatamente afastei o olhar, ouvindo o eco das palavras do doutor em meus ouvidos: "Você não deve olhar ninguém diretamente nos olhos. Se alguém lhe dirigir palavra, não responda".

— Caiu em minhas mãos após a perda infeliz de seus pais.

— Ah, um caso de caridade.

— Longe disso. O menino pode ser jovem, mas tem potencial.

— Sinto muito pela sua perda — disse o dr. Starr para mim, mas me recusei a erguer a cabeça ou mesmo acenar em agradecimento às condolências. "Ignore", advertira o doutor. E não abri exceções nem para o proprietário do Sanatório de Motley Hill.

— Então, Warthrop — continuou Starr —, o senhor deseja falar com o capitão Varner.

— Nem ousaria pedir-lhe isso se a questão não fosse da mais urgente necessidade.

— Ah, não tenho dúvida de que apenas uma emergência o traria até aqui tão tarde, sem ser solicitado nem avisar! O paciente nunca guardou segredo em todos esses anos de sua história bizarra de canibalismo e assassinato. Se tivesse guardado, talvez fosse hoje um homem livre — ou morto, pois com certeza teria sido executado após a condenação.

— Meu pai jamais me falou do caso — afirmou o monstrologista. — Topei com uma referência a ele nos seus documentos particulares.

— E a curiosidade o trouxe até minha porta.

— Uma curiosidade singular — disse o doutor com cuidado.

— De fato deve ser mesmo, meu caro dr. Warthrop! Singularmente curioso, de fato! — Sua figura frágil ficou agitada uma segunda vez por um ataque que durou quase um minuto. Repetiu o ritual de retirar o lenço imundo e depositar fluidos nas dobras malcheirosas. — Mas a mera curiosidade, ainda que intensa ou singular, do tipo que o senhor confessa, não poderia ser interpretada nem pelo mais relapso dos lingüistas como uma necessidade ou, conforme o senhor relatou para a sra. Bratton, uma questão "da mais alta importância".

— Meu pai aparentemente acreditava na veracidade do relato do capitão.

— Bem, dada a natureza da profissão dele, com certeza acreditava.

— A ponto de se sentir compelido a vir até aqui, como eu esta noite. Sei que o paciente é velho e não está em bom estado de saúde...

— E então o senhor viajou três horas de Nova Jerusalém até aqui sem fazer as perguntas adequadas antes, porque estava compelido... pelo que, precisamente?

— Como eu disse — respondeu com cuidado o doutor —, o estado de Varner, a idade avançada do caso e outros fatores pertinentes me compeliram a...

— Ah, sim! É isso! "Fatores pertinentes." É isso o que atíça a minha curiosidade, dr. Warthrop. O que seriam esses "fatores pertinentes"?

O doutor respirou fundo, endireitou-se na cadeira e disse com modos contidos:

— Não posso dizer.

— Então me perdoe se tomo a liberdade de dizê-lo — disse sarcasticamente o dr. Starr. — *Anthropophagi. Anthropophagi*, sim? Achou que eu nunca havia ouvido falar deles? O velho marujo repetiu sua história para qualquer um que estivesse disposto a ouvir — e até mesmo para os que não estavam! Não sou um homem ignorante, Warthrop; conheço Shakespeare: "Os *Anthropophagi* [...] homens cujas cabeças crescem debaixo dos ombros". Ah, sim, sei muito bem o que o trouxe até minha porta!

— Ótimo, então — emendou calmamente o monstrologista. — Posso vê-lo agora?

O dr. Starr lançou um olhar para a porta da saleta e depois outro para o doutor:

— Ele está, como o senhor imaginou, bastante velho, e sua saúde é mais frágil do que a minha própria. Eu posso temer estar morrendo, mas o capitão Varner realmente está morrendo. E sua mente também está quase que completamente desgastada, receio. Sua busca foi em vão, dr. Warthrop.

— O senhor está se recusando a me deixar vê-lo? — pressionou Warthrop, à beira de perder a paciência. — Vim apenas para esclarecer algumas poucas questões pendentes de um caso antigo de meu pai, mas não me importo em deixar que permaneçam pendentes. Isso não é de meu interesse especial.

— Não foi essa a impressão que passou à minha governanta e certamente não foi essa a impressão que me causou, dr. Warthrop.

— Contudo,, — rosnou o doutor. Ergueu-se da cadeira, com os ombros para trás e as mãos fechadas ao lado do corpo. — Venha, Will Henry. Estamos perdendo nosso tempo aqui.

— Não queria lhe causar essa impressão — disse Starr com um sorriso dissimulado. — Estava apenas observando que seu tempo e o interesse da ciência poderiam ser mais bem empregados conversando comigo sobre o caso. Como o senhor sabe, o capitão Varner esteve sob meus cuidados durante vinte e três anos. Ouvi sua história centenas de vezes e duvido que haja um detalhe que eu não saiba tanto quanto ele. Eu me arriscaria até a dizer que sou ainda mais conhecedor, dada a deterioração das suas faculdades mentais.

Warthrop disse:

— Desejo escutar da própria voz do capitão.

— Mesmo depois de eu haver lhe informado o seu estado pouco lúcido?

— Eu que devo julgar isso,

— O senhor certamente é um sujeito hábil, Warthrop. Um doutor em psicologia, além de um doutor em... como é mesmo o nome da sua especialidade científica? Monstrologia.

Warthrop não respondeu. Naquele momento de tensão, receei que ele perdesse o autocontrole e de um salto estrangulasse o velho. O velho alienista não conhecia o doutor como eu: embora por fora Warthrop parecesse completamente calmo e tranqüilo, por dentro ardia um fogo quente como o sol, que apenas com esforço supremo o doutor conseguiu conter.

Mais uma vez, Starr olhou na direção da porta, como se estivesse à espera de algo. Prosseguiu, ainda com aquele sorriso malicioso.

— Não desejo ofendê-lo, Warthrop. Minha área de especialização não é considerada mais importante do que a sua. Não tenho a intenção de ridicularizar o seu trabalho, pois pelo menos de uma maneira ele se assemelha ao meu: dedicamos nossas vidas à busca de fantasmas. A diferença é a natureza desses fantasmas. Os meus existem entre as duas orelhas de um homem; os seus, unicamente em você.

A essa altura esperei que o doutor convidasse Starr para ir a Nova Jerusalém, a fim de que pudesse ver com seus próprios olhos quão assustadora era a natureza do seu trabalho. Porém, ele se conteve e também olhou na direção da porta. Ambos pareciam estar à espera de algo.

— E uma vida difícil e solitária — sussurrou o velho, com um tom mais leve. — Nós dois, Warthrop, somos vozes que gritam na ignorância. Durante cinquenta anos prestei um serviço inestimável para meus semelhantes. Sacrifiquei-me, mal me sustentando com parcas doações e fundos filantrópicos. Poderia ter assumido uma posição mais sólida e certamente mais lucrativa em uma universidade, mas escolhi, em vez disso, dedicar minha vida a ajudar os pobres infelizes que o destino e as circunstâncias trouxeram até minha praia. Não me entenda mal, não reclamo, mas é difícil. Difícil!

O sorriso malicioso do gato de *Alice no país das maravilhas* sumira e dera lugar a lábios trêmulos e uma lágrima solitária que rolou pela bochecha enrugada do velho.

— E é assim que termino meus dias! — chorou suavemente. — Um pobre desgraçado que mal tem o suficiente para cobrir as despesas do próprio enterro. O senhor perguntou qual é o diagnóstico de minha aflição, e respondi sinceramente que não existe um, pois não posso pagar pelos serviços de um médico. Eu, também um médico, que sacrificou seu próprio bem-estar em prol do amor ao próximo, sou forçado a sofrer um fim humilhante porque me recuso a adorar o bezerro de ouro! Ah, Warthrop, é uma pena... mas não imploro por nada! O orgulho é a minha ruína, mas dele não abro mão! Não tenho arrependimentos. Tampouco pulmões; mas prefiro morrer pobre e com honra do que viver desonradamente.

Ele se dissolveu em outro acesso de tosse seca, pressionando as mãos esqueléticas sobre o peito agitado. As mangas da casaca caíram até os cotovelos, revelando os braços ossudos. Ele parecia murchar à nossa frente, definhar em uma massa trêmula de carne atrofiada e dentes amarelados demasiado grandes.

O doutor não se mexeu. Assistiu ao velho camarada repetir o ritual com o lenço sem dizer nada, mas os olhos ainda queimavam, e os punhos permaneceram fechados ao lado do corpo.

Esperou Starr acabar, depois silenciosamente deu um passo adiante e colocou uma moeda de ouro ao lado da xícara dele. O olhar lacrimajante do velho disparou para a moeda e depois se desviou.

— Não peço sua caridade, dr. Warthrop — grasnou o avarento.
— Assim o senhor me insulta!

— Certamente não é minha intenção, dr. Starr —replicou o doutor. — Trata-se de um empréstimo, O senhor deverá me pagar de volta. A única exigência é que use isso para consultar um médico.

Novos disparos daquele olhar.

— Minha única esperança é encontrar um especialista.

Uma segunda moeda juntou-se à primeira.

— Em Boston.

Uma terceira. Quando Starr parou de falar e deu um suspiro em resposta ao tilintar suave de metal contra metal, Warthrop acrescentou uma quarta. Starr tossiu, e o chocalho presente em seu peito soou como feijões batendo dentro de uma cabaça. Warthrop colocou uma quinta moeda na pilha; Starr endireitou-se na cadeira, com as mãos caídas ao lado do corpo, e gritou em voz alta e clara:

— Sra. Bratton! Sra. Braaaaaaatton!

A velha rabugenta que nos atendera surgiu à porta na mesma hora, como se já estivesse aguardando os chamados. Sua entrada foi seguida pelo odor inconfundível de água sanitária.

— Acompanhe o dr. Warthrop até o quarto do capitão Varner — instruiu Starr. Não fez menção de ir conosco.

Permaneceu sentado, tomando os restos do chá e segurando a xícara com a mão visivelmente mais firme do que poucos momentos antes. O ouro que o doutor depositara ao lado do pires sem dúvida o fortalecera.

— Sim, doutor — respondeu a velha. — Siga-me — disse a Warthrop.

Quando estávamos saindo da sala, Starr disse ao doutor:

— Talvez o menino devesse ficar aqui comigo.

— O menino é meu assistente — lembrou meu mestre. — Seus serviços me são indispensáveis. — Ele seguiu a velha para fora

da sala e não me chamou, nem olhou para trás para ver se eu iria; sabia que sim.

Guiados por aquela senhora vestida de negro e com cheiro de cloro, subimos a escadaria estreita e mal-iluminada que levava ao segundo andar. Na metade do caminho, o doutor murmurou em meu ouvido:

— Lembre-se do que eu lhe disse, Will Henry.

Enquanto subíamos, os gemidos e os gritos macabros, que pareciam vir de outro mundo, foram aumentando de volume aos poucos. Uma voz gutural sobressaiu-se em meio às outras, balbuciando um monólogo furioso repleto de palavrões. Uma mulher gritou em desespero diversas vezes, chamando alguém de nome Hanna. Um homem soluçou descontroladamente. E, soprando como uma corrente nesse mar agitado, havia a risada frenética que eu estivera ouvindo desde que pisara no sanatório. Enquanto subíamos as escadas, mais forte também se tornava aquele cheiro enjoativo que eu notara na saleta lá embaixo; sua composição fedorenta tornava-se inconfundível à medida que o odor se intensificava: um festival de carne suja, urina velha e fezes humanas.

Ao longo do corredor do segundo andar havia portas pesadas de madeira em ambos os lados, equipadas com ferrolhos e cadeados do tamanho de meu punho, cada um deles com uma abertura de quinze centímetros de largura coberta por uma dobradiça de metal. O assoalho velho rangia sob nossos pés, denunciando nossa presença aos ocupantes desses quartos-prisões, e seus gritos triplicaram de volume e intensidade. Uma das portas se sacudiu nas dobradiças desgastadas quando seu hóspede se atirou contra ela. Passamos pelo quarto do recitador do monólogo profano, que pressionou os lábios contra o batente da porta e soltou uma enxurrada de palavrões digna do mais sujo dos marujos. Os gritos agudos e desesperados por Hanna vibraram em nossos ouvidos. Olhei para o doutor em busca de algum sinal de tranquilização diante daquela babel maligna de sofrimento e miséria humanos, mas foi em vão. Sua expressão estava tão calma quanto a de um homem passeando no parque em um dia quente de verão.

Para mim, no entanto, a caminhada apavorante por aquele corredor funesto pareceu uma eternidade, e um milhão de vezes mais longa do que em qualquer parque agradável. Quando paramos em frente à última porta, eu estava sem fôlego. Por causa do fedor, fui obrigado a respirar golfadas rasas de ar pela boca. Nossa guia tirou um aro grande do bolso do avental e começou a virar a dúzia de chaves ali penduradas uma por uma, operação mais complexa do que parecia, pois ela, emprenhada no serviço, corria um dos dedos enrugados sobre os dentes de cada chave, como se fosse capaz de identificar a certa pelo tato. Quase que literalmente saltei de minhas roupas quando a porta bem atrás de mim sacudiu violentamente, e uma voz rouca sussurrou:

— Olá! E então, quem está aí? Quem é? — Ouvi o som de alguém fungando, com o nariz pressionado contra a porta. — Sei que você está aí. Sinto seu cheiro.

— O paciente não estava acordado quando vim vê-lo da última vez — informou a sra. Bratton ao doutor enquanto acariciava as chaves.

— Então nós o acordaremos — retrucou o doutor.

— Não vai conseguir tirar muita coisa dele — disse. — Não dá um pio há dias.

Warthrop nada respondeu. A sra. Bratton por fim encontrou a chave certa e a meteu no velho cadeado. Afastou para trás os três ferrolhos acima dele e, com o ombro, empurrou a porta pesada para abri-la.

O quarto era minúsculo, pouco maior do que minha pequena alcova na Harrington Lane, e não tinha móvel algum a não ser a cama bamba colocada a dois passos da porta. Havia um lampião de querosene ao lado da cama, cuja chama fumacenta era a única fonte de luz do local. Ela projetou nossas sombras no teto e no gesso descascado da parede em frente à janela imunda, abaixo da qual, no parapeito empoeirado, acumulavam-se corpos secos de moscas. Acima destas, uma congregação de suas primas subsistentes zumbia e rastejava sobre o vidro. Meus olhos começaram a lacrimejar, pois o cheiro de água sanitária era devastador, e deduzi por que tinham nos enrolado por tanto tempo

lá embaixo: a sra. Bratton precisava de tempo para limpar e desinfetar tudo antes de apresentar o capitão Varner.

O capitão estava deitado na cama sob diversas camadas de cobertores e lençóis, sendo o de cima branco e sem nenhuma ruga, como uma mortalha fúnebre. Apenas a cabeça e o pescoço estavam expostos. A cama não era grande, mas parecia ainda menor devido à enormidade do capitão. Eu o imaginara um homem frágil e enrugado, desgastado até virar uma mera casca humana após vinte anos de confinamento e privação. Mas, em vez disso, deitado à minha frente estava um homem de proporções monstruosas, com quase duzentos quilos, eu me arriscaria a dizer, aninhado numa espécie de calha criada no colchão pela sua corpulência descomunal. A cabeça era igualmente gigantesca; em comparação a ela, o travesseiro parecia ser do tamanho de uma almofada de alfinetes. Os olhos estavam perdidos em meio a dobras de carne cinzenta; o nariz, vermelho e inchado, erguia-se das faces caídas; e a boca era um túnel escuro e desdentado onde a língua inchada corria incansavelmente sobre as gengivas.

O doutor se aproximou do leito. Com suas garras afiadas, a velha nervosamente revirava o molho de chaves.

O tilintar das chaves, a respiração penosa do doente e o zumbido das moscas contra a janela eram os únicos ruídos naquele espaço minúsculo, claustrofóbico.

— Eu não o tocara — advertiu ela. — O capitão Varner odeia ser tocado. Não é, capitão Varner?

Ele não respondeu. Embora seus olhos mal fossem visíveis entre os sulcos de carne, percebi que estavam abertos, A ponta da sua língua, de um tom cinzento como sua pele, umedeceu-lhe os lábios. Seu queixo, que não passava do tamanho do nó de um dedo, brilhava de saliva.

Por um longo momento, Warthrop mirou o objeto arruinado de sua busca, sem nada dizer, sem permitir que nenhuma expressão revelasse seus sentimentos. Por fim, pareceu sair do feitiço e voltou-se abruptamente para a velha.

— Deixe-nos a sós — disse.

— Não posso — respondeu curta e grossa. — E contra o regulamento.

Ele repetiu a ordem sem erguer a voz, mas medindo as palavras como se ela de alguma maneira não as houvesse compreendido:

— Deixe-nos a sós.

Ela enxergou algo nos olhos dele. O que quer que tenha visto a acovardou, pois imediatamente desviou o olhar e, sacudindo furiosamente as chaves, os símbolos de sua autoridade total, disse:

— O doutor saberá disso.

Warthrop já havia se voltado para o monte encajado na cama. O barulho das chaves balançando sumiu no corredor; ela deixara a porta aberta. Ele fez um sinal para que eu a fechasse. Então, enquanto eu pressionava minhas costas contra aquela porta pesada, Warthrop inclinou-se sobre a cama, aproximando-se da cara inchada do moribundo, e disse em voz alta e clara;

— Hezekiah Varner! Capitão!

Varner não respondeu. Seus olhos permaneceram fixos no teto, a boca aberta; a língua lambeu inquieta o lábio inferior, depois se retirou para o refugio sombrio da bocarra desdentada. Do fundo de seu peito emergiu um som intermediário entre um sussurro e um gemido. Mas, exceto pela língua inquieta, ele não mexeu um só músculo, como se todos eles estivessem enterrados sob os rolos de gordura.

— Varner, está me ouvindo? — perguntou o doutor. Esperou resposta, com os ombros tensos e a mandíbula bem cerrada, enquanto atrás dele as moscas se debatiam contra o vidro. O quarto estava sufocante e fedia a água sanitária, Eu respirava o mais superficialmente que podia e fiquei pensando se o doutor se importaria se eu abrisse a janela para deixar entrar um pouco de ar fresco.

Warthrop ergueu a voz e praticamente berrou no rosto do homem:

— Sabe quem sou eu, Varner? Disseram a você quem veio vê-lo esta noite?

O obeso inválido gemeu. O doutor suspirou e olhou para mim.

— Receio que tenhamos chegado tarde demais — disse.

— Quem... — gemeu o velho marinheiro, como que para desmenti-lo. — Quem veio?

— Warthrop — respondeu o monstrologista. — Meu nome é Warthrop.

— Wrathrop! — gritou o capitão. Os olhos, esbugalhados diante da menção daquele nome, tornaram-se tão inquietos quanto a língua e passaram a se mover para a frente e para trás, porém recusando-se a focar o rosto do doutor. Cruzavam incansavelmente o teto, onde, atirada ali pela luz do lampião sobre o assoalho, a sombra distorcida de Warthrop dançava, avançando sobre Varner como um espírito demoníaco, grotesco, enorme.

— Conhece o nome — disse o doutor.

A cabeçorra deu o mais leve dos acenos.

— Que Deus tenha piedade de mim, conheço. Conheço o nome Warthrop — foi a resposta gutural, engasgada em catarro, — Foi tudo por causa de Warthrop, que o diabo o amaldiçoe e a toda a sua gente!

— Uma maldição pode ser uma das explicações — disse secamente o doutor. — Embora eu tenda mais à explicação de Darwin, A evidência está a meu lado, mas o tempo talvez prove que estive errado e você certo, Hezekiah Varner. Alistair Warthrop era meu pai.

Não houve resposta a não ser por gemidos esquisitos, sufocados e chiantes.

— Meu pai — continuou o monstrologista — foi quem o contratou em algum momento entre o final do ano de 63 e o começo de 64, imagino, para navegar até a África Ocidental, talvez até a Senegâmbia ou a baixa Guiné, e voltar com uma carga especial de interesse particular para ele. Sim? Foi ou não foi?

— Não... — murmurou o velho.

— Não? — repetiu o doutor, franzindo a testa.

— Não foi Senegâmbia nem Guiné. Foi Benim — grunhiu. — O reino de Benim! Lar daquela imitação de rei sem Deus, do governante amaldiçoado daquela terra amaldiçoada, o obá, e juro

que não há de se encontrar um selvagem mais imundo ou um libertino mais detestável nos quatro cantos desse mundo!

— O obá de Benim capturou espécimes vivos dos *Anthropophagi*? — quis saber o doutor. Parecia espantado com a idéia.

— Ele abriga um bando inteiro desses monstros horrorosos numa câmara embaixo de seu palácio.

— Mas os *Anthropophagi* não conseguem sobreviver em cativeiro. Morrem de fome.

— Esses não, Warthrop — arfou o velho contrabandista. — Esses monstros estavam bem gordos e felizes, muito obrigado! Vi com meus próprios olhos e, se fosse um homem mais corajoso, teria arrancado os dois fora por essa ofensa!

— Eles eram alimentados? — O tom do doutor era incrédulo. — Como?

— Com crianças, basicamente. Meninas de doze ou treze anos. Meninas no auge da puberdade. Mas às vezes criancinhas, bebês choramingões que eram atirados nus dentro do buraco. Pois no meio do templo existe um poço conectado com a câmara por um túnel. Dentro do poço os sacerdotes a atiraram; vi isso, Warthrop; eu vi isso! Foi atirada seis metros até o fundo, onde ela se agachou contra as paredes lisas do abismo do sacrifício e arranhou-as, tentando subir para encontrar uma mão amiga, mas é claro que não havia nenhuma. Não havia escapatória! O sacerdote-chefe dá o sinal, a grande porta de madeira sobe, e lá vêm eles. Primeiro só se sente o cheiro, um fedor podre como o de coisa morta, depois o resfolegar alto e o barulho cortante das presas deles batendo, enquanto a inocente condenada se põe a soltar gritos enlouquecidos, berrando para que os juizes insensíveis lá de cima tenham piedade. Piedade, Warthrop! Eles olham para ela com rostos de pedra, e, enquanto as bestas pulam no poço, o terror arranca dela o último fiapo de dignidade: a bexiga se esvazia, os intestinos se soltam. Ela cai na terra, coberta na sua própria sujeira, enquanto eles descem sobre ela em uma carreira descontrolada, os brutos maiores pulando nove metros da boca do túnel até onde ela está, um cordeiro oferecido em sacrifício aos lordes pagãos. Um capricho maluco a condenou a

um destino desalmado até mesmo para o mais cruel dos malfeitores. Mas assim exigem seus deuses sedentos de sangue; e por isso eles a entregam. A cabeça é o prêmio mais disputado. O primeiro a alcançá-la a apanha e a arranca do pescoço, e o coração ainda batendo atira sangue através do orifício temporário; um gêiser vaporoso lança-o no ar e tinge de carmim os corpos de alabastro aglomerados. Eles brigam e se mordem por um pedaço de carne, pois carne é o que ela é agora; humana já não mais. Pedacinhos destroçados dela são atirados para longe do poço, sujando os espectadores com os restos sangrentos de suas formas donzelas. Perdi de vista a garota no meio da rixa, mas isso foi uma cegueira abençoada depois da maldição daquela imagem. Nenhuma visão do inferno poderia superar isso, Warthrop. Nenhuma imagem ou palavra nascida da mente de um homem seria capaz de se igualar ao que vi naquele dia!

(Embora eu tenha registrado aqui fielmente as palavras do velho segundo minha lembrança, elas não fluíram com graça, como uma leitura casual poderia levar a crer. Pontuadas com os mesmos gemidos, grunhidos e apartes ininteligíveis que temperaram toda a entrevista, o relato precedente durou quase meia hora, com alguns incentivos do doutor após cada uma das muitas pausas arfantes e fungadelas catarrentas. Às vezes as palavras eram murmuradas tão baixo que o doutor era obrigado a se inclinar e aproximar o ouvido quase a ponto de tocar nos lábios cinzentos do lobo-do-mar. Decidi, por misericórdia, poupar o leitor dessas divagações de certa forma cansativas e frustrantes.)

— Ou assim pensei — gemeu Varner após um instante de silêncio inquietante, perturbado apenas pelo zumbido das moscas.

— Assim você pensou? O que quer dizer com "assim você pensou"?

— O rei não queria abrir mão deles, pois que preço se pede pelas cabeças de seus deuses?

— Mas vendê-los a você foi o que fez o obá — observou o doutor. — Deve ter feito isso.

— Sim, sim, é claro. Após duas semanas de negociação árdua, ele os vendeu, mas não a quantidade que queria Warthrop, Ele

queria quatro, um casal maduro e dois de seus filhotes infernais. Porém, partimos apenas com três: um filhote de dois anos de idade, um jovem macho e o último... — fechou os olhos e respirou fundo, trêmulo — ... era uma diaba, o maior monstro do bando feroz (maior do que o maior dos machos, e olhe que tinha quase dois metros e meio de altura), aquela a quem o Benim temia mais do que qualquer outro. Levamos essa. Levamos ela.

Apavorado com tal pensamento mesmo após mais de vinte anos, ainda mortificado, ele tremeu embaixo dos lençóis bem presos na cama.

— Mas por que queria quatro? Ele disse?

— Bom Deus, homem, não disse, e eu não perguntei! Quando parti para aquele país maldito, sequer sabia o que eram aquelas coisas sanguinárias. Warthrop me ofereceu o preço do resgate de um rei por esse serviço; para mim pouco importava se ele queria quatro ou vinte vezes quatro! A guerra tinha trazido tempos duros para o cargueiro Feronia, Aceitei a oferta sem questionar, sem pensar duas vezes!

Warthrop afastou-se da cama e em duas passadas estava à janela, com as mãos cruzadas atrás das costas, onde se pôs a analisar, ao que tudo indicava, o parapeito. Cuidadosamente apanhou uma das moscas mortas, prendendo as asas delicadas entre o polegar e o indicador, depois a ergueu como se procurasse a causa de seu falecimento.

O leviatã prostrado na cama não se mexeu. Seu olhar continuou voltado para o teto, mirando algo que lhe trouxesse conforto naquela superfície amarelada e irregular; seu corpo enorme permaneceu tão imóvel quanto o de um cadáver embaixo dos lençóis imaculados. Por quanto tempo — perguntei-me — ele teria permanecido assim paralisado, incapaz de mover a cabeça ou qualquer membro, obrigado a encarar hora após hora, dia após dia, aquela tela negra? E que cenas terríveis do inferno, libertas dos preceitos de nossa sensibilidade vitoriana, a imaginação dele ali pintara com as tintas vibrantes fornecidas por sua memória impiedosa? "Pobre criatura paralisada, não é de espantar que o pai de Warthrop o tenha abandonado!" Que auxílio ele poderia oferecer

a alguém cuja própria mente traíra o corpo que a sustinha? E, mesmo que assim houvesse desejado, poderia algum intelecto ser mais forte do que o horror que congela a medula e imobiliza os membros? Mais forte do que a mais grossa das correntes de masmorra são as cordas metafóricas que o prendem, Hezekiah Varner!

— Ou assim você pensou — murmurou o doutor, revirando a mosca na mão. - Nada poderia se igualar à visão de inferno que você teve naquele dia... ou assim você pensou.

Varner riu, produzindo um som tão fino e crepitante quanto o das folhas de outono estalando sob o andar de um homem pesado.

— Algo deu terrivelmente errado na viagem de volta aos Estados Unidos, não foi? — pressionou o monstrologista.

— Ele bem que tentou avisar — foi a resposta chiada.

— Ele quem? Quem tentou avisar?

— O obá! O velho diabo, na manhã em que içamos as velas, com um brilho no olho e um sorriso cintilante iluminando suas faces negras, perguntou que provisões havíamos reservado para eles. Disse que podiam ficar um tanto "irritados" depois de vários dias sem seus "mantimentos" e ofereceu dois de seus escravos para ajudar a acalmá-los durante a viagem. Censurei o selvagem repulsivo, pois, embora ele até pudesse ser chamado de rei, pagão é o que era, pagão sem Deus. Eu sou cristão, disse a ele. Temo a Deus e Seu julgamento!

— Mas você acabou se arrependendo dessa censura — observou Warthrop.

— Eu tinha minhas garantias — balbuciou Varner. — Recebera instruções rígidas do monstrologista. Reforçamos o porão do navio, soldamos barras de ferro ao longo das vigias, prendemos cadeados duplos nas portas. Tínhamos cem quilos de carne de porco salgada a bordo e em Sapele compramos animais vivos exatamente do tipo e na quantidade prescritos por Warthrop: doze bodes, cinco novilhos e sete chimpanzés. "Tente os chimpanzés se todo o resto falhar" dissera ele. "São os parentes mais próximos de sua presa predileta." Parente mais próximo! Que os céus nos ajudem!

Warthrop deixou a mosca cair da ponta dos dedos. Ela flutuou até o chão, e ele pressionou a ponta da bota sobre a carcaça seca.

— Moscas — murmurou pensativo. — Por que essas moscas? — Ele as observou por um instante bater e zumbir contra a janela manchada antes de voltar a encarar Varner. — Eles se recusaram a se alimentar — afirmou. Não era uma pergunta.

— E, se recusaram mesmo, como você bem sabe, como bem sabe todo o resto, por isso não falarei mais. Não sei por que veio até aqui na calada da noite fazer perguntas cujas respostas já sabe. Não sei para que mais você veio, a não ser para atormentar um velho doente e moribundo. Não sei que prazer minha dor lhe traz, Warthrop, exceto que seja a pura verdade divina que você é filho de seu pai! Já sabe o pedido especial que seu pai me fez e qual foi o destino que recaiu sobre a tripulação do cargueiro Feronia. Que motivo sádico trouxe você até meu leito de morte? Veio me lembrar daqueles dias terríveis de perdição e do horror que se seguiu depois? Veio dar um último giro na faca que seu pai afundou em mim antes do abraço derradeiro da morte? Tenha piedade de mim! Tenha piedade de mim, Warthrop. Tenha piedade.

O doutor ignorou esse discurso angustiado pontuado de gemidos e choramingos e disse:

— Eles matavam imediatamente tudo o que lhe atiravam (pois são extremamente territoriais), mas não comiam nada. Em questão de dias o porão do navio devia feder mais do que um matadouro.

— Não — sussurrou Varner, fechando os olhos. — Chega. Eu lhe imploro.

— Então conseguiram dar um jeito de escapar. Não há nada na literatura científica sugerindo que sejam capazes de nadar, portanto invadiram o navio e não escaparam dele. E pelo menos dois sobreviveram até o navio encalhar em Swampscott. Os adultos, imagino.

Varner suspirou produzindo um barulho como o de um sapato andando sobre pedregulhos. Os olhos se abriram, a boca se escancarou, a língua se projetou, a voz escapou:

— Eles comeram o pequenino. Era o próprio filhote dela, ou pelo menos foi o que disse o obá. A monstra o retalhou. Com meus

próprios olhos — ah, esses olhos amaldiçoados! —, eu a vi enfiar na boca condenável seu coraçãozinho batendo. As partes mais magras ela deixou para seu parceiro.

— Ela era a líder do casal?

— Ele morria de medo dela; isso estava bem claro.

— Mas mesmo assim ela não o atacou... por quê?

Varner não respondeu. Seus olhos haviam se fechado novamente. Quem sabe fechando-os, nós, tal como as imagens amedrontadoras que brincavam no teto, cairíamos no esquecimento. Ficou tão imóvel por um instante que pensei que havia parado de respirar.

— Você perguntou por que vim — começou Warthrop, voltando para o lado dele. — Ela me mandou aqui, Hezekiah, pois, como você, sobreviveu à viagem do Feronia, e seus filhos prosperaram no lar adotado. Suas crias, talvez mais de trinta espécimes fortes agora, estão a não mais que três horas de viagem desse quarto.

Varner gemeu. A essa altura, já havíamos nos acostumado tanto com aquilo que se tornara um som de fundo, como o das moscas se debatendo contra o vidro. "Por que essas moscas?", perguntara-se Warthrop. "Por que essas moscas?"

— Meu pai se torturou com o seu destino, Varner — continuou. — Mas não demonstrou nenhuma preocupação com o destino de sua carga peculiar. Ele foi muitas coisas, mas, antes de tudo, um cientista, e não teria suspeitado que os *Anthropophagi* haviam se perdido ou morrido de fome em alto-mar. Algo ou alguém lhe garantiu que não havia necessidade de ir atrás desse assunto, e não havia nenhuma testemunha capaz de fazer isso, exceto uma: o único sobrevivente do cargueiro Feronia. Foi por isso que ele veio procurá-lo depois de vinte anos, para interrogá-lo novamente quanto ao destino das criaturas?

A carne de Varner brilhou palidamente cinzenta à luz do lampião, enquanto ele suava sob os montes de cobertas, e pela primeira vez senti o cheiro de algo que não cloro, um levíssimo odor forte de podridão, e fiquei me perguntando se um rato não teria se escondido embaixo da cama e morrido. Isso explicaria as moscas, Olhei na direção da janela escura. "Por que essas moscas?"

— Duas coisas condenaram o Feronia: a inconstância da natureza e a tolice humana — grunhiu Varner, cedendo por fim à insistência do monstrologista. — No décimo nono dia no mar, pegamos uma calmaria. Durante os oito dias seguintes, nada de vento, só um mar tão liso como vidro ou uma pradaria do Kansas e o sol tropical cruel batendo na nossa cabeça; isso dia após dia, até a tripulação ficar inquieta e entediada e quase sempre bêbada. Então eles começaram a atormentá-los só para se divertir. Faziam apostas de quanto tempo duraria cada pobre animal vivo que eles jogavam no porão e qual dos monstros os mataria. Abriam a portinhola e os ataçavam através das barras de ferro, atiravam coisas neles e se divertiam com a reação. A maior, a fêmea, era capaz de pular do fundo até uma altura de seis metros e chegar a trinta centímetros das barras; eles apostavam isso também: quão perto as garras dela poderiam chegar sem os tocar. Wilson, o primeiro oficial, foi quem inventou boa parte da brincadeira toda. E foi Wilson quem primeiro pagou pela estupidez.

Na véspera de os ventos darem uma trégua da calmaria mortal que havia atrasado a viagem, contou Varner, depois de mais um dia quente, preguiçoso e regado a rum, Wilson e outros dois colegas decidiram matar um dos bezerros e oferecer um pedaço sangrento aos *Anthropophagi*. A justificativa bêbada do primeiro oficial foi a seguinte: "Os monstros não comem o que oferecemos porque sabem o que é! Nenhum comedor de homem que se preze iria se dignar a jantar um maldito bode. Mas, se não souberem de onde veio a carne, podem confundi-la com carne humana e comer!". O plano não foi aprovado pelo capitão, que havia se retirado aos seus aposentos com suspeita de malária. A tripulação abateu o pobre animal no deque do navio e atirou suas vísceras ao mar para os tubarões à espera, sem saber, em sua bebedeira, que a ânsia devoradora dos peixes não passava de um prelúdio, de uma premonição terrível dos eventos que estavam por vir.

Wilson e um estivador chamado Smith fatiaram um pedaço grosso do flanco do bezerro e prenderam-no a um arpéu. O arpéu eles prenderam na ponta de uma corda de nove metros, e Wilson

baixou a isca pelas barras, deitado de bruços para testemunhar os resultados de seu experimento.

Caía a noite, uma hora sonolenta para os *Anthropophagi*, quando eles se acomodavam em seus abrigos de palha — camas parecidas com ninhos que, segundo nos informou o capitão, as criaturas haviam passado horas construindo e mais horas ainda mantendo. Os *Anthropophagi* são caçadores noturnos e passam a maior parte do dia dormindo, cuidando dos filhotes ou às voltas com rituais de amizade com outros membros do bando, sendo que o principal deles (e o mais bizarro) consiste na prática de apanhar com a ponta da unha mais comprida, a que se estende a partir do dedo médio, pedacinhos de carne humana alojados nos dentes uns dos outros. Tal operação é um exercício delicado de confiança e autocontrole, pois o recebedor deve permanecer imóvel enquanto o companheiro alcança as profundezas da boca cheia de dentes para limpá-los. Se ele se mover, a garra, afiada como uma lâmina, pode abrir suas gengivas, provocando o fechamento involuntário da mandíbula e decepando, assim, a mão daquele que presta esse serviço inestimável.

Wilson mal podia vê-los aninhados juntos na palha no canto mais distante do porão do navio. As barras de ferro soldadas nas vigias impediam a entrada da luz até mesmo no mais claro dos dias, e o sol estava se pondo; os monstros não passavam de sombras mais escuras em meio a sombras mais claras, mal distinguíveis nos montes de palha que os rodeavam. De fato, ninguém podia ter certeza se as sombras amontoadas representavam os animais ou simples elevações de palha. Wilson balançou a corda para a frente e para trás, tentando despertá-los para o jantar que estava servido. Fazia mais de três semanas que eles haviam se alimentado, por isso tinham de estar famintos. Os companheiros de Wilson — Smith e o navegador, Burns — estavam com ele, um de cada lado, bem abaixados, olhando a escuridão, incapazes de conter os risinhos alegres. Incitaram Wilson:

— Mais baixo! Balance a carne mais baixo para eles sentirem o cheiro!

E gritaram para dentro do buraco escuro e fedido, aquela prisão que um dia abrigara quinhentos quilos de carga humana, mercadoria para os campos de algodão da Geórgia e para as plantações de índigo da Louisiana. O Feronia fora um navio negreiro que fizera o comércio ilegal de escravos nos anos anteriores à Guerra de Secessão e naquele momento estava abarrotado de carcaças apodrecidas de bodes, os restos irreconhecíveis dos pobres pequenos chimpanzés que haviam seguido aquele destino impensável e os excrementos fedorentos dos monstros que haviam destroçado o corpo desses animais com a mesma facilidade de uma criança puxando as asas de uma mosca.

— Venham logo, monstros! Acordem para o jantar!

Seus gritos não receberam atenção. Incapaz de levar a isca a uma distância que pudesse ser cheirada pelos carnívoros adormecidos, Wilson enfiou o braço direito entre as barras de ferro e deixou a corda cair mais sessenta centímetros para dentro do porão.

— Se preparem para me puxar para cima, rapazes — disse ele aos companheiros enquanto balançava o pedaço oscilante de carne gorda de bezerro, que pingava sangue fresco. — Vocês já viram com que rapidez eles...

A frase jamais seria terminada. Wilson, contudo, em menos de trinta segundos aterrorizantes, sim.

Mais tarde, antes de encontrar o mesmo destino horrível do idiota Wilson, enquanto se encolhia de pavor na cabine do capitão atrás da barricada improvisada, Burns contou a Varner o que tinha acontecido naquele meio minuto aterrorizante.

Se ela surgiu da cama de palha ou de algum outro lugar, ninguém poderia dizer: Burns porque não viu, Wilson e Smith porque estavam mortos. Wilson, com medo de deixar a corda cair, amarrou-a duas vezes ao redor do pulso. Assim, quando a monstra atacou, seu peso sobre o arpéu puxou o ombro dele para dentro das barras. Embora ele tenha soltado a corda no mesmo instante do ataque, ela desamarrou do seu pulso e caiu no chão, porém seu ombro agora estava preso no espaço estreito entre as barras de ferro. Com voz rouca pelo rum e aumentada pela histeria, Wilson gritou para que os outros o puxassem. Será que ele chegou a vê-la

nas trevas lá embaixo? Será que os olhos negros e desalmados dela, brilhando à luz do sol poente, teriam encontrado os dele antes de sua boca arreganhar-se e ela saltar seis metros para cima?

As garras perfuraram os músculos e os tendões do antebraço dele, e, enquanto eram puxados para baixo pelo braço gigantesco da criatura, ela atirou a outra pata para cima e se prendeu a uma das barras que, antes de Wilson generosamente lhe oferecer uma mãozinha, lhe eram inacessíveis. Os comparsas do primeiro oficial recuaram de horror e espanto em meio ao ranger selvagem dos dentes dela e aos gritos de medo e dor do tolo companheiro; as pernas dele sacudiram; seus pés pressionaram as tábuas gastas enquanto tentava se libertar, porém o peso da monstra sobre o braço capturado dele o manteve preso com ainda mais força. Ele atirou a cabeça para trás, debatendo o rosto de um lado para o outro, pois a besta havia soltado o braço destroçado, mas era tarde demais, pois as farpas sangrentas dela retalhavam seu rosto e golpeavam a garganta que ele tão atenciosamente lhe expusera. Uma das farpas deve ter encontrado a carótida, pois Burns relatou que os gritos de Wilson terminaram abruptamente em um gorgolejo e em um verdadeiro gêiser de sangue, a maior parte do qual cascadeou para baixo em direção à boca monstruosa, que aguardava. A cabeça dele caiu para a frente com um baque repugnante sobre as barras metálicas. Houve mais um último espasmo das pernas, e Wilson ficou completamente imóvel.

Smith lembrou tarde demais do revólver Colt preso à sua cintura. Quando conseguiu sacá-lo, a criatura já tinha arrancado duas barras de ferro dos ferrolhos pesados (as mesmas que estavam abaixo do corpo de Wilson), quebrando as tábuas reforçadas "com a mesma facilidade com que um homem quebra um palito de dente". O braço dele finalmente estava livre, mas era tarde demais. Caiu aos solavancos dentro daquele vazio nauseante até o poço lá embaixo, onde o companheiro dela, atijado pela confusão e, sem dúvida, pelo cheiro de sangue fresco, aguardava.

Smith atirou loucamente, enquanto ela, pendurada por uma das patas, destruía duas outras barras com a outra pata. Burns não tinha como dizer se algum dos tiros alcançou o alvo; virou as costas

e correu. As tábuas tremiam sob seus pés. A passagem reverberava com o barulho dos tiros e os gritos histéricos de Smith. Enquanto Burns galgava os degraus estreitos até o tombadilho, os tiros subitamente pararam: ou a munição de Smith tinha acabado, ou a coisa havia conseguido sair do buraco, e Smith, como Wilson, tinha deixado de ser um cidadão desse mundo.

Fosse o que fosse, quando o Feronia foi tomado pelas forças federais depois de encalhar, o que restara de Smith caberia, nas palavras de Varner, "em um saco de estopa".

Nesse ponto da narração sombria, Varner parou. Toda a cor havia lhe fugido do rosto, e seu corpo tremia embaixo dos lençóis. As memórias podem trazer conforto aos velhos e enfermos, mas também podem ser inimigas implacáveis, um exército malicioso de fantasmas atormentando a tão aguardada paz de espírito. Varner tinha implorado a Warthrop para que não o fizesse se lembrar daqueles acontecimentos que ele não conseguia esquecer, pois algumas lembranças, como eu mesmo sei bem demais, permanecem frescas na memória décadas inteiras após surgirem.

Entretanto, quando ele ficou em silêncio, Warthrop não o pressionou para que continuasse. Talvez tenha entendido (como eu vim a entender, para meu grande arrependimento) que, depois que enveredamos por certos caminhos de nossa memória, não há mais atalhos nem volta. Eles devem ser seguidos até seu amargo fim. É como o impulso que nos obriga a olhar para um acidente terrível ou encarar com curiosidade vergonhosa uma pobre vítima num espetáculo de circo. As memórias daqueles últimos dias terríveis a bordo do maldito Feronia dominavam o capitão, e não o contrário.

— Nos infiltramos lá embaixo, trouxemos toda a comida e a água que pudemos reunir e fechamos os deques inferiores — arfou por fim o velho. — Colocamos guardas armados vinte e quatro horas. O tempo virou a nosso favor; com um vento em nossa direção e céu claro, tínhamos boas condições climáticas. Os dias eram calmos, mas era uma calma misteriosa, uma calma enganosa, pois assim que o sol sumia abaixo do convés, reiniciavam a pancadaria e aqueles arranhões infernais e incessantes. Podíamos ouvi-los, entende, testando todas as tábuas abaixo de nossos pés,

batendo, arranhando, enquanto procuravam falhas na madeira. Os homens se revezavam nas vigílias noturnas, mas os vencedores não podiam dormir mais do que uma ou duas horas, e cada uma delas parecia mais longa do que um dia, e as noites, mais longas do que um ano. A tripulação estava dividida e brigava amargamente entre si. Alguns achavam que devíamos abandonar o navio, entrar nos botes salva-vidas e rezar pelo resgate. "Vamos fazer uma fogueira com o barco", diziam. "Queimá-lo até o nível da água!" Outros argumentavam que nossa única esperança era um ataque surpresa, atacá-los enquanto eles dormiam. "É só questão de tempo até eles escaparem" diziam. "Melhor enfrentá-los no momento e no local que a gente escolher." Vetei as duas propostas. O tempo estava excelente; o navio parecia estar agüentando os ataques deles, e abandoná-lo seria apenas trocar o risco de enfrentar o mesmo destino de Wilson pelo risco de morrer de insolação e fome. Seguimos viagem.

De início a decisão do capitão parecia sábia, pois tanto a trégua forçada como o clima benéfico duraram. Por uma semana, depois duas, até a manhã do quadragésimo primeiro dia no mar, quando o arquipélago de Bermudas podia ser visto ao norte. Os ventos, que durante dias haviam soprado constantemente do leste, mudaram de repente. O céu ao sul ficou negro como carvão, e os mares ergueram-se trinta centímetros em uma hora, depois sessenta, depois um metro e vinte, enquanto o sol desaparecia atrás de um grupo de nuvens que se movia rapidamente; o Feronia balançava por causa do mar agitado, enquanto ondas de seis metros de altura rompiam na amurada. O vento começou a soprar a cinqüenta nós, forçando a tripulação a baixar as velas para evitar que fossem arrancadas dos mastros. A chuva despencou em lençóis encharcados, uma chuva impiedosa incitada pela mais cruel tempestade. Durante horas os homens ficaram agachados no deque, expostos ao mau tempo, enquanto os monstros devoradores de homens permaneciam quentes e secos lá embaixo, uma ironia que não passou despercebida para os marinheiros, que incitaram novos debates. Um dos homens já havia sido quase arrastado pelo mar por uma onda violenta. A cada hora que passava a tempestade piorava;

relâmpagos riscavam o céu e caíam ao redor do mastro principal; o vento soprava a chuva de lado em lençóis de cegar, tornando até o menor dos passos um exercício perigosíssimo; e, à medida que o dia passava, e a temperatura caía, surgia o perigo de hipotermia. Todas as rondas e patrulhas foram abandonadas. Ao cair da noite, a tripulação do Feronia estava amontoada em um único conjunto de humanidade trêmula no convés, com mais medo da fúria da natureza do que das criaturas insaciáveis.

— Não sei quem viu primeiro — confessou Varner. — Não dava para manter os lampiões acesos; os relâmpagos eram a única iluminação que tínhamos em meio às trevas da tempestade. "O mar trouxe algo para o convés!" alguém gritou. Com a respiração suspensa, esperamos pelo próximo relâmpago, mas não vimos nada quando ele caiu, apenas a escuridão absoluta e uma mortalha de chuva. Caiu um segundo raio, depois um terceiro, e outra pessoa gritou: "Ali, estão vendo? Perto do mastro!". Todos ergueram os rifles, mas ordenei que os baixassem — somente o mais sortudo dos tiros seria capaz de atingir o alvo naquele turbilhão. Na verdade juro a você que não achei que aquelas sombras esquisitas pudessem ser os monstros que vagavam lá embaixo. Os homens tinham visto a coisa perto da amurada, e como seria possível uma daquelas criaturas conseguir escalar as laterais escorregadias do casco do Feronia enfrentando um vento de cinqüenta nós ou mais? Era mais do que provável que fosse um peixe trazido pelas profundezas do mar salgado, um tubarão ou um agulhão-bandeira. Era impossível.

— Não — disse Warthrop em voz baixa. — Não era — enquanto ouvia, ele estava inclinado contra a parede ao lado da cabeceira, com os braços cruzados diante do peito, o queixo para baixo, os olhos fechados. Lembrei-me de seu aviso no cemitério: "Olho vivo agora, Will Henry. Eles são ótimos escaladores".

— Era mais provável que tivessem vindo por uma das vigias - arriscou Varner. — E depois subido pelas laterais do navio... mas isso é só minha opinião. Em Benim, vi um crânio esburacado em forma de lua crescente no lugar onde as farpas das criaturas tinham furado o osso; são tão compridas quanto as unhas de um bicho-preguiça, Warthrop, e tão duras quanto o tungstênio. E difícil acreditar agora

(e mais ainda então), mas ele deve ter subido pelas laterais do Feronia, abrindo buracos no casco para se segurar, mas por que ele escolheu abandonar seu abrigo quando o risco era máximo é algo que não sei.

— Talvez tenha sido motivado pela fome — disse o doutor —, embora eu duvide. Medo, talvez, das condições meteorológicas completamente estranhas para ele... ou, o que é mais provável, medo de sua parceira. Nisso eles têm muito em comum conosco: em momentos de grande estresse, sabemos que se voltam uns contra os outros.

— Não naquela noite, Warthrop — grunhiu Varner. — Naquela noite ele escolheu vítimas mais fáceis. Seja o que for que o tenha estimulado a atacar, a fome ou o medo, ele atacou mais rápido do que o próprio raio, pulando doze metros do deque lá embaixo e aterrissando bem no meio da gente. O que se seguiu foi uma algazarra infernal — gritos e berros de minha tripulação assustada, rugidos e rosnados do monstro, explosões de rifles e revólveres por todos os lados, o uivo do vento, o barulho das ondas e o ribombar dos trovões.

No meio daquela confusão maldita, fui arrastado escada abaixo, até a porta de minha cabine.

Foi o navegador Burns, o único sobrevivente do primeiro ataque, que arrastou o capitão até seus aposentos e bateu a porta, enquanto a batalha se sucedia acima deles. O capitão, ainda confuso e fraco em virtude da febre tropical, caiu no chão enquanto Burns arrancava o pesado armário da parede e o encostava contra a porta, formando uma barricada. Ele voltou para o lado de Varner, esperando agradecimentos por ter pensado friamente e agido rápido sob fogo, mas, ao contrário, foi duramente repreendido. O capitão o xingou e o desaprovou, pois perdera seu revólver na fuga forçada, e agora os dois estavam presos como dois ratos em uma armadilha — mais protegidos do que os ratos lá de cima, mas, ainda assim, presos. Burns aguentou a bronca sem esboçar comentários. Arrastou seu comandante para o lado da cama e disse-lhe para ficar ali sem se mexer. Daquela posição eles tinham uma visão boa da porta e

ficavam escondidos de quem se aventurasse a olhar pelas janelas atrás da cama.

— No armário! — gritou o capitão por cima do barulho no deque bem acima de suas cabeças. — Rápido, Burns!

Burns rastejou pelo chão — temendo que, caso caminhasse, atraísse a atenção pelas janelas — até o armário, onde encontrou uma arma de matar elefante e um pouco de munição. Varner arrancou-a das mãos dele e riu amargamente enquanto a carregava,

— Um presente do rei de Ashanti, Nunca foi disparada. Vamos torcer para que não precisemos testá-la esta noite, Burns!

Eles se sentaram lado a lado ao pé da cama. Os relâmpagos brilhavam pelas janelas, projetando sombras compridas, breves e bem demarcadas no chão. O navio continuava a sacudir e a se jogar violentamente à mercê do mar, varrido pela ventania, enquanto o som dos tiros aos poucos morria até virar um ou dois estouros. Os gritos da tripulação pararam. Ouviam-se apenas o mar batendo, os trovões de arrebentar os ouvidos e o vento uivante... mais nada. Eles aguçaram os ouvidos para tentar escutar algum barulho dos homens lá no deque. Será que eles haviam fugido do massacre até o deque abaixo para encontrar algum refugio qualquer? Quantos teriam sobrevivido, se é que algum tinha? E o monstro? Certamente teria de estar morto ou seriamente ferido. Nem mesmo uma criatura daquele tamanho imenso e com aquela velocidade poderia vencer vinte homens armados até os dentes em um combate corpo a corpo... ou poderia? Era o que eles sussurravam em meio aos relances estonteantes de luz branca brilhante dos raios e ao bombardeio estremecedor dos trovões. Batendo os dentes, ensopados até os ossos, os dedos nervosamente apoiados no gatilho de suas armas, eles tentaram pensar em uma solução, mas não conseguiram. Cada momento que passava sem incidentes era uma vitória; cada segundo que ficavam intactos era um triunfo.

Porém, aqueles segundos se arrastaram, aqueles minutos rastejaram, e, depois de algum tempo, eles ficaram em silêncio, esgotados de tantas perguntas sem respostas. Nenhum dos dois falou nada até que Varner, em voz grave e firme, perguntou a Burns quantas balas restavam em sua arma.

— Atirei duas vezes lá em cima, senhor — respondeu o navegador. — Então tem mais quatro no tambor.

— Guarde duas — disse Varner.

— Duas, senhor?

— Dispare duas vezes, se necessário, mas guarde as outras duas balas. Uma para mim e outra para você, Burns, se as coisas chegarem a esse ponto. Não quero ter o mesmo destino de Wilson.

Burns engoliu a seco e levou um instante para responder. Talvez estivesse tentando elaborar algum argumento que apelasse ou para a fé, ou para a razão e, muito provavelmente, não conseguiu, pois respondeu:

— Sim, capitão.

— Diga-me, Burns, você é um homem que reza? — perguntou o capitão.

— Sou cristão, senhor.

Varner riu e mexeu na arma disposta ao longo do colo. Era bem pesada e estava impedindo a circulação de sangue em suas pernas.

— Eu também, mas as duas coisas nem sempre são sinônimas, Burns. Você reza?

— Nunca quando eu era jovem — confessou Burns. — Rezo mais agora, capitão.

— Ótimo — disse Varner. — Faça uma prece, Burns, e coloque nela uma palavra pelo seu capitão.

Burns obedeceu, abaixou a cabeça e começou a recitar um Pai-Nosso. Recitou devagar e com muito sentimento. Ao terminar, os dois homens estavam bastante emocionados, e Varner lhe perguntou se ele conhecia o salmo vinte e três.

— É meu preferido — disse Varner. — "Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte..." Conhece, Burns? Recite-o se o conhecer.

Burns o conhecia, e Varner fechou os olhos enquanto o outro recitava. "O Senhor é meu pastor; nada me faltará..." As palavras o reconfortaram; lembraram-no de sua infância, de sua mãe e de como ela segurava sua mão na igreja, das longas viagens de carruagem nas tardes quentes de domingo e dos almoços de família maravilhosos que se estendiam tarde adentro. "Refrigerá a minha

alma..." Como são fugazes esses dias tranqüilos da juventude! Como é estranho que o futuro pareça tão distante e que mesmo assim chegue às asas de uma águia! Em um piscar de olhos, o garotinho rechonchudo sentado ao lado da mãe no banco de igreja se torna um homem de meia-idade acovardado no escuro. "Preparas uma mesa perante Mim na presença dos Meus inimigos..."

— Bom, Burns — murmurou ele. — Muito bom.

— Obrigado, senhor — agradeceu Burns. — Me sinto melhor agora.

Suas pernas sacudiram. Sua cabeça bateu contra o assoalho com um barulho alto. Os olhos reviraram, e sangue emergiu da sua boca aberta, cascadeando pela frente da camisa e espirrando entre as pernas em convulsão. Sua barriga inflou, como se fosse um balão se enchendo de ar. Um botão voou pela cabine. Então uma mão da cor do alabastro e manchada de vermelho, duas vezes maior do que a de um homem adulto e com pedacinhos de intestinos presos nas garras de oito centímetros de comprimento, atravessou o tecido encharcado de sangue. O antebraço musculoso veio na seqüência, girou noventa graus e, um segundo depois, agarrou firmemente a cabeça de Burns. Com um estouro repugnante, a besta arrancou a cabeça dele completamente para fora dos ombros e a puxou pelo buraco aberto nos intestinos elevados.

Com um grito de horror, Varner se afastou, arrastando consigo a arma pesada, Nem perdeu tempo em se levantar: apontou a arma na direção do corpo decapitado do amigo. Tremendo sem parar, o antebraço doendo pelo peso da arma, lutando para manter o equilíbrio, enquanto o navio era jogado contra as ondas, conteve a respiração e tentou fazer o coração desacelerar. A luz brigava com as trevas; os relâmpagos iluminavam por um instante, e, no momento seguinte, a escuridão voltava a imperar.

Porém, a besta embaixo da cama era paciente; esperaria pela escuridão para vencer a batalha. Lançaria seu ataque quando a presa estivesse no ápice da vulnerabilidade, quando lhe faltasse o sentido mais precioso. Um milhão de anos de evolução a haviam preparado para aquele momento. Ela era o mais proeminente dos predadores da natureza, ao contrário de sua presa, cuja espécie só

havia lhe superado nos últimos dez mil anos ou algo assim. Afastados de seu lar ancestral das savanas e das planícies costeiras, os *Anthropophagi* que não tinham sido mortos ou capturados por tribos como a de Benim para servir aos sacrifícios do reino haviam se refugiado embaixo da terra ou nas amplas florestas tropicais do Congo e da costa da Guiné, e sua espécie diminuía em número com o passar dos anos. Ainda assim, a ascensão da humanidade a beneficiara, e não apenas por fornecer-lhe abundância de alimento: a fim de sobreviver em um *habitat* cada vez mais restrito, os *Anthropophagi* tinham se tornado maiores, mais rápidos e mais fortes. Quando as primeiras pirâmides foram erguidas nas areias do Egito, o *Anthropophagus* macho adulto media pouco mais de um metro e oitenta dos pés aos ombros; após meros cinco mil anos, um nada no tempo evolutivo, ele passou a medir mais de dois metros e dez. Suas garras eram maiores, bem como as pernas e os braços. Seus olhos haviam crescido a ponto de serem três vezes maiores que os nossos, pois nós os havíamos encurralado nas trevas da noite, os tirado de seu ambiente natural no alto das acácias para restringi-los ao chão frio das florestas ou às cavernas úmidas de Kinshasa e da cadeia montanhosa do Atlas. A natureza podia ter criado a besta embaixo daquela cama, mas a ascensão do homem a aperfeiçoara.

Varner só teria uma chance, pois, ao arrastar-se pelo assoalho em desespero, abandonara a caixa de munição. Se errasse, em um piscar de olhos, a besta estaria sobre ele. A imagem da virgem nua no poço em Benim, de seu cadáver decepado sacudindo-se sobre a lama e sua própria sujeira, atravessou-lhe a mente.

E então, como se aquela lembrança fosse uma pergunta, a monstra lhe deu a resposta: atacou.

O assoalho partiu ao meio quando ela saiu como um raio de seu esconderijo; foi o barulho trovejante da madeira se quebrando que alertou Varner. Ele atirou; o tiro se perdeu. Algo puxou com violência a perna dele: ela enfiara as garras no salto de sua bota. Enquanto a criatura o arrastava para a boca ansiosa, ele usou o tambor da arma para bater entre os ombros encurvados dela. Pressionando a ponta da bota contra o salto capturado da outra

bota, chutou com força. Seu pé escapou da armadilha, e ele conseguiu fugir na direção da escrivaninha, mal conseguindo manter o equilíbrio devido ao chacoalhar do convés, que rangia.

Anos antes ele comprara no Bornéu, de um ferreiro malasiano conhecido por ser o gênio na metalurgia marcial, um cris, adaga de lâmina ondulada que Varner usava para abrir cartas ou, quando não havia nada mais adequado à mão, para palitar os dentes. A sorte lhe sorriu naquele instante, pois o quarto se iluminou: a luz forte do relâmpago brilhou bem em cima da lâmina sobre a escrivaninha. Então ele agarrou o cris e o girou, apunhalando cegamente no escuro.

— Não sei dizer o que foi — ofegou o velho acamado vinte e três anos depois — se acaso ou destino, sorte ou a mão do meu anjo da guarda que levou a lâmina cegamente até o olho negro daquele monstro amaldiçoado. Sim, cego foi o golpe que cegou a besta! Mais altos do que o som das ondas e do trovão foram seus rugidos de medo e dor enquanto ela tombava para trás, e eu a ouvi cair no que restava de minha cama. Talvez tivesse tropeçado no pobre Burns, não sei dizer. Eu já estava à porta.

O acaso ou o destino lhe deu aquela chance. Depois o medo e sua filha poderosa, a adrenalina, deram-lhe forças para agarrá-la. Ele atirou o armário para trás a fim de abrir caminho, escancarou a porta e mergulhou na chuva torrencial lá fora.

— Não olhei nem para a esquerda, nem para a direita — disse. — Não estava nem aí se fosse pego por uma onda ou um raio. Fui direto até os botes salva-vidas.

Porém, a corda que prendia o barco ao Feronia tinha ficado enroscada e enrolada pelo vento incessante. Agachado na água congelante que se acumulara no fundo do bote, Varner forçou a vista por causa da chuva torrencial, puxando inutilmente a corda presa aos dedos dormentes.

Com a cabeça ainda abaixada e os olhos ainda cerrados, Warthrop disse em voz baixa:

— A faca.

— Isso mesmo, Warthrop! A faca. E sabe que me preocupei com aqueles nós até mesmo enquanto mordida a lâmina, para evitar

que meus dentes batessem tanto de frio a ponto de serem arrancados completamente de minha cabeça?

Rindo histericamente de minha própria tolice, envolvido, como disse, na boa sorte, cortei a corda e caí direto no mar.

Ninguém falou por alguns instantes após a conclusão da história. Warthrop continuou encostado à parede, e Varner permaneceu exatamente do mesmo modo como estivera desde que chegamos, tão imóvel quanto um cadáver, a língua correndo entre os lábios arroxeados, os olhos vagando pelo teto amarelado. Continuei perto da porta, onde tinha a sensação de estar parado há horas. Se não tivesse visto com meus próprios olhos Eliza Bunton envolta naquele abraço obsceno, nem presenciado de primeira mão a morte de Erasmus Gray, sem dúvida acharia que tal história era fruto de uma mente torturada, uma ilusão criada pela demência de um velho lobo-do-mar, à altura das histórias de sereias e de leviatãs capazes de engolir um navio e sua tripulação de uma só bocada. Poderia haver ironia mais cruel do que aquela? Que depois do resgate a verdade trouxera o capitão até ali — um sanatório —, pois apenas um louco acredita naquilo que toda criança sabe ser verdade: que existem monstros à espreita embaixo de nossas camas?

— Que sorte imensa — disse o doutor, quebrando por fim o silêncio. — Não apenas de ter escapado naquela noite, Hezekiah, mas de ter sobrevivido até o resgate.

— Perdi todos eles, todos — respondeu Varner. — E passei os últimos vinte e três anos nesse lugar horrendo; os cinco últimos confinado nessa cama, tendo como companhia apenas minhas memórias e essa mulher abominável que vive sacudindo suas chaves. Muita sorte mesmo, Warthrop! Pois, se a vida é uma pergunta, tenho a minha resposta: não existe escapatória. Não há como enganar o destino. Eu era o capitão. O Feronia pertencia a mim, e eu, a ele, mas o traí. Eu o traí e o abandonei. Porém, o destino não pode ser traído nem abandonado; pode apenas ser adiado. Minha sina era ser devorado, entende, e, embora eu tenha feito uma prece vinte e três anos atrás, perdi a aposta e agora devo pagar.

Warthrop endureceu. Olhou por um instante o rosto inchado, os olhos lacrimejantes e inquietos, a língua agitada do morimbundo. Apanhou o lampião do assoalho e fez sinal para mim.

— Segure isto, Will Henry — instruiu. — Mais alto. Agora dê um passo para trás.

Agarrou as cobertas com as duas mãos. Os olhos de Varner seguiram em sua direção, e o velho sussurrou:

— Não.

Porém, não se mexeu.

Warthrop atirou para longe as cobertas, e eu, sem querer, dei um passo para trás, vacilante, com um arfar involuntário.

Hezekiah Varner estava deitado nu tal como no dia em que nasceu, sob rolos de gordura gelatinosa, e, em seu corpo do mesmo tom cinzento que o rosto, havia uma colcha de retalhos de curativos de gaze feitos às pressas em vários pontos daquela anatomia colossal. Nunca tinha visto um ser humano obeso mais nojento, mas não foi essa a visão que me fez recuar ou arfar; foi o cheiro. Ali estava, multiplicado por dez, o odor nauseante de carne podre que eu detectara antes, o fedor que eu atribuíra a um rato morto apodrecendo embaixo da cama. Olhei para o doutor, que parecia preocupado.

— Aqui em cima, Will Henry — disse. — Segure-o acima dele enquanto dou uma olhada.

Obedeci, claro, respirando superficialmente pela boca, mas senti um gosto adocicado na língua, o tipo de enjôo que acompanha qualquer odor forte. Enquanto segurava o lampião sobre o corpo imóvel de Varner, o doutor se inclinou e puxou delicadamente uma das bandagens. Varner grunhiu, mas não moveu um músculo.

— Não! — gemeu. — Não me toque!

Warthrop ignorou o apelo.

— Que tolo fui eu de não perceber isso antes. Só poderia haver uma explicação para elas, Will Henry.

Concordei, segurando o lampião com uma das mãos para iluminar seu serviço e com a outra tapando a respiração, Concordei, mas não entendi. Explicação para quê? A pele de Varner esticou quando Warthrop puxou a gaze para trás. O curativo, como os

outros que cobriam o capitão, parecia branco demais em contraste com sua pele cinzenta. E era recente. Enquanto Starr nos enrolava na saleta, a sra. Bratton estivera bastante ocupada esfregando o quarto com água sanitária, tirando as roupas de dormir imundas de Varner, fazendo aqueles curativos, cobrindo-o com camadas e mais camadas de lençóis novos, tudo isso no esforço de esconder... o quê? Não as escaras, pois essas seriam de esperar num homem acamado do tamanho de Varner. A resposta, é claro, zumbia e se debatia contra a janela às nossas costas.

"Por que essas moscas?"

— Não me toque — sussurrou a forragem humana abaixo de nós.

O curativo removido por Warthrop tinha coberto a maior parte do lado direito do corpo de Varner. Embaixo dele havia uma ferida quase do tamanho de um prato de torta, de forma oval, com beiradas irregulares e inflamadas; uma cavidade aberta abaixo das costelas do doente, que pude ver brilhando, de um tom cinzento diante da luz trêmula do lampião. Pus sanguinolento caía daquele buraco e escorria por uma vala formada por dois rolos de gordura do corpo do capitão em direção ao bolorento lençol de baixo. A sra. Bratton não tinha sido capaz de trocar aquele; Varner era pesado demais para ela.

Warthrop resmungou, trazendo o rosto a centímetros da ferida e mirando as profundezas do buraco purulento.

— Não — murmurou, sacudindo a cabeça. — Não está aqui... Ah! Sim, nossa boa sra. Bratton deixou escapar algumas. Está vendo, Will Henry? Olhe de perto; está vendo embaixo dessa segunda costela aqui?

Segui o dedo dele até o ponto onde elas se retorciam e reviravam no humo orgânico do torso violado de Varner: três larvas dançavam um balé sinuoso na carne infectada, e suas cabeças negras brilhavam como contas polidas.

— Não... me... toque.

— Somos míopes em nossa percepção, Will Henry — arfou o doutor. — Nossos pesadelos são preenchidos com os carnívoros

errados. Veja isso: a mais modesta das larvas come mais carne crua do que os leões, os tigres e os lobos juntos. Mas o que é isso?

Ele passou por mim e caminhou até o pé da cama. Eu estava errado quando pensei que o capitão estivesse completamente nu. Não estava. Usava botas. O couro rachara; os cadarços tinham deteriorado e virado pedacinhos de cordão emaranhado. O doutor pressionou delicadamente o dedo na pele vermelha e inchada, diretamente acima da bota, no pé direito de Varner, ao que ele reagiu com um grito rouco de dor. Warthrop deslizou a mão entre o salto da bota e o colchão, e aquele único toque fez o capitão enrijecer de agonia.

— Pelo amor de Deus, se é que existe alguma misericórdia em você, Warthrop...!

— O pé direito está inchado, bastante infeccionado, assim como o esquerdo, suspeito — murmurou o monstrologista, ignorando aqueles apelos. — Traga o lampião para cá, Will Henry. Fique aí, ao pé da cama. Ah, se eu tivesse uma faca afiada, poderia simplesmente cortar a bota.

— As botas, não. Por favor, as botas, não!

Warthrop agarrou o sapato apodrecido com as duas mãos e puxou com força. "Será que aquelas botas eram as mesmas que haviam salvado a vida do capitão vinte e três anos atrás?" perguntei-me. "Será que ele havia estado ali durante todo aquele tempo recusando-se a tirá-las, por superstição?" Os músculos do pescoço do doutor ficaram tensos, enquanto ele lutava para tirar a bota, Varner se pôs a chorar incontrolavelmente. Xingou. Deixou escapar uma profusão de palavrões e blasfêmias em meio a soluços de partir o coração.

O calçado se partiu nas mãos do doutor quando ele o soltou do pé. O cheiro de carne em decomposição nos invadiu em uma onda incomum, nauseante. Quando a bota saiu, a pele que ela cobria foi junto, caindo em uma massa única e coagulada, e pus espesso e viscoso da cor do limo de um lago espalhou-se nos lençóis.

Warthrop deu um passo para trás com uma expressão de nojo e espanto.

— Que Deus os amaldiçoe por isso — disse em voz baixa e ameaçadora.

— Coloque-a de volta! — berrou o capitão. — Isso dói. Isso dói muito!

— Tarde demais — murmurou Warthrop.

Ele olhou para o meu rosto banhado em lágrimas.

— A infecção se espalhou para os ossos — sussurrou. — Ele tem apenas mais algumas horas de vida, não mais que um dia.

Soltou a bota em frangalhos no chão e voltou para o lado de Varner. Com grande ternura, colocou a mão sobre a testa do homem agonizante e olhou fundo em seus olhos.

— Hezekiah, Hezekiah! Está muito ruim. Farei tudo o que puder, mas...

— Só quero uma coisa — sussurrou Varner.

— Diga. Farei tudo o que estiver em meu poder.

Com um esforço monumental, uma vitória da vontade humana sobre circunstâncias desumanas, o velho ergueu a cabeça dois centímetros do travesseiro e sussurrou:

— Me mate.

O doutor não respondeu. Ficou em silêncio por um instante, apalpando a fronte febril do enfermo, depois endireitou o corpo devagar no mais discreto dos acenos. Virou-se para mim,

— Will Henry, aguarde por mim lá fora.

— Lá... lá fora, senhor? — balbuciei,

— Se você vir a sra. Bratton se aproximando pelo corredor, bata duas vezes na porta.

Ele se virou de novo para o homem moribundo, confiante, como sempre, na minha obediência imediata. Passou uma das mãos embaixo da cabeça de Varner e com a outra tirou o travesseiro de trás dela. Sem voltar a cabeça para mim, proferiu em voz espessa:

— Faça o que eu disse, Will Henry.

Coloquei o lampião no assoalho, e a sombra estirada sobre a cama obscureceu o rosto do doutor e o moribundo: uma mortalha negra para um assunto negro. Deixei-os assim congelados naquele quadro melancólico, fechei a porta atrás de mim e respirei o ar do corredor até o fundo mais fundo de meus pulmões famintos, como

um nadador que tivesse conseguido se libertar do perigo da mais cruel das marés. Encostei as costas contra a parede, entre a porta do quarto de Varner e a do vizinho, e lentamente deslizei até o chão, enrolando os braços ao redor das pernas dobradas e empurrando o rosto contra os joelhos fechados. Ouvei um arranhão atrás da porta do vizinho, e a mesma voz gutural que tinha ouvido antes tornou a falar:

— Olá de novo, pequenino. Voltou para me ver? Não seja tímido. Sei que você está aí.

A pessoa atrás da porta fungou-a de uma forma horrível, de fazer os pelos se eriçarem.

— Sinto seu cheiro. Vamos, seja um bom menino e abra a porta. Podemos brincar. Serei bonzinho, prometo.

Parei de abraçar os joelhos e apertei as mãos sobre minhas orelhas.

Não sei dizer por quanto tempo fiquei encolhido naquele corredor miserável, enquanto a voz desencarnada sussurrava e implorava para eu abrir a porta. Eu estava desconfortável, inconsolável, assombrado pelas memórias do zumbido enlouquecedor, pelo bater das moscas na vidraça e pelo choro desesperado de Hezekiah Varner: "As botas, não. Por favor, as botas, não!". O tempo passa de forma diferente em lugares como o Sanatório de Motley Hill. Tal como na expedição infeliz do Feronia, uma hora parecia mais longa do que um dia, e as noites, mais longas que um ano. Como ter a tranqüilidade de que o dia vem após a noite num lugar como esse, em que a rotina tediosa é um purgatório de horas idênticas? Que sentido tem uma hora quando ela é indistinguível das demais? Um novo dia nasce, outra estação chega e se vai, até que vinte e três anos rumam para o esquecimento. Ah, Hezekiah, não é surpresa que se lembre da sua última viagem como se fosse ontem que tivesse se atirado nas profundezas daquele mar desgraçado! Os anos que se passaram foram sugados por esses corredores infernais como a luz por um buraco negro, enquanto você inutilmente cambaleava à beira dos acontecimentos, nos quais o tempo é medido pelo bater da asa de uma mosca no ar parado.

Como me senti tolo naquele momento por haver criticado o doutor por tirar a vida de Erasmus Gray. "Jamais se disse nada mais absurdo ou traiçoeiro do que enquanto há vida há esperança", argumentara ele, e que outra prova eu precisava além de Hezekiah Varner, capitão do condenado Feronia? Vida ele tinha, mas esperança? Seu destino não era diferente do da virgem inocente atirada no poço de sacrifícios do obá — não, era pior, pois aquela fome selvagem durava poucos segundos, enquanto a das larvas durava semanas. Poderia haver algum destino mais terrivelmente sem esperança do que esse? Ser devorado estando consciente de sua própria consumação? Sem dúvida Erasmus teria implorado tal como Varner: "Me mate", e, sem dúvida, como o doutor dissera, teria lhe agradecido se pudesse.

Foi, portanto, uma surpresa quando o doutor abriu a porta — sua imensa sombra projetada ao longo do assoalho e da parede em frente pela luz do lampião —, abaixou-se ao meu lado para assumir uma pose bastante similar de cansaço extremo, apertou os punhos contra os olhos rodeados de olheiras e disse:

— Não consigo, Will Henry,

Riu sem vontade e acrescentou:

— Não sei o que é, vitória ou derrota da vontade. Talvez ambos. Vê por que prefiro a ciência à moral, Will Henry? O que é é. O que pode ser apenas pode ser. Eles o deixaram deitado imóvel na cama até seu próprio peso produzir as feridas inflamadas onde as moscas puseram seus ovos, e agora a infecção se alastrou até os ossos. Ele está condenado, Will Henry; não existe esperança de recuperação.

— Então por que o senhor não consegue...? — sussurrei.

— Porque não confio em minhas próprias justificativas. Não sei quais mãos segurariam o travesseiro: se as dele... ou as minhas.

Ele se levantou, sacudiu a cabeça num tom de lamúria e me convidou a me erguer também.

— Venha, Will Henry. Temos mais um negócio a tratar aqui: prestação de contas e recompensa. "Por que essas moscas?", de fato! As larvas que se alimentam do corpo de Varner; os vermes da dúvida e da culpa que se alimentaram da alma do meu pai. Existem

monstros como os *Anthropophagi* e existem monstros de uma natureza mais banal. O que é continua sendo, Will Henry, e sempre será!

Ele andou pelo corredor sem olhar para trás. Apressei-me atrás dele, aliviado por nossa estadia estar quase chegando ao fim. Seguimos pelo longo corredor, onde mesmo àquela hora tardia soavam os gritos e os chamados, os arranhões e os berros dos "hóspedes" confinados da casa. Depois descemos as escadas rangentes até o saguão do primeiro andar, onde a sra. Bratton aguardava, com uma mancha de pó branco sobre o nariz curvo de bruxa. Vestira tanto um avental quanto um sorriso doloroso e artificial.

— Seu assunto com o paciente chegou ao fim, então, doutor?
— perguntou.

— Não chegou — cortou Warthrop. — Mas o capitão, quase. Onde está Starr?

— O dr. Starr se retirou para dormir — respondeu ela com rispidez, claramente ofendida com o tom dele. — É bem tarde.

O monstrologista soltou uma risada amarga.

— Sem dúvida, minha boa mulher! O que vocês têm aqui para dor?

Ela franziu a testa de uma maneira bem mais natural do que o seu sorriso.

— Para dor, doutor?

— Láudano... ou morfina, se houver.

Ela balançou a cabeça.

— Temos aspirina. Se o paciente estiver extremamente incomodado, o doutor permite dar um ou dois goles de uísque.

— Nenhum dos dois vai adiantar muito nesse caso — declarou Warthrop.

— Ele está se sentindo mal? — perguntou ela com o rosto perfeitamente impassível. — Comigo não reclamou.

— Não viverá para ver um novo dia — respondeu o doutor, visivelmente irritado. Teve de usar cada grama de seu autocontrole para não a agarrar pelo pescoço esquelético e a estrangular. — Vá pegar o uísque.

— Não posso fazer isso sem o consentimento do doutor — protestou. — E ele deixou instruções estritas para não ser perturbado.

— Tem a minha permissão para "perturbá-lo", sra. Bratton — rosnou Warthrop. — Senão quem fará isso em seu lugar é a polícia.

Ele deu meia-volta e marchou em direção às escadas. Meu coração afundou. Pensei que nossa estadia, como a noite, jamais teria fim. Ao passarmos pela saleta, Warthrop me pediu que pegasse a cadeira de balanço perto da lareira. Segui-o escada acima, levando a cadeira.

— O uísque, sra. Bratton! — gritou por cima dos ombros. — E um frasco de aspirinas!

Voltamos ao quarto de Varner. Warthrop o cobrira novamente, mas o cheiro de podridão humana continuava no ar. Coloquei a cadeira ao lado da cama, Warthrop se sentou, e a vigília começou. A sra. Bratton chegou com o uísque e as aspirinas e recusou-se a entrar, lançando olhares funestos para Warthrop quando peguei a bandeja de suas mãos.

Com uma casualidade bizarra nessa circunstância dolorosa, perguntou:

— Acabei de assar uma fornada de muffins de cranberry. O senhor ou o garoto gostariam de um, doutor?

— Não, obrigado — respondeu o doutor. Engoliu a seco. — Não tenho fome.

— Como quiser — disse ela maliciosamente, — Precisa de mais alguma coisa, doutor?

Ele a ignorou. Ela olhou para mim. Desviei o olhar. Ela se foi.

— Feche a porta, Will Henry — ele disse com suavidade. Ergueu a cabeça de Varner e escorregou quatro aspirinas para dentro de sua boca semi-aberta. Apertou a boca da garrafa contra seus lábios descoloridos. — Beba, Hezekiah. Beba.

Durante a hora seguinte, o capitão entrou e saiu de um estado de consciência, murmurando incoerentemente, quer estivesse acordado, quer, desmaiado, sempre grunhindo e suspirando, resmungando e gemendo, e mexendo os olhos, mesmo quando fechados. O dr. Starr não deu sinal de vida.

— Temos um labirinto nessa questão, Will Henry — disse Warthrop enquanto afagava a testa de Varner. — Para cada mistério que resolvemos, dois outros surgem no lugar. Agora sabemos que apenas duas das criaturas foram trazidas para nosso litoral. Com uma média de índice de natalidade de duas crias por ano e levando em conta perdas devido a acidentes e doenças (e um ou outro macho morto na época do acasalamento), parece que os dois monstros sobreviveram ao enca- lhamento do Feronia e que o bando que encontramos é a prole exclusiva desse casal original. De trinta a trinta e cinco indivíduos, e... não mais que isso. — Suspirou. — Mas por quê? Por que meu pai queria mais do que um *Anthropophagus*? Se desejava estudar a espécie, seja na vida selvagem, seja no cativeiro de Benim, por que não foi em pessoa até a África? Minha mãe estava morta; eu estava estudando em Londres; nada o prendia em Nova Jerusalém. No passado ele não demonstrava nenhuma hesitação em ir aonde quer que fosse e era alguém acostumado a expedições arriscadas. Ele desejava espécimes vivos aqui e pagou o resgate de um rei por isso. Por quê?

Afagou a testa do velho distraidamente, como se aqueles cuidados pudessem lhe trazer a resposta.

— Por quê?

Nem o moribundo, nem eu podíamos oferecer uma explicação plausível; ele estava inconsciente, e eu havia atingido o auge de minha capacidade de vigília. Sentei-me no chão com as costas encostadas na parede, incapaz de conter os bocejos ou de manter as pálpebras pesadas abertas. O doutor nadava para dentro e para fora de foco, e o som de sua voz recuava para as sombras cada vez maiores daquele quatinho. O zumbido das moscas, a respiração entrecortada do capitão, o ranger rítmico da cadeira de balanço e até mesmo a sinfonia abafada dos aflitos no corredor lá fora, tudo se misturou em meus ouvidos e virou uma canção de ninar. Adormeci no despertar da aurora, mas o doutor, não. Sentado com as costas encurvadas, ele aguentou o fardo que seu pai lhe legara. Não descansou, manteve vigília. Embora seu corpo estivesse imóvel, sua mente trabalhava furiosamente.

Acordei com o pescoço duro e uma dor de cabeça terrível. A vidraça imunda filtrava um sol matinal merecido, cuja luz se agitava como ondas contra um quebra-mar de pó e sujeira. Na escuridão eu conseguia distinguir o doutor, ainda sentado na pequena cadeira de balanço, completamente alerta. Com o queixo apoiado em uma das mãos, observava com olhos vermelhos a forma imóvel à sua frente. Entre a vigília e o sono, Warthrop havia puxado as cobertas para cima da cabeça do capitão.

Hezekiah Varner já não estava mais entre nós.

Levantei-me com as pernas bambas, usando a parede atrás de mim como apoio. O doutor não olhou em minha direção, mas suspirou em voz alta e esfregou o rosto. Ouvi a palma de sua mão coçando o queixo com a barba crescida.

— Acabou, Will Henry — disse.

Arrisquei de leve:

— Lamento muito, doutor.

— Lamenta? Sim, eu também lamento. Tudo isso — e apontou em direção à cama — é extremamente lamentável, Will Henry.

Ele se colocou de pé e se desequilibrou um instante sobre pernas que não pareciam mais firmes do que as minhas. Segui-o para fora do quarto. Juntos andamos sonolentos pelo longo corredor, cheio como sempre dos chamados e dos gritos dos atormentados. A sra. Brattton nos aguardava ao pé da escada. Dirigiu-se ao doutor de forma impassível.

— E como está o capitão esta manhã, dr. Warthrop? — perguntou.

— Morto — retrucou Warthrop. — Onde está Starr?

— O dr. Starr teve de se ausentar devido a questões urgentes.

O monstrologista a encarou por um longo instante, depois riu com desdém.

— Sem dúvida que sim! — exclamou. — E a senhora ficará bastante ocupada durante sua ausência, tenho certeza. Haverá muito o que fazer depois que eu notificar a polícia estadual, não é mesmo, sra. Bratton?

Ela respondeu com dureza:

— Não tenho idéia do que quer dizer, dr. Warthrop.

— Infelizmente bem pode ser verdade — admitiu friamente o doutor. — E se for, é ainda mais terrível! Encarar sua negligência vergonhosa como algo pertinente é algo mais do que deplorável: é desumano. Pode dizer a seu patrão que o que tenho de resolver aqui ainda não está acabado. Não está, mas Motley Hill, sim. Vou me esforçar para que ele seja punido pelo homicídio de Hezekiah Varner.

Ele deu um passo na direção dela, que estremeceu, encolhendo-se diante daquela expressão feroz de indignação do doutor.

— E rezo — como ele não deve rezar — para que a polícia não reserve nem a ele, nem a você a mesma misericórdia que demonstraram a essas pobres almas colocadas sob seus cuidados.

Ele passou pela forma encolhida dela sem esperar resposta. Escancarou a porta pesada da frente com tanta força que ela bateu na parede, fazendo um barulho estremeecedor. A meio caminho do gramado alto, o doutor puxou as rédeas e virou-se na sela para olhar o casarão velho, com sua tinta descascada e o teto caindo aos pedaços, que brilhava ao sol da manhã.

— Embora o próprio Varner talvez dissesse que foi isso o que se passou com sua vida, o mesmo não pode ser dito de sua morte, Will Henry. Sua morte não terá sido em vão — meditou. — Haverá justiça para Hezekiah Varner e para todos os que sofrem dentro dessas paredes amaldiçoadas. Eu garanto. Por Deus, eu garanto!

FÓLIO II
Resídua

SETE

"Você Falhou Comigo"

Eu não sabia o que esperar da nossa volta ao número 425 da Harrington Lane, exceto algo para meu estômago vazio e um travesseiro para minha cabeça exausta. Como eu havia postado aquelas breves intimações pelo correio expresso no dia anterior, suspeitei que o doutor iria aguardar a chegada de John Kearns antes de investir contra os *Anthropophagi*. Mas não ousei perguntar-lhe, pois logo ele caiu num dos seus estados de ânimo taciturnos e ficava cada vez mais reservado a cada quilômetro que percorríamos.

Deixou-me cuidando dos cavalos e sumiu para dentro de casa. Depois de lhes dar água e comida, de limpar de seu pelo o pó dos muitos quilômetros e de fazer uma breve visita à velha Bess, arrastei-me para dentro de casa com uma pitada de esperança de que a mesa talvez estivesse posta com algo "comível". Esperança vã. A porta do porão estava aberta, as luzes lá embaixo ardiam com vigor, e, subindo pela escadaria estreita, ouvi o clamor de gavetas se fechando e objetos pesados, sendo arrastados ou atirados pelo chão de pedra. Após alguns minutos, o doutor subiu as escadas pulando os degraus, ofegante, com o rosto corado. Ignorando-me, foi direto para o corredor e entrou no gabinete, onde começou outro tumulto de bater gavetas. Quando fui espiar pela porta, ele estava sentado à mesa, vasculhando uma delas.

— Deve haver algo — murmurou para si mesmo. — Uma carta, uma conta de frete, um contrato de serviço, alguma coisa...

Dei um pulo quando ele bateu a gaveta para fechá-la. Olhou-me com uma expressão assustada, como se eu, sua única companhia na vida, fosse a última pessoa que ele esperasse ver,

— O que foi? — pressionou. — Por que está vagando por aqui assim, Will Henry?

— Eu ia perguntar...

— Sim, sim. Então pergunte. Pergunte.

— Sim, senhor. Eu ia perguntar se o senhor não gostaria que eu desse um pulo ao mercado.

— Ao mercado? Para que, Will Henry?

— Para comprar algo para comer, senhor, Não temos nada em casa, e o senhor não come desde...

— Pelo amor de Deus, menino, é só nisso que você pensa?

— Não, senhor.

— No que mais, então?

— No que mais, senhor?

— Sim, que mais. Além de comida, no que mais você pensa?

— Bem, eu... eu penso em muitas coisas, senhor.

— Sim, mas que coisas? Foi isso o que perguntei.

Olhou-me furiosamente, os dedos finos batucando no tampo polido da mesa.

— Você sabe o que é gula, Will Henry.

— Sim, senhor. E fome também, senhor.

Ele lutou para não sorrir. Pelo menos foi o que eu disse a mim mesmo; ele pode muito bem ter lutado contra a vontade de atirar o objeto pesado mais próximo na minha cabeça.

— E então? — perguntou.

— Senhor? — perguntei.

— O que mais ocupa seus pensamentos?

— Tento... entender, senhor.

— Entender o quê?

— O que devo... o propósito de... das coisas que está tentando me ensinar, senhor... mas basicamente, para ser sincero, senhor, pois mentir é o pior tipo de tolice, tento não pensar em mais coisas do que as coisas em que tento pensar, se é que isso faz sentido, senhor.

— Não muito, Will Henry — concordou o doutor —, não muito. Mostrando indiferença, acrescentou: — Sabe onde guardamos o dinheiro. Vá ao mercado se desejar, mas direto para lá e direto para cá, Will Henry. Não fale com ninguém, e, se alguém falar com você, tudo está bem; diga que estou ocupado com meu mais recente tratado ou dê a desculpa que lhe parecer mais razoável, contanto

que não diga a verdade. Lembre-se, Will Henry, certas mentiras nascem da necessidade, não da tolice.

Bem mais aliviado, deixei-o às voltas com sua inspeção. Estava feliz por ter essa breve trégua (não era algo fácil, sendo aprendiz de um monstrologista com o temperamento do doutor) e duplamente grato pelas banalidades para as quais a maioria dos leigos não dá valor e até mesmo deplora devido à visão curta. As tarefas domésticas simples que preenchiam meus dias amenizavam os assuntos obscuros das noites, cheios de visitas inesperadas e pacotes misteriosos, incursões à meia-noite no laboratório e peregrinações a regiões do mundo remotas e esquecidas cujos habitantes, ainda não completamente civilizados, se esqueciam de temer o que poderia estar à espreita na escuridão. Os trabalhos penosos do cotidiano não eram assim encarados por mim: depois de catalogar os órgãos internos de uma criatura vinda de um pesadelo, lavar talheres era algo banal.

De tão alegre, eu praticamente subi saltando as escadas para me lavar. Troquei a camisa, que cheirava de leve ao quarto do capitão Varner, uma mistura peculiar e distinta de água sanitária e decomposição. Mas um pequeno item estava faltando, e, antes de sair, fui ter com o doutor. Encontrei-o na biblioteca, puxando livros a esmo das estantes, folheando as páginas antes de atirá-los em uma bagunça no chão.

— Voltou, então? Ótimo, preciso de sua ajuda — disse. — Comece pela ponta daquela prateleira ali.

— Na verdade, senhor, ainda nem saí.

— Peço licença para discordar, Will Henry. Já faz tempo que você saiu.

— Foi apenas para me lavar, senhor.

— Por quê? Você estava sujo? — Não esperou pela resposta. — Então decidiu que não está com fome, afinal?

— Não, senhor.

— Você não está com fome?

— Estou com fome, senhor.

— Contudo, acabou de me dizer que não.

— Senhor?

— Perguntei se havia decidido que não estava com fome, e você respondeu: "Não, senhor". É assim que eu lembro, pelo menos.

— Não, senhor. Quer dizer, sim, senhor. Quer dizer... Eu estava pensando... Isto é, estava querendo lhe perguntar se o senhor encontrou meu chapéu.

Ele me olhou sem entender, como se eu estivesse falando uma língua exótica.

— Chapéu?

— Sim, senhor. Meu chapéu. Eu o perdi no cemitério.

— Não sabia que você tinha um chapéu.

— Sim, senhor. Eu o usei no cemitério aquela noite, e ele deve ter caído quando eles... quando saímos, senhor. Eu estava pensando se o senhor talvez o tivesse encontrado quando voltou... para arrumar tudo por lá.

— Não vi nenhum chapéu, a não ser aquele que lhe dei para destruir. Quando foi que você adquiriu um chapéu, Will Henry?

— Era meu quando cheguei, senhor,

— Quando você chegou... aonde?

— Aqui, senhor. Para morar aqui. Era meu chapéu, senhor. Meu pai que me deu.

— Entendo. O chapéu era dele?

— Não, senhor. Era meu chapéu.

— Oh, achei que talvez ele tivesse algum valor sentimental.

— Tinha, senhor. Quer dizer, tem.

— Por quê? O que tem de tão especial nesse chapéu, Will Henry?

— Meu pai o deu para mim — contei.

— Seu pai. Will Henry, posso lhe dar um conselho?

— Sim, senhor. É claro, senhor.

— Não se apegue tanto a coisas materiais.

— Não, senhor.

— É claro que esse conselho não é válido para mim. Mesmo assim, é muito mais valioso do que qualquer chapéu. Pergunta respondida, Will Henry?

— Sim, senhor. Imagino que ele esteja perdido de verdade.

— Nada nunca está perdido de verdade, Will Henry. A menos que estejamos falando das evidências que meu pai deve ter deixado para trás em relação a esse negócio profano. Ou o motivo pelo qual você está aí parado de forma inútil enquanto eu procuro por elas.

— Senhor? — Agora eu estava completamente confuso.

— Ou você vai para o mercado ou vem me ajudar, Will Henry! Rápido! Não sei como você consegue me arrastar para essas digressões filosóficas.

— Só queria saber se o senhor tinha encontrado meu chapéu — argumentei.

— Bem, não encontrei.

— Era só o que eu queria saber.

— Se está em busca de minha permissão para comprar um novo, vá para uma loja, Will Henry, desde que faça isso ainda hoje.

— Não quero um chapéu novo, senhor. Quero meu chapéu antigo.

Ele suspirou. Fugi antes que ele pudesse pensar em uma resposta. Aquilo me parecera uma questão muito simples. Ou ele tinha encontrado meu chapéu no cemitério, ou não. Um simples "Não, não encontrei seu chapeuzinho, Will Henry" teria bastado. Não me sentia totalmente responsável pela nossa conversa maluca. Havia momentos em que o doutor, apesar de ter nascido nos Estados Unidos e se educado na Inglaterra, parecia confuso com as regras de um diálogo normal.

Cheguei ao centro da cidade sem chapéu, mas feliz. Pelo menos por alguns minutos preciosos eu estava livre de todas as coisas monstrológicas. Os dois últimos dias haviam sido particularmente desafiadores. Será que só haviam se passado dois dias desde que o ladrão de túmulos aparecera à nossa porta com sua carga medonha? Pareciam duas vezes vinte. Correndo pelas ruas com calçamento de pedra do centro agitado de Nova Jerusalém, respirando fundo o ar fresco e limpo do início da primavera, pensei, por um breve momento, como já havia pensado mais de uma vez desde que fora morar com ele (e como qualquer outra pessoa em minha posição poderia pensar), em fugir.

O doutor não tinha colocado grades nas janelas. Não me prendia em minha pequena alcova à noite como um pássaro engaiolado, nem me amarrava a um poste durante o dia. De fato, quando não precisava de meus serviços "indispensáveis", ele mal notava a minha presença. Se fugisse enquanto ele se consumia com o mal-estar de um de seus feitiços deprimentes, um mês poderia se passar sem que ele notasse minha ausência. Como o escravo aflito que trabalha nos campos de algodão, eu não me preocupava com aonde ir, nem como chegar, nem o que faria quando chegasse. Essas preocupações pareciam meras trivialidades. A questão principal da liberdade é, afinal de contas, a própria liberdade.

Muitas vezes, ao longo dos anos, me perguntei por que jamais fugi. O que me prendia a ele, além da inércia a que todos os seres humanos são suscetíveis? Não era ligado a ele pelo sangue. Nem por juramento. Nem pela lei. E, contudo, sempre que o pensamento de fugir agitava minha consciência, desaparecia de modo tão efêmero quanto uma alucinação, uma faísca, um brilho ilusório nos pântanos de minha psique. Abandoná-lo não era algo impensável (confesso que pensava nisso com frequência), mas estar longe dele, sim. Seria o medo que me mantinha ao lado dele? Medo do desconhecido, medo de ficar ao leu e sozinho, medo de encontrar um destino muito mais amedrontador do que servir a um monstrologista? Será que um "conhecido" desagradável é melhor do que um "desconhecido" imprevisível?

Em parte talvez fosse isso; em parte talvez fosse medo — mas não totalmente. Durante os primeiros onze anos de minha vida, eu havia presenciado a estima — não, a veneração mais profunda e completa — que meu amado pai lhe dedicava. Muito antes de eu conhecer Pellinore Warthrop pessoalmente, eu o havia encontrado inúmeras vezes em minha cabeça: um gênio elevado a quem minha família tudo devia, um ser enorme sob cuja sombra vivíamos. "O dr. Warthrop é um grande homem envolvido em um grande negócio, e jamais virarei as costas para ele..." Não é exagero dizer que meu pai o adorava com uma devoção que beirava a idolatria, assim como não é exagero afirmar que esse mesmo amor o levaria a cometer o

sacrifício final: meu pai morreu por Pellinore Warthrop. Seu amor pelo doutor custou-lhe a vida.

Talvez, então, tenha sido o amor que me fez ficar. Não o amor pelo doutor, é claro, mas o amor pelo meu pai. Ficando, eu honrava sua memória. Abandoná-lo seria invalidar sua crença mais elevada, a única coisa que tornara servir ao monstrologista (e o preço terrível desse serviço) algo suportável: a idéia de que Warthrop estava envolvido em "um grande negócio" e que ser seu assistente significava também fazer parte dessa grandeza; que, realmente, sem mim, esse "negócio" talvez nem tivesse chegado perto de tal nível. Fugir teria sido o reconhecimento tácito de que meu pai havia morrido em vão.

— Ora, ora, abençoado seja, olhe quem está aqui! — gritou Flanagan, correndo até a porta depois do soar do sino. — Patroa, venha ver o que os ventos nos trouxeram!

— Estou ocupada, sr. Flanagan! — resmungou a esposa lá dos fundos. — Quem é?

O vendedor com o rosto corado cor de maçã, que fornecia, entre outras frutas e legumes, maçãs, pôs as mãos sobre meus ombros e mirou com olhos verdes brilhantes meu rosto voltado para cima. Cheirava a canela e baunilha.

— O pequeno Will Henry! — gritou por cima dos ombros. — Santa Virgem Maria, acho que não o vejo há um mês — disse para mim, com suas feições de querubim radiantes de prazer. — Como tem andado, filho?

— Quem? — berrou a sra. Flanagan dos fundos.

Flanagan piscou para mim e se virou para gritar:

— O mestre do número 425 da Harrington Lane!

— Harrington Lane! — berrou ela de volta e no mesmo instante apareceu à porta, trazendo em uma das mãos enormes uma pesada faca de trinchar. A sra. Flanagan era facilmente duas vezes maior que o marido e três vezes mais barulhenta. Quando falava, até as vidraças sacudiam nas molduras das janelas.

— Ah, sr. Flanagan! — retumbou ao me ver. — É apenas Will Henry.

— Apenas Will Henry, Veja lá o que diz, patroa — ele sorriu para mim. — Não dê ouvidos a ela.

— Não, senhor — respondi de pronto. Pensando que isso poderia ofender sua parceira amazona de faca na mão, rapidamente acrescentei: — Olá, sra. Flanagan. Como vai a senhora?

— Estaria muito melhor sem essas interrupções a todo momento — rugiu. — Meu marido acha que não tenho nada melhor para fazer do que suportar suas brincadeiras bobas e suas charadas ridículas o dia inteiro. Bem que a santa da mãe dele falava para eu não me casar!

— Ela está de mau humor — sussurrou o quitandeiro.

— Estou sempre de mau humor! — gritou ela de volta.

— Está assim desde a grande fome causada pela praga da batata em 1848 — sussurrou Flanagan.

— Eu ouvi isso!

— Quarenta anos, Will Henry. Quarenta anos — disse ele com um suspiro teatral. — Mas eu a amo. Amo você, patroa! — gritou.

— Ah, pare com isso. Posso ouvir cada palavra que você diz, sabia? Will Henry, você emagreceu, não foi? Seja sincero, vamos.

— Não, sra. Flanagan — respondi. — Só cresci um pouco.

— Foi isso, patroa — interveio Flanagan. — Ele não perdeu peso, só o redistribuiu, não é? Isso mesmo!

— Ah, besteira! — reagiu ela. — Esses olhos aqui ainda não estão tão ruins! Olhe só para ele, sr. Flanagan. Olhe estas bochechas fundas e esta testa saliente. Veja, os pulsos estão da largura do pescoço de uma galinha! Falando em fome... tem muita naquela casa horrível da Harrington Lane.

— Mais do que fome, se as histórias que ouço são verdadeiras — arriscou Flanagan, erguendo uma sobrancelha. — Não é, Will Henry? Conhece as histórias que ouço: gente misteriosa que entra e sai, pacotes entregues no breu, visitantes à meia-noite e os longos e repentinos sumiços de seu patrão... conhece, não conhece?

— O doutor não discute o trabalho dele comigo — respondi, lembrando o conselho dele: "Algumas mentiras nascem da necessidade, não da tolice",

— O doutor, pois sim. Mas do que exatamente ele é doutor? — grunhiu a sra, Flanagan, estranhamente ressoando como Erasmus Gray,

E eu atirei a mesma resposta fraca:

— De filosofia, senhora,

— Ele é um grande pensador — o sr. Flanagan assentiu com gravidade. — E Deus sabe que precisamos de todos que pudermos!

— Ele é um homem esquisito com hábitos mais esquisitos ainda — retrucou ela, sacudindo a faca. — Assim como foi seu pai e o pai do seu pai. Todos os Warthrops eram esquisitos.

— Eu gostava do pai dele — discordou o marido. — Era bem mais... ahn, qual é mesmo a palavra? ... pessoal do que Pellinore. Muito simpático, embora de um jeito grandioso. Reservado, com certeza, e um pouco... er, como é mesmo? ... arredoio, mas não de forma altiva ou arrogante. Um homem de cultura e classe. De boa estirpe, eu poderia dizer.

— Sim, meu marido, você poderia dizer o que quiser, e geralmente diz, mas Alistair Warthrop não era diferente de nenhum dos outros Warthrops, Mesquinho, metido e antipático é o que ele era, amigo de ninguém a não ser das visitas desagradáveis que sempre iam assombrar sua porta.

— Fofocas, patroa — insistiu Flanagan. — Fofocas e rumores que não têm fundamento algum.

— Ele era um simpatizante. Isso não é fofoca.

— Não dê ouvidos a ela, Will — advertiu Flanagan. — Ela adora continuar esse assunto.

— Eu ouvi isso! Meus ouvidos funcionam tão bem quanto meus olhos, sr. Flanagan.

— Não me importo se você ouviu ou não! — gritou ele de volta.

Nervoso diante daquela discussão doméstica, apanhei uma maçã na cesta ao meu lado. Talvez, se escolhesse logo minhas compras, a briga se dissipasse, pois eles teriam de me atender.

— Eles vieram perguntar dele — revelou a mulher, cujo rosto largo começava a ficar tão vermelho quanto a maçã Red Delicious na minha mão. — Você se lembra tão bem quanto eu, sr. Flanagan.

Flanagan não respondeu. O brilho em seus olhos irlandeses alegres havia sumido. Os lábios estavam dolorosamente apertados.

— Quem veio perguntar dele? — soltei, incapaz de me conter.

— Ninguém — grunhi Flanagan. — A patroa está...

— Os Pinkertons, eles que vieram!

— ... fazendo tempestade em copo d'agua — finalizou Flanagan com um grito.

— Quem são os Pinkertons? — perguntei.

— Detetives! — respondeu ela. — Um bando inteiro.

— Eram só dois — disse Flanagan.

— Vieram lá de Washington — continuou ela, ignorando-o. —

Na primavera de 61.

— Primavera de 62 — corrigiu o marido.

— Com ordens do Departamento de Guerra, do secretário Stanton em pessoa!

— Não, não foi Stanton, não.

— Com toda certeza foi Stanton!

— Então não pode ter sido na primavera de 61, patroa — disse Flanagan. — Stanton só se tornou secretário em janeiro de 62.

— Não me diga, sr. Flanagan. Eu vi as ordens com meus próprios olhos.

— Por que funcionários disfarçados do governo iriam mostrar suas ordens a você, a esposa de um quitandeiro?

— O que eles queriam? — perguntei.

O ano (ou anos) em questão quase coincidia com a missão para o Benim. Seria mera coincidência a proximidade dos dois eventos: a visita dos detetives em nome da União e a viagem do Feronia apenas dois anos depois? Será que o governo de alguma maneira tinha ficado sabendo do plano do velho Warthrop de trazer os *Anthropophagi* para os Estados Unidos? Meu coração disparou, pois parecia que esse encontro dado por um feliz acaso talvez fornecesse a chave para decifrar a charada que atormentava o doutor, a resposta ao angustiante "Por quê?" à cama do capitão moribundo. O que ele pensaria se eu voltasse com a resposta a esse enigma, depois de me dizer que eu tinha pouca coisa entre minhas duas orelhas; que eu era, em essência, uma criança boba e estúpida

que não conseguia responder a uma pergunta simples sem ficar confuso e gaguejando? A minha reputação cresceria ante seus olhos! Eu poderia provar-me realmente "indispensável",

— Queriam saber se ele era um verdadeiro homem da União, coisa que ele era, sempre foi — replicou Flanagan antes que sua esposa agitada pudesse fazê-lo. — E na verdade não era bem sobre ele que estavam perguntando, se é que você se lembra, patroa. Era sobre aqueles dois cavalheiros canadenses... não consigo lembrar o nome deles agora, pois já faz quase vinte e seis anos.

— Slidell e Mason — cortou ela. — E não eram canadenses, não, senhor. Eram espiões rebeldes, isso é o que eles eram.

— Os tais dos Pinkertons nunca disseram isso — emendou ele me lançando uma piscadela.

— Os dois foram vistos naquela casa — disse a esposa. — Aquela casa na Harrington Lane. Mais de uma vez.

— Isso não prova nada contra Warthrop — argumentou ele.

— Prova que ele estava envolvido com agitadores e traidores — berrou ela de volta. — Prova que era um simpatizante.

— Bom, você pode achar isso, patroa, e dizer, como está dizendo, como todo mundo disse naquela época, mas isso não é necessariamente verdade. Os Pinkertons saíram da cidade, e o dr. Warthrop ficou, não foi? Se tivessem prova de alguma coisa, eles o teriam levado embora, certo? Agora, você fica aí falando desse homem — desse bom homem que nunca fez mal a ninguém, que eu saiba —, mas é só isso. Só faladeira. Não é certo, patroa, falar mal dos mortos.

— Ele era um rebelde simpatizante! — insistiu ela. Meus ouvidos tinham começado a zumbir com seus gritos. — Ficou diferente depois da guerra, e você sabe, sr. Flanagan. Ficava enfurnado naquela casa às vezes durante semanas e, quando saía, perambulava atordoado pela cidade como se tivesse perdido seu melhor amigo. Nunca pronunciou nada parecido com um "Bom-dia", nem mesmo quando a gente cruzava com ele na rua. Parecia abobalhado, como um homem de coração partido.

— Pode ser, esposa — concedeu Flanagan com um suspiro profundo, — Mas não se pode dizer que foi por causa da guerra. O

coração de um homem é um negócio complicado, um pouco menos do que o de uma mulher, admito, mas ainda assim complicado. Talvez alguma coisa o tenha partido, como você diz, mas não se pode afirmar o quê.

Eu também não poderia afirmar com certeza, mas pensei numa idéia: no fim da guerra, as mãos de Alistair Warthrop estavam manchadas de sangue. Não do sangue espirrado no campo de batalha, mas do sangue despejado aos litros a bordo do Feronia — e do sangue de todas as futuras vítimas dos monstros que ele se esforçara tão incansavelmente em trazer à nossa terra, todas as vítimas sacrificadas no altar de sua "filosofia".

Encontrei o doutor no gabinete, sentado em sua poltrona preferida perto da janela. As cortinas estavam fechadas, e o aposento, bastante escuro; mal o vi quando olhei para dentro. Eu o havia procurado primeiro no porão, onde só me deparei com caixas reviradas e arquivos atirados em cima da mesa. Depois chequei a biblioteca, que encontrei em estado semelhante de desarrumação — livros atirados das estantes, jornais e periódicos velhos espalhados pelo assoalho. O gabinete não estava muito melhor do que a biblioteca: o conteúdo de quase todas as gavetas e armários estava jogado em pilhas sobre todas as superfícies disponíveis. A casa inteira parecia ter sido revirada por bandidos.

— Will Henry — disse. Parecia exausto. — Espero que tenha se saído melhor em sua missão do que eu na minha.

— Sim, senhor — respondi, sem fôlego. — Era para eu ter voltado antes, mas, quando vi que tinha me esquecido de passar na padaria, e como sei o quanto gosta dos biscoitos de framboesa, voltei. Consegui os últimos.

— Biscoitos?

— Sim, senhor. E passei no açougue também e no sr. Flanagan. Ele manda lembranças, senhor.

— Por que está ofegando assim? Está doente?

— Não, senhor. Vim correndo para casa.

— Correndo? Por quê? Estava sendo perseguido?

— Foi uma coisa que a sra, Flanagan disse.

Eu estava à beira de soltar o que era. Sua melancolia logo desapareceria com minha inteligência, eu tinha certeza.

Ele grunhiu.

— Algo sobre mim, sem dúvida. Você não devia conversar com aquela mulher, Will Henry. Falar com mulheres em geral é perigoso, mas com aquela é ainda mais arriscado,

— Não foi sobre o senhor, pelo menos não a parte mais importante. Foi sobre seu pai.

— Meu pai?

Contei-lhe tudo sem respirar: de Slidell e Mason e as perguntas dos detetives Pinkerton pela cidade (confirmadas por Noonan, o açougueiro, e Tanner, o padeiro), da crença generalizada de que o pai dele havia sido um simpatizante dos confederados, da má reação de seu pai à derrota do Sul e de como tudo aquilo coincidira com a expedição do Feronia. O doutor me interrompeu apenas uma vez, para me fazer repetir os nomes dos homens com quem o pai dele fora acusado de ter alguma ligação; de resto ouviu tudo sem esboçar reação, estudando-me impassivelmente com as mãos cruzadas. Depois da conclusão da história, segurei a respiração para esperar algum comentário; com certeza ele pularia da poltrona, me abraçaria e me abençoaria por haver desatado esse nó cego.

Em vez disso, para meu grande desgosto, sacudiu a cabeça e disse suavemente:

— É só? Foi por isso que correu até aqui? Para me contar isso?

— O senhor já sabia?

Eu estava arrasado.

— Meu pai era culpado de muitas coisas — disse —, mas traição não era uma delas. É possível que tenha se encontrado com esses homens e também que a missão deles fosse imprópria. Talvez eles tivessem algum propósito ilícito em mente (a profissão peculiar de meu pai não era desconhecida em certos círculos), mas qualquer esquema proposto por eles teria sido rejeitado de antemão.

— Mas como o senhor pode saber disso? O senhor não morava aqui.

Ele franziu a testa.

— Como você sabe onde eu morava?

Baixei a cabeça para evitar a intensidade de seu olhar.

— O senhor me disse que foi estudar fora durante a guerra.

— Não me lembro de ter lhe contado isso, Will Henry.

É claro, ele não tinha mesmo; eu deduzira pela carta que tinha violado da velha mala-armário. Porém, certas mentiras nascem da necessidade.

— Faz muito tempo — arrisquei, com voz fraca.

— Bem, deve fazer, pois não me lembro. De toda forma, o fato de os dois acontecimentos serem próximos não significa que um esteja relacionado ao outro, Will Henry.

— Mas talvez estejam — insisti. Estava decidido a impressioná-lo com a elegância de meu raciocínio. — Se fossem espiões dos confederados, seu pai não teria contado a ninguém, nem deixado nenhum registro do contrato com o capitão Varner. É por isso que o senhor não consegue encontrar nada! E isso explica por que ele queria trazer mais de uma dessas coisas para cá. O senhor disse que não podiam ter sido trazidas para estudo, então para que mais seria? Talvez nem fossem para o seu pai, no fim das contas, mas para eles, Slidell e Mason, Talvez eles quisessem os *Anthropophagi*, doutor!

— E por que iriam querer? — perguntou, vendo-me pular de um pé para o outro na minha agitação.

— Não sei — respondi. — Para criá-los, talvez. Para fazer um exército com eles! Pode imaginar as tropas da União contando com uma centena dessas coisas soltas entre seus homens na calada da noite?

— Os *Anthropophagi* só dão uma ou duas crias por ano — lembrou-me. — Levaria algum tempo para produzirem uma centena, Will Henry.

— Bastaram dois deles para aniquilar a tripulação inteira do Feronia.

— Um golpe de sorte... quer dizer, para os *Anthropophagi*, claro. Não teriam se saído tão bem contra um batalhão de soldados fortalecidos pela batalha. É uma teoria interessante, Will Henry, ainda que não sustentada por nenhum fato. Mesmo deduzindo que esses homens misteriosos tenham procurado meu pai para abastecer

a rebelião com criaturas para matar ou aterrorizar o inimigo, há meia dúzia de outros animais que meu pai poderia ter trazido para eles que não ofereciam o mesmo risco e despesa que um casal procriador de *Anthropophagi*. Está me acompanhando, Will Henry? Se fosse esse o objetivo deles, pelo que sei a respeito de meu pai, ele teria recusado. E, mesmo se ele tivesse aceitado, não teria escolhido essa espécie específica.

— Mas o senhor não pode ter certeza — protestei, sem querer abandonar o assunto. Desejava desesperadamente ter razão, não para provar que o doutor estava errado, mas para estar certo.

A reação dele foi imediata. Levantou-se de uma vez da poltrona, contorcido de fúria. Empalideci: nunca o tinha visto tão bravo. Achei que fosse levar um tapa na cara por aquela afronta.

— Como ousa falar assim comigo! — berrou. — Quem é você para questionar a integridade de meu pai? Quem é você para sujar o bom nome de minha família? Já não basta que a cidade inteira espalhe calúnias a meu respeito? Agora o meu próprio assistente, o garoto a quem demonstrei apenas bondade e pena, com quem compartilho minha casa e meu trabalho, por quem sacrifiquei meu direito sagrado à privacidade, se junta a eles em suas difamações? E, como se não fosse suficiente, o garoto que me deve tudo, até mesmo sua própria vida, desobedece à ordem — à única ordem — que lhe dei! O que foi, Will Henry? O que foi que eu lhe disse antes de você sair? Você se lembra ou estava tão distraído na sua gula por biscoitos que se esqueceu?

Balbuciei e gaguejei, dominado pela ferocidade daquele discurso. Imponente sobre minha figura acovardada, ele rugiu:

— O que foi que eu lhe disse?

— N-n-não fale com ninguém — choraminguei.

— E o que mais?

— Se alguém falar comigo, está tudo bem.

— E que impressão você acha que deixou neles, Will Henry, com todas essas perguntas sobre espiões confederados, detetives do governo e a casa dos Warthrops? Explique.

— Eu só estava tentando... só queria... não fui eu quem tocou no assunto, senhor, juro que não! Foram os Flanagans!

Ele esbravejou:

— Você falhou comigo, Will Henry — virou as costas para mim e andou pela sala, chutando as pilhas de escombros para o lado enquanto caminhava. — E pior: você me traiu — virou-se para me encarar, gritando no escuro: — E para quê? Para bancar o detetive amador, para satisfazer a sua própria curiosidade insaciável, para me humilhar participando das mesmas fofocas e punhaladas pelas costas que levaram o meu pai à reclusão e no fim o transformaram em um homem quebrado e amargurado. Você me colocou numa posição indefensável, senhor Henry, pois agora sei que sua lealdade só vai até os limites de seu egoísmo. E lealdade cega, total e inquestionável é a única qualidade indispensável que exijo de você. Ninguém pediu que eu o trouxesse para minha casa e dividisse com você meu trabalho. Nem mesmo a fidelidade ao seu pai exigia isso. Entretanto, foi o que fiz, e essa é minha recompensa!... O que foi? Ficou bravo? Ofendi você? Diga!

— Não pedi para vir para cá!

— E eu não pedi pela oportunidade!

— Não haveria oportunidade se não fosse o senhor.

Ele deu um passo em minha direção. No escuro, não conseguia ver seu rosto. Uma sombra estava entre nós.

— Seu pai entendia o risco — disse suavemente.

— Minha mãe, não! Eu, não!

— O que quer que eu faça, Will Henry? Erga os dois da sepultura?

— Odeio esse lugar — berrei para a sombra do monstrologista, meu mentor (e meu atormentador). — Odeio esse lugar e odeio o senhor por ter me trazido para cá.

Fugi pelo corredor, subi correndo a escadaria e corri escadinha acima até minha pequena alcova, batendo a porta atrás de mim. Atirei-me na cama e enterrei o rosto no travesseiro, berrando a plenos pulmões, pois todo o meu ser havia se inundado de fúria, tristeza e vergonha. Sim, vergonha, pois ele era tudo o que eu tinha, e eu havia falhado com ele. O doutor tinha o trabalho dele, eu tinha o doutor; e para nós dois, aquilo era tudo o que tínhamos.

Acima de mim, as nuvens passaram pelo azul do céu de abril, e o sol deitou no horizonte, pintando as barrigas macias das nuvens de dourado. Quando já não tinha mais lágrimas, rolei de costas e observei a luz ser sugada de meu mundo. Meu corpo clamava por comida e descanso, minha alma por um respiro mais permanente. Eu poderia comer e dormir, mas o que fazer para aliviar aquela solidão devastadora, aquela tristeza inconsolável, aquele medo incurável? Tal como Erasmus Gray enfiado até o quadril no túmulo, preso no abraço inescapável do monstro, ou Hezekiah Varner morrendo em meio ao cozido fermentado de sua própria carne, será que eu havia passado do ponto em que a salvação seria possível? Será que toda a esperança já morrera no incêndio que extinguiu meus pais da mesma forma que os *Anthropophagi* devoraram Erasmus, e as larvas devoraram Hezekiah? A morte trouxera fim ao sofrimento deles. Será que somente a visita dela traria fim ao meu?

Esperiei que o sono, esse zombador da morte, me dominasse. Ansiava pela sua graça que a tudo apaga. Porém, sua paz me iludiu. Levantei da cama, com a cabeça latejando pela torrente salgada de minhas lágrimas e com uma profunda dor de estômago. Abri a porta do sótão e desci a escada pé ante pé. Fui direto para a cozinha, onde encontrei a porta do porão fechada. Não tinha dúvidas de que ele estava lá embaixo; ali era, como minha pequena alcova, o refúgio dele. Trabalhando o mais rápido e silenciosamente que podia, coloquei uma panela no fogo e preparei uma refeição digna de meu apetite faminto: duas costeletas de cordeiro, cortesia de Noonan, o açougueiro. Limpei o prato com a mesma velocidade com que o enchera, embora cada bocado mal durasse o tempo de minha língua sentir-lhe o gosto. Fora a melhor refeição da minha vida, ainda mais por eu mesmo tê-la preparado.

Enquanto esfregava os sumos do cordeiro com um pedaço de pão fresco, cortesia de Tanner, o padeiro, a porta do porão se abriu, e o doutor apareceu.

- Você fez comida — disse ele.
- Sim — respondi sem o olhar.
- O que você cozinhou?
- Cordeiro.

— Cordeiro?

— Sim.

— Costeletas?

Acrescentei:

— E algumas ervilhas e cenouras frescas.

Levei o prato à pia. Pude senti-lo me observando enquanto lavava a louça. Coloquei minha xícara e meu prato no escorredor e me virei. Ele continuava à porta do porão.

— Precisa de mim para alguma coisa? — perguntei.

— Eu não... não, não preciso — respondeu.

— Estarei em meu quarto, então.

Ele não disse nada quando passei por ele. Mas, quando cheguei ao pé da escada, apareceu no canto e chamou do fim do corredor:

— Will Henry!

— Sim?

Hesitou, depois disse em tom resignado:

— Durma bem, Will Henry.

Bem mais tarde, com a mesma habilidade misteriosa que ele sempre demonstrava em me perturbar no exato momento em que eu, após horas me revirando na cama, começava a pegar no sono, o doutor se pôs a me chamar: sua voz aguda e etérea penetrou meu pequeno santuário.

— Will Henry! Will Henreeeeeeeee!

Grogue do gosto do breve gole de sono, escorreguei para fora da cama com um suspiro. Conhecia aquele tom; já o ouvira muitas vezes antes. Desci a escadinha engatinhando, até o segundo andar.

— Will Henry! Will Henreeeeeeeee!

Encontrei-o em seu quarto, deitado em cima das cobertas e completamente vestido. Espiou minha silhueta à porta e convidou-me a entrar com um gesto impaciente. Ainda magoado pela nossa briga, não me aproximei da cama; dei um único passo para dentro do quarto e parei.

— Will Henry, o que está fazendo? — perguntou.

— O senhor me chamou.

— Não agora, Will Henry. O que estava fazendo lá?

Ele apontou em direção ao corredor para demonstrar o "lá".

— Estava em meu quarto, senhor.

— Não, não. Eu o ouvi muito bem remexendo as coisas na cozinha.

— Estava em meu quarto — repeti. — Talvez o senhor tenha ouvido um rato.

— Um rato batendo nas panelas? Diga a verdade, Will Henry. Você estava cozinhando.

— Estou dizendo a verdade. Eu estava em meu quarto.

— Está insinuando que estou ouvindo coisas?

— Não, senhor.

— Sei o que ouvi.

— Vou descer para checar, senhor.

— Não! Não, fique aqui. Deve ter sido minha imaginação. Posso ter caído no sono, sei lá.

— Sim, senhor — concordei. — Isso é tudo, senhor?

— Não estou acostumado, como você sabe...

Ele ficou em silêncio, esperando que eu fizesse a pergunta óbvia, mas eu era um ator cansado nesse drama insolente: ele imergira em um de seus freqüentes estados negros de espírito, em que sua psique era arrastada pela atração de suas tendências peculiares. Meu papel era bem definido, e em geral eu o cumpria com todo o ânimo que podia, mas os acontecimentos dos últimos dias haviam acabado com minha boa vontade. Simplesmente não tinha disposição para tanto.

— ... a dividir a casa com alguém — continuou sem que eu perguntasse. — Ando pensando em revestir esse quarto à prova de som. Cada barulhinho...

— Sim, senhor — disse e bocejei explicitamente.

— Pode ter sido minha imaginação — admitiu. — A mente pode pregar peças quando não lhe é dado o descanso adequado. Não consigo me lembrar da última vez em que dormi.

— Foi há pelo menos três dias — esclareci.

— Ou em que comi uma refeição decente.

Não respondi. Se ele era incapaz de pedir, eu não iria oferecer. Se ele preferia ser teimoso, bem, eu também podia ser,

— Sabe, Will Henry, quando eu era mais novo, podia passar uma semana inteira sem dormir e à base de um único pão de forma. Certa vez cruzei os Andes com apenas uma maçã no bolso... Tem certeza, então, de que não estava lá embaixo?

— Sim, senhor.

— O barulho parou depois que o chamei. Talvez você estivesse andando sonâmbulo.

— Não, senhor. Estava em minha cama.

— Claro.

— É tudo, senhor?

— Tudo?

— O senhor precisa de mais alguma coisa?

— Talvez você não queira me contar por causa dos biscoitos.

— Biscoitos, senhor?

— Você desceu escondido para um lanchinho noturno, pois sabe o quanto gosto deles.

— Não, senhor. Os biscoitos continuam lá.

— Ah. Bem, que bom.

Não havia escapatória. Ele não iria descer para comer nem iria me pedir. Se eu simplesmente voltasse para a cama, ele esperaria até eu estar quase dormindo de novo, e depois meu nome voltaria a ecoar pela casa: "Will Henreeeeee!", até que meu sono se interrompesse. Fui então até a cozinha, coloquei um bule de água para ferver e pus os biscoitos em um prato. Preparei-lhe o chá, encostado contra a pia e bocejando incessantemente, enquanto aguardava o tempo da infusão. Enchi a bandeja e levei-a até o quarto dele.

O doutor havia se sentado na cama durante minha ausência. Encostou-se contra a cabeceira de braços cruzados e cabeça baixa, perdido em pensamentos. Olhou para cima quando coloquei a bandeja na mesinha a seu lado.

— O que é isso? Chá e biscoitos! Que gentil de sua parte, Will Henry.

Fez sinal para que me sentasse em uma cadeira. Com um suspiro interno, obedeci: não havia escapatória disso também. Se recusasse, ele logo me chamaria para sentar ao seu lado. Se caísse

no sono ali sentado, ele ergueria a voz, estalaria os dedos e então, com perfeita inocência, perguntaria se eu estava cansado.

— São ótimos esses biscoitos — comentou após uma delicada mordida. — Mas não consigo comer os dois. Coma um, Will Henry,

— Não, obrigado, senhor.

— Sabe, eu poderia considerar sua falta de apetite como prova de que você realmente estava lá embaixo antes. Viu alguma coisa, falando nisso?

— Não, senhor.

— Pode ter sido um rato — disse ele. — Armou uma ratoeira enquanto estava preparando o chá?

— Não, senhor.

— Não desça agora, Will Henry — disse, embora eu não tivesse movido um músculo. — Isso pode esperar até amanhã de manhã. — Bebericou o chá. — Para ter feito tamanha algazarra, deve ter sido um rato e tanto! Pensava nisso enquanto você estava lá embaixo. Talvez, como Proteu, ele tenha o poder de mudar de forma, de rato para homem, e estivesse preparando um molho de queijo para sua família. Rá! Que pensamento mais absurdo, não é, Will Henry?

— Sim, senhor.

— Não sou piadista por natureza, como você sabe, a menos quando estou cansado. E eu estou muito cansado, Will Henry.

— Eu também estou cansado, senhor.

— Então por que está aí sentado? Vá dormir.

— Sim, senhor. Acho que vou mesmo.

Levantei-me e dei-lhe boa-noite sem grande convicção, pois sabia que a cortina ainda não tinha descido para mim. Saí do quarto, mas não consegui passar do corredor. Comecei a contar e, quando cheguei no quinze, ele me chamou de volta.

— Eu me esqueci de concluir meu pensamento — explicou depois de me indicar a cadeira. — Pensar em nosso rato hipotético me trouxe à mente *Proteus anguinus*.

— Não, senhor, o senhor mencionou Proteu — lembrei.

Ele sacudiu a cabeça impacientemente, frustrado com minha estupidez. — *Proteus anguinus*, Will Henry, uma espécie de anfíbio

cego encontrado nas montanhas carpáticas. E isso, lógico, me fez lembrar de Galton e da questão da eugenia.

— Lógico, senhor — concordei, muito embora não tivesse a menor idéia de como entrar no denso bosque cerrado dos pensamentos dele: nunca tinha ouvido falar nem de *Proteus anguinus*, nem de Galton, nem de eugenia.

— Criaturas fascinantes — continuou o monstrologista. — E exemplos excelentes da seleção natural. Elas vivem nas profundezas das cavernas escuras das montanhas, porém conservam olhos vestigiais. Galton trouxe os primeiros espécimes para a Inglaterra após sua expedição a Adelsberg. Era amigo do meu pai — e de Darwin, é claro. Meu pai era um entusiasta de seu trabalho, principalmente na área da eugenia. Há um exemplar assinado de *Gênio hereditário* na biblioteca.

— Ah é? — murmurei mecanicamente.

— Sei que eles se correspondiam regularmente, mas parece que ele destruiu as evidências disso, tal como seus diários e praticamente todas as cartas que recebeu na vida.

"Praticamente todas as cartas." Pensei naquele maço intocado de cartas que ele havia enviado ao pai, com tinta desbotada em papel amarelado, atirado no fundo de uma mala-armário velha e esquecida. "Desejaria tanto que o senhor me escrevesse!"

— Quando voltei de Praga em 83 para enterrá-lo, pouca coisa restara além de seus livros. Apenas sua mala e algumas anotações sobre diversas espécies que lhe eram de interesse particular, anotações que, imagino, não teve coragem de destruir. Destruí ou jogou fora praticamente tudo o que fosse de cunho pessoal, até o último sapato e cadarço, e tenho certeza de que teria feito o mesmo com a velha mala-armário caso tivesse se lembrado de que a havia escondido embaixo das escadas. É como se nos últimos dias de sua vida tivesse tentado destruir todas as evidências dela. Na época, atribuí isso àquele ódio de si mesmo ao qual ele sucumbiu nos seus últimos anos, àquela mistura corrosiva de remorso inexplicável e fervor religioso. Isso completou o círculo de sua vida, se quiser colocar as coisas assim: foi encontrado deitado na cama de manhã

pela faxineira, sem cobertas, enrolado em posição fetal e completamente nu.

O doutor suspirou.

— Fiquei espantado com essa inteligência. Não tinha idéia do quanto ele tinha decaído — fechou os olhos por um instante, — Era um homem muito digno em sua juventude, Will Henry, bastante preocupado com a própria aparência, a um ponto que beirava a vaidade. A idéia de que terminaria a vida de um jeito tão depreciativo era impensável. Bem, impensável ao menos para mim.

Ficou em silêncio, olhando para o teto, e pensei em Hezekiah Varner, que não tivera escolha nessa questão.

— Mas ele estava preso no cerne da minha memória; fazia quase dez anos que não o via, e aquele Alistair Warthrop era um ser humano diferente, não o casco nu de alguém que encontrei cinco anos antes.

Warthrop se desvencilhou daqueles pensamentos melancólicos. Virou-se de lado para ficar de frente para minha cadeira e colocou a cabeça sobre a mão espalmada. Seus olhos negros brilhavam à luz do lampião.

Mudei de assunto de novo, não foi, Will Henry? Você precisa ler *Gênio hereditário* qualquer dia desses. Depois de *A origem das espécies*, mas antes de *A origem do homem*, ambos de Darwin, pois essa é a ordem tanto temática quanto cronológica. A influência de Galton pode ser vista ao longo de todo o livro *A origem do homem*. A idéia de que tanto os traços físicos quanto os mentais são transmitidos à prole dos organismos é revolucionária. Meu pai enxergou isso imediatamente e inclusive me escreveu a respeito numa das poucas cartas que me enviou; deve estar guardada por aí, ainda a tenho. Galton lhe mostrara uma das primeiras versões da obra. Meu pai acreditava que a teoria possuía aplicações em seu próprio campo de estudo, que era uma alternativa à captura ou à erradicação das espécies mais malévolas, como nossos amigos *Anthropophagi*. Se os traços desejáveis pudessem ser incentivados e os indesejáveis, suprimidos por meio da procriação seletiva, nossa disciplina seria revolucionária. A eugenia poderia ser a chave para salvar nossos objetos de estudo da extinção, pois o domínio do

homem tornara os dias dessas criaturas contados - a menos, segundo meu pai acreditava, que se encontrasse uma forma de "domesticá-las", da mesma maneira como o lobo traiçoeiro se transformou no cão fiel.

Fez uma pausa, pelo jeito esperando alguma reação minha. Como não me manifestei, sentou-se e gritou animadamente:

— Não percebe, Will Henry? Isso responde à pergunta "Por quê?". É por isso que ele desejava um casal reprodutor de *Anthropophagi*: para colocar a teoria de Galton em prática, para erradicar dessas criaturas a selvageria e o gosto pelo sangue humano. Era uma empreitada ame- drontadora, de escopo gigantesco e custo incrível, muito além das posses dele, o que talvez explique por que ele se encontrou com esses agentes misteriosos em 1862. É apenas uma suposição, impossível de provar... a menos que encontremos esses homens, se é que ainda estão vivos, ou algum registro do acordo que fizeram, se é que existe um — ou já existiu um dia. De toda forma, é a única explicação que tenho do porquê ele se encontraria com homens desse tipo: acreditar que a causa malévola dessas criaturas poderia fazer avançar a causa justa dele.

Parou, novamente aguardando minha reação. Bateu a mão no colchão e disse:

— Bem, não fique aí sentado. Diga-me o que acha!

— Bem, senhor — comecei devagar. A verdade é que eu não sei o que pensar disso tudo. — O senhor o conheceu, e eu não.

— Eu mal o conheci — rebateu. — Eu o conheci menos do que a maioria dos filhos conhece os pais, arriscaria a dizer, mas a teoria se encaixa no que sei sobre os fatos. Somente a paixão por seu trabalho o teria compelido a se associar com traidores. Era tudo o que ele tinha; ele não amava mais nada. Nada.

Recostou-se com a cabeça aninhada entre as mãos e os olhos fixos no teto. As possibilidades do que poderia ser pintado nessa tela em branco só eram limitadas pelas fronteiras de sua imaginação sem limites. A ignorância a respeito de nossos semelhantes escancara as portas para infinitas suposições, mesmo quando esse semelhante é o nosso próprio pai. Para dentro de tal vácuo existencial se dirigem

nossos desejos e dúvidas, nossas esperanças e arrependimentos em relação ao pai-que-foi e o pai-que-poderia-ter-sido. Embora o meu pai não tenha sido um homem frio e distante como o dele, eu e o doutor tínhamos algo em comum: nossos pais não tinham nos legado nada além de lembranças. Um incêndio me tirara qualquer objeto de recordação tangível, exceto o meu pequeno chapéu; Alistair Warthrop destruíra a maior parte desses objetos e negara-os a Pellinore. O que restara dos dois era simplesmente nós mesmos, e, quando morrêssemos, também eles morreriam. Éramos as tábuas onde as vidas deles haviam sido escritas.

— Mais nada — repetiu o monstrologista. — Absolutamente nada.

Continuei à sua cabeceira durante toda a noite, em uma vigília cansativa, diferente daquela da noite anterior, enquanto o doutor entrava e saía de um sono leve e inquieto. Invariavelmente, assim que eu começava a cochilar, ele acordava e chamava com voz beirando o pânico:

— Will Henry! Will Henry, você está dormindo?

Ao que eu respondia:

— Não, senhor, estou acordado.

— Ah! — retrucava. — Você devia ir descansar, Will Henry. Vamos precisar de todas as nossas forças em breve. A essa altura John Kearns já deve ter recebido minha carta, e, se bem o conheço, deve ter embarcado no primeiro trem.

— Quem é John Kearns? — perguntei. — É um monstrologista?

O doutor riu sem vontade.

— No sentido estrito do termo, não. De profissão, é cirurgião; e do tipo brilhante, poderia acrescentar. Já de temperamento, é algo completamente diferente. Teria preferido trazer Henry Stanley, se soubesse onde o encontrar. Os dois já caçaram *Anthropophagi* na natureza, mas Stanley é um cavalheiro da velha escola, nem um pouco parecido com Kearns.

— É um caçador?

— Podemos chamar assim, de certa maneira. Com certeza tem mais experiência do que eu, pois não tenho nenhuma em relação aos *Anthropophagi*. Devo adverti-lo, Will Henry — acrescentou, em

tom grave —, a não se demorar muito nos domínios da filosofia de John Kearns. Evite-o se puder.

— Por quê? — perguntei com a curiosidade natural de uma criança, atizado pelo aviso sério.

— Ele lê demais — foi a resposta esquisita do doutor. — Ou não lê o suficiente. Nunca tive certeza. De todo modo, fique longe do dr. John Kearns, Will Henry! É um homem perigoso, mas o momento pede homens perigosos, e devemos usar todas as armas a nosso dispor. Já se passaram duas noites desde que eles se alimentaram; irão caçar de novo, e em breve.

— E se já tiverem caçado? — perguntei.

Aquele pensamento despertou-me completamente. O quarto pareceu encolher e se encher de sombras ameaçadoras.

— Garanto que ainda não, O infeliz do sr, Gray deverá mantê-los saciados por pelo menos mais um ou dois dias.

Ignorei a pergunta que imediatamente me saltou à mente: "E se o senhor estiver errado?" Já tentara fazer isso antes e tinha pagado caro. Então segurei a língua. Que Deus me perdoe, mas fiquei em silêncio. Talvez, se abrisse a boca, ele tivesse reconsiderado sua hipótese. Talvez, se tivesse insistido, se tivesse sido incansável em minha dúvida e negligente em minha confiança e obediência, seis inocentes não teriam mortes quase inimagináveis. Pois, no mesmo momento em que ele me reconfortava com aquelas palavras, uma família estava sendo massacrada. Enquanto passávamos sonolentos as horas vagas da noite, os monstros estavam ocupados, banhando-as de sangue.

OITO

"Sou um Cientista"

O dia já estava nascendo quando finalmente fui tropeçando para a cama. Tirei as roupas e engatinhei para baixo das cobertas, mas as horas de sono que consegui foram escassas e repletas de visões de parasitas vorazes: vermes, larvas e as criaturas cegas, sem nome nem cor, que moram na escuridão, entre rochas e troncos úmidos apodrecidos. Acordei me sentindo mais exausto do que quando fui me deitar, com um gosto azedo na língua e o peso mórbido do terror no coração. O céu do meio da manhã era de um azul brilhante sem nuvens, zombando do meu humor mórbido. Por mais que tentasse, não conseguia afastar a sensação de que algo terrível iria acontecer. Resolvi não mencionar meu mau pressentimento ao doutor; ele o rebateria com uma risada, explicando que a superstição é nada mais que um eco de nosso passado primitivo, quando as premonições eram reações eficazes a um ambiente povoado de predadores felicíssimos em corresponder às nossas apreensões.

Desci as escadas me arrastando até a cozinha e percebi, ainda meio grogue, a porta do porão entreaberta e as luzes acesas lá embaixo. Coloquei água no fogo para o chá e me encostei à bancada, lutando contra a fadiga mental e física. Quem sabe possa ser perdoado pelas almas bondosas que, por terem trilhado um caminho paralelo, talvez se lembrem de como seus próprios pensamentos lhes pareciam estranhos, e seus corpos, alheios. Elas entenderão como a batida ríspida à porta de início não me chamou atenção, enquanto eu apoiava meu corpo desabado perto do fogão, esperando que a água fervesse. Não se surpreenderão nem um pouco pelo pequeno grito que me escapou dos lábios um instante depois, não por causa das batidas ásperas a poucos centímetros de mim, mas pelo berro do doutor vindo do porão lá embaixo.

— Will Henry! Atenda a porta! *Atenda a porta!*

— Sim, senhor! — repliquei. — Agora mesmo, senhor!

Abri a porta de uma só vez. Uma figura alta, magra e frágil estava encurvada sobre as escadas, apoiando-se precariamente em uma bengala, com a cabeça encoberta por uma nuvem de fumaça adocicada que subia devagar de seu cachimbo de magnesita. O sol matutino brilhando nas lentes de seu pincenê, combinando com o formato oval quase perfeito de seu rosto e com a fartura de seu bigode, dava-lhe a aparência de uma coruja.

— Ah, então é Will Henry. Ótimo, ótimo! — exclamou o oficial Morgan com tom suave, atravessando o vão da porta numa invasão trêmula. — Onde está Warthrop? Preciso falar com ele!

O doutor apareceu à porta do porão sem exprimir reação. A visita inesperada do oficial de polícia mais importante da cidade não parecia intimidá-lo nem de leve.

— O que aconteceu, Robert? — perguntou o doutor com um tom baixo e controlado. Sua calma absoluta era um contraponto à óbvia agitação do oficial.

— Uma abominação! — respondeu o outro fazendo voar saliva, que foi se grudar aos pelos do bigode. — Foi isso o que aconteceu. Horrível! Algo totalmente fora do âmbito de minha experiência.

— Embora não do âmbito da minha, imagino.

O oficial concordou.

— Aconteceu algo — disse ele, sem fôlego. — Você precisa vir imediatamente.

Em alguns instantes estávamos na carruagem do oficial, percorrendo com agitação as ruas de paralelepípedos de Nova Jerusalém. Os dois homens falavam alto para se ouvir por cima do ranger das rodas, do trovejar dos cascos e do assovio do vento pelas janelas abertas.

O oficial, cujo propósito de início sem dúvida fora arrancar respostas do doutor em relação aos fatos imponderáveis e perturbadores da descoberta abominável daquela manhã, viu-se, como tantos outros que confrontavam o doutor com a mesma intenção, sendo objeto de um interrogatório calculado. Foi pressionado, provocado e golpeado com a enxurrada dos agudos

poderes inquisidores do doutor. Por ser alguém que já enfrentara inundações semelhantes, fui solidário à inversão do objetivo do oficial. As perguntas vinham rápido, em marteladas.

O doutor:

— Quando o crime foi reportado?

O oficial:

— Hoje de manhã, logo depois do amanhecer.

— Testemunhas?

— Sim. Uma, o único sobrevivente. Até eu mesmo ver a cena com meus próprios olhos, achei, como qualquer um teria achado, que ele não só era testemunha como também o criminoso. A história que contou era tão absurda que só podia ser mentira.

— Você o prendeu?

O oficial fez que sim, tamborilando nervosamente a ponta da bengala nas tábuas abaixo de suas botas. Com o corpo apertado junto ao dele, não pude deixar de notar o odor enjoativo que se erguia como uma mortalha de suas roupas, o cheiro da morte, agora muito familiar, que o fornildo aceso de seu cachimbo não conseguia camuflar completamente.

— Continua detido — completou o oficial. — Mas mais para proteção dele mesmo do que por nossa acusação.

Depois que examinei a cena do crime... Nenhum ser humano seria capaz de um crime tão hediondo. E receio que o que ele viu tenha lhe extinguido completamente a razão.

— O que ele viu?

— Essa história vou deixar a cargo dele, mas o que eu vi naquela casa confirma o relato. É algo... indescritível, Warthrop, inenarrável!

O doutor nada disse. Virou-se para olhar a paisagem banhada na luz dourada da primavera, os montes verdes e os prados férteis repletos de flores. "Descobriram o velho — ou o que restou dele — e a garota — ou o que restou dela" pensei e me perguntei se o doutor não estaria pensando o mesmo. "O oficial está nos levando de volta ao cemitério."

Fiquei surpreso quando o motorista subiu aos solavancos uma ruela que se ramificava a partir da Velha Estrada do Cemitério,

depois de deixar para trás o próprio cemitério (embora seu muro continuasse à vista). Desacelerou à medida que a ruela se estreitava e a terra se elevava à nossa frente. O sol estava quente, e uma brisa suave entrou pela janela aberta. Mesmo ligeira, afastou o fedor enjoativo que emanava do homem ao meu lado. Senti o cheiro de madressilva. Aliviado, respirei fundo.

O alívio foi breve. O motorista puxou as rédeas no alto da colina. Warthrop saltou da carruagem antes mesmo da parada completa. Mais por sentimento de dever (meus serviços lhe eram, afinal de contas, indispensáveis) do que por ansiedade em encarar o que o oficial chamara de "abominação", eu o acompanhei a alguns centímetros de distância. À nossa frente, no topo da colina, havia uma igreja e, um pouco afastada, a casa paroquial. Feita de pedra e com teto em cumeeira, com canteiros repletos de brotos da primavera em tons de branco, rosa, índigo e dourado, era tão esquisita (e sinistra) quanto a casa onde os coitados João e Maria quase foram assados vivos. Havia dois homens parados à porta, com rifles aninhados nos braços. Endireitaram o corpo ao nos ver chegar e prepararam os gatilhos das armas, mas depois viram o oficial esforçando-se para subir pela trilha atrás de nós. A expressão deles se modificou novamente, porém, ao reconhecerem o doutor, olhares sombrios de desconfiança e medo sombrearam seus rostos: Warthrop não era um homem popular em Nova Jerusalém. Em outra época, não tenho dúvida de que teria sido acusado de se associar ao diabo e seria queimado vivo.

— Graças a Deus que hoje não é domingo! — arfou Morgan, chegando sem fôlego por causa da caminhada. — O rebanho do bom reverendo ficaria bastante perturbado com essas provas da amorosa providência divina num dia sagrado.

Atrás das lentes, seus olhos, em quase tudo semelhantes aos de uma coruja, exceto pelo fato de não terem a serenidade dessa corajosa ave caçadora, pousaram sobre meu rosto, e ele disse:

— Embora em suas viagens Warthrop tenha, sem dúvida, visto coisas piores, você não passa de uma criança, Will Henry, e não está acostumado a essas coisas. Não deveria entrar conosco.

— Com toda certeza ele entrará conosco — retrucou o doutor impacientemente.

— Mas por quê? — pressionou o oficial. — A que propósito isso poderia servir?

— Ele é meu assistente — respondeu Warthrop. — Precisa se acostumar com "essas coisas".

O oficial conhecia o doutor bem demais para levar aquela discussão adiante. Depois de um suspiro profundo e de dar uma última baforada no bálsamo benéfico de seu cachimbo, tirou-o da boca, entregou-o a um dos assistentes nervosos, sacou do bolso um lenço e então o apertou contra o nariz e a boca.

Minha presença, entretanto, deve tê-lo perturbado; ele olhou para meu rosto por mais um instante antes de murmurar em voz baixa as palavras abafadas pelo tecido:

— É indescritível, Will Henry. Indescritível!

Abriu a porta. Sobre ela havia uma placa pendurada, na qual as palavras entalhadas eram um prefácio irônico para a câmara mortuária lá dentro: "O SENHOR É MEU PASTOR".

Um corpo estava caído de bruços a quase dois metros da porta com os dois braços estirados, vestido com os restos ensangüentados de seu camisão de dormir. Faltavam-lhe ambas as pernas. Faltavam-lhe também cinco de seus dedos, dois da mão esquerda e três da direita. A cabeça estava apoiada sobre um braço quase perpendicularmente ao corpo, pois o pescoço fora parcialmente arrancado dos ombros, expondo a coluna vertebral, os anéis dos principais vasos sangüíneos e os tendões fibrosos do tecido conectivo. A parte de trás da cabeça fora esmagada, e o cérebro, removido. Os restos polpudos rodeavam a ferida como coalhada cinzenta na borda de uma tigela rachada. Durante a autópsia do monstro, o doutor havia me informado, com aquele tom professoral pavoroso, do gosto singular dos *Anthropophagi* pelo mais nobre dos órgãos, pelo máximo do *design* da natureza: o cérebro humano.

O lugar cheirava a sangue, e pairava no ar o mesmo fedor enjoativo de fruta podre que eu sentira no cemitério. Os odores não lutavam uns contra os outros, mas se misturavam em uma atmosfera de revirar o estômago, que queimava as narinas e ardia

os olhos. Não admira que o oficial tenha tapado o nariz no início de nossa expedição.

Morgan e eu ficamos parados diante da porta aberta, hesitantes entre o mundo da luz e o das sombras, porém Warthrop não sentiu a mesma relutância: dirigiu-se até o cadáver, deixando pegadas no sangue pegajoso que fazia poças por todos os lados como um mangue. Agachou-se perto da cabeça e inclinou-se para a frente para examinar a ferida aberta. Tocou-a, esfregou pedacinhos de massa encefálica entre o polegar e o indicador.

Ficou quieto por um momento, com os antebraços apoiados sobre os joelhos abertos, observando os restos mortais à sua frente. Inclinou-se um pouco mais, quase a ponto de perder o equilíbrio, a fim de estudar o rosto da vítima — ou o que havia sobrado dela.

— E Stinner? — perguntou.

— Sim, é o reverendo — confirmou Morgan.

— E os outros? Onde está o resto da família?

— A esposa e a filha menor, Sarah, acho, estão na sala de visitas. O outro filho está no corredor. A quarta filha, em um dos quartos.

— E um dos filhos escapou. Falta um, portanto.

— Não, Warthrop. Ele está aqui.

— Onde?

— Por toda parte — respondeu o oficial, com a voz carregada de repulsa e pena.

E era verdade. O reverendo, cujo corpo permanecia mais ou menos intacto, chamara nossa atenção como centro do massacre, mas por toda a volta, como se atirados de uma centrífuga apavorante, havia fragmentos de carne humana sobre as paredes, o assoalho e até mesmo o teto acima de nós. Os restos irreconhecíveis haviam sido cimentados pelo sangue em praticamente todas as superfícies: tufo de cabelo, pedacinhos de tripas, lascas de ossos, fragmentos de músculos. Em alguns pontos as paredes estavam tão saturadas, que literalmente gotejavam sangue. Era como se a criança tivesse sido enfiada em um moedor de carne e depois cuspidada em todas as direções. A poucos centímetros do sapato

direito do doutor estava o pé decepado do garoto, a única parte reconhecível que restara do ataque dos *Anthropopbagi*.

— Ele se chamava Michael — disse o oficial. — Tinha cinco anos.

O doutor não fez nenhum comentário. Virou-se numa pirueta em um círculo lento, com as mãos sobre os quadris, para examinar a carnificina. Sua expressão era uma mistura de fascínio e frieza: parecia espantado com a selvageria absoluta do ataque, porém distanciado de seu horror completo; o coração separado da mente, as emoções do intelecto. Era o estereótipo do cientista, distante da própria raça à qual pertencia. Ali ficou, portanto: um templo vivo entre ruínas literalmente esmagadas, e o que quer que estivesse pensando permaneceu escondido dentro das muralhas santificadas de seu consciente.

Impaciente, talvez, com a reticência desconcertante do doutor naquele momento de extrema urgência, o oficial entrou na sala e perguntou:

— E então? Gostaria de ver os outros?

Começou assim o percurso macabro. Primeiro o quarto, onde dormiam os filhos mais velhos. Ali estavam os restos mortais de uma garota que se chamara Elizabeth, segundo nos informou o oficial, e que fora feita em pedacinhos tal qual seu irmão, com a diferença de que seu tronco estripado continuava intacto e repousava sobre os remanescentes da vidraça estilhaçada. As cortinas rendadas, salpicadas de sangue, flutuavam na brisa benéfica. Atrás do vidro quebrado que continuava preso à moldura da janela, pude ver o gramado agradável brilhando ao sol da manhã de primavera.

— Este foi o local da entrada? — indagou Morgan.

— Talvez — respondeu o doutor, inclinando-se para examinar a moldura da janela e os estilhaços de vidro amontoados embaixo dela. — Mas não creio. Eu diria que foi o local da fuga improvisada de nossa testemunha.

A seguir, Morgan nos levou até o corredor. Em uma das curvas, encontramos a quarta vítima, similarmente desmembrada e estripada, cujo crânio fora esmagado, e seu conteúdo, retirado. Havia pedacinhos dos órgãos vitais espalhados pelo assoalho,

cimentados pelo sangue coagulado nas paredes. E, sobre as tábuas ensangüentadas do chão, descobrimos a primeira evidência da presença dos *Anthropophagi*: pegadas deixadas no sangue coagulado das presas. O doutor soltou um grito exultante ao ver tais pegadas, caiu de joelhos e passou vários segundos empolgados examinando aquela descoberta.

— Oito a dez, no mínimo — murmurou Warthrop. — Fêmeas, embora esta e essa pegada possam ser de um jovem macho.

— Fêmeas? Você disse fêmeas? Com pegadas maiores que as de um homem adulto?

— Uma fêmea madura mede mais de dois metros dos pés aos ombros.

— Uma fêmea madura do quê, Warthrop?

O doutor hesitou entre uma respiração e outra e respondeu:

— De uma espécie carnívora de hominídeos chamada *Anthropophagi*.

— *Anthro.. popi...*

— *Anthro-po-phagi* — corrigiu. — Plínio os chamava de *Blemmyae*, mas a designação correta é *Anthropophagi*.

— E de onde, em nome dos céus, eles vieram?

— São nativos da África e de determinadas ilhas da costa de Madagascar — respondeu o doutor com cautela.

— Isso fica muito, mas muito distante da Nova Inglaterra — frisou secamente o oficial e depois aguardou pela resposta do doutor, olhando-o com desconfiança.

— Robert, você tem minha palavra como homem da ciência e como cavalheiro que não tive nada a ver com o aparecimento deles aqui — declarou Warthrop calmamente.

— E você tem minha palavra, Warthrop, como homem da lei, que é meu dever descobrir quem, se é que alguém, foi o responsável por esse massacre.

— Não sou o responsável — declarou o doutor com firmeza. — Estou tão chocado quanto você pela presença deles aqui e irei até as últimas conseqüências nessa questão, Robert. Disso tenha minha palavra.

Morgan concordou, mas seu tom era de dúvida.

— Parece-me um tanto esquisito, Pellinore, que essas criaturas monstruosas tenham aparecido na mesma cidade onde reside o maior especialista do país, senão do mundo, nesses assuntos.

Embora feita da forma mais natural do mundo, a observação do oficial deixou o doutor sério, e seus olhos brilharam de indignação.

— Está me chamando de mentiroso, Robert? — perguntou em tom baixo e ameaçador.

— Meu caro Warthrop — respondeu Morgan —, nós nos conhecemos desde sempre. Embora você seja o homem mais reservado que já vi, e a sua profissão continue sendo um mistério para mim, nunca ouvi falar de você já ter contado uma mentira à toa. Você me diz que a presença deles aqui é um choque para você também, e eu acredito, mas isso não muda o fato de que essa coincidência seja completamente estranha.

— Essa coincidência também não me passou despercebida, Robert — admitiu meu mestre. — Pode-se dizer que as estranhezas fazem parte do meu ramo, mas este caso possui mais de um milhão delas. — Depois acrescentou rapidamente, antes que o oficial pudesse insistir no assunto: — Vejamos os outros.

Voltamos pelo corredor até a área da frente da casa paroquial, Ali, na aconchegante sala de visitas onde sem dúvida a família do reverendo estava reunida em torno do piano para uma noite de cantoria ou descansava nas poltronas acolchoadas e nos sofás diante da lareira enquanto ventava lá fora, nos deparamos com a cena final e terrível: um corpo sem cabeça estava caído no meio da sala, agarrando os restos de uma criança de encontro ao peito. Sua roupa tinha sido branca, mas não mais, e repousava num amontoado no chão onde antes deveriam estar suas pernas. Uma delas foi descoberta, parcialmente destruída, embaixo da janela quebrada que dava para a ruína em frente à casa. A outra não foi possível encontrar — tampouco a cabeça, embora o doutor me tenha feito procurar por ela, engatinhando pelo chão para inspecionar embaixo da mobília. Ele examinou o cadáver da mãe, enquanto Morgan ficou à porta. Sua respiração difícil fazia flutuar a máscara improvisada.

— Os dois ombros foram deslocados — disse o doutor. Correu os dedos experientes pelos braços da mulher, pressionando-os em sua carne ainda flexível. — O úmero direito foi fraturado — agora os dedos se fecharam em torno do corpo minúsculo, — Cinco dedos quebrados: dois na mão direita, três na esquerda.

Tentou arrancar o bebê das mãos dela, e o esforço o fez cerrar os dentes. Frustrado pela teimosia do *rigor mortis*, desistiu e examinou o bebê sem o retirar dos braços congelados da mãe.

— Perfurações e lacerações múltiplas — declarou, — Porém, o corpo está intacto. O bebê pode ter sangrado até a morte, ou seus pulmões foram esmagados. Ou então foi sufocado pelo seio da mãe. Se foi esse o caso, que ironia cruel... Observe a força do instinto materno, Will Henry! Embora eles tenham arrancado-lhe os ombros das articulações e quebrado os ossos que os sustentavam, ela não entregou a filha. Segurou firme. Segurou firme! Mesmo quando se tornou uma imitação cruel das coisas que devoraram suas crias, ela segurou firme! É ao mesmo tempo um espanto e uma maravilha.

— Você vai me desculpar, Warthrop, mas eu não considero o que aconteceu aqui de forma alguma uma maravilha — replicou o oficial com repulsa.

— Está me entendendo mal — retrucou Warthrop, — E julga prematuramente as coisas que lhe são desconhecidas. Por acaso julgamos o leão ou o lobo? Culpamos o selvagem crocodilo por obedecer às leis da natureza?

Enquanto falava, o doutor observava a *Pietà* sangrenta a seus pés com expressão agora completamente introspectiva e remota, uma máscara inescrutável e sem emoção. Que tempestades, se é que havia alguma, despencavam atrás da superfície daquela fachada de gelo do doutor? Será que aquele quadro macabro o lembrara das palavras ditas meras horas antes? "O infeliz do sr. Gray deverá mantê-los saciados pelo menos por mais um ou dois dias." Palavras ditas com a confiança característica que freqüentemente era confundida com arrogância... ou não seria um erro chamar assim? Eu seria tudo, menos sincero, se dissesse que entendia esse homem a quem devo tanto, esse homem que abrigou o garoto órfão sem lar que eu fui e o moldou no homem que me tornei. Com que

freqüência os adultos a quem confiamos nossos cuidados nos resgatam ou nos arruinam, por capricho ou intenção (ou uma mistura dos dois)? A verdade é que confesso que não o entendia. Mesmo com a dádiva da maturidade (e a perspectiva que ela nos traz), continuo não entendendo o dr. Pellinore Xavier Warthrop. Será que ele sinceramente achava que não tinha culpa por aquela carnificina horrenda de seis inocentes? Que reviravoltas da lógica ele empregou para ignorar o significado simbólico do sangue dos Stinnets em suas mãos? Ou será que ele encarou os fatos com o mesmo olhar impiedoso que olhara para Eliza Bunton, a fim de chegar à conclusão óbvia até mesmo para um garoto de doze anos? Todas essas possibilidades eram prováveis, porém nenhuma discernível pela expressão fria dele. Ele não demonstrava nada, observando em silêncio a mãe decepada e o bebê fraturado contra o seu seio, os dois contorcidos a seus pés como sacrifícios recusados a um deus sedento de sangue.

— Onde está a testemunha? — indagou.

Paramos no jardim para purificar os pulmões do sufoco asqueroso da morte e para que o oficial reabastecesse o cachimbo. O rosto dele estava corado, e os dedos que seguravam o fósforo tremiam ao abaixar a chama até o forninho de alabastro.

— Devo confessar, Warthrop, que isso é algo completamente fora do âmbito da minha experiência.

O olhar de Morgan se desviou para a frase gravada na porta da casa paroquial: "O Senhor é meu pastor" o que pareceu não o reconfortar. Na verdade, ele parecia abalado até a medula espiritual. Como primeiro oficial de polícia da cidade, havia testemunhado um bocado de atrocidades cometidas pelos homens contra os homens, desde roubos insignificantes até agressões absurdas. Nada daquilo o preparara, entretanto, para aquele confronto nu com a injustiça pura e simples, para o lembrete horrendo de que, apesar de todas as honrarias que recebemos, no fim das contas servimos de banquete, mero alimento para as criaturas inferiores e sem alma com as quais eu havia sonhado na noite anterior — que são frutos do Criador tanto quanto nós. Não deve ter sido nada agradável para um homem com a experiência limitada e o temperamento sensível do

oficial ser confrontado com a zombaria selvagem dos *Anthropophagi* de nossas aspirações humanas, de nossas grandiosidades e ambições absurdas, de nosso orgulho vaidoso.

— Ele está no santuário — disse o oficial. — Por aqui.

Nós o seguimos pelo caminho de cascalho até a igrejinha que dava de frente para a ruela que levava até a Estrada Velha do Cemitério. Outro guarda estava a postos ali; sem dizer uma palavra, ele abriu o caminho para nos deixar entrar. O interior estava frio e escuro. A luz da manhã penetrava em raios intermitentes pelos vitrais das janelas, fazendo os tons de azul, verde e vermelho cortarem o ar empoeirado. Nossos passos ecoaram sobre as tábuas antigas do assoalho. Havia duas figuras encurvadas nas sombras sentadas no banco da frente. Uma delas se levantou com rifle a postos. A outra não se mexeu, nem sequer ergueu a cabeça.

Abaixando a voz, o oficial informou ao homem de rifle que as carruagens funerárias chegariam em breve e que ele deveria aguardar do lado de fora para ajudar na remoção dos restos das vítimas. O homem não pareceu muito satisfeito com aquela ordem, mas acatou com um brevíssimo aceno de cabeça antes de sair.

Os passos do guarda se afastaram. Estávamos sozinhos com a testemunha. Encurvada no banco de igreja, com os braços cruzados sobre o peito e as mãos agarrando com força as beiradas do cobertor que a envolvia, era um garoto de quinze ou dezesseis anos, de cabelos escuros e olhos azuis grandes e brilhantes que pareciam ainda maiores graças ao rosto fino. Embora estivesse sentado, vi que era alto para a idade; suas pernas pareciam esticar um quilômetro à sua frente.

— Malachi — disse em voz baixa o oficial. — Malachi, este é o dr. Warthrop. Ele veio para... — Morgan fez uma pausa, como se não tivesse certeza de quais serviços o doutor poderia prestar. — Bem, para ajudar você.

Passou-se um instante. Malachi não respondeu. Seus lábios carnudos se moveram sem emitir nenhum som, enquanto ele encarava, como um místico do Oriente, algo além de nossos domínios. Ficou olhando para o nada, mas como que enxergando tudo por dentro.

- Não estou ferido — disse por fim, numa espécie de sussurro.
- Ele não é esse tipo de doutor — respondeu o oficial.
- Sou um cientista — emendou Warthrop.

Os olhos surpreendentemente azuis de Malachi se desviaram para meu rosto e ali se fixaram, sem piscar, por alguns segundos incômodos e agonizantes.

- Quem é você? — perguntou-me.
- Este é Will Henry — respondeu o doutor. — Meu assistente.

Embora os olhos de Malachi permanecessem fixos em meu rosto, ele havia parado de enxergá-lo. Era impossível não perceber aquela transição entre ver e não ver, a perda do foco — ou melhor, o refocar em algo completamente diferente, algo que somente ele era capaz de ver. Lutávamos por sua atenção contra aquela coisa invisível. Eu não sabia o que os outros estavam pensando; de minha parte, me perguntava se ele estaria bem. Seu psicológico claramente sofrerá feridas profundas, mas fisicamente ele saíra intocado daquele ataque feroz. Como era possível?

O doutor se abaixou à frente dele, apoiando-se em um dos joelhos. Aquele movimento não distraiu o rapaz em choque; seu olhar permaneceu fixo em meu rosto, e ele nem sequer piscou um cílio quando Warthrop pousou uma das mãos sobre sua coxa estendida. Com voz baixa, o doutor chamou o nome dele, apertando levemente o músculo flácido abaixo de sua mão, como se o estivesse despertando daquele lugar distante e inalcançável.

- Malachi, pode me contar o que aconteceu?

Novamente os lábios do garoto se moveram, mas nenhum chiado escapou. Aquele olhar do além me apavorou, mas, na posição de alguém que presencia um acidente terrível, não consegui deixar de encará-lo.

— Malachi! — chamou o doutor com suavidade, agora sacudindo a perna frouxa. — Não poderei ajudar, a menos que me diga...

- O senhor não esteve lá? — gritou Malachi. — Não viu?
- Sim, Malachi — respondeu o doutor. — Vi tudo.
- Então por que pergunta?

— Porque gostaria de saber o que você viu.

— O que eu vi.

Seus olhos, grandes, azuis e de profundidade impenetrável — como a boca rodopiante do terrível redemoinho Caribde —, se recusavam a me soltar da sua maré. Ele se dirigiu ao doutor, mas falou para mim:

— Vi a boca do inferno se abrir, e os filhos de Satã serem cuspidos para fora! Foi isso o que eu vi!

— Malachi, as criaturas que mataram sua família não são de origem sobrenatural. São predadores deste mundo, tanto quanto o leão ou o lobo; mas, infelizmente, somos nós, humanos, as suas presas.

Se ele ouviu o doutor, não demonstrou. Se entendeu, não admitiu. Por baixo do cobertor tremeu incontrolavelmente, embora o ar estivesse parado, e a igreja, aquecida. Sua boca se abriu, e dessa vez ele se dirigiu a mim:

— E você, viu?

Hesitei. O doutor sussurrou em meu ouvido:

— Responda, Will Henry!

— Sim — soltei. — Eu vi.

— Não estou ferido — repetiu Malachi para mim, como se tivesse medo de eu não o haver escutado antes. — Não sofri nem um arranhão.

— Um resultado incrível e de grande sorte nessa prova difícil — observou o doutor.

Mais uma vez ele foi ignorado. Com um resmungo de frustração, Warthrop fez sinal para que eu me aproximasse. Parecia que Malachi iria falar, mas apenas para mim.

— Quantos anos você tem? — quis saber.

— Doze.

— A mesma idade de minha irmã Elizabeth. Sarah, Michael, Matthew e Elizabeth. Sou o mais velho. Você tem irmãos, Will Henry?

— Não.

— Will Henry é órfão — explicou o dr. Warthrop.

Malachi me perguntou:

- O que aconteceu?
- Houve um incêndio — respondi.
- Você estava lá?
- Sim.
- O que aconteceu?
- Eu fugi.
- Eu também fugi.

Sua expressão não se alterou; o rosto impassível continuava lá, mas uma lágrima rolou pela sua face encovada.

— Acha que Deus vai nos perdoar, Will Henry?

— Eu... não sei — respondi com sinceridade. Por ter apenas doze anos, ainda era um novato nas nuances da teologia.

— É o que papai sempre dizia — sussurrou Malachi. — Se nos arrependermos. Se simplesmente pedirmos.

Seu olhar vagou até a cruz pendurada na parede atrás de mim.

— Estive rezando. Pedi que Ele me perdoasse. Mas não ouvi nada. Não senti nada!

— A autoproteção é seu primeiro dever e direito inalienável, Malachi — declarou o doutor com um pouco de impaciência. — Você não pode ser considerado culpado por exercer esse direito.

— Não, não — murmurou Morgan. — Você não entende, Warthrop.

Ele se abaixou para sentar no banco ao lado de Malachi e passou o braço ao redor dos ombros estreitos do rapaz.

— Talvez você tenha sido poupado por algum motivo, Malachi — disse. — Já pensou nisso? Nada acontece por acaso... Não é essa a base de nossa fé? Você está aqui — todos nós estamos — porque não passamos de parte de um plano que foi preparado antes da criação da Terra. É nosso dever humilde discernir nosso papel nesse plano. Não estou fingindo saber qual é o meu, nem o de ninguém, mas talvez você tenha sido poupado para que a vida de mais inocentes não seja perdida. Pois, se tivesse permanecido naquela casa, com certeza teria morrido com sua família, e então quem nos traria o aviso? O fato de você ter salvado a própria vida salvará a vida de inúmeros outros.

— Mas por que eu? Por que eu fui poupado? Por que não meu pai? Ou minha mãe? Ou minhas irmãs e meus irmãos? Por que eu?

— Isso é algo que ninguém poderá responder — retrucou Morgan.

Com um pigarreio, o doutor abandonou qualquer tentativa de compaixão e falou duramente com o rapaz atormentado.

— Sua autopiedade brinca com sua fé, Malachi Stinnet. E cada minuto que você passa se apoiando nela é um instante perdido. As maiores mentes da Europa medieval discutiam quantos anjos eram capazes de dançar na cabeça de um alfinete enquanto a praga dizimava vinte milhões de pessoas. Agora não é o momento de se entregar a um debate esotérico sobre o capricho dos deuses! Diga, você amava sua família?

— É claro que eu amava!

— Então afaste essa culpa e enterre sua tristeza. Eles estão mortos, e nenhuma quantidade de sofrimento ou de arrependimento poderá trazê-los de volta. Eu lhe apresento uma escolha, Malachi Stinnet, aquela com que todos nós uma hora ou outra nos deparamos: você pode ficar deitado às margens da Babilônia chorando ou pode lutar contra o inimigo! Sua família não foi atacada por demônios nem dizimada pela ira de um deus vingativo. Sua família foi atacada e consumida por uma espécie de predadores que atacará de novo, tão certo quanto o Sol irá se pôr hoje; e mais pessoas sofrerão o mesmo destino que ela, a menos que você me diga, e me diga agora, o que viu.

Enquanto pronunciava essas palavras, o doutor se inclinava cada vez mais para perto do retraído Malachi, segurando o banco com ambas as mãos, uma de cada lado do corpo, até seu rosto ficar a poucos centímetros de distância do rosto do garoto. Seus olhos brilhavam com a intensidade de sua argumentação. Eles dois compartilhavam um fardo comum, embora apenas Warthrop soubesse disso, e, portanto, apenas Warthrop tivesse o poder de exorcizá-lo. Eu também sabia, claro. E agora, olhando para trás com os olhos de um velho através dos meus olhos de criança, posso enxergar a ironia amarga daquilo tudo, o simbolismo estranho e terrível: derramado de suas mãos imaculadas, Malachi via o sangue

de sua família, enquanto o homem cujas mãos estavam literalmente manchadas com esse mesmo sangue o incentivava a abandonar qualquer sentimento de responsabilidade e remorso!

— Não vi tudo — foi a resposta engasgada do garoto. — Eu fugi.

— Mas você estava em casa quando começou?

— Sim, é claro. Onde mais poderia estar? Estava dormindo, Todos nós estávamos. Houve um barulho terrível. O som de vidro estilhaçando quando eles entraram pelas janelas. As paredes tremeram com a violência daquela invasão. Ouvei minha mãe gritar. Uma sombra surgiu à minha porta, e o quarto se encheu de um fedor terrível que fechou minha garganta, Não consegui respirar. A sombra encheu a porta... enorme e sem cabeça... fungando e respirando como um porco. Fiquei paralisado. Então a sombra passou. Ela se foi, não sei por quê. A casa se encheu de gritos. Nossos. Deles, Elizabeth pulou para a cama. Eu não consegui me mexer! Devia ter feito uma barricada na porta. Podia ter quebrado a janela, que não estava nem a um metro de distância, e fugido. Mas não fiz nada! Fiquei deitado na cama abraçando Elizabeth, com a mão sobre a boca dela para que seu choro não os atraísse até nós, e pela porta eu os via passar, sombras sem cabeça, com braços tão compridos que os dedos quase se arrastavam pelo chão. Na frente da porta, dois deles começaram a brigar, com grunhidos raivosos e chiados enlouquecidos, mordendo-se enquanto competiam pelo corpo de meu irmão. Eu sabia que era de Matthew; era grande demais para ser de Michael. Eles o esquartejaram diante dos meus olhos. Estraçalharam o corpo e atiraram o tronco sem pernas nem braços pelo corredor, onde o ouvi cair no chão; depois os passos e os rangidos de dentes aumentaram de volume, enquanto eles o rodeavam. Foi quando senti o corpo de Elizabeth amolecer. Ela desmaiou. A essa altura, os gritos praticamente tinham terminado, embora eu ainda pudesse ouvir os monstros no corredor e na frente da casa, seus rangidos e grunhidos horrorosos e o barulho de ossos quebrando e estilhaçando. Mesmo assim, não consegui me mexer. E se eles me ouvissem? Eles se moviam tão rápido que, mesmo que eu conseguisse chegar até a janela, tinha medo de que me

atacassem antes de eu conseguir abri-la... e que horrores estariam me esperando lá fora? Será que havia mais deles patrulhando o jardim? Eu me esforcei para levantar da cama, mas não consegui. Não consegui. Não consegui!

Ele ficou em silêncio. Seu olhar havia se voltado para dentro novamente. O oficial se levantara do banco enquanto ele falava e caminhou com passos pesados até ficar diante de uma das janelas de vitrais. Voltou o rosto para a cena de Cristo como um bom Pastor de Seu rebanho.

— Mas você, é claro, conseguiu se levantar — incentivou o doutor.

Malachi concordou.

— Você não conseguiu abrir a janela — sugeriu Warthrop.

— Sim! Como o senhor sabe?

— Então você a quebrou.

— Não tive escolha!

— E o barulho chamou a atenção deles.

— Deve ter chamado, sim.

— Mas, mesmo assim, você não fugiu, embora a liberdade e a segurança estivessem a apenas alguns centímetros de distância.

— Não podia abandoná-la.

— Voltou até a cama para buscá-la?

— Eles estavam chegando.

— Você os ouviu.

— Eu a puxei. Estava tão sem vida quanto os mortos. Tropecei na direção da janela e perdi o apoio; deixei-a cair. Eu me abaixei para pegá-la. E então...

— Você viu o monstro na porta.

Malachi concordou de novo, dessa vez rápido, com os olhos arregalados de espanto.

— Como o senhor sabe?

— Era macho ou fêmea, dava para saber?

— Oh, pelo amor de Deus, Pellinore! — repreendeu o oficial consternado.

— Muito bem. — O doutor suspirou. — Você abandonou sua irmã e fugiu.

— Não! Não, nunca faria isso! — gritou Malachi. — Não a abandonaria para aquele... para aquilo... Agarrei os braços de Elizabeth e a arrastei até a janela...

— Tarde demais — murmurou o doutor. — O monstro já tinha alcançado você.

— Ele veio tão rápido! Em um salto atravessou o quarto, agarrou o tornozelo dela e a puxou de mim com a mesma facilidade com que se tira o doce de uma criança. Ele a atirou para cima, e a cabeça de Elizabeth bateu no teto com um baque repugnante; ouvi seu crânio se partir, e então seu sangue choveu sobre minha cabeça — o sangue de minha irmã chovendo sobre minha cabeça!

Então ele perdeu toda a compostura: cobriu o rosto com as mãos, e seu corpo foi tomado por soluços de partir o coração.

— Descreva-o, Malachi — ordenou o doutor. — Como ele era?

— Dois metros... talvez mais. Braços compridos, pernas fortes, branco como um cadáver, sem cabeça, mas com olhos nos ombros... ou melhor, com um olho só. O outro ele não tinha mais.

— Não tinha mais?

— Só havia um... buraco no lugar onde o outro olho deveria estar.

O doutor olhou para mim. Não havia necessidade de dizer nada; nós dois estávamos pensando a mesma coisa: "Se acaso ou destino... que levou a lâmina cegamente até o olho negro daquele monstro amaldiçoado".

— Você não foi perseguido? — perguntou o doutor, virando-se para Malachi.

— Não, Eu me atirei pela janela quebrada, sem sofrer nenhum arranhão — nem sequer um arranhão! —, depois cavalguei até a casa do oficial o mais rápido possível.

Warthrop colocou uma das mãos manchadas com o sangue da família de Malachi sobre o ombro trêmulo do rapaz.

— Muito bem, Malachi — disse. — Você se saiu bem.

— Como assim? — gritou Malachi. — Como assim?

O doutor me fez ficar no banco ao lado de Malachi, enquanto ele e Morgan se retiravam para discutir a melhor estratégia de ação

— ou assim presumi, com base nas palavras acaloradas que consegui ouvir.

Do oficial:

— ... agressiva e imediata... todos os homens capazes de Nova Jerusalém...

E o doutor:

— ... desnecessário e imprudente... com certeza causará pânico...

Malachi se recompôs durante aquela discussão fervorosa; seus soluços secaram até virarem um fio de lágrimas trêmulas, e sua paralisia provocada pelo medo se aquietou até virar um tremor ocasional, como os pequenos tremores depois de um terremoto violento.

— Que homem mais estranho — comentou, referindo-se ao doutor.

— Ele não é estranho — respondi, meio na defensiva. — A... profissão dele é que é estranha, só isso.

— Qual é a profissão dele?

— Ele é um monstrologista.

— Ele caça monstros?

— Ele não gosta que as pessoas o chamem assim.

— Então por que ele chama a si mesmo de monstrologista?

— Não foi ele quem escolheu o nome.

— Nem sabia que existiam pessoas assim.

— Não existem muitas. O pai dele era monstrologista, e sei que existe uma Sociedade de Monstrologia, mas acho que ela não deve ter muitos membros.

— Não é difícil imaginar por quê!

Do outro lado da igreja, o tom da discussão aumentava e diminuía como o magma superaquecido borbulhando na superfície de um vulcão.

Morgan:

— ... evacuar! Evacuar imediatamente! Evacuar todas as pessoas!

Warthrop:

— ... estupidez, Robert, estupidez e imprudência! A confusão que essa medida causaria ultrapassaria em muito os benefícios. Isso pode ser contido... controlado... Não é tarde demais...

— Nunca acreditei em monstros — falou Malachi.

Novamente seu olhar se voltou para dentro, e eu adivinhei com o gênio da intuição de uma criança que ele havia perdido noção do momento e caído tão rapidamente quanto Ícaro em uma lembrança vivida e sangrenta daquela noite, como as almas torturadas do sonho de Dante se retorcendo em tormento eterno, para sempre devoradas, mas jamais consumidas. A morte de sua família trazia pontadas de dor repetidas incessantemente, enquanto ele permanecia paralisado de medo, incapaz de dar um fim à carnificina, e sua irmã querida desmaiava ao seu lado — aquela que buscara a salvação em seus braços, a única que ele tivera alguma chance de proteger, mas a quem nem mesmo o amor de um irmão poderia ter salvado.

A discussão sob a luz fragmentada dos vitrais aumentava cada vez mais, O doutor pontuava cada argumento com uma cutucada no peito do oficial, e sua voz estridente ecoava nos confins cavernosos da igreja:

— Nada de evacuação! Nada de caçadas! Eu sou o especialista aqui. Eu sou a pessoa — a única pessoa — qualificada a tomar decisões nesse caso!

A resposta estudada de Morgan foi silenciosa, porém insistente, como um pai diante de uma criança teimosa — ou como alguém amedrontado que tivesse chamado a atenção de um louco.

— Warthrop, se eu tivesse a menor dúvida das suas capacidades de especialista, nunca o teria trazido aqui esta manhã. Você pode entender esse fenômeno horrendo melhor do que qualquer homem vivo; e é por natureza de sua profissão peculiar que sou obrigado a entendê-lo, assim como sou obrigado, em virtude de meu dever, a proteger a vida e a propriedade dos cidadãos desse município. E é esse dever que me impele a agir com rapidez, sem qualquer demora.

O doutor reuniu cada grama de sua paciência e sussurrou:

— Eu lhe garanto, Robert — na verdade, estou preparado a arriscar a minha reputação em nome disso —, que eles não irão atacar hoje, esta noite, nem daqui a muitas noites.

— Você não pode garantir isso.

— E claro que posso! O peso de três mil anos de evidências concretas apoia essa afirmação. Você me ofende, Robert.

— Não é minha intenção, Pellinore.

— Então por que em um momento você reconhece minha experiência e no seguinte a ignora? Você me trouxe aqui em busca do meu conselho, mas depois o descarta. Diz que deseja evitar o pânico, mas toma decisões baseadas no seu próprio pânico!

— Concordo — admitiu Morgan —, mas nesse caso o pânico pode ser a mais benéfica das reações!

O doutor ficou vermelho de raiva e endireitou as costas como uma vareta de espingarda. As mãos se fecharam, fazendo os nós dos dedos ficarem brancos.

— Muito bem. Você rejeita minha opinião. É uma escolha arriscada, Robert, mas é claro que isso também não passa de uma opinião. Seu dever, como diz, o obriga; portanto as conseqüências dessa sua compulsão repousam unicamente sobre seus próprios ombros. Porém, quando essa compulsão o arruinar, a ponto de quem sabe lhe custar até mesmo sua vida e a vida de seus homens, espero que o julgamento não recaia sobre mim. Não serei responsabilizado. Minhas mãos estão limpas.

É claro que não estavam, longe disso! Tanto literal quanto figurativamente, o sangue das vítimas dos *Anthropophagi* manchava as mãos do doutor: o do velho ladrão de túmulos, o de todo o clã dos Stinnets... Warthrop estava encharcado de sangue.

— Venha, Will Henry! — gritou ele. — Procuraram por nossos serviços, mas não os aceitaram! Tenha um bom dia, oficial, e boa sorte ao senhor. Se precisar de mim, sabe onde pode me encontrar.

Caminhou pela ala central em direção às portas, chamando-me com uma voz que reverberou contra as tábuas desgastadas:

— Will Henry! Rápido!

Levantei-me do banco, Malachi se sentou e estendeu o braço para mim. Seus dedos encontraram meu pulso e puxaram-me de

volta.

— Aonde você vai? — perguntou, com expressão desesperada. Fiz um sinal na direção do doutor.

— Com ele.

— Wil Henreeeee! — berrou o doutor.

— Posso ir com você? — pediu Malachi.

O oficial apareceu na nossa frente.

— Não tenha medo, Malachi. Você ficará comigo até que um arranjo mais permanente possa... — buscou a palavra, depois deu de ombros e completou: — ... ser arranjado.

A porta, eu me virei e vi o quadro inalterado: Malachi e Morgan estavam em frente à cruz, o primeiro encurvado no banco da frente, o outro de pé, com a mão apoiada no ombro do rapaz.

Lá fora, o doutor respirava fundo o ar morno da primavera, como se tomasse um pouco de suco de maracujá para acalmar os nervos perturbados. Depois, ignorando os dois homens parados à frente da porta da igreja cujas expressões se fecharam ao vê-lo, seguiu direto até a carruagem do oficial, onde o motorista matava o tempo virando o tambor do revólver tediosamente.

— Harrington Lane! — disparou o doutor para ele, abrindo de supetão a porta da carruagem e entrando. Estalou os dedos com impaciência para mim, e entrei logo atrás.

A carruagem parou no acostamento uma vez para permitir a passagem de três carros funerários. Paramos uma segunda vez para abrir caminho a diversos homens com rifles e uma matilha de cães de caça. Os animais excitados latiam e puxavam as correias, enquanto seus donos os guiavam serenamente, em contraponto àquela agitação. O doutor sacudiu a cabeça e murmurou baixinho, ironicamente:

— Sei o que está pensando, Will Henry, mas até mesmo os dogmas da fé das vítimas não consideram pecado cometer um erro. Um erro de cálculo não é negligência, assim como a prudência não é crime. Sou um cientista. Baseio minhas ações na probabilidade e nas evidências. Existe um motivo pelo qual chamamos a ciência da disciplina! As mentes inferiores se atropelam ou então fazem fogueiras para assar bruxas. É falso dizer que o fato de não vermos

fadinhas dançando no gramado não prova nada a respeito da existência delas. As evidências produzem a teoria, e a teoria evolui à medida que surgem novas evidências. Seria eu capaz de abandonar três mil anos de pesquisas, de testemunhos de vítimas oculares e de investigações científicas sérias por causa de especulação e dúvida? Será que em todas as crises devemos exigir que se abdique da razão, ou pior, que se estimule o triunfo de nossos instintos mais básicos? Somos homens ou gazelas ansiosas? O exame imparcial dos fatos levaria qualquer um a concluir que não tenho culpa, que reagi com prudência e paciência neste caso; e de fato um homem com menos inteligência talvez tivesse gastado sua energia perseguindo essas tais fadinhas no gramado que ninguém consegue ver!

Bateu um dos punhos vermelhos na coxa.

— Então pode deixar de lado esses seus julgamentos juvenis, William James Henry. Não sou mais culpado por essa tragédia do que o garoto que a presenciou. Sou ainda menos culpado do que ele, isso sim, se esses mesmos critérios cruéis forem aplicados para julgar as minhas ações!

Não respondi a essa explosão intensa, pois era menos dirigida a mim do que aos demônios específicos que atormentavam a sua consciência. Eu não passava de uma testemunha do exorcismo deles. Estava bastante ciente, assim como ele, com certeza, do odor nauseante de nossas roupas, da tintura tóxica da morte agarrada à nossa pele e a nossos cabelos, do seu gosto amargo em nossas línguas.

Depois de voltarmos a Harrington Lane, o doutor desceu até o porão, onde ficou imóvel diante do cadáver suspenso do *Anthropophagus* macho. Tal imobilidade seria mera ilusão? Será que por baixo de sua fachada de tranqüilidade girava um ciclone? Desconfio que, da mesma forma como a luz do sol irradiou pelos vitrais coloridos no interior da igreja, a mente de Warthrop tivesse se partido. Embora distante, uma parte dele parecia continuar presente no holocausto daquela manhã, agachada diante do crânio esvaziado do bom reverendo Stinnet. Pude ouvi-lo murmurar variações do mesmo argumento proferido na carruagem, como um compositor lutando contra uma ponte difícil, buscando

impor equilíbrio melódico aos acordes dissonantes de seu remorso teimoso.

Seus murmúrios cessaram. Durante vários minutos ele não disse nada, nem se mexeu. Ficou ali como uma estátua, o tumulto interior bem encoberto como os ventos de um furacão vistos do espaço.

— É ela — declarou por fim, em um tom de espanto. — A matriarca que Varner cegou. Por alguma reviravolta maldita do destino, ela veio parar aqui, Will Henry. É quase como se... — hesitou em dar voz à sua suposição, que ia contra tudo aquilo em que ele acreditava — ... como se tivesse vindo em busca dele.

Não perguntei a quem ele se referia. Não precisava perguntar, eu sabia.

— Eu me pergunto — disse ele, pensativo, para o monstro pendurado diante de nós — se ela ficaria satisfeita com o filho dele.

NOVE

"Preciso lhe Mostrar Algo"

O oficial voltou a Harrington Lane naquela tarde, exatamente como previsto pelo monstrologista.

— Precisamos arrumar tudo, Will Henry — disse o doutor. — O bom oficial chegará daqui a pouco para pedir (ou melhor, voltar a pedir) nossa assistência. Quando seus cães farejadores falharem ou sua incrível turma de atiradores desistir, ele vai voltar.

Havia uma boa dose de "arrumação" a ser feita depois da busca frenética do doutor no dia anterior. Ele foi para o gabinete, enquanto eu cuidava da biblioteca, colocando livros nas prateleiras, empilhando papéis e jogando fora os restos de fuligem do chapéu do velho ladrão de túmulos e da lombada do diário de seu pai entortada pelo fogo, que não fora consumida. Eu me senti como um criminoso limpando a cena de um crime — o que era, de certa forma. Não escutei nenhum barulho vindo do gabinete enquanto eu trabalhava. Suspeitei do motivo desse silêncio, e, quando fui até lá para informar ao doutor que havia terminado, minha suspeita se confirmou: ele não limpava nada. Estava sentado na poltrona, uma ilha em meio a um mar de entulho, perdido em pensamentos. Sem uma palavra, me pus ao trabalho, enquanto ele observava com um olhar voltado para dentro, parecido com o de Malachi Stinnet: ele me via, mas devia enxergar algo completamente diferente.

A batida na porta veio às três e quinze. O doutor se levantou e disse:

— Pode terminar mais tarde, Will Henry. Por enquanto apenas feche a porta do gabinete e leve o oficial até a biblioteca.

Morgan não viera sozinho. Atrás dele estava o motorista, com um distintivo de prata brilhante na lapela e um revólver ostensivamente à mostra na lateral do corpo, e Malachi Stinnet, cujo semblante desalentado se iluminou visivelmente quando abri a porta.

— O doutor está, Will Henry? — perguntou o oficial de modo rígido e formal.

— Sim, senhor. Está aguardando o senhor na biblioteca.

— Aguardando por mim? Aposto que está mesmo!

Eles me seguiram até lá. Warthrop estava de pé em frente à enorme mesa sobre a qual eu deixara o mapa marcado com linhas interseccionadas, círculos mal traçados e estrelas, retângulos e quadrados. Na pressa tinha me esquecido de enrolá-lo, mas o doutor não pareceu perceber ou então não se importou com isso.

Ele endireitou o corpo quando entramos e disse a Morgan:

— Robert, que surpresa!

— É mesmo? — respondeu o oficial com frieza. Sua atitude era de alguém que mal conseguia conter o desprezo. — Will Henry disse que você estava me aguardando.

O doutor fez um sinal na direção do suboficial e do único sobrevivente do massacre daquela manhã.

— Você. Não eles.

— Malachi pediu para vir. E eu pedi a O'Brien que viesse. Morgan atirou algo sobre a mesa. O objeto deslizou alguns centímetros pela superfície escorregadia do mapa e foi repousar ao lado da ponta dos dedos de Warthrop.

Era meu querido e pequeno chapéu que eu perdera no cemitério, agora reencontrado.

— Acredito que isso pertença a seu assistente. Warthrop não respondeu. Não estava olhando para o chapéu, mas para Malachi.

— Will, não são suas iniciais na faixa interna, aqui? W. H.? — perguntou o oficial, embora não tirasse o olho acusatório de cima de Warthrop.

— Will Henry, por favor, leve Malachi até a cozinha, sim? — pediu o doutor com toda a calma.

— Ninguém sai dessa sala! — gritou Morgan. — O'Brien!

Com um sorrisinho astucioso, o grandalhão foi postar-se à porta.

— Acho que seria melhor se Malachi... — começou o doutor. Morgan o interrompeu.

— Eu é que decido o que é melhor aqui. Há quanto tempo você sabe, Warthrop?

O doutor hesitou, depois respondeu:

— Desde a manhã do dia quinze.

— Desde a... — Morgan estava pasmo. — Você sabe há quatro dias, mas mesmo assim não me disse nada?

— Não achei que a situação...

— Você não achou!

— Era minha opinião que...

— Sua opinião!

— Baseado em todas as informações de que eu dispunha, era minha opinião e minha crença que... a infestação pudesse ser tratada a distância, sem estimular pânico desnecessário e... o uso de força irracional e despropositada.

— Eu lhe perguntei esta manhã! — declarou Morgan, aparentemente sem se abalar com a racionalização do doutor.

— E eu contei a verdade, Robert.

— Você disse que estava chocado com a presença deles aqui.

— E estava... e estou. O ataque da noite passada com certeza foi um choque, e nesse sentido não menti. Você veio me prender?

Os olhos do oficial cintilaram atrás dos óculos, e seu bigode tremeu.

— Foi você que os trouxe para cá.

— Não.

— Mas sabe quem os trouxe.

O doutor não respondeu. Não teve oportunidade. Naquele momento, Malachi — que estivera ouvindo tudo cada vez mais chocado, que havia insistido em ir sem saber da dedução do oficial, que agora estava na presença do homem cujo silêncio arruinara sua família — não se virou para o réu, mas para O'Brien. Arrancou a arma da cintura do homem que de nada suspeitava e se atirou sobre Warthrop, derrubando-o no chão e pressionando o cano do revólver contra sua testa. O barulho de Malachi preparando a arma foi alto no silêncio espantado que se seguiu.

Malachi sentou-se sobre o doutor, levou o rosto a poucos centímetros do dele e cuspiu uma única palavra:

— Você!

O'Brien se atirou para a frente, mas o oficial bateu a mão em seu peito para impedi-lo e chamou o garoto arrasado pelo sofrimento:

— Malachi! Malachi, isso não vai resolver nada!

— Eu não quero resolver nada! — berrou Malachi, fora de controle, — Quero justiça!

O oficial deu um passo em sua direção.

— Isso não é justiça, rapaz. É assassinato.

— Ele é que é o assassino! Olho por olho, dente por dente!

— Não, julgá-lo cabe a Deus, não a você.

Morgan se movia devagar enquanto falava, e Malachi reagia empurrando o cano da pistola com força contra o crânio de Warthrop. O corpo do rapaz vibrava com a força de sua ira.

— Nem mais um passo, senão eu atiro! Juro que atiro!

A violência de seus tremores fez o cano do revólver arranhar a testa de Warthrop, e sangue escorreu ao redor do aço que rasgou a pele macia.

Sem parar para pensar (pois, caso contrário, talvez não houvesse arriscado a vida de nós dois), passei por Morgan e me ajoelhei diante deles, do atormentado Malachi e do prostrado Warthrop. O rapaz voltou seu rosto suplicante banhado em lágrimas para mim, contorcido de raiva e perplexidade, como se em meus olhos pudesse encontrar a resposta à pergunta impossível de se responder: "Por quê?",

— Ele arrancou tudo o que eu tinha, Will! — sussurrou.

— E você arrancaria tudo o que tenho — respondi.

Estiquei a mão e segurei a arma, Ele ficou com medo.

Seu dedo se enrijeceu sobre o gatilho. Congelei.

— Ele é tudo o que tenho — tornei a dizer, pois era verdade.

Com uma das mãos, agarrei-lhe o pulso trêmulo; com a outra, afrouxei o revólver de seus dedos, que tremiam. Em dois passos Morgan já estava ao meu lado. Tirou a arma das minhas mãos e entregou-a ao envergonhado O'Brien.

— Tenha um pouco mais de cuidado com isso da próxima vez — repreendeu.

Pus a mão, agora tomada pela mesma paralisia que afetava Malachi, sobre o ombro do rapaz. Ele se afastou do doutor e caiu nos meus braços, enterrando o rosto no meu peito, e sua figura frágil foi tomada pelos soluços. O doutor esforçou-se para se levantar, inclinou-se na mesa e apertou o lenço contra a ferida na testa. Seu rosto estava pálido, manchado de sangue. Murmurou:

— Se eu soubesse...

— Você sabia o bastante — interrompeu Morgan ríspidamente. — E agora vai confessar tudo, Pellinore. Tudo, senão eu vou prender você esta noite mesmo, sem demora.

O doutor concordou. E fitou o infeliz Malachi Stinnet, aninhado em meus braços.

— Preciso lhe mostrar algo — disse ele a Morgan. — Mas apenas a você, Morgan, acredito que... — ele se interrompeu. — Em minha opinião... — interrompeu-se de novo. Pigarreou. — É melhor que Malachi não veja isto.

Eu sabia para onde eles estavam indo, é claro, e não poderia ter concordado mais com o doutor: com certeza era melhor Malachi não ver o que estava pendurado no porão do monstrologista. O robusto O'Brien fez menção de segui-los, mas Morgan ordenou que ficasse conosco. Então ele continuou ali na porta, não parecendo nem um pouco feliz com aquilo e olhando-me do outro lado da sala como se eu fosse responsável pelo maldito andar dos acontecimentos. Talvez eu fosse, em parte, e naquele momento com certeza era o que eu sentia. A sombra da culpa do doutor se estendia por uma longa distância, e, embora eu o tivesse questionado na noite de nossa fuga às pressas do cemitério, não havia insistido no assunto. O doutor, afinal de contas, não tinha me trancado no meu quarto nem me acorrentado ao pilar da escada. Os fatores atenuantes (minha idade, minha condição de subalterno, minha submissão ao intelecto superior e à maturidade do julgamento do doutor) não pareciam consistentes diante da dor de Malachi, de sua perda irreparável.

Ao olhar para cima, com minhas vistas enevoadas pela tristeza devido à situação de Malachi e (confesso) devido à minha própria,

percebi O'Brien olhando-me com o lábio superior retorcido em um sorrisinho sarcástico.

— Espero que ele seja enforcado por isso — disse.

Desviei o olhar e encarei os olhos de Malachi, vermelhos e arregalados. Ele sussurrou:

— E você, sabia?

Fiz que sim. Mentir, como o doutor havia me ensinado, era o pior tipo de tolice.

— Sim.

Eles voltaram depois do que pareceram horas, mas não poderiam ter ficado lá embaixo mais do que alguns minutos. Toda a cor havia sumido da cara de coruja de Morgan, e seus movimentos rígidos e esquisitos até a cadeira onde ele cuidadosamente se sentou lembravam os de um soldado traumatizado pela guerra. Com dedos trêmulos, ele encheu o cachimbo e precisou de duas tentativas para conseguir acendê-lo, Warthrop também parecia abalado e espantado após ter cambaleado à beira do abismo negro da morte. A ferida redonda em sua testa, perfeitamente centrada uns dois centímetros acima dos olhos como a marca de Caim, agora tinha o sangue coagulado.

— Will Henry — disse em voz baixa —, leve Malachi para cima até um dos quartos vazios.

— Sim, senhor — respondi imediatamente.

Ajudei Malachi a se levantar, colocando um de seus braços sobre meus ombros, enquanto ele se apoiava em mim, e juntos saímos dali nos arrastando. Meus joelhos quase se dobravam por causa do peso dele, pois era quase uma cabeça mais alto do que eu. No alto das escadas, eu o empurrei com esforço para dentro do quarto mais próximo, aquele onde o corpo nu de Alistair Warthrop fora encontrado cinco anos antes. Deitei-o sobre o colchão, onde ele, como o pai do monstrologista, se enrolou em uma bola infeliz, com os joelhos quase tocando o queixo. Fechei a porta e despenquei na cadeira ao lado da cama para recuperar o fôlego.

— Eu não devia ter vindo — disse.

Concordei com a observação óbvia.

— Ele se ofereceu para me abrigar na sua casa — continuou, referindo-se a Morgan —, pois não tenho nenhum outro lugar aonde ir.

— Você não tem mais ninguém da família? — perguntei.

— Toda a minha família morreu.

Concordei de novo.

— Sinto muito, Malachi.

— Você faz tudo por ele, não é? Até se desculpar.

— Não era intenção dele que isso acontecesse.

— Ele não fez nada. Sabia e não fez nada. Por que você o defende, Will? Quem ele é para você?

— Não é isso — respondi. — E o que eu sou para ele.

— Como assim?

— Sou seu assistente — disse, sem nenhum toque de orgulho, — Como meu pai era. Depois que ele... depois do incêndio, o doutor me acolheu.

— Ele o adotou?

— Ele me acolheu.

— Por que fez isso? Por que o acolheu?

— Porque não havia mais ninguém.

— Não — respondeu. — Não foi o que eu quis dizer. Por que ele escolheu acolher você?

— Não sei — disse, meio admirado. A pergunta nunca havia passado pela minha cabeça. — Nunca perguntei. Acho que acreditou que era a coisa certa a fazer.

— Por causa dos serviços de seu pai?

Fiz que sim.

— Meu pai o amava — pigarreei. — Ele é um grande homem, Malachi. E... — nesse momento as palavras que meu pai sempre dizia escaparam de meus lábios: — É uma honra servi-lo.

Tentei me desculpar. Aquela afirmação me lembrou do meu lugar ao lado do doutor. Malachi reagiu como se eu tivesse ameaçado estrangulá-lo: agarrou meu pulso e me implorou para não ir embora, e no fim não pude recusar. Minha derrota não se devia inteiramente a uma maldição congênita (parecia que era meu fardo ficar sentado à cabeceira de pessoas perturbadas); era resultado

também da lembrança dolorosa de outro garoto órfão que, noite após noite, era obrigado a se deitar numa cama estranha, numa alcova pequena, deixado de lado e esquecido durante horas, como uma relíquia de família indesejada que fora deixada de herança para um parente distante e era muito vulgar para exibir, mas valiosa demais para descartar. Havia momentos, logo que comecei a servir o monstrologista, em que eu tinha certeza de que ele devia ter ouvido meus uivos chorosos, que se estendiam por boa parte da noite — devia tê-los ouvido, mas não fizera nada. Ele raramente falava dos meus pais ou da noite em que morreram. Quando o fazia, era em geral para me castigar, como na noite em que voltamos do cemitério: "Seu pai teria entendido".

Então fiquei mais alguns minutos ali, sentado na beira do leito de morte de Alistair Warthrop segurando a mão de Malachi. Ele estava visivelmente exausto de sua prova difícil, e insisti para que descansasse, mas ele queria saber de tudo. Como havíamos descoberto as criaturas que atacaram sua família? O que o doutor tinha feito naquele meio tempo, entre o momento de nossa descoberta e o ataque?

Eu lhe contei da visita noturna de Erasmus Gray com sua carga tenebrosa, de nossa expedição até o cemitério e da fuga enlouquecida que se seguiu, de nossa viagem até Dedham e da história de Hezekiah Varner. Omiti o envolvimento do velho Warthrop na vinda dos *Anthropophagi* a Nova Jerusalém, mas enfatizei a inocência de Warthrop naquela questão, bem como seus esforços em responder às críticas apresentadas devido à presença deles. Malachi não pareceu muito satisfeito com minha defesa do doutor.

— Se um cão com raiva se torna um assassino, que louco fica buscando a criatura que o contaminou? — perguntou. — Primeiro se deve matar o cão, depois encontrar a fonte de sua loucura, se isso for preciso.

— Ele achou que tínhamos tempo para...

— Bom, achou errado, não foi? E agora minha família está morta. Eu também, Will — acrescentou, sem um pingote de autopiedade ou melodrama. — Estou morto também. Sinto sua mão, vejo você aí sentado, respiro. Mas por dentro sou só vazio.

Concordei. Como eu o entendia bem! Apertei sua mão.

— Vai melhorar — garanti. — Comigo foi assim. Nunca será a mesma coisa, mas vai melhorar. E prometo a você que o doutor vai matar essas coisas todas, até a última delas.

Malachi balançou a cabeça devagar, com os olhos em chamas.

— Ele é seu mestre e o salvou de uma vida sombria em um orfanato — sussurrou. — Eu entendo, Will. Você se sente na obrigação de desculpá-lo e perdoá-lo, mas eu não posso desculpar e não vou perdoar esse... esse... o que você disse mesmo que ele era?

— Monstrologista.

— Sim, é verdade. Esse caçador de monstros... Bem, ele é aquilo que ele caça.

Ficou em silêncio depois dessas palavras acusatórias, e suas pálpebras tremeram, fecharam, abriram e, por fim, fecharam de vez. Porém, continuou segurando firme minha mão, mesmo quando o cansaço o venceu; tive de abrir seus dedos para soltar os meus antes de sair dali.

Hesitei enquanto descia as escadas, pois o silêncio da noite foi quebrado de repente por batidas na porta da frente e pelos berros do doutor para que eu fosse atender. "O que aconteceu?", perguntei a mim mesmo. "Será que eles atacaram de novo?" A noite caía; talvez outro massacre noturno tivesse começado — ou talvez a notícia da morte dos Stinnets houvesse vazado, e um bando de cidadãos tivesse ido linchar Warthrop.

"Ele é aquilo que ele caça", tinha dito Malachi. Não acreditava nisso, mas entendia o julgamento dele e o do resto da cidade quando soubesse da carnificina dos *Anthropophagi*.

Não achava que o doutor era um monstro que caçava monstros, mas eu estava prestes a conhecer um homem assim.

DEZ

"O Melhor Homem para esse Serviço"

O homem à porta do doutor era bastante alto, bem mais de um metro e oitenta, de porte atlético e bonito de um jeito infantil, com traços finos e cabelos compridos e louros. Seus olhos eram de um tom estranho de cinza; à luz trêmula do lampião, pareciam quase negros, mas depois, quando os vi à luz do dia, assumiram um tom mais suave, o tom cinzento do pó de carvão ou a tonalidade de um navio de guerra encouraçado. Usava uma capa de viagem e luvas, botas de montaria e um chapéu de feltro disposto em ângulo extravagante. O bigode era pequeno e bem aparado, dourado como seu cabelo, tão fino que parecia flutuar acima de seus lábios carnudos e sensuais.

— Bem! — exclamou um pouco surpreso. — Boa-noite, meu jovem. — Falava com sotaque britânico refinado numa voz ronronante e leonina, melódica e reconfortante.

— Boa-noite, senhor.

— Estou procurando pela residência de um querido amigo meu e temo que meu motorista tenha se perdido. Pellinore Warthrop é seu nome — com um brilho nos olhos, acrescentou —, o do meu amigo, não o do motorista.

— Esta é a casa do dr. Warthrop — informei.

— Ah, então agora é "doutor" Warthrop? — ele riu suavemente. — E você, quem seria?

— Sou seu assistente. Aprendiz — corrigi.

— Um assistente-aprendiz! Bom para ele. E para você, tenho certeza. Diga-me, sr. assistente-aprendiz...

— Will, senhor. Meu nome é Will Henry.

— Henry! Agora o nome me soa familiar.

— Meu pai serviu o doutor durante muitos anos.

— O nome dele era Benjamin?

— Não, senhor. Era...

— Patrick — interrompeu, com um estalar de dedos. — Não. Você é jovem demais para ser filho dele. Ou filho do filho, se o filho dele tivesse tido um filho.

— Era James, senhor.

— Era? Tem certeza de que não era Benjamin?

De dentro, o doutor gritou alto:

— Will Henry! Quem é?

O homem de capa se inclinou para a frente, trazendo os olhos até o nível dos meus, e sussurrou:

— Diga a ele.

— Mas o senhor não me falou seu nome — observei.

— É necessário, Will Henry? — ele retirou uma carta do bolso e a sacudi diante de meus olhos. Reconheci a letra na mesma hora, claro, pois era minha. — Sei que Pellinore não escreveu esta carta; ele a ditou, mas escrevê-la? Impossível! A letra desse homem é atroz.

— Will Henry! — ralhou o doutor atrás de mim. — Eu perguntei quem...

Parou ao ver o inglês alto na entrada.

— É o dr. Kearns, senhor — respondi.

— Meu caro Pellinore — ronronou Kearns com simpatia, passando por mim para buscar a mão do doutor, que apertou vigorosamente a do colega. — Há quanto tempo, velho garoto? Istambul?

— Tanzânia — devolveu o doutor rigidamente.

— Tanzânia! Faz mesmo tanto tempo assim? E que diabos você aprontou com sua maldita testa?

— Foi um acidente — murmurou o monstrologista.

— Ah, que bom. Achei que você talvez tivesse virado um maldito hindu. Bom, Warthrop, sua aparência está péssima. Há quanto tempo não tem uma boa noite de sono ou uma refeição decente? O que aconteceu? Despediu a empregada e o cozinheiro, ou foram eles que pediram demissão, enojados? E me diga: desde quando você virou doutor?

— Estou aliviado por você ter vindo tão rápido, Kearns — declarou o doutor com a mesma tensão rígida na voz, ignorando o

interrogatório. — Receio que a situação tenha mudado para pior.

— Ah, algo que teria sido difícil de evitar, velho garoto.

O doutor abaixou o tom.

— O oficial da cidade está aqui.

— Para tão pior assim, então? Quantos os canalhas comeram desde que você me mandou sua carta?

— Seis.

— Seis! Em apenas três dias? Muito estranho.

— Exatamente o que achei. Extraordinariamente incomum para essa espécie.

— E tem certeza de que são *Anthropophagi*?

— Sem sombra de dúvida. Tem um pendurado em meu porão, se quiser v...

Nesse momento, o oficial Morgan apareceu à porta da biblioteca. Forçou a vista atrás dos óculos. Kearns o espiou sobre o ombro do doutor, e seu rosto de querubim se iluminou: seus dentes eram surpreendentemente brancos e retos para um inglês.

— Ah, Robert, ótimo! — disse Warthrop. Parecia de certa forma aliviado, como se a vinda do oficial o tivesse libertado de um fardo insuportável. — Oficial Morgan, este é o doutor...

— Cory — disse Kearns, estendendo a mão forçosamente para Morgan. — Richard Cory. Como vai o senhor?

— Não muito bem — respondeu o oficial. — O dia foi longo, dr. Cory.

— Por favor: Richard. "Doutor" é mais ou menos um título honorífico.

— Como? — Morgan inclinou o queixo para trás; seus óculos brilharam. — Warthrop me disse que o senhor era cirurgião.

— Ah, eu me interessava por isso na juventude. Hoje é mais um *hobby* do que qualquer coisa. Não estripo ninguém há anos.

— Ah, é mesmo? — perguntou o oficial cortesmente. — E por quê?

— Ficou chato depois de um tempo, para falar a verdade. Eu me entedio com facilidade, oficial, e esse é o principal motivo por eu ter largado tudo para atender ao gentil convite de Pellinore. É um maldito de um esporte bacana esse negócio.

— Maldito é mesmo — concordou Morgan. — Mas eu dificilmente chamaria de esporte.

— Tenho de admitir que não é como críquete ou *squash*, mas é bem superior a caçar raposas ou codornas, que não são nada em comparação, Morgan! — retrucou Kearns.

Depois, virou-se para o doutor:

— Meu motorista está aguardando aí fora. Precisa ser pago, e eu trouxe um pouco de bagagem, claro.

Warthrop levou algum tempo para apreender o significado daquilo.

— Planeja ficar aqui? — perguntou.

— Acho que é a decisão mais prudente. Quanto menos eu for visto na cidade, melhor, não é?

— Sim — concordou o doutor depois de uma pausa.

— Claro. Aqui, Will Henry — ele enfiou a mão no bolso e puxou o maço de notas, — Pague o motorista do dr. Kearns... Cory...

— Richard — interveio Kearns.

— Isso — completou Warthrop. — E leve as malas dele para o quarto vazio.

— Quarto vazio, senhor?

— O antigo quarto de minha mãe.

— Nossa, Pellinore, quanta honra! — exclamou Kearns.

— Rápido, Will Henry! A noite vai ser longa, e vamos querer chá e algo para comer.

Kearns tirou as luvas, sacudiu a capa e largou-os em meus braços, assim como o seu chapéu.

— São duas valises, três baús e uma caixa grande de madeira, mestre Henry — informou-me. — Das valises você consegue dar conta. Da caixa e dos baús, não, mas o motorista pode lhe dar uma ajuda, caso você lhe ofereça um "incentivo". Sugiro que leve os baús até a cocheira. As malas e a caixa devem ir para o meu quarto. Cuidado com a caixa: seu conteúdo é bastante frágil. E uma xícara de chá viria muito bem a calhar. Acredita que não tinham chá no trem? Os Estados Unidos ainda são um país admiravelmente atrasado. O meu é com leite e dois cubos de açúcar, mestre Henry. Bom rapaz!

Deu uma piscadela e bagunçou meu cabelo, depois bateu palmas e disse:

— Agora, cavalheiros, vamos ao trabalho? O dia pode ter sido longo, Robert, mas a noite será mais longa ainda, eu lhe garanto!

Os homens se retiraram para a biblioteca enquanto eu e o motorista, depois de eu ter lhe dado uma gorjeta gorda, começamos a descarregar a bagagem do nosso hóspede. A tal caixa de madeira provou ser o item mais complicado. Embora não fosse tão pesada quanto os baús enormes que levamos até a cocheira, tinha pelo menos um metro e oitenta de comprimento e estava coberta por um tecido sedoso escorregadio que a tornava difícil de segurar. Dar a volta na curva da escadaria foi um problema em especial, no fim solucionado colocando a caixa de canto e virando-a. O motorista praguejava, xingava e suava bicas, reclamando durante todo o tempo de dor nas costas, nas mãos, nas pernas e pelo fato de ele não ser nenhum burro de carga, mas apenas motorista. Nós dois sentimos que havia entalhes na madeira por baixo do revestimento de seda, os quais teriam dado pontos de apoio excelentes, e ele se perguntou em voz alta por que alguém teria se dado ao trabalho de enrolar uma caixa de madeira com lençóis.

Depois fui até a cozinha preparar o chá e os bolinhos, e por último levei a bandeja até a biblioteca. Quando entrei, percebi que tinha colocado apenas três xícaras; teria de voltar para buscar mais uma. Então vi que O'Brien tinha ido embora, quem sabe mandado para casa por Morgan, que talvez tivesse optado pela menor quantidade possível de testemunhas daquela conspiração que estava por vir.

Os homens estavam inclinados sobre a mesa, analisando o mapa marcado, enquanto Warthrop apontava para um ponto no litoral.

— Isto indica onde o Feronia encalhou. É impossível dizer, claro, a localização precisa, mas aqui — ele pegou um jornal em cima da pilha — publicaram a notícia do desaparecimento de um garoto que as autoridades acreditam ter iniciado na vida de marujo duas semanas depois e trinta e dois quilômetros à frente. Cada círculo, aqui, aqui e aqui — disse, enquanto cutucava cada ponto —

et cetera, representa uma vítima em potencial, a maioria considerada desaparecida ou que então acabou sendo descoberta vários dias ou semanas depois, com ferimentos atribuídos aos animais selvagens. Anotei as datas correspondentes em cada um dos círculos. Como podem ver, cavalheiros, embora não possamos atribuir todos esses incidentes a ataques de nossos hóspedes indesejados, as informações indicam um cone de distribuição, uma migração gradual que leva até aqui, Nova Jerusalém.

Ninguém soltou um pio. Morgan chupou seu cachimbo, há tempos apagado, e olhou o mapa através do quadrante inferior de seu pincenê. Kearns soltou um grunhido e alisou seu bigode quase invisível com o polegar e o indicador. Warthrop prosseguiu, falando naquele mesmo tom seco e professoral com o qual se dirigira a mim tantas vezes. Ele percebia que era improvável que aquela migração de vinte e quatro anos de duração tivesse ocorrido sem que ninguém descobrisse a causa dos desaparecimentos e das mortes misteriosas, mas, como não parecia haver outra explicação razoável, a coisa devia ter acontecido daquele jeito.

Nesse momento, Kearns o interrompeu.

— Posso pensar em outra.

Warthrop ergueu os olhos do mapa.

— Em outra o quê?

— Explicação razoável.

— Adoraria ouvi-la — disse o doutor, embora estivesse óbvio que não.

— Perdoe minha audácia, Pellinore, mas sua teoria não faz o menor sentido. É completamente ridícula, absurdamente retorcida, uma besteira sem nenhum fundamento. Nossos *poppies* vieram a pé até aqui tanto quanto eu vim.

— Então qual é a sua teoria? Eles pegaram o trem?

— Quem pegou o trem fui eu, Pellinore. O meio de transporte deles foi, sem dúvida, de um tipo mais privado.

— Não entendo - disse Morgan.

— É perfeitamente óbvio, oficial — respondeu Kearns com um risinho. — Até uma criança consegue ver. Aposto que Will consegue. O que me diz, Will? Qual é a sua resposta à nossa charada maldita?

— Minha... minha resposta, senhor?

— Você é um garoto inteligente; deve ser, para Warthrop tê-lo empregado como assistente-aprendiz. Qual é a sua teoria para este caso?

Sentindo a ponta de minhas orelhas queimando, respondi:

— Bem, senhor, eu acho... — os três se viraram para mim. Engoli em seco e continuei. — Eles estão aqui, obviamente, e devem ter chegado de algum jeito, o que significa que ou chegaram por conta própria, ou então... ou então...

— Sim, muito bem. Continue, Will Henry. Ou então... o quê? — perguntou Kearns.

— Ou então alguém sabia — olhei para o chão. O olhar do doutor era bastante incômodo.

— Precisamente — concordou Kearns com um aceno. — E esse alguém sabia porque arranjou a sua passagem da África até a Nova Inglaterra.

— O que está sugerindo, Kearns? — pressionou Warthrop, esquecendo-se de tomar cuidado à medida que o rumo da conversa se desviava para caminhos mais tortuosos.

— Kearns? — perguntou Morgan. — Achei que seu nome fosse Cory.

— Kearns é meu nome do meio — explicou o cirurgião aposentado. — Do lado materno da família.

— Isso é tão absurdo quanto você diz ser a minha teoria — insistiu Warthrop, — Sugerir que alguém os trouxe até aqui, sem ninguém saber, e que os abrigou e alimentou... Como? E com quem?

— Mais uma vez, meu caro Warthrop, perguntas cujas respostas são óbvias. Não concorda, Will Henry? Tão óbvias que chegam a ser cômicas. Entendo sua miopia no assunto, Pellinore. Deve ser bastante doloroso para você aceitar, por isso distorceu os fatos, mastigou e roeu as evidências até que o que estivesse em cima ficasse embaixo, o preto virasse branco, e o quadrado, redondo.

— Você me ofende, John — rosnou Warthrop.

— John? Mas o nome dele é Richard — rebateu Morgan.

— É um apelido, em homenagem a John Brown, o agitador. Minha mãe era americana, entende, e de um tipo bastante abolicionista.

— Sou um cientista — insistiu Warthrop. — Vou aonde os fatos me levam.

— Até as cordas que movem seu coração o impedirem. Vamos, Pellinore, você sinceramente acredita nessa sua teoria capenga? Eles ficam vagando no litoral, sem serem vistos, e durante vinte e quatro anos conseguem se alimentar da população local e fazer pequenos *Anthro-poppies*, sem deixar para trás nenhuma evidência concreta, nenhum sobrevivente, nenhuma testemunha ocular, até que milagrosamente chegam à porta da própria pessoa que solicitou o prazer de sua companhia? Você parece os sacerdotes no templo: mastiga um inseto, mas engole um camelo!

— É possível; os fatos se encaixam — insistiu o doutor.

— Como?

— Adaptação, seleção natural e um pouco de sorte, preciso admitir. É concebível que...

— Ah, Pellinore — interrompeu Kearns. — Francamente. É concebível que a lua seja feita de queijo.

— Eu não consigo conceber isso — argumentou Morgan.

— Você não pode provar que não é — retrucou Kearns.

Colocou uma das mãos sobre o ombro do doutor, da qual ele na mesma hora se desvencilhou. — Quando ele morreu? Quatro, cinco anos atrás? Olhe seus círculos aqui. Você mesmo os desenhou; olhe para eles, Pellinore! Olhe as datas. Vê como se amontoam aqui e ali? Vê o intervalo de tempo entre esse círculo, a trinta e dois quilômetros de distância, e esse outro, a meros oitocentos metros do cemitério? Estes aqui, dentro deste raio de dezesseis quilômetros, começando no final de 1883 e indo até os dias de hoje... estes talvez representem ataques verdadeiros; o resto não passa de ilusão. Eles foram arrancados daquele navio, transportados até aqui e mantidos sãos e salvos até seu dono não mais conseguir fornecê-les mantimentos.

Warthrop deu um tapa forte na cara dele. O estalo foi muito alto, e todos ficaram em silêncio por um longo tempo. A expressão

de Kearns mal se alterou; envergava aquele mesmo sorrisinho irônico que exibira desde que entrou no número 425 da Harrington Lane. Morgan se ocupou com o cachimbo. Eu remexi uma xícara de chá. O chá tinha ficado frio fazia tempo.

— Está bem na frente dos seus olhos — disse Kearns com voz suave. — Você só precisa abri-los.

— Esse John Richard Kearns Cory tem razão, Pellinore — concordou Morgan.

— Ou Dick — interveio Kearns. — Tem gente que me chama de Dick, por causa do Richard. Ou de Jack, por causa do John.

— Ele nunca faria uma coisa dessas — disse Warthrop.

— Não o homem que eu conheci.

— Então ele não era o homem que você conheceu — argumentou Kearns.

— Eu quis dizer quanto ao fato de abrir os olhos — corrigiu o oficial. — No sentido de que a coisa está bem na frente dos nossos. A forma como eles chegaram aqui não é o motivo de nós estarmos aqui. Precisamos decidir, e decidir rápido, como iremos exterminá-los.

— Achei que isso já tivesse sido decidido — disse Kearns. — Ou há alguma outra razão para eu ter sido convidado?

— De manhã entrarei em contato com o gabinete do governador para solicitar a mobilização da milícia estadual — declarou Morgan. — E vou ordenar a evacuação completa da cidade, pelo menos das mulheres e das crianças.

— E algo completamente desnecessário — rebateu Kearns com um gesto de desprezo. — Quantos você me disse que havia, Pellinore? De trinta a trinta e cinco? Um bando médio?

Warthrop fez que sim. Ainda parecia abalado pelo argumento de Kearns.

— Sim — murmurou fracamente.

— Eu diria que não mais do que cinco ou seis dos seus melhores atiradores, Morgan. Homens em quem possamos confiar, que ficarão de boca fechada, de preferência homens com passado militar, e melhor ainda se dois ou três deles forem habilidosos com um martelo e um serrote, Fiz uma lista de materiais que precisam

ser adquiridos; o resto eu mesmo trouxe comigo. Podemos começar os preparativos de manhã cedo, e tudo estará pronto ao cair da noite.

— Cinco ou seis homens, você disse? — gritou Morgan, incrédulo. — Já viu do que essas criaturas são capazes?

— Sim — respondeu simplesmente Kearns. — Já vi.

— John os caçou aos montes na África — informou Warthrop com um suspiro.

— Jack — corrigiu Kearns. — Prefiro Jack.

— Isso não pode esperar até de manhã. Precisamos apanhá-los ainda esta noite, antes que tornem a atacar — insistiu Morgan.

— Eles não irão atacar esta noite — disse Kearns.

O oficial olhou para Warthrop, mas o doutor se recusou a corresponder. Voltando-se para Kearns, Morgan pressionou:

— Como sabe?

— Porque eles acabaram de se alimentar. Na vida selvagem, os *poppies* se empanturram uma vez por mês e passam o resto do tempo espreguiçando-se por aí. Satisfeito, oficial?

— Não, não estou satisfeito.

— Pouco importa. Agora, há outras condições que precisam ser resolvidas antes de prosseguirmos.

— Condições para quê? — perguntou Morgan.

— Para meus serviços. Com certeza Pellinore já deve ter lhe contado.

— Pellinore me ocultou várias coisas, isso sim.

— Ah, bem, não se pode culpá-lo, não é? Ele já se dispôs a cobrir todas as minhas despesas, mas a pequena questão dos meus honorários continua pendente.

— Seus honorários?

— Cinco mil dólares, em dinheiro, a serem pagos após o término de nosso contrato.

O queixo de Morgan despencou. Virou-se para o doutor e disse:

— Você não me disse nada a respeito de pagar esse homem.

— Eu vou pagá-lo do meu próprio bolso — respondeu o doutor com voz cansada. Inclinou-se diante da mesa, com o rosto pálido e

esgotado. Tive medo de que fosse desmaiar. Sem pensar, dei meio passo em sua direção.

— Parece apenas justo — disse Kearns.

— Por favor, Jack — implorou-lhe o doutor. — Por favor.

— Ótimo! Então isso já está resolvido. A única outra condição é algo que apenas você poderá atender, oficial: em nenhuma circunstância serei responsabilizado, dentro ou fora da lei, pela perda de qualquer vida ou membro corporal durante a nossa caçada, incluindo quaisquer leis que eu possa vir a quebrar ou descumprir.

— O que quer dizer, Cory, ou Kearns, ou qualquer que seja seu maldito nome? — perguntou furiosamente Morgan.

— É Cory. Achei que já tivesse deixado isso claro.

— Não me importo se for John, Jacob, Jingleheimer, Schmidt!

— Ah, Jacob é meu nome de batismo.

— Não importam os arranjos que possa ter feito com Warthrop, eu continuo sendo um oficial da lei e...

— Sem imunidade, sem extermínio, Robert... ou devo chamá-lo de Bob?

— Pode me chamar do que quiser; não lhe darei tal garantia!

— Muito bem, então. Acho que vou chamá-lo de Bobby, se é assim. Não gosto de palíndromos.

Agora era Morgan que parecia prestes a dar uma bofetada no rosto de Kearns. Warthrop interveio antes que o golpe pudesse atingi-lo, dizendo:

— Temos pouca escolha nessa questão, Robert. Ele é o melhor homem para esse serviço; eu não o teria trazido para cá se não fosse.

— Na verdade — corrigiu Kearns —, eu sou o único homem para esse serviço.

A discussão enveredou noite adentro, com um esgotado Warthrop sentado amuado, enquanto Morgan e Kearns se enfrentavam, desviavam dos respectivos golpes e se rodeavam cansados, procurando rachaduras na armadura um do outro. Warthrop raramente interrompia e, quando saía de seu estupor, era na tentativa de trazer a conversa de volta à questão que mais o afligia: não o como do extermínio, mas o como da presença dos

Anthropophagi em Nova Jerusalém. Na maioria das vezes era ignorado.

Kearns estava ansioso para que o oficial lhe concedesse o comando total da operação.

— Em qualquer campanha bem-sucedida só pode haver um general — observou. — Não posso garantir o êxito sem o cumprimento completo e inquestionável de minhas ordens. Qualquer confusão nesse âmbito seria praticamente garantia de fracasso.

— É claro, entendo isso — disparou Morgan.

— Qual parte? A necessidade de um comando claro ou o fato de eu ser o encarregado desse comando?

— Eu servi no exército, Cory — disse Morgan, que desistira de chamar Kearns pelos outros nomes. — Não precisa falar comigo como se eu fosse um caipira.

— Então estamos de acordo? Você deixará claro a seus homens quem está no comando?

— Sim, sim.

— E os instruirá a fazer exatamente o que eu disser, não importa o quanto alguma solicitação pareça bizarra ou absurda?

Morgan umedeceu nervosamente os lábios e olhou na direção de Warthrop. O doutor concordou. O oficial não pareceu muito contente.

— Eu me sinto meio como o personagem Fausto de Goethe, neste momento, mas sim, vou instruí-los.

— Ah, um homem literato! Sabia. Depois que isso terminar, Bobby, vou adorar passar uma noite, só você e eu, com um copo de conhaque e uma lareira aconchegante. Podemos discutir Goethe e Shakespeare. Diga-me, já leu Nietzsche?

— Não, não li.

— Ora, mas você simplesmente precisa ler! Ele é um gênio e, não por acaso, um grande amigo meu. Tomou emprestada — eu não deveria dizer "roubou" — uma ou duas de minhas idéias mais valiosas, mas para você é um gênio.

— Nunca ouvi falar.

— Vou lhe emprestar minha cópia de *Jenseits von Gut und Böse*. Você lê em alemão, não é?

— Qual é o sentido disso tudo? — Morgan finalmente perdeu a paciência. — Warthrop, que tipo de homem você trouxe para cá?

— Isso ele já lhe contou — retrucou Kearns, abandonando por um instante o ar alegre. O brilho em seus olhos cinzentos se apagou, e subitamente eles pareceram muito escuros, na verdade negros, tão negros e inexpressivos quanto os de um tubarão. Seu rosto, que antes estivera sempre tão animado — piscando, sorrindo, iluminado de alegria —, agora estava vazio como aqueles olhos, imóvel como uma máscara, embora a impressão fosse do contrário: a de que uma máscara havia caído a fim de revelar a verdadeira personalidade por trás. Aquela personagem não possuía nenhuma expressão: nem alegria, nem tristeza. Como o predador cujos olhos os dele agora pareciam, nenhuma emoção o movia, nenhum remorso o restringia. Por um instante revelador, John Kearns deixou a máscara cair, e o que havia por baixo dela me causou um arrepio na espinha.

— Eu... não quis ofender — balbuciou Morgan, pois também deve ter vislumbrado o inumano nos olhos do outro. — Simplesmente não quero confiar minha vida e a vida dos meus homens a um retardado.

— Eu lhe garanto, oficial Morgan, que sou bastante são, no sentido em que concebo a palavra; talvez a pessoa mais sã nessa sala, pois não tenho ilusões. Eu me libertei, entende, do fingimento, que é um fardo para a maioria dos homens. De forma bastante parecida com nossa presa, não imponho ordem onde não existe nenhuma; não finjo que há algo mais do que existe, ou que você e eu somos mais do que somos. Esta é a essência da beleza deles, Morgan, a pureza selvagem de seu ser, e o motivo pelo qual eu os admiro.

— Admira? E afirma não ser retardado!

— Existe muita coisa que podemos aprender com os *Anthrophagi*. Sou seu aluno tanto quanto seu inimigo.

— Já terminamos? — Morgan pressionou Warthrop. — Isso é tudo, ou ainda preciso aturar mais dessa baboseira?

— Robert tem razão, está muito tarde — disse o monstrologista. — A menos que haja mais da sua baboseira, John.

— Claro que há, mas isso pode esperar.

A porta de entrada, Morgan se virou para Warthrop.

— Quase ia me esquecendo... Malachi...

— Will Henry — o doutor fez um gesto na direção das escadas.

Morgan pensou melhor e disse:

— Não. Ele provavelmente está dormindo, não o acorde, Mando alguém vir buscá-lo de manhã — seus olhos se desviaram até a ferida na testa do doutor, — A menos que você...

— Está tudo bem — Warthrop interrompeu. Parecia além de qualquer cuidado. — Deixe-o ficar esta noite.

Morgan concordou e respirou fundo o ar frio da noite.

— Que homem mais estranho esse inglês, Warthrop.

— Sim. Ao extremo. Mas especialmente indicado para a tarefa.

— Rezo para que tenha razão. Pelo nosso bem.

Desejamos boa noite ao oficial, e segui o doutor até a biblioteca, onde Kearns, depois de se sentar na poltrona de Warthrop, estava tomando chá. Deu um sorriso largo e ergueu a xícara. A máscara estava de volta.

— Que estraga-prazeres mais incorrigível, não? — disse, referindo-se ao oficial.

— Ele está com medo — explicou Warthrop.

— Deve estar.

— Você está errado, sabe. Em relação ao meu pai.

— Por que, Pellinore? Por que não posso provar que o errado é você?

— Deixando de lado a questão do caráter dele por um momento, sua teoria mal pode ser considerada mais satisfatória do que a minha. Como ele conseguiu escondê-los por tanto tempo? Ou sustentá-los com sua dieta horrenda? Mesmo considerando sua teoria inaceitável, de que Alistair fosse capaz de uma atrocidade tão nojenta, onde ele encontraria as vítimas? Como poderia abastecê-los com comida durante vinte anos sem ser pego nem sequer levantar a mínima suspeita?

— Você superestima o valor da humanidade, Pellinore. Sempre superestimou. Em toda parte, dessas costas às cidades, está tudo repleto de lixo, o refugo descartado das favelas da Europa. Não seria

nenhuma tarefa difícil atrair bandos deles até aqui com promessas de emprego ou outros incentivos, ou, se não desse certo, simplesmente os tirar dos guetos com a ajuda de certos homens que não sofrem desse seu curioso idealismo romântico. Acredite em mim, o mundo está cheio de homens desse tipo! Claro, é inteiramente possível — embora não provável, eu diria — que ele tenha convencido seus animaizinhos de estimação a adaptar sua dieta a uma forma de vida inferior, supondo que esse fosse o objetivo dele, como você propõe. É possível que tenham adquirido um gosto especial por galinhas. Possível, embora não muito provável.

Warthrop balançou a cabeça.

— Não estou convencido.

— E eu não estou preocupado. Mas estou curioso. Por que você resiste a uma explicação que faz muito mais sentido do que a sua? Francamente, Pellinore, está disposto a calcular as chances de eles terem migrado até aqui, até o seu próprio quintal, por puro acaso? No fundo você deve saber a verdade, mas se recusa a admitir. Por quê? Porque não consegue se obrigar a pensar o pior a respeito dele? Quem ele era para você? Mais importante ainda: quem você era para ele? Você defende um homem que mal tolerava a sua existência. — Seu semblante infantil se abriu em um sorriso. — Ah! Então é isso? Você ainda está tentando provar que é digno do amor dele, mesmo agora, quando é impossível que ele lhe dê esse amor? E chama a si mesmo de cientista! Você é um hipócrita, Pellinore. Um hipócrita bobo e sentimental, sensível demais para o seu próprio bem. Sempre me perguntei por que você veio a se tornar um monstrologista. Você é um homem de valor com qualidades admiráveis, mas este ramo é sombrio e sujo, e você nunca me passou a impressão de ser assim. Até isso teve a ver com ele? Você fez isso para agradá-lo? Para que ele finalmente viesse a notá-lo?

— Fique quieto, Kearns! — o doutor estava tão perturbado com aquelas farpas enfiadas com tamanha precisão cirúrgica, que pensei que esbofetearia Kearns de novo, só que daquela vez com algo mais

duro do que sua mão, talvez com o atizador da lareira. — Não o chamei aqui para isso.

— Você me chamou para matar dragões, não foi? Bem. Isso é o que estou tentando fazer.

Saí dali logo depois daquela discussão acalorada. Foi bastante doloroso de assistir e, mesmo agora, décadas depois, de lembrar com tanta riqueza de detalhes. Enquanto subia as escadas até o segundo andar, pensei nas palavras do doutor: "Não sofra com quaisquer ilusões de ser nada mais do que isso: um assistente forçado a trabalhar para mim devido a circunstâncias infelizes". Naquele momento, eu não sabia por que fui me lembrar daquelas palavras. Agora, claro, o motivo é óbvio.

Parei diante da porta do quarto de Malachi e espiei lá dentro. Ele não havia mexido um só músculo desde que eu o vira pela última vez, e eu o observei dormindo por um momento antes de fechar a porta. Depois subi a escadinha até meu quarto para também dormir (ou pelo menos cair no sono). Porém, uma hora depois já estava novamente de pé, pois ouvi meu nome ser chamado por uma voz aguda e irritada. De início, por estar tão grogue, achei que fosse o doutor; mas, quando cheguei ao segundo andar, percebi que a voz vinha do quarto de Malachi. Meu caminho até lá me fez passar pelo quarto ocupado por Jack Kearns, e parei ali, pois a porta estava entreaberta, e um fio de luz vazava para o corredor escuro.

Lá dentro, vi Kearns ajoelhado diante da caixa comprida de madeira. Havia removido a cobertura de seda e a tampa, que colocara no chão ao seu lado. Notei que diversos buracos do tamanho de uma moeda haviam sido feitos na tampa. Kearns retirou um objeto fino do formato de um lápis, que parecia feito de vidro, da valise ao seu lado. Deu-lhe dois petelecos com o dedo, depois se inclinou diante da caixa. Estava de costas para a porta, portanto não pude ver mais nada — nem quis. Entrei rápido no quarto de Malachi e fechei a porta.

Ele estava sentado na cama, com as costas encostadas na cabeceira. Seus olhos azuis brilhavam de apreensão.

— Acordei, e você não estava — falou em um tom acusador.

— Me chamaram — respondi.

— Que horas são?

— Não sei. Bem tarde.

— Estava tendo um sonho, e um barulho alto me acordou.

Quase pulei pela janela.

— Você está no segundo andar — observei. — Podia quebrar a perna, Malachi.

— O que foi o barulho que ouvi?

Balancei a cabeça.

— Não sei. Não ouvi nada. Deve ter sido o dr. Kearns.

— Quem é o dr. Kearns?

— Ele... — na verdade, eu não sabia quem ele era. — Ele veio para ajudar.

— Outro caçador de monstros?

Fiz que sim.

— Quando eles planejam começar? — quis saber Malachi.

— Amanhã.

Ele ficou em silêncio por um instante.

— Vou junto — declarou.

— Talvez eles não deixem.

— Não me importo, vou do mesmo jeito.

Concordei mais uma vez. "Eu também vou, receio", pensei.

— Era Elizabeth — disse ele. — Em meu sonho. Estávamos em um lugar escuro, e eu procurava por ela, Ela chamou meu nome, várias vezes, mas eu não conseguia encontrá-la. Procurava, mas não conseguia encontrá-la.

— Ela está em um lugar melhor agora, Malachi.

— Quero acreditar nisso, Will.

— Meus pais também estão lá. E, um dia, eu os verei de novo.

— Mas por que você acredita nisso? Acreditamos nessas coisas porque queremos?

— Não sei — respondi com sinceridade. — Eu acredito porque preciso.

Saí para o corredor e fechei a porta atrás de mim. Ao me virar para voltar ao meu quarto, quase trombei com Kearns, que estava bem na frente da porta do seu quarto. Assustado, dei um passo cambaleante para trás. Kearns sorria.

— Will Henry — disse suavemente. — Quem está nesse quarto?

— Que quarto, senhor?

— O quarto de onde você acabou de sair.

— O nome dele é Malachi, dr. Kearns. Ele é... foi a família dele que...

— Ah, o garoto dos Stinnets. Primeiro ele abriga você, depois esse outro. Pellinore está se saindo uma boa alma e tanto.

— Sim, senhor. Creio que sim, senhor.

Afastei o olhar dos seus olhos cinzentos, lembrando as palavras do doutor: "Fique longe do dr. Kearns, Will Henry!".

— Henry — disse ele. — Agora lembro por que esse nome me parecia familiar. Acho que conheci seu pai. Will, e você tem razão: o nome dele era mesmo James, e não Benjamin.

— O senhor conheceu meu pai?

— Eu o vi uma vez, na Amazônia. Pellinore estava metido em outra de suas buscas quixotescas, acho que atrás de um espécime daquele fugidio — mítico, na minha opinião — parasita conhecido como *Biminius arawakus*. Lembro que seu pai estava bastante doente; malária, acho, ou outra dessas malditas doenças tropicais. Ficamos apavorados com criaturas como os *Antbrotophagi*, mas o mundo está cheio de coisas que querem nos devorar. Já ouviu falar do candiru? Também é nativo da região amazônica e, ao contrário do *Biminius arawakus*, não é muito difícil de encontrar, principalmente se você tiver o azar ou a estupidez de se aliviar perto de onde um deles esteja escondido. É um peixe minúsculo parecido com uma enguia, com espinhos afiados como lâminas nas brânquias que se desenrolam como um guarda-chuva quando dentro do hospedeiro. Em geral ele se guia pelo cheiro da urina para entrar pela uretra, onde se abriga para se alimentar das entranhas, mas já houve casos em que entrou pelo ânus e começou a devorar tudo até chegar ao intestino grosso. Ele cresce cada vez mais à medida que come, claro, e já ouvi dizer que a dor é indescritível. Tão extenuante, na verdade, que o remédio nativo mais comum é simplesmente cortar fora o pênis. O que acha disso? — concluiu com um sorriso largo.

— O que eu acho, senhor? — perguntei com voz trêmula.

— Sim, o que você acha? O que pensa dele? Ou do *Spirometra mansonii*, que é comumente chamado de platelminto, pode chegar a até trinta e seis centímetros de comprimento e se abriga no cérebro, onde se alimenta da massa encefálica até que a pessoa se veja reduzida a um vegetal? Ou do *Wuchereria bancrofti*, um parasita que invade os nódulos linfáticos e costuma fazer seus hospedeiros do sexo masculino desenvolverem testículos do tamanho de uma bola de canhão? O que podemos pensar desses animais, Will Henry, e de uma infinidade de tantos outros? Que lição podemos aprender?

— Eu... eu... na verdade não sei, senhor,

— Humildade, Will Henry! Somos mera parte de um grande todo, de forma alguma superiores, nem de longe as almas encarnadas que fingimos ser. Acho que o candiru não dá a mínima para o fato de termos produzido um Shakespeare ou construído as pirâmides, Acho que simplesmente temos um gosto bom... O que foi, Will Henry? Você ficou meio pálido. Alguma coisa errada?

— Não, senhor. Estou apenas muito cansado, senhor.

— Então por que não está na cama? Temos um dia longo pela frente amanhã, e uma noite mais longa ainda. Durma bem, Will Henry, e não deixe as pulgas da cama o devorarem!

FÓLIO III
Massacre

ONZE

"Agora não temos Escolha"

A manhã amanheceu sombria, com o céu escuro como um lençol cinza amarrotado agitando-se inquieto por causa do vento rasgante do oeste. Quando acordei de minha soneca perturbada (dificilmente aquilo poderia ser chamado de sono profundo), a Harrington Lane estava em silêncio, a não ser pelos chiados do vento nas calhas do telhado e dos rangidos das estruturas antigas da casa. Tanto a porta do quarto de Kearns quanto a do doutor estavam fechadas, mas a do quarto de Malachi estava aberta, e sua cama, vazia. Corri escada abaixo e encontrei a porta do porão entreaberta e as luzes acesas lá embaixo. Esperei ver o doutor ali dentro, mas em vez disso descobri Malachi, sentado de pernas cruzadas no chão frio e de meias, contemplando o monstro pendurado de cabeça para baixo a alguns centímetros de distância.

— Malachi — disse —, você não deveria estar aqui.

— Não consegui achar ninguém — explicou sem tirar os olhos do *Anthropophagus* morto. Apontou na direção do monstro. — Isso me assustou bastante — admitiu. — Um só olho. Achei que fosse ela.

— Vamos — chamei. — Vou preparar o café da manhã para a gente.

— Andei pensando, Will. Quando isso tudo tiver acabado, você e eu poderíamos fugir. Poderíamos nos alistar juntos no exército.

— Sou jovem demais — expliquei. — Por favor, Malachi, o doutor vai ficar...

— Ou então poderíamos nos alistar num baleeiro. Ou marchar para o oeste. Não seria sensacional? Poderíamos virar caubóis, Will Henry, e cavalgar nas planícies! Ou virar combatentes de índios; ou então bandidos, como Jesse James. Você não gostaria de virar um fora da lei, Will Henry?

— Meu lugar é aqui — respondi. — Com o doutor.

- Mas e se ele não estivesse mais aqui?
- Então eu iria para onde ele fosse.
- Não, eu quis dizer se ele não sobreviver a hoje.

Fiquei espantado com aquela idéia. Nunca havia me ocorrido que Warthrop pudesse morrer. Considerando que eu era um órfão cuja fé ingênua na presença eterna dos pais tinha sido estilhaçada, aquela possibilidade poderia estar sempre presente na minha cabeça, mas eu nunca havia pensado nela até então. E o pensamento me fez estremecer. E se o doutor morresse? Eu ficaria livre disso que Kearns chamara de "ramo sombrio e sujo", sim, mas livre para fazer o quê? Livre para ir aonde? A um orfanato, muito provavelmente, ou a um lar adotivo. O que seria pior: a tutela de um homem como o monstrologista ou a vida miserável e solitária de um orfanato, onde eu seria desprezado e destituído de tudo?

— Ele não vai morrer — falei tanto para mim mesmo quanto para Malachi. — Já estive em enrascadas antes.

— Eu também — respondeu Malachi. — O passado não promete nada, Will.

Puxei a manga da camisa dele para que se levantasse. Não sabia qual seria a reação do doutor se fôssemos vistos ali nem tinha a menor vontade de descobrir. Malachi me afastou, batendo a mão em minha perna. Algo fez barulho em meu bolso.

— O que é isso? — perguntou. — No seu bolso.

— Não sei — respondi com sinceridade, pois havia me esquecido completamente. Puxei do meu bolso: fez barulho em minha mão.

— Dominós? — perguntou.

— Ossos — respondi.

Ele apanhou um e o examinou. Seus olhos azuis claros brilharam de fascinação.

— Para que servem?

— Para adivinhar o futuro, acho.

— O futuro? — e me olhou interrogativo. — Como funciona?

— Não sei direito. São do doutor — ou melhor, do pai dele.

Você os joga, acho, e a forma como caem indica alguma coisa.

— Indica o quê?

— Algo sobre o futuro, mas...

— Era isso o que eu queria dizer! O futuro não é nada! Passe isso para cá!

Ele arrancou os outros cinco ossos da minha mão, fez uma concha com as mãos, e os sacudiu bem rápido. O barulho soou alto demais no ar frio e úmido. Pude ver suas mãos se movendo refletidas no olho enorme e cego do *Anthropophagus*.

Atirou os ossos no ar. Eles giraram, rolaram e rodaram até cair no chão, espalhados ao acaso no cimento. Malachi se ajoelhou diante deles e observou ansioso o resultado.

— Todos caíram com a cara para cima — murmurou. — Os seis crânios. O que isso quer dizer, Will?

— Não sei — respondi. — O doutor não me contou. Quanto a isso, tolo que eu era, menti.

Consegui arrastá-lo até a cozinha para comer alguma coisa e estava esquentando a água no fogo quando a porta dos fundos se escancarou. O doutor entrou e, com um olhar de profunda ansiedade, estalava os dedos.

— Cadê ele? — gritou.

Naquele instante, Kearns entrou, vindo pelo corredor, com a expressão tão calma quanto a do doutor estava perturbada, as roupas e o cabelo tão arrumados quanto os do doutor estavam desgrenhados.

— Cadê quem? — perguntou.

— Kearns! Onde diabos você estava?

— Por aí, dando uma volta. Por quê?

— Estamos com tudo pronto há mais de meia hora. Eles estão nos esperando.

— Que horas são? — Kearns fez um escândalo para retirar seu relógio do bolso do colete e abri-lo.

— Dez e meia!

— Sério? Tão tarde assim? — sacudiu o relógio perto da orelha.

— Se não partirmos agora, não vai dar tempo.

— Mas ainda não comi nada.

Ele olhou para mim, depois percebeu Malachi sentado à mesa observando-o com a boca entreaberta.

— Ora, ora! Olá! Você deve ser o pobre garoto Stinnet. Minhas sinceras condolências pela sua perda trágica. Não é a forma mais comum de encontrarmos nosso Criador, mas a maneira como vamos até Ele não importa: sempre chegamos lá! Lembre-se disso da próxima vez que tentar meter uma bala no cérebro de Warthrop. Eu sempre tento me lembrar.

— Não há tempo para tomar o café da manhã — insistiu Warthrop, com o rosto ficando vermelho de raiva.

— Não há tempo para o café da manhã? Nunca caço de estômago vazio, Pellinore. O que está preparando aí, Will?

Ovos? Para mim dois, *pochés*, com algumas torradas e café bem forte, por favor — o mais forte que você puder preparar!

Sentou-se na cadeira em frente a Malachi e ofereceu a Warthrop um vislumbre de sua dentição perfeita e reluzente.

— Você deveria comer também, Pellinore. Nunca dá de comer a esse homem, Will Henry?

— Eu tento, senhor,

— Talvez ele tenha um parasita intestinal. Isso não me surpreenderia.

— Estou esperando lá fora — avisou o doutor, rispidamente. — Não se preocupe em lavar a louça, Will Henry. O oficial e seus homens estão à nossa espera.

Bateu a porta. Kearns me lançou uma piscadela.

— Tenso! — observou. Voltou os olhos cor de carvão para Malachi. — Faltou muito?

— Faltou...? — repetiu Malachi, parecendo meio espantado com a espontaneidade daquele caçador.

— Sim. Faltou muito para você apertar o gatilho e estourar os miolos dele?

Malachi baixou os olhos para o prato.

— Não sei.

— Não? Vou colocar as coisas de outro jeito, então: naquele momento cristalino em que você enfiou o cano do revólver no rosto dele, quando bastava pressionar o gatilho para que a bala rachasse sua cabeça ao meio, o que você sentiu?

— Medo — respondeu Malachi.

— Sério? Hummmm. Acho que sim, mas não senti também certo... er, como devo dizer? Certo entusiasmo também?

Malachi fez que não, abalado, mas acho que também espantado e um tanto instigado.

— Não entendo o que quer dizer.

— Ah, deve entender, sim. Naquele momento eufórico em que você teve a vida dele aqui. — e apontou para a palma da mão. — Quando você, e não um ser inefável e invisível de contos de fada, era o capitão do destino dele. Não? Bem, acho que intenção tem tudo a ver com isso. A vontade tem de estar presente. Você na verdade não tinha a intenção de estourar os miolos dele.

— Achei que tivesse. Mas aí... — Malachi afastou o olhar, incapaz de concluir a frase.

— Bela justiça poética, se você tinha mesmo, Embora eu não considere Warthrop inteiramente responsável. E me pergunto: se ele tivesse batido à sua porta naquela noite e dito "Melhor irem embora; tem umas criaturas sem cabeça comedoras de homens soltas por aí!", será que seu pai teria colocado proteções nas portas ou levado o doutor ao sanatório mais próximo?

— Essa é uma pergunta idiota — retrucou Malachi —, porque ele não nos avisou. Não avisou ninguém.

— Não, é uma pergunta filosófica — corrigiu Kearns. — O que a torna inútil, não idiota.

O doutor andava impaciente de um lado para o outro no quintal quando finalmente saímos. O'Brien estava ali perto, ao lado de uma carroça carregada com os baús de Kearns. Diante daquela cena, o dândi inglês bateu palmas e exclamou:

— Ué, parece que estou esquecendo algo,,. Ah, lembrei! Will, Malachi, vão lá em cima pegar minha caixa e minha valise, aquela pequena preta. Rápido! Cuidado com elas, principalmente com a caixa, que é bastante frágil.

Ele havia recolocado a tampa e o envoltório e amarrado a seda com a mesma corda fina de antes. Coloquei a pequena valise preta sobre a caixa, mas Malachi disse:

— Não, Will! Vai escorregar quando descermos as escadas. Aqui, vou colocá-la embaixo do braço... É mais leve do que pensei —

comentou, enquanto descíamos a caixa escada abaixo. — O que tem aqui dentro?

Confessei que não sabia. Falei a verdade: eu não sabia, mas suspeitava. Era macabro; era quase impensável, mas era Monstrologia, a ciência do impensável.

Colocamos a caixa perto dos baús, sendo alternadamente estimulados e advertidos por Kearns:

— Em cima, em cima, garotos!... Não tão brusco, com cuidado! Com cuidado! — Kearns inspecionou nossos movimentos, fez um aceno rápido e depois virou o pescoço para estudar o céu. — Tomara que essas nuvens sumam logo, Pellinore. Esta noite haverá uma indispensável lua cheia.

O doutor e Kearns foram com O'Brien na carroça; Malachi e eu seguimos a cavalo: ele no garanhão do doutor, e eu na minha pequena égua. A cada passo inevitável em direção ao local do massacre de sua família, Malachi ficava mais introvertido. Assumiu aquele olhar fantasmagórico e distante que havia me olhado pela primeira vez na igreja do seu pai. Será que já sabia, nas profundezas dos subterrâneos de sua alma, do destino que o aguardava ao cair da noite, naquele abismo negro e sem luz que existe embaixo do mundo dos mortos? Será que sabia, no fundo da medula onde mora a verdade sem palavras, o que o lance dos crânios indicara e como ele agora estava seguindo pela estrada sombria a que Kearns havia aludido? Se sabia, não retrocedeu. Com a cabeça erguida, os olhos voltados para a frente e as costas eretas, Malachi Stinnet cavalgava em direção à sua morte.

Era quase meio-dia quando nos encontramos com Morgan e seus homens na casa de Stinnet. Começou uma discussão, a segunda do dia (mas não a última), entre o doutor e Kearns: Kearns desejava examinar a cena da carnificina do dia anterior, mas Warthrop queria começar os preparativos imediatamente para as tarefas horrendas daquela noite.

— Não se trata de um exercício voyeurístico, Warthrop — argumentou Kearns. — Bem, não totalmente. Pode haver algo que você não tenha percebido e que possa servir de ajuda.

— O quê, por exemplo? — perguntou o doutor.

Kearns se virou para Morgan, cuja expressão exausta e olhos vermelhos denunciavam a qualidade do seu sono na noite anterior.

— Oficial, é a sua cena de crime. Posso entrar, por favor?

— Se achar que é absolutamente necessário — respondeu Morgan, irritado. — Já concordei em deferir seu julgamento, não é?

Kearns tocou a ponta do chapéu, deu uma piscadela e sumiu dentro da casa. O oficial se virou para Warthrop e grunhiu em voz baixa:

— Se você não tivesse dado o seu aval a esse homem, Warthrop, teria achado que é um charlatão. Parece alegre demais para um assunto tão macabro.

— É o entusiasmo de um homem perfeitamente adequado ao seu serviço — respondeu o doutor.

Morgan ordenou a O'Brien que aguardasse na porta por Kearns, enquanto nos juntávamos a seus subalternos no interior da igreja. Ele escolhera seis homens para a caçada. Estavam sentados no primeiro banco (o mesmo onde Malachi estivera encurvado no dia anterior) com os rifles a seu lado. Suas expressões eram sérias, e os olhares, firmes. Morgan lhes apresentou o monstrologista.

— Este é o dr. Warthrop, para quem não o conhece — ou para quem nunca ouviu falar dele. E uma... autoridade nesses assuntos.

O doutor acenou solenemente para os homens, mas nenhum deles disse nada nem retribuiu o cumprimento. Aguardamos em silêncio que Kearns concluísse sua inspeção. Um dos homens começou a desmontar o rifle; quando ficou satisfeito, mecanicamente o montou de novo. Ao meu lado, Malachi não se mexeu nem falou nada, mas não parava de olhar a cruz pendurada. A certa altura, Morgan olhou para nós e sussurrou para Warthrop:

— Tem certeza de que quer levar esses garotos junto?

O doutor fez que sim e sussurrou algo para ele que não consegui ouvir.

Meia hora depois, as portas se abriram, e Kearns subiu o corredor com O'Brien às suas costas, arrastado por sua poderosa corrente como os destroços de um navio. Passou por nós sem notar nossa presença, de costas para nossa pequena congregação, contemplando a cruz (ou pelo menos é o que acharia alguém que

não o conhecesse bem). Morgan suportou aquilo o máximo que pôde, depois se levantou do banco e gritou, fazendo a voz ecoar pelo espaço cavernoso:

— Bem, e então? O que está esperando?

Kearns cruzou os braços em frente ao peito e abaixou a cabeça. Levou mais um momento para se virar e então, ao fazê-lo, soltou um pequeno sorriso, como se estivesse rindo de uma piada interna.

— Bem, foram *Anthrophagi*, sem dúvida — declarou.

— Disso não há sombra de dúvida — retrucou Warthrop. — Vamos logo com isso, Kearns.

— Meu nome é Cory.

— Certo — murmurou Morgan. — Já basta — virou-se para os atiradores sentados no primeiro banco, — O dr. Warthrop contratou os serviços deste... desta pessoa que diz ter experiência em...

— Ampla experiência — corrigiu Kearns.

— ... Em matar essas criaturas. Eu lhes diria seu nome, mas a essa altura não tenho certeza nem de que ele mesmo saiba, se é que um dia já soube.

— Pelo contrário, existem mais nomes do que imaginam — sorriu, mas seu riso cativante não duraria muito. — Obrigado, oficial, pela apresentação simpática e pelo endosso comovente. Vou me esforçar para corresponder às expectativas.

Voltou os olhos — que à luz etérea e difusa da igreja pareciam tão negros quanto a meia-noite — para os homens à sua frente. Enfiou a mão no bolso da calça e puxou um objeto escuro e côncavo mais ou menos do tamanho de uma moeda de cinqüenta centavos.

— Algum de vocês sabe me dizer o que é isso? Pellinore, você não está autorizado a responder... Não? Ninguém? Então darei uma dica: encontrei na casa do reverendo agora mesmo. Nada, nem sequer uma pista? Muito bem. Isso, cavalheiros, é o fragmento de um osso temporal de um homem adulto de aproximadamente quarenta a quarenta e cinco anos de idade. Para aqueles dentre vocês cujos conhecimentos em anatomia estão meio enferrujados, o osso temporal faz parte do crânio, e não por acaso é o osso mais duro do nosso corpo, Apesar da aparência, o buraco grande ovalado

que vocês veem aqui no meio — Kearns ergueu o osso à altura dos olhos e observou através dele a sua audiência atenta, como se fosse um olho mágico — não foi feito cuidadosamente por um instrumento cirúrgico, mas sim perfurado pelo dente de uma criatura cuja força da mandíbula excede duas mil libras. É isso o que acontece quando se aplica uma tonelada de pressão sobre o osso mais forte de nosso corpo, cavalheiros. Podem imaginar o que acontece quando ela é aplicada nas partes mais frágeis de nossa anatomia — guardou o pedaço de crânio dentro do bolso novamente. — A razão evolutiva para essa mordida tremenda é que os *Anthropophagi* não possuem molares. Duas fileiras de dentes menores circundam por fora os dentes centrais, maiores. Essas duas primeiras fileiras são para prender e agarrar; a outra serve para fatiar e retalhar; ao todo são aproximadamente três mil dentes. Em resumo, eles não mastigam a comida; engolem-na inteira. E nós, cavalheiros, como as folhas de eucalipto para o coala, compomos a sua dieta. Eles nasceram, literalmente, para nos comer. E claro que esse fato gerou certa tensão entre as duas espécies. Eles precisam se alimentar; nós preferiríamos que não o fizessem. O advento da civilização e seus frutos — a lança e a arma de fogo, por exemplo — tombaram a balança a nosso favor, obrigando-os a se esconder e forçando-os a outra adaptação da qual o ataque brutal da noite passada é um ótimo exemplo: os *Anthropophagi* são extremamente territoriais e defenderão seu lar até o último filhote de dentes afiados. Em outras palavras, cavalheiros, a crueldade com que caçam só é superada pelo instinto selvagem com que protegem seu território. E é lá que iremos encontrá-los esta noite: no território deles, não no nosso. Escolheremos a hora, mas não o lugar. Levaremos a luta até eles, e eles vão nos dar a briga que estamos pedindo. E, quando isso acontecer, senhores, podem esperar algo semelhante ao chique de um menino de dois anos, embora vindo de uma criatura com mais de dois metros de altura e cerca de cento e treze quilos, com três mil dentes afiados como lâminas abrigados no meio do peito.

Kearns sorriu. Sua expressão jovial fazia um contraste e tanto com suas palavras.

— Esta noite os senhores testemunharão o material de que são feitos os pesadelos. Verão coisas que irão chocá-los e aterrorizá-los, que irão congelar suas medulas tementes a Deus, mas, se fizerem tudo o que eu disser, poderão sobreviver até o nascer do sol — porém apenas se fizerem tudo o que eu disser. Se estiverem dispostos a fazer esse juramento agora, sem reservas, viverão para enfeitiçar seus netos com a história desta noite. Se não, sugiro que peguem suas Winchesters e voltem para casa. Agradeço-lhes a atenção, e vão com Deus.

O silêncio caiu sobre a pequena assembleia, enquanto Kearns aguardava seu veredicto. Os homens mal necessitavam daquela palestra; todos haviam visto a destruição humana causada pelos *Anthropophagi*. Entendiam o que enfrentariam. Entendiam, mas ninguém mexeu um músculo. Nenhum deles aceitou o convite de ir embora.

Um dos homens pigarreou e grunhiu:

— Eles não são os únicos a defender os seus semelhantes, esses malditos. O que quer que a gente faça?

Kearns colocou-os para trabalhar imediatamente: deveriam construir duas plataformas de um metro e vinte por dois metros e quarenta usando a carga de lenha depositada no jardim. Depois, as plataformas seriam levadas até o cemitério, erguidas com a ajuda de um sistema de cordas e polias e presas às árvores da frente da floresta ao longo da fronteira oeste do cemitério, a uma altura de três metros.

— Por que três? — quis saber o doutor, afastando-se das marteladas e dos serrotes dos outros. — Eles conseguem pular a essa altura com facilidade.

— Três é o suficiente — respondeu Kearns com um certo mistério.

Ele estava mais preocupado com o tempo. Volta e meia ia para o lado dos fundos da carroça que continha seus baús e a misteriosa caixa embrulhada, voltando constantemente os olhos para o céu. Por volta das três da tarde, quando foram colocados os últimos pregos, uma chuva fina começou a cair, manchando os óculos do oficial e obrigando-o a tirá-los da ponta do nariz a cada dois minutos para

enxugá-los rapidamente no colete. A chuva umedeceu seu tabaco e o seu ânimo; o forninho se recusava a acender.

Kearns notou aquilo e disse:

— Quando isso tudo acabar, vou enviar-lhe meio quilo do melhor fumo da Louisiana, Morgan. Bem superior a esse cocô de coelho que você fuma.

O oficial o ignorou.

— Pellinore, estou preocupado com os meninos — fez um sinal na minha direção e de Malachi. — Acho que devemos deixá-los aqui na igreja ou mandá-los de volta para sua casa. Não serve a propósito nenhum...

— Ao contrário — interrompeu Kearns. — Serve ao meu propósito.

— Talvez você tenha razão, Robert — reconheceu Warthrop com certa resistência.

— Não vou embora — insistiu Malachi, irritado. — Não sou criança e não vou embora.

— Não deixarei que isso pese na minha consciência, Malachi — retrucou o oficial, não sem simpatia.

— Sua consciência? — Malachi praticamente gritou. — E quanto à minha consciência?

— Absolutamente! — riu Kearns. — Você deveria ter ficado naquele quarto para que ela pudesse arrancar sua cabeça fora dos ombros depois de terminar de quebrar todos os ossos do corpo de sua irmãzinha. Afinal, que espécie de irmão é você?

Com um grito de raiva, Malachi se atirou sobre seu atormentador. O doutor interceptou-o, abraçando-o com fúria, enquanto o rapaz tentava esbofetear sem sucesso a cara de Kearns.

— Você fez a escolha certa, Malachi — sussurrou Warthrop ríspidamente em seu ouvido. — Você tinha a moral de...

— Eu não falaria de moral se fosse você, Pellinore — advertiu Kearns, com os olhos brilhando de prazer. — E, enfim, essa noção absurda de moral é sem dúvida uma construção humana, uma invenção irreal do rebanho. Não existe moralidade, a não ser a moralidade do momento.

— Começo a ver por que sente tanto prazer em caçá-los — comentou, enojado, Morgan. — Vocês têm muito em comum.

Malachi amoleceu o corpo nos braços do homem a quem estivera prestes a assassinar na noite anterior. Seus joelhos relaxaram, mas os braços do doutor impediram que ele caísse no chão.

— Bem, sim, oficial, é verdade — concordou Kearns. — Somos muito parecidos com eles: assassinos inescrupulosos, regidos por impulsos pouco reconhecidos e menos ainda entendidos, descuidadamente territoriais e mortalmente ciumentos. A única diferença é que eles ainda precisam dominar nossa proficiência na hipocrisia, um dom superior de nosso intelecto que nos permite matar uns aos outros aos montes, muito freqüentemente sob auspiciosa autorização de um deus conivente! — virou-se para Malachi. — Então agüente, rapaz. Você terá sua vingança; vai redimir a escolha "moral" que divide sua alma em duas. E esta noite, caso se encontre com seu Deus, poderá olhar em Seus olhos e dizer: "Que assim seja!".

Voltou-se e saiu pisando firme. Morgan virou a cabeça e cuspiu de propósito. Warthrop pediu que Malachi se acalmasse. Agora não era hora de se deixar levar pela culpa nem de se apoiar na autopiedade, explicou.

— Você não pode me afastar — respondeu. — Nada pode.

Warthrop concordou.

— E ninguém fará isso — olhou por cima do ombro do garoto para o oficial e disse: — Dê-lhe um rifle que encontraremos um posto para ele, Robert.

— E quanto a Will Henry? Com certeza não irá levá-lo. Eu falei, mal acreditando nas palavras que saíam de minha boca, como se estivessem sendo ditas por uma alma mais ousada:

— Não me mande embora, senhor. Por favor.

Sua resposta foi precedida de um sorriso, pequeno e triste.

— Oh, Will Henry. Depois de tudo pelo que passamos, como poderia mandá-lo embora agora, no momento mais crucial? Você é indispensável para mim.

As plataformas eram grandes e pesadas demais para ser levadas de carroça. Portanto, enquanto o chuvisco dava origem a um anoitecer prematuro, os homens de Morgan carregaram-nas pela longa alameda até a Estrada Velha do Cemitério e depois por mais oitocentos metros até os portões principais, onde descansaram um pouco antes do último trecho até o destino final: o local do estopim de nosso incidente bizarro, onde o velho ladrão de túmulos encontrara seu fim e morrera enterrado até a cintura na própria cova que havia violado. A causa da misteriosa ausência de Kearns naquela manhã ficou evidente ao chegarmos: ele estava bem familiarizado com o terreno, escolhera quais árvores usar como âncoras para as plataformas e desenhara cuidadosamente em uma folha de papel almaço as dimensões exatas do local, indicando até mesmo a localização das pedras tumulares. Na área aberta entre o túmulo de Eliza Bunton e o grupo de árvores, desenhara um círculo vermelho e o batizara, com caligrafia bastante elaborada, de *O Anel do Massacre*.

Os homens começaram a erguer as plataformas, firmando os pregos de ancoragem nas árvores com martelos cujas cabeças haviam sido enroladas em trapos. Comunicavam-se uns com os outros por meio de sinais e sussurros, pois, antes de sairmos do terreno paroquial, Kearns havia dado ordens expressas: deveriam fazer a menor quantidade de barulho possível, não mais do que o absolutamente necessário,

— Embora eles tenham sono pesado (além de comer e copular, é sua ocupação principal), a audição é seu sentido mais aguçado. Mesmo através de diversos metros de terra e pedra, ousou dizer que poderiam detectar nossa presença. A chuva vai ser algo bom por isso, pelo menos: vai amolecer a terra e, espero, abafar o barulho.

Enquanto três homens penduravam as cordas que manteriam a parte de trás das plataformas presas contra as árvores de ancoragem, os outros deslizavam quatro ganchos de um metro e vinte por um metro e vinte na parte da frente. Os pedaços de madeira que sobraram foram pregados no tronco de duas árvores, para fazer as vezes de escada. Então Kearns instruiu O'Brien, Malachi e eu a descarregarmos os baús da carroça.

— Só não tirem minha valise e a caixa. Deixe-as ali por enquanto; não quero que fiquem molhadas. Ah! Esse tempo maldito!

Warthrop chamou-o de lado, para longe dos ouvidos do oficial agitado, cuja irritação parecia aumentar a cada minuto que passava.

— Provavelmente vou me arrepender de perguntar isso — sussurrou —, mas o que há na caixa?

Kearns lançou um olhar de espanto ante a ignorância do doutor.

— Bem, Pellinore, você sabe muito bem o que tem naquela caixa.

Andou até um dos baús e abriu-o. Acomodados em compartimentos individuais havia uma dúzia de recipientes pretos e foscos, cada um mais ou menos do tamanho de um pequeno abacaxi, enrolados em palha. Kearns retirou um deles e gritou para mim suavemente:

— Sr, Henry! Pegue!

Atirou-o para mim; o objeto atingiu minha barriga, e eu desastrosamente passei-o de uma mão para outra antes de conseguir apanhá-lo.

— Cuidado, Will. Não deixe cair!

— O que é isso? — perguntei. Era bastante pesado para seu tamanho.

— O que é isso? E você chama a si mesmo de assistente-aprendiz de monstrologista? Essa é uma ferramenta indispensável da profissão, sr. Henry. É uma granada, óbvio. Dê um puxão nesse pininho aí.

— Ele está brincando, Will Henry — disse o doutor com voz baixa. — Não faça isso!

— Ah, como você é sem graça — provocou-o Kearns. — O que me diz, Will? Você ficará encarregado delas. Poderá ser meu granadeiro! Não vai ser sensacional? Agora seja um bom garoto e, depois que prenderem bem aquela plataforma, leve-as lá para cima com Malachi.

Abriu a tampa do segundo baú. Tirou uma corda forte comprida com uma corrente de ferro pesada presa em uma das pontas. Na outra ponta havia um gancho. Depois retirou uma vara

de metal do baú, com mais ou menos um metro e vinte de comprimento e cinco centímetros de espessura, pontuda em uma das extremidades e arqueada na outra, de forma a criar um buraco. Parecia uma agulha de costura monstruosa. A última coisa que tirou do baú foi um martelo de madeira grande, do tamanho usado para prender estacas nas estradas de ferro. Atirou a corda sobre um dos ombros, apanhou o martelo e a vara e pediu que eu o seguisse.

Enquanto trotava atrás dele, ouvi o oficial sussurrar:

— Para que diabos serve tudo isso?

E Warthrop respondeu, com a voz cheia de nojo:

— Para prender a isca.

Kearns parou a cerca de vinte metros da linha de árvores, abaixou-se sobre a terra molhada e olhou através da névoa cinzenta, na direção da plataforma.

— Sim, deve servir, Segure a vara assim, Will Henry, com as duas mãos, enquanto eu a prendo. Não se mexa agora! Uma batida em falso e quebro seu braço!

Ajoelhei-me na lama e bati a extremidade pontuda da vara no chão. Ele ergueu alto o martelo e deu uma martelada forte. A cabeça quadrada atingiu o topo do aro metálico com força suficiente para fazer voar estilhaços de metal em todas as direções. O impacto enviou um eco ressoante ao longo do terreno do cemitério. Os homens, que agora martelavam os ganchos nas pernas das plataformas, assustaram-se com o barulho e olharam em nossa direção, alarmados. Kearns repetiu o ritual três vezes. Meus braços tremiam com cada pancada, e mordi meus dentes com força para que eles não partissem minha língua em duas por acidente.

— Pronto. Mais uma e acabou — murmurou Kearns. — Quer tentar, Will? — Ofereceu-me o martelo enorme.

— Acho que nem consigo levantar isso, senhor — respondi com toda a honestidade. — É quase do meu tamanho.

— Hummm. Você é mesmo bem pequeno para sua idade. Quantos anos tem? Dez?

— Doze, senhor.

— Doze! Preciso ter uma palavrinha com Pellinore. Ele não deve estar alimentando você direito.

— Sou eu quem cozinho, senhor.

— Por que será que isso não me surpreende?

Deu outra pancada na vara de metal, soltou o martelo e agarrou a vara com ambas as mãos, grunhindo pelo esforço.

— Deve dar — disse, pensativo. — Quanto você pesa, Will?

— Não sei direito, senhor. Trinta e quatro, trinta e seis quilos?

Ele balançou a cabeça.

— Deviam denunciar esse homem. Tome.

Passou a ponta sem corrente da corda pelo aro e amarrou-a em um nó complicado. Mandou que eu pegasse a outra ponta — a que tinha a corrente — e andasse na direção das árvores até que a corda ficasse totalmente estirada.

— Agora puxe com força, Will! — gritou. — O máximo que puder!

Ficou ali de pé, com uma das mãos no quadril e a outra acariciando o bigode, observando os efeitos sobre a vara de metal, enquanto eu puxava a corda em direção às árvores. Meus pés deslizavam na terra escorregadia. Fez um sinal para que eu parasse, apanhou o martelo e deu uma última pancada vigorosa na vara de metal. Depois acenou para que eu voltasse até ele.

— Está um pouquinho comprida demais, Will Henry — concluiu. Desfez o nó, subiu as pernas das calças e retirou uma faca *bowie* da bainha presa à sua panturrilha. Cortou um pedaço de corda de sessenta centímetros. A lâmina fatiou a corda grossa como se esta não passasse de uma linha de costura. Depois ele tornou a prender a corda na vara.

— Você vai encontrar três feixes de estacas de madeira no mesmo baú, Will Henry. Seja um bom rapaz e traga-os aqui, sim?

Concordei, meio sem fôlego pelo esforço, e corri de volta ao baú para obedecer. Warthrop e Morgan estavam entretidos em uma discussão acalorada em forma de sussurro quando cheguei. Morgan enfatizava cada argumento com um pequeno golpe da ponta do cachimbo no peito do doutor.

— Uma investigação completa! Um inquérito apurado! Não posso me limitar por garantias que fiz sob coerção, Warthrop!

Enquanto corria de volta até Kearns, vi que ele consultava seu diagrama empapado pela chuva e media as dimensões de seu "anel do massacre" em passadas. Orientou onde eu deveria enfiar as estacas no chão, a intervalos de um metro e vinte, até formar um círculo quase perfeito de mais ou menos doze metros de circunferência, com a vara de metal marcando o centro. A borda oeste do círculo ficaria a quatro metros e meio da plataforma. Kearns admirou seu trabalho por um instante e depois me deu um tapinha no ombro.

— Excelente trabalho, Will Henry. A tribo maori que inventou esse método não teria feito melhor.

O grupo da caçada havia se reunido perto dos fundos da carroça; cada homem estava armado com uma pá. Ele fez um sinal para que eles se juntassem a nós, e todos o rodearam, com semblantes sérios, ofegantes, e o corpo doído de cansaço. Kearns se dirigiu a eles com voz baixa e urgente:

— A noite vai cair antes do esperado, cavalheiros. Rápido agora! Rápido, mas o mais silenciosamente possível. Cavem, cavalheiros, cavem!

Usando as estacas como guias e trabalhando com ritmo mecânico, os homens cavaram uma trincheira rasa. O solo rochoso e molhado era triturado pelas lâminas afiadas das pás. O barulho era mais ou menos abafado pela chuva que agora caía do céu sem vento em um lençol constante, a dez mil pequenas batidas por segundo, o suficiente para nos ensopar até os ossos e emplastar nosso cabelo. Ai, por que eu tinha deixado meu chapéu em casa? Dos fundos da carroça, a vários metros de distância, os homens trabalhando pareciam fantasmas cinzentos através da cortina opaca de chuva.

— Pellinore — disse Kearns —, me dê uma mão com a caixa, por favor.

— Sim, essa caixa — murmurou Morgan enquanto os dois a retiravam dos fundos da carroça. — Gostaria de saber exatamente o que tem aí dentro, Cory.

— Tenha paciência, oficial, que logo irá saber o que há... Cuidado, Pellinore! Pouse-a com cuidado! Will Henry, pegue minha valise, sim?

Ele retirou o lençol de seda e abriu a tampa da caixa. O doutor deu um passo para trás com um suspiro de resignação; sabia o que havia ali antes mesmo de Kearns abri-la, mas saber e ver são duas coisas muito diferentes. Morgan deu um passo para a frente para espiar o conteúdo e engasgou. Toda a cor sumiu de seu rosto. Balbuciou algo ininteligível.

Deitada ali dentro havia uma mulher, com um vestido branco transparente e quieta como um cadáver, com os olhos fechados e os braços dobrados sobre o peito. Não tinha menos de quarenta anos e talvez um dia tivesse sido bonita, mas agora seu rosto estava inchado e manchado de cicatrizes — talvez de varíola. Seu nariz era grande e vermelho por causa dos capilares estourados por baixo da pele, resultado, sem dúvida, de anos de abuso do álcool. Além do vestido, ela não usava mais nada, nem anel nem pulseira, mas em seu pescoço havia uma faixa presa da cor do cobre fosco com um aro de metal afixado na região abaixo do queixo largo.

Depois de alguns segundos de silêncio aterrorizado, Morgan reencontrou sua voz.

— Isso é a isca?

— O que queria que eu usasse, oficial? — perguntou Kearns em resposta. — Um cabritinho?

— Quando você pediu imunidade, não mencionou assassinato — retrucou Morgan, indignado.

— Eu não a matei.

— Então, onde você...?

— É uma mulher das ruas, Morgan — disse ríspidamente Kearns. Parecia irritado com a acusação do oficial. — Uma mendiga qualquer das quais as sarjetas de Baltimore estão cheias até a boca. Um traste encharcado de rum e assolado por doenças cuja morte serve a um propósito muito mais nobre do que qualquer um que ela tenha conquistado em sua vida miserável e desperdiçada. Se usá-la ofende sua moral, talvez queira se oferecer como isca.

Morgan apelou a Warthrop:

— Pellinore, com certeza deve haver outro jeito... O doutor fez que não.

— Ela já não sofre mais nada, Robert — explicou. — Não temos escolha agora; precisamos fazer isso.

Observou com um olhar questionador Kearns erguer o corpo imóvel do caixão improvisado. A cabeça dela pendeu para trás, e os braços lentamente deslizaram do peito até ficarem pendurados ao lado do corpo, enquanto Kearns a levava até o anel do massacre.

— Will Henry! — chamou Kearns por cima do ombro.

— Minha valise!

Todo o trabalho foi interrompido quando os homens o viram chegar. Suas bocas se abriram; seus olhos iam de Kearns para Morgan, que fez um gesto: Cavem! Cavem! Kearns deitou suavemente a mulher no chão ao lado da vara de metal, aninhando sua cabeça entre as mãos com ternura. Fez um sinal para a corda. Coloquei a valise ao lado dele e entreguei-lhe a ponta presa à corrente. Ele deslizou o gancho no aro do pescoço da mulher.

— Não consigo entender por que ele ficou tão chateado - comentou. — Os maoris usam escravas virgens, jovens adolescentes, Will Henry, aqueles brutos selvagens.

Deu um puxão forte na corrente. A cabeça da mulher sacudiu sobre o colo dele.

— Bom o bastante.

Deitou a cabeça dela no chão enlameado. Depois ficou de pé e inspecionou o local. Olhei para a direita, na direção da plataforma, e vi uma figura solitária nos olhando com um rifle aninhado nos braços, tão imóvel quanto uma sentinela a postos. Era Malachi.

Embora a chuva monótona continuasse a cair, e a luz cinzenta que anunciava a chegada inevitável da noite parecesse inalterada, havia uma sensação de tempo passando, de rapidez das horas, de aceleração da marcha para a batalha. Dois grandes barris contendo uma mistura de querosene e petróleo foram descarregados da carroça e esvaziados na trincheira recém-cavada que rodeava a isca. Kearns ordenou que todos na plataforma revisassem o que ele chamava de "Protocolo Maori".

— Eu darei o primeiro tiro — lembrou aos homens ensopados de chuva e enlameados. — Vocês devem esperar o meu sinal de abrir fogo. Mirem na região logo abaixo da boca ou então na parte

de trás das costas; qualquer outro lugar será apenas um ferimento superficial.

— Quanto tempo teremos? — quis saber um.

— Menos de dez minutos, eu diria, com esse tempo; mais do que suficiente para fazer o serviço, ou pelo menos essa fase dele; mas dez minutos parecerão uma eternidade. Lembrem-se, existem apenas duas condições sob as quais abandonaremos essa plataforma: quando nosso serviço acabar ou se nossa barreira for quebrada. Quem está na trincheira?

Um homem de rosto fino chamado Brock levantou a mão. Kearns assentiu e disse:

— Fique ao meu lado e espere pela ordem: não faça nada antes de eu mandar! Tempo é tudo, cavalheiros, depois de marcarmos o batedor... Certo, então! Alguma pergunta? Objeções de última hora? Alguém que gostaria de ir embora? Agora é sua hora, pois agora é a hora — ergueu o rosto para o céu, que chorava, fechou os olhos negros e suspirou profundamente, com um sorriso brincando nos lábios sensuais. — A hora maldita chegou.

A escuridão começava a cair. Nós nos reunimos na borda da plataforma, enquanto Kearns se ajoelhava diante do corpo no meio do círculo e remexia na valise que eu deixara ali. Inclinou-se na frente da mulher, de costas para nós, bloqueando nossa visão.

— Em nome de tudo o que é sagrado, o que ele está fazendo agora? — perguntou-se Morgan.

— Não tenho certeza — respondeu Warthrop num murmúrio. — Mas duvido que seja algo bom.

Para nosso espanto, o corpo sacudiu-se em um espasmo violento: as pernas chutaram, as mãos agarraram lama e pedaços de grama. Kearns sentou-se para observar o fenômeno, e ouvi o doutor balbuciar ao meu lado:

— Oh, não!

Kearns levantou a faca *bowie* com a mão direita enquanto pressionava as pontas dos dedos da mão esquerda no pescoço da mulher.

— Warthrop — grunhiu Morgan. — Warthrop!

Com um único movimento, Kearns inclinou o braço na direção da prisioneira agitada e abriu seu abdômen com a lâmina afiada. Os berros agudos de agonia que se seguiram a esse ato de barbaridade atravessaram o crepúsculo com toda a força de um trovão. Ecoaram entre as árvores e as lápides sentinelas e silenciosas. Encheram o silêncio até a boca, aumentando de volume e intensidade a cada segundo que passava, e cada um desses segundos parecia mais longo do que uma hora. A mulher rolou na direção de Kearns, atirando um braço suplicante para o homem que a havia mutilado, mas ele já estava correndo até nós, segurando firme a lâmina ensangüentada. Enfiou a faca entre os dentes — deve ter sentido o gosto do sangue dela na língua nesse momento — para subir pela escada improvisada, e, então, quando já estava a salvo ali em cima, deixou a faca cair da boca sobre as tábuas. Mal notamos aquilo, pois ainda estávamos chocados com a cena anterior, congelados de terror, paralisados de medo. Ela conseguiu se colocar de quatro e engatinhou em nossa direção, uivando e guinchando como um porco no matadouro quando se engasga com seu próprio sangue. A corda cumpriu sua função; a corrente presa ao pescoço da mulher se tensionou. Kearns ergueu o rifle, que havia enfiado no fundilho das calças contra seu ombro, e mirou. Balançava o cano de um lado para o outro, sem parecer notar nosso espanto diante daquela reviravolta inesperada (e horripilante) dos acontecimentos, aparentemente alheio até mesmo aos gritos de confusão, dor e medo que reverberavam à nossa volta.

A apenas alguns centímetros de distância, a autora daqueles gritos lutava contra sua prisão depois de haver se colocado de joelhos, com os dois braços esticados em nossa direção e o rosto contorcido em agonia indescritível. Seu vestido, antes limpo, agora estava manchado de uma mistura de terra e sangue. A corda que a prendia estalava e tinia a cada puxão violento.

— Cory, você não tem compaixão! Que você seja amaldiçoado!
— berrou Morgan. — Ela está viva!

— Nunca disse que não estava — retrucou Kearns, — Observadores, o que temos à vista? Olhem direito! Sr. Henry, você também; olho vivo agora.

Desviei o olhar daquela oferenda horrorosa e vasculhei os batedores acorados e o terreno ao redor em busca de algum sinal de movimento, mas uma mortalha havia caído sobre o mundo, e não vi nada além de terra, árvores, pedras e sombras. Então, com o canto do olho, vi uma figura escura correndo entre as lápides, bem agachada contra o chão, movendo-se em zigue-zague na nossa direção. Puxei a manga da camisa de Kearns e apontei.

— Onde? — sussurrou ele. — Ah, bom garoto! Estou vendo. Calma agora, cavalheiros, calma; esse tiro é meu — ficou bem ereto, com as pernas afastadas para se equilibrar, e preparou o gatilho. — Venha, meu bichinho — murmurou—, o jantar está servido.

O patrulheiro solitário dos *Anthropophagi* hesitou por um instante em frente aos limites da trincheira. A chuva cintilava sobre sua pele leitosa, e, mesmo daquela distância, à meia-luz, pude ver sua boca abrindo e fechando e seus dentes brilhando na bocarra generosa. Os braços enormes eram tão compridos que os dedos quase tocavam o chão, enquanto ele permanecia ali de pé, com as pernas semi-arqueadas, à beira da armadilha.

Se percebeu nossa presença, deve tê-la ignorado em função de sua sede por sangue ou talvez apenas não tenha se importado, pois de repente, com um rugido terrível, atravessou o terreno com velocidade estupenda. A menos de nove metros da presa, o monstro saltou com as garras esticadas para a frente e a boca escancarada. Kearns atirou.

O monstro se virou para fugir, atingido pela bala de Kearns dois centímetros e meio abaixo do olho bulboso. Caiu como uma pedra, e seus berros abafaram os gritos da vítima que ele tinha almejado. Logo já estava de pé novamente, cuspidando e rangendo os dentes, batendo as presas enquanto cambaleava com teimosia. Assustada com aqueles uivos inumanos, a mulher se enrijeceu por um momento terrível e se lançou em nossa direção. Quando a corrente interrompeu seu movimento, sua cabeça foi levada para trás com tanta força que tive certeza de que ela havia quebrado o pescoço. Kearns enfiou outra bala no tambor, puxou o ferrolho para trás e atirou uma segunda vez, atingindo o monstro na parte de cima da coxa. Ele tropeçou, mas continuou vindo. Quatro metros agora...

Três... Kearns recarregou e puxou o gatilho. O terceiro tiro atingiu a outra perna, e o *Anthropophagus* caiu berrando no chão, contorcendo-se de dor e chutando a terra com impotência. Kearns abaixou a Winchester.

Morgan berrou para ele:

— Pelo amor de Deus, o que está fazendo, homem? Atire de novo! Ele não está morto!

— Tolo — retrucou Kearns. — Não quero que ele morra.

Abaixo de nós, a mulher estava caída. Talvez tivesse mesmo quebrado o pescoço, ou então desmaiado de medo ou devido à perda de sangue. O doutor passou por Kearns e agarrou a faca *bowie* que o outro deixara cair momentos antes.

— Will Henry! — gritou. — Rápido!

Balançou as pernas na beirada da plataforma e pulou. Tomei o caminho mais comprido e descí pela escada improvisada, indo me juntar a ele ao lado da mulher. Olhei por cima de seu ombro para o monstro que berrava e se retorcia, com medo de que ele se recuperasse de seus ferimentos e arrancasse nossas cabeças dos ombros com um único golpe de sua garra gigantesca. O doutor evidentemente não compartilhava minha preocupação; todo o seu foco estava na mulher. Ele a virou de costas e pressionou os dedos abaixo da mandíbula.

— Não é tarde demais, Will Henry — disse, erguendo a voz para que pudesse ser ouvido por sobre os uivos do *Anthropophagus* ferido atrás de si. Cortou a corda com um único golpe poderoso, enfiou a faca em minha mão e apanhou a mulher nos braços.

— Siga-me! — chamou, e corremos, deslizando e escorregando na lama. Pulamos a trincheira oleosa e fomos até o abrigo da plataforma, bem abaixo de Kearns e dos outros. O doutor apoiou a mulher contra um tronco e se inclinou para examinar a ferida no abdômen.

De cima, ouvi Kearns falar:

— Eu não me demoraria tanto aí embaixo, Pellinore.

O doutor o ignorou. Tirou o paletó, arrancou fora a camisa — os botões voaram em todas as direções — e depois a enrolou,

coabrindo a incisão com aquele curativo improvisado. Agarrou minha mão e pressionou-a sobre a camisa.

— Aplique uma pressão firme, Will Henry. Mas não com muita força.

Assim que disse aquilo, ouvi Morgan berrar com voz alta e em pânico:

— Ali! Estão vendo? O que é aquilo?

O doutor agarrou meu ombro e aproximou o rosto do meu, olhando no fundo dos meus olhos.

— Você consegue, Will Henry? Consegue?

Fiz que sim.

— Sim, senhor.

— Aqui — pressionou o revólver na minha mão livre e se virou para ir embora. Parou; e por um instante achei que era nosso fim, que um dos *Anthrophagi* houvesse se enfiado por entre as árvores e agora estivesse diante de nós. Acompanhei o olhar do doutor e vi uma figura alta e magra segurando um rifle. Seus olhos azuis brilhavam como se desafiassem a escuridão.

— Eu fico com Will Henry — anunciou Malachi.

Malachi ficou — e os *Anthrophagi* vieram, em resposta aos gritos de dor de seu irmão caído. A terra os expeliu; as próprias tumbas os vomitaram. Durante meses haviam cavado túneis, expandido suas tocas subterrâneas para acomodar o bando crescente, criando uma rede de passagens de complexidade labiríntica no solo duro da Nova Inglaterra, abaixo do sono dos mortos. Vieram enfurecidos pela invasão e enlouquecidos pelos urros de um semelhante ferido. Correram até a borda esquerda do círculo, reunindo-se em uma única massa leitosa sibilante e rosenta, rangendo e batendo os dentes. Foram até a beirada do círculo... e pararam.

Talvez tenham cheirado algo de que não gostaram, ou outro sentido mais profundo os alertou, um instinto nascido após milhares de anos de conflito com suas presas — esses mamíferos bípedes ambiciosos que tiveram a audácia de evoluir de simpáticos primatas estúpidos para caçadores, capazes não apenas de defender a espécie humana como também de eliminar os *Anthrophagi* da

face da Terra. Que ironia terrível aquela: precisavam que sobrevivêssemos a fim de que eles próprios também pudessem sobreviver, mas ao custo de sua própria extinção!

Ouvi Kearns gritar lá de cima:

— Quietos, rapazes, quietos. Só depois que eu der o sinal! Brock, está pronto?

Brock resmungou algo em resposta. Ao meu lado, Malachi se abaixou sobre um dos joelhos e ergueu o rifle. Eu estava perto o bastante para ouvir sua respiração entre - cortada e sentir o cheiro da lã úmida de sua jaqueta. Do meu outro lado, a vítima anônima de Kearns voltou à vida; agarrou meu pulso com ambas as mãos enquanto me olhava sem compreender.

— Quem é você? — grasnou. — Um anjo?

— Não — respondi. — Sou Will Henry.

Comecei a me mover, pois de repente soou a voz de Kearns, que gritava a plenos pulmões:

— Olá, olá, minhas belezuras! Alô, alô, alô, podem sair do esconderijo, a brincadeira acabou! A festa está bem aqui!

O efeito daquilo sobre os monstros que se movimentavam confusos foi imediato: em questão de segundos, eles preencheram todo o terreno sobre a trincheira e entraram no anel do massacre, duas dúzias deles, ampliando o sinal uns para os outros enquanto corriam até a plataforma, com olhos negros brilhantes e bocas escancaradas. A provocação de Kearns superara qualquer instinto de cautela. Depois que a última horrenda criatura sem cabeça cruzou os limites a leste, Kearns berrou a ordem de "tocar fogo", e Brock atirou na trincheira um trapo em chamas encharcado de querosene. As chamas subiram a um metro e meio de altura; senti o calor em meu rosto enquanto se alastravam ao redor, alimentadas pelo combustível e fazendo subir novelos de fumaça espessa e negra até o céu. Os monstros se agitaram e pararam em pânico dentro do círculo de fogo, guinchando de choque e medo: quando o homem dominou o fogo, prenunciou o fim deles.

Como o fechamento dos portões ardentes do inferno, as duas linhas de chamas se encontraram no lado mais distante da

trincheira, selando os animais — bem como seu destino — ali dentro.

— Atirem à vontade, cavalheiros — berrou Kearns por cima do crepitar do fogo, do barulho da chuva e dos guinchos de terror dos *Anthropophagi*. Os tiros explodiram acima de nós; as tábuas sobre nossas cabeças chacoalhavam e balançavam violentamente, a ponto de eu ter certeza de que toda aquela estrutura improvisada cairia sobre a gente. A noite havia chegado em definitivo, porém o terreno estava iluminado por um brilho laranja fumacento, repleto de sombras inquietas, abafado pelo bombardeio acima e pelos gritos de morte abaixo. Em meio ao barulho horroroso, ouvi o grito de prazer de Kearns:

— É como atirar em peixes num barril!

Um objeto duas vezes maior que uma bola de beisebol voou para dentro do círculo, e um instante depois a terra tremeu com a explosão de uma granada. Uma enorme bola de fogo crescente floresceu onde ela explodiu, atirando estilhaços incandescentes e cortantes em um raio de destruição.

— Não consigo ver, não consigo ver! — murmurou Malachi, frustrado, balançando o rifle. Correu para a frente, como se quisesse ir até as chamas, pular a trincheira e lutar diretamente contra as coisas que haviam matado sua família. — Só um. Por favor, Deus, só um!

E, então, seu desejo lhe foi concedido.

Os *Anthropophagi* não nascem com gosto pela carne humana. Também não são caçadores natos, como o solitário tubarão ou a nobre águia. Precisam, como o lobo e o leão — ou o ser humano, aliás —, aprender esses comportamentos complexos com os pais ou outros membros do grupo. Os *Anthropophagi* só atingem a maturidade aos treze anos e passam o intervalo entre seu nascimento e a idade adulta aprendendo com os mais velhos. Só lhes é permitido se alimentar depois que a caça for devorada pelos membros mais antigos do clã. É um período de aprendizagem, de tentativa e erro, de observação e imitação. Um fato espantoso e bastante contrário ao senso comum é que os *Anthropophagi* são na verdade bastante afetuosos e pacientes com os filhotes. Somente

em casos extremos — como inanição, por exemplo — é que se voltam contra seus semelhantes.

Tal foi o caso descrito pelo capitão Varner no amaldiçoado Feronia, e deve ter sido um caso parecido que levou ao surgimento da opinião errônea repetida por Sir. Walter Raleigh e Shakespeare de que os *Anthropophagi* são canibais (os seres humanos também poderiam com justiça ser chamados assim nessas circunstâncias, pois, ao enfrentarem a inanição, já praticaram a mesma abominação impensável). E, como a mãe urso com seu filhote, todos os membros do grupo defendem ferozmente os mais jovens ante uma ameaça: os menores são levados ao canto mais remoto do esconderijo; já aos jovens é reservada a retaguarda de qualquer ataque, seja este para obter comida, seja como no caso daquela noite chuvosa de primavera de 1888, para proteger seu território.

Aquele animal deve ter sido então um jovem retardatário, talvez da mesma idade que eu (embora sessenta centímetros mais alto e vários quilos mais pesado), que demorou a responder aos chamados do *Anthropophagus* atingido pela bala de Kearns e por isso se viu separado do resto do bando quando foi criado o círculo de fogo. Ou talvez, tomado pela impetuosidade dos jovens, não tenha seguido os outros para dentro da zona da morte, mas decidido tomar um caminho mais tortuoso até o invasor petulante, um caminho que rodeava o fogo e que o havia levado, sem ser visto no meio do tumulto da batalha, pelo outro lado até o pequeno bosque onde estávamos agachados.

Seu ataque foi desajeitado e amador para os padrões dos *Anthropophagi*, graças à sua experiência limitada, à empolgação do momento ou a uma combinação de ambos. Embora só o tenhamos ouvido andando pesadamente pelo mato poucos segundos antes de ele surgir da escuridão profunda das árvores, esses segundos preciosos foram o suficiente para Malachi reagir.

Ele se virou no instante em que o monstro surgiu das árvores atrás de nós e disparou sem mirar, pois não havia tempo; se não tivesse atirado naquele instante, não tenho dúvida de que teria morrido, assim como eu e a mulher ferida. A bala atingiu o animal bem no peito, em um ponto equidistante entre os dois olhos negros

— uma ferida mortal para um ser humano, mas, como o próprio doutor havia observado, os *Anthropophagi* não possuem nenhum órgão vital entre os olhos. O tiro mal o fez diminuir a velocidade, mas Malachi não tinha tempo de recarregar nem tentou fazer essa besteira: virou o rifle e bateu o cabo na boca agitada do bicho com o máximo de força. A reação foi instantânea: a mandíbula se fechou em um espasmo violento, estilhaçando a madeira com um "crack" ressoante. A força daquela mordida tremenda — mais de duas mil libras, segundo Kearns — arrancou o rifle das mãos de Malachi. O sangue escorreu da ferida do monstro pelo seu peito ofegante e caiu direto em sua boca, manchando seus dentes. O animal se lançou na direção de Malachi com os braços esticados, como tinha visto os mais velhos fazerem — a pose da matança. Os olhos se reviraram, enquanto os braços se erguiam, com as garras bem abertas e as farpas em gancho afastadas para conseguir o máximo de efeito.

Malachi tropeçou para trás... perdeu o equilíbrio... caiu... Dali a meio segundo a coisa estaria em cima dele. Mas eu estava a apenas um metro de distância, mais ou menos, e uma bala viaja rápido em meio segundo. Ela atingiu o tríceps do braço da criatura, interrompendo o golpe dirigido à cabeça de Malachi; a ponta de suas unhas de oito centímetros de comprimento mal roçou seu rosto. Foi meu primeiro tiro (e também meu último), pois a coisa sem cabeça desistiu de Malachi e voltou toda a força de sua ira para mim, arrastando-se de quatro pelas folhas molhadas e pela lama como uma aranha medonha do tamanho de um homem. Em um piscar de olhos, arrancou o revólver do doutor da minha mão e puxou minha cabeça a centímetros de sua boca triturante. Jamais esqueci, em todos os longos anos de minha vida, do fedor horroroso que seu esôfago exalou, nem de seus dentes sangrentos ou da visão excelente que tive das profundezas de sua garganta. Talvez essa visão tivesse sido ainda mais detalhada caso Malachi não tivesse se atirado nas costas do monstro. As palavras do doutor ecoaram em minha cabeça, e essas palavras salvaram nossas vidas.

"Se um deles cair, mire nos olhos, onde são mais vulneráveis."

Arranquei a faca *bowie* do cinto e enterrei-a até o cabo no olho sem brilho nem pálpebras. O *Anthropophagus* se contorceu de

agonia; seus espasmos derrubaram Malachi de suas costas e quase atiraram longe a faca de minha mão. Mas agüentei firme e torci a faca pela metade só para garantir, antes de retirá-la e mergulhá-la no outro olho. Cego agora, com seu sangue caindo como uma fonte, ensopando a si e me ensopando, o monstro se colocou de joelhos, balançando para a frente e para trás enquanto sacudia os braços loucamente em uma paródia pervertida da pose de esconde-esconde.

Eu havia amaldiçoado meu destino na noite aparentemente sem fim da autópsia, em que havia sido obrigado (assim achara) a suportar o discurso infundável do doutor e a testemunhar a dissecação nojenta da "curiosidade singular" de Warthrop. Mesmo amedrontado e exausto, eu havia prestado atenção. "O que mais ocupa seus pensamentos?", perguntara ele, insinuando que não muita coisa além do meu apetite. Porém, minha resposta tinha sido sincera: eu observava, tentava compreender. Como esse jovem *Anthropophagus*, eu havia aprendido observando os mais velhos. Conhecia, entende, a exata localização de seu cérebro.

Segurando o punho da faca com as duas mãos, enterrei a lâmina com toda a força no ponto logo acima das partes íntimas do bicho. O golpe surtiu efeito, O monstro ficou rígido como uma tábua — os braços penderam, as costas arquearam, e a boca se abriu —, tateando o precipício do esquecimento antes de o esquecimento dominá-lo.

Eu também caí — ao lado do monstro assassinado, segurando a faca sangrenta contra minha barriga e tremendo graças ao choque daqueles momentos ao mesmo tempo eternos e fugazes de terror. Uma mão tocou meu ombro e instintivamente ergui a faca, mas, claro, era apenas Malachi.

Seu rosto estava sujo de lama; a face esquerda exibia três arranhões ensangüentados onde as garras do bicho o haviam machucado.

— Você está ferido, Will? — perguntou.

Fiz que não.

— Não, mas ele está. Eu o matei, Malachi — acrescentei sem fôlego. — Matei essa coisa maldita!

Ele sorriu, e seus dentes brilharam contra o fundo de seu rosto sombrio.

A previsão de Kearns estava certa: tudo durou menos de dez minutos. Os tiros acima de nós viraram um ou outro disparo ocasional; o fogo, depois de haver consumido rapidamente a maior parte do combustível, e sofrendo com o cair contínuo da chuva, apagou-se, deixando em seu rastro uma cortina negra de fumaça ondulante; e dentro do círculo não se ouvia nada além dos grunhidos abafados e desesperados dos mortalmente feridos. O doutor veio primeiro e, ao ver o jovem *Anthropophagus* sem vida a nossos pés, seu rosto se iluminou de surpresa e alarme.

— O que aconteceu? — perguntou ele.

— Will Henry o matou — entregou Malachi.

— Will Henry! — exclamou o doutor e me olhou com espanto.

— Ele salvou minha vida — garantiu Malachi.

— Não apenas a sua — disse Warthrop. Ajoelhou-se ao lado da mulher, sentiu-lhe o pulso e se levantou. — Ela perdeu a consciência e muito sangue. Precisamos levá-la ao hospital imediatamente.

Ele se apressou para fazer os arranjos necessários. Malachi apanhou os destroços de seu rifle e andou até o círculo enfumaçado, diante do qual estavam reunidos Morgan e seus homens. Não vi Kearns. O doutor voltou depois de algum tempo com O'Brien. Enquanto eu segurava a compressa improvisada sobre a barriga da mulher, eles a carregaram até os fundos da carroça.

— O que vou dizer aos médicos? — perguntou O'Brien.

— A verdade — respondeu Warthrop. — Que você a encontrou ferida na floresta.

Nós nos juntamos aos outros que estavam na terra de ninguém, entre a borda da plataforma e a trincheira ardente. Ninguém falou nada. Era como se estivéssemos todos esperando por algo, mas ninguém sabia dizer exatamente o quê. Os homens pareciam traumatizados; respiravam com dificuldade e estavam com o rosto corado. Morgan acendeu o cachimbo com dedos trêmulos; a luz do fósforo lançou centelhas em seu pincenê embaçado. Warthrop acenou para que eu o seguisse e depois pulou através da cortina de fumaça ondulante para o terreno da matança. Ali vimos Kearns,

pisando cuidadosamente entre a confusão de pernas e braços albinos e os troncos retorcidos e sem cabeça das vítimas, cujos corpos lançavam vapor no ar úmido e morno.

— Warthrop, me empreste o revólver.

Entreguei-o a ele, que chutou uma das criaturas — uma grande fêmea — nas costas. O corpo dela se sacudiu em resposta. Uma garra tentou com fraqueza segurar a perna dele. Kearns enfiou o cano no abdômen dela e puxou o gatilho. Pulou até outro animal e cutucou sua lateral com a ponta da bota; então, apenas para garantir, atirou nele também. Inclinou o ouvido em direção ao chão, buscando ouvir algum ruído que indicasse vida. Só se ouvia o chiado da trincheira e da chuva suave e sussurrante. Kearns pareceu satisfeito e entregou a arma ao doutor.

— Conte-os, Warthrop. Você também, Will. Vamos comparar nossos números.

Contei vinte e oito cadáveres alvejados e feridos por estilhaços de granada. O doutor confirmou; contara a mesma quantidade.

— É meu número também — concordou Kearns.

— Há mais um, senhor — disse eu. — Embaixo da plataforma.

— Embaixo da plataforma? — perguntou Kearns, espantado.

— Eu o matei,

— Você o matou?

— Eu atirei nele, depois furei seus olhos e em seguida enfiei uma faca em seu cérebro.

— Enfiou uma faca em seu cérebro! — gritou Kearns com uma risada, — Muito bem, sr. assistente-aprendiz de monstrologista! Muito bem mesmo! Warthrop, dê a este garoto a condecoração de honra máxima da Sociedade por bravura!

Seu sorriso sumiu, e seus olhos cinzentos pareceram escurecer.

— Isso totaliza vinte e nove. Vamos supor que haja três, talvez quatro filhotes imaturos escondidos em algum lugar seguro, e teremos trinta e dois ou trinta e três.

— Mais ou menos o que tínhamos estimado — disse Warthrop.

— Sim, porém... — começou Kearns em um raro momento de seriedade. — Vamos pegar uma tocha para ter certeza, mas não

consegui encontrar uma fêmea com aquela descrição. Warthrop, a matriarca não está aqui.

Morgan havia recuperado parte de sua compostura quando se juntou a nós entre as carcaças fumegantes. Quase destruída pelos acontecimentos dos últimos dois dias, não restara muito dessa compostura, porém o bastante para que ele conseguisse (ou tentasse, pelo menos) reafirmar um pouco de sua autoridade. Seu tom com Kearns foi duro e inflexível.

— O senhor está preso.

— Sob que acusação? — perguntou Kearns, irônico.

— Assassinato!

— Ela está viva, Robert — disse Warthrop. — Pelo menos estava quando saiu daqui.

— Tentativa de assassinato! Rapto! Risco irresponsável! E... e...

— Caçada de monstros sem cabeça fora da temporada — sugeriu Kearns.

Morgan virou-se para o doutor.

— Warthrop, eu deferi seu julgamento nesta questão. Confiei em sua opinião de especialista!

— Bem — disse Kearns. — Os malditos monstros estão mortos, não é?

— Sugiro que guarde suas declarações egoístas para o julgamento, sr. Kearns.

— Doutor — corrigiu Kearns.

— Dr. Kearns.

— Cory.

— Kearns, Cory, tanto faz! Pellinore, você sabia o que ele pretendia fazer? Sabia o que estava naquela caixa?

— Eu não responderia se fosse você, Warthrop — avisou Kearns. — Conheço um advogado excelente em Washington. Posso lhe passar o nome dele, se quiser.

— Não — disse o doutor a Morgan. — Não sabia, mas desconfiava.

— Não sou mais responsável pela dieta deles do que por estar aqui — disse Kearns de forma racional. — Mas entendo, oficial. É

esse o agradecimento que recebo. Você é um homem da lei, e eu sou um homem da... — deixou a frase sem terminar.

— Você me contratou para executar um serviço e fez certas promessas que seriam cumpridas depois que ele acabasse. Só lhe peço que me deixe terminá-lo antes de revogar nosso contrato.

— Não tínhamos contrato nenhum! — repudiou Morgan; em seguida interrompeu-se, quando se deu conta do significado das palavras de Kearns. — Como assim "terminá-lo"?

— Existe uma grande possibilidade de haver mais deles - respondeu Warthrop com cautela.

— Mais? Quantos mais? Onde? — Morgan olhou desesperadamente ao redor, como se esperasse que outro bando de *Anthropophagi* pulasse sobre nós da escuridão.

— Isso é algo que só vamos saber quando chegarmos lá — respondeu Kearns.

— Quando chegarmos aonde?

— Ao lar, doce lar, oficial. Ainda que seja humilde.

Recusou-se a dar mais explicações; em vez disso, convocou os voluntários, agradeceu pela atuação valorosa sob circunstâncias verdadeiramente extraordinárias, comparou-os às tropas de Wellington na Batalha de Waterloo e ordenou que empilhassem os corpos para se livrarem deles. Malachi e eu fomos ajudar na tarefa horrenda e arrastamos o corpo do jovem macho que estava sob a plataforma para atirá-lo na fogueira. Depois, o monte macabro foi encharcado com meio barril de combustível separado para esse fim.

Antes de acender o fósforo, Kearns disse:

— Requiescat in pace.

Atirou o fósforo no centro da pilha. As chamas saltaram para o alto do céu noturno, e logo nossas narinas ardiavam com o odor da carne queimando, um cheiro que não me era estranho. Meus olhos começaram a lacrimejar, não tanto pela fumaça e pelo cheiro, mas por uma lembrança forte que me veio naquele momento.

Uma mão pousou em meu ombro. Era Malachi, em cujos olhos azuis claros pude ver as chamas dançantes refletidas. Uma lágrima rolou pelo seu rosto ferido. O fogo era sedutoramente quente, mas a angústia dele era tão fria quanto os túmulos que nos rodeavam.

Pobre Malachi! O que pensou ao ver aqueles monstros assassinos sendo queimados senão em sua família? Em Michael e em seu pai, em sua mãe segurando o bebê nos braços quebrados, em sua querida irmã Elizabeth, que o havia procurado em busca de salvação, mas em vez disso encontrou a morte... Será que ele sentiu alívio? Em sua mente, será que a justiça tinha sido feita? "Estou morto também... Por dentro não há nada", dissera outrora para mim. E eu me perguntei se ele ainda achava a mesma coisa, se aquele incêndio de membros e troncos emaranhados serviu para reanimar seu espírito falecido.

Minha empatia com seu sofrimento era grande, pois ele e eu éramos companheiros de viagem no reino proibido, onde todas as estradas levam à anulação da tristeza insondável e da culpa imensurável. Não nos eram estranhos aquele clima árido, aquela paisagem impiedosa onde não existia oásis para saciar nossa sede voraz. Que vento merecido, que elixir mágico oferecido pelas artes dos homens ou dos deuses teria o poder de aliviar nossa agonia? Um ano havia se passado desde que eu perdera meus pais; ainda assim, a memória e seus servos, a angústia e a ira reinavam na soberania deserta de minha alma, como se não houvesse passado tempo nenhum desde a noite em que nossa casa se queimou por completo. E, de fato, quase oitenta anos depois eles ainda fumegam sob as ruínas: os cadáveres queimados e retorcidos de meus pais. Ouço seus gritos com tanta clareza hoje quanto ouço essa caneta riscar a página, ou o barulho do ventilador em cima de minha mesa, ou o piado de um pássaro à minha janela. Vejo meu pai nos últimos momentos de sua vida com a mesma clareza com que vejo aquele calendário pendurado na parede, marcando o passar dos meus dias, ou a luz do sol brilhando no gramado, onde as libélulas pairam, e as borboletas dançam.

Durante quase uma semana ele havia ficado de cama, atacado por uma febre virulenta que aumentava e decrescia como as marés. Em um instante ele queimava; no seguinte sentia um frio de bater os dentes, que nenhuma pilha de cobertores era capaz de aplacar. Nada ficava em seu estômago; e no terceiro dia de seu confinamento, manchas de um tom vermelho vivo do tamanho de

moedas de cinquenta centavos começaram a aparecer por todo o seu corpo. Minha mãe, ignorando seus protestos ("É só uma febre, só isso"), chamou o médico da família, que diagnosticou um caso de herpes-zóster e falou que haveria uma recuperação completa. Minha mãe não se convenceu: meu pai tinha acabado de voltar para casa, depois de acompanhar Warthrop em uma de suas expedições a lugares desconhecidos, e ela suspeitava que ele tivesse contraído alguma doença tropical rara.

O cabelo de meu pai começou a cair aos punhados; até sua barba e seus cílios caíam como folhas de outono depois da primeira neve. Alarmada, minha mãe mandou chamar Warthrop. A essa altura, as feridas haviam se tornado bolhas inflamadas do tamanho de moedas de dez centavos, com centro branco leitoso e dolorosas ao toque; o menor roçar do camisão de dormir contra uma delas fazia meu pai se contorcer de agonia. Isso o forçara a deitar-se perfeitamente imóvel sobre os lençóis, num cativeiro impotente da dor. Era incapaz de comer. Era incapaz de dormir. Havia caído em uma espécie de delírio macabro quando Warthrop chegou, parecendo não o reconhecer, e não foi capaz de responder às perguntas do doutor sobre sua doença.

O doutor examinou as feridas e retirou uma amostra de sangue de papai. Observou os olhos e a garganta com uma luz e coletou um pouco de seu cabelo — mechas caídas no travesseiro e uma ou duas arrancadas de seu couro cabeludo careca. Perguntou-nos sobre a evolução da doença e quis saber de nossa própria saúde. Tirou nossa temperatura e também observou nossos olhos com uma luz e retirou amostras de nosso sangue.

— O senhor sabe o que ele tem — declarou minha mãe.

— Pode ser herpes-zóster — replicou o doutor.

— Mas não é — insistiu ela. — O senhor sabe que não é. Por favor, dr. Warthrop, me diga o que está acontecendo com meu marido.

— Não posso, Mary, pois não sei. Preciso fazer alguns testes.

— Ele vai sobreviver?

— Acho que sim. Talvez por muito tempo — acrescentou enigmaticamente. — Por enquanto tente compressas quentes, o

mais quente que ele puder suportar. Se algo mudar, para melhor ou pior, mande seu filho me procurar imediatamente, pois vou querer vê-lo.

O tratamento prescrito trouxe alívio temporário da dor. Minha mãe mergulhava tiras de linho em uma panela de água fervente, retirava-as com pinças e colocava o tecido vaporoso sobre as feridas. Mas, assim que elas começavam a se resfriar, a dor voltava, acompanhada de uma coceira impiedosa e enlouquecedora.

Era uma tarefa fatigante e exaustiva para minha mãe, que ia do fogão até a cabeceira da cama e de volta ao fogão, hora após hora, o dia inteiro e noite adentro; tarefa que recaía sobre mim quando ela finalmente não podia mais agüentar e caía em minha cama para dormir alguns poucos minutos. Minha própria ansiedade, insuportavelmente grande nos primeiros estágios da doença, virou uma dor persistente e irritante, uma corrente subterrânea de cuidados que corria sob minha fadiga dormente e meu medo fatalista. Uma criança tem poucas defesas ao observar um pai ou uma mãe acamado. Os pais, como a terra sob nossos pés e o sol acima de nossas cabeças, são imutáveis, eternos e confiáveis. Se um deles cai, quem pode garantir que o próprio Sol não cairá, queimando no mar?

A queda veio durante um daqueles intervalos de descanso de minha mãe no meio da noite, depois que ela tinha se retirado para o meu quarto para desfrutar uns poucos minutos de sono. Eu tinha ido lá fora para apanhar lenha para o fogão no barril e, quando retornei à cozinha, vi meu pai, que havia saído da cama pela primeira vez em dias. Ele tinha perdido quase dez quilos desde que a doença começara e parecia um fantasma naquele camisão de dormir folgado, com suas pernas de graveto expostas, e a pele branca brilhando à luz do lampião. Estava de pé meio desequilibrado perto do fogão, com uma expressão de confusão nos olhos fundos. Começou a se mover quando chamei seu nome baixinho — virou seu rosto esquelético na minha direção e sussurrou suavemente:

— Isso queima. Queima.

Esticou um dos braços flácidos na minha direção e disse:

— Eles não me deixam em paz. Olhe!

Então, enquanto eu olhava espantado e em silêncio, ele correu a unha sobre uma das bolhas que lotavam seu ante-braço, abrindo o centro branco e inchado. Uma massa de vermes finos e descoloridos que se retorciam saiu da ferida; cada um deles não era mais grosso do que um fio de cabelo.

— Até na minha língua — gemeu. — Quando falo, as bolhas se abrem, e eu os engulo.

Meu pai começou a chorar, e suas lágrimas estavam salpicadas de sangue e repletas de vermes.

Enojado e espantado, continuei parado onde eu estava, Eu não tinha como entender seu sofrimento, nem dispunha de nenhum poder para aliviá-lo. Não sabia então que tipo de criatura havia invadido seu corpo, atacando-o por dentro. Ainda não estava sob a tutela do doutor, nem sequer ouvira falar na palavra "Monstrologia". Sabia o que eram monstros, com certeza — qual criança não sabia? —, mas, como toda criança, quando pensava em monstros, imaginava animais horríveis e deformados agrupados sob uma única característica: o tamanho gigantesco. Porém, existem monstros, hoje sei, de diversos formatos e tamanhos, definidos apenas por seu apetite pela carne humana.

— Mate-os — murmurou meu pai em seguida. Não era uma ordem dirigida a mim, mas uma conclusão a que ele tinha chegado em sua mente febril. — Mate-os.

Antes mesmo de eu poder reagir, ele abriu a porta do fogão e, sem proteger a mão, enfiou o braço naquele interior quente, puxou um pedaço de lenha incandescente e apertou a ponta ardente na ferida que ele abrira em seu próprio braço.

Atirou a cabeça para trás e soltou um grito descomunal, mas uma loucura maior do que a dor guiava a sua mão. As chamas lambeiram a manga de seu camisão de dormir, o tecido pegou fogo e em questão de segundos meu pai foi encoberto por uma mortalha violenta de chamas. Sua carne se abriu, como falhas na terra abertas por um terremoto. Rachaduras curiosamente sem sangue correram de bolha em bolha, e dessas fissuras se derramaram as criaturas que o infestavam. Elas cascadearam de seus olhos lacrimejantes; emergiram de seu nariz; foram despejadas de seus

ouvidos; fluíram de sua boca aberta. Ele caiu de costas contra a pia, e o fogo voraz saltou para as cortinas.

Gritei chamando minha mãe, enquanto a fumaça e o fedor de carne queimada empestavam a pequena cozinha. Ela correu até lá trazendo um dos meus cobertores, que começou a bater no corpo contorcido de meu pai, sem parar de gritar histericamente para que eu fugisse. A essa altura, as chamas haviam subido pelas paredes e acariciavam as tábuas do teto. A fumaça era tão espessa que sufocava, por isso abri a porta atrás de mim para que ela saísse, mas com isso na verdade forneci um golfo de ar fresco para os pulmões ávidos do fogo. Através da cortina opaca de fumaça e dosovelos de fuligem, vi meu pai se atirar sobre minha mãe e foi a última visão que tive de meus pais vivos: abraçados um ao outro, minha mãe tentando em vão se libertar do aperto de meu pai enquanto o fogo os envolvia.

Ali, em frente à pilha incandescente de *Anthropophagi* massacrados, a não mais do que cinco minutos a pé dos túmulos de meus pais, estremeci diante da lembrança daquela noite há tempos dormente. "O que aconteceu?" perguntara Malachi outrora, ao que eu havia respondido: "Eu fugi".

E minha confissão tinha sido verdadeira: eu realmente fugi e tenho fugido desde então. Fugido do cheiro forte da carne derretida de meus pais e do fedor penetrante do cabelo em chamas de minha mãe. Fugido das vigas rangentes enquanto elas caíam atrás de mim e do rugido das chamas gulosas mastigando e roendo tudo o que encontravam pela frente. Fugido, fugido; sempre fugindo. Continuo fugindo, até esse dia quase trinta mil dias depois, sempre fugindo.

Dizem que o tempo cura todas as feridas, mas eu não encontrei nenhum socorro em sua marcha inevitável, nenhum alívio do fardo esmagador de minha perda. Minha mãe chama meu nome na sua consumação final e violenta, vítima de um monstro não menos faminto do que os *Anthropophagi*. Espetada em suas mandíbulas incandescentes, ela grita por mim: "Will! Will! Will, onde está você?".

E eu respondo: "Estou aqui, mãe. Estou aqui, um velho cujo corpo o tempo em sua misericórdia oprimiu, e cujas lembranças o

tempo em sua crueldade deixou intactas".

Eu fugi: estou preso.

Eu corri: perduto.

DOZE

"A Manjedoura do Diabo"

A chuva tamborilava de forma sutil contra o pano de fundo das carcaças queimadas. Após a contagem de mortos, o monstrologista se dirigiu aos homens exaustos reunidos a seu redor:

— Nosso trabalho ainda não terminou. Uma das criaturas se escondeu e levou consigo os membros mais vulneráveis do bando. Ela irá defendê-los até o último suspiro com uma ferocidade muito maior do que a que vocês testemunharam aqui esta noite. É a mãe de todos, a Eva do clã e a líder sem rivais, a mais perspicaz e cruel assassina de uma tribo de assassinos perspicazes e cruéis. Ascendeu à supremacia graças ao poder de seus instintos e à determinação indomável. É o coração, o demônio, o espírito que os guia. É a matriarca; e ela espera por nós.

— Então deixe que espere! — interrompeu o oficial. — Vamos cercá-la e fazê-la morrer de fome. Não há necessidade de ir atrás dela.

Warthrop discordou.

— Deve haver dezenas de passagens secretas para seus esconderijos. Encontrar todas elas seria uma tarefa sem fim. Se deixarmos passar uma, nossos esforços terão sido em vão.

— Patrulharemos dia e noite — insistiu Morgan. — Mais cedo ou mais tarde ela terá de sair, e quando isso acontecer...

— Ela matará novamente — completou Warthrop. — É o que provavelmente vai acontecer, Robert. Quer assumir o risco? Agora é o momento de caçá-la, quando está mais vulnerável, com a atenção totalmente voltada para proteger os filhotes. Não teremos oportunidade nem chance melhor do que esta noite, antes que ela se sinta segura para se aventurar aqui em cima e, quem sabe, levar todos a outro território. Se isso acontecer, teremos de repetir o Protocolo Maori novamente.

— Caçá-la, muito bem. Como? E onde? Como sugere encontrá-la?

Warthrop hesitou antes de responder, e Kearns aproveitou a deixa:

— Não sei qual seria a sugestão de Pellinore, mas proponho usarmos a porta da frente.

Ele se virou na direção do cume do morro, e seguimos seu olhar até o topo do Cemitério Old Hill, onde se localizava o mausoléu da família Warthrop, com suas colunas de alabastro brilhando como ossos descoloridos à luz do fogo.

Subimos a colina com dificuldade em direção ao local de repouso dos antepassados do doutor. Os homens de Morgan nos davam cobertura de ambos os lados, dois deles como vigias, dois segurando os lampiões e dois como trabalhadores braçais, transportando um dos baús de Kearns. Malachi e eu seguíamos juntos, alguns passos atrás de Morgan e dos dois doutores, que trocavam comentários acalorados em uma discussão que se estendeu desde os restos fumegantes dos *Anthropophagi* até os degraus de mármore brilhante do mausoléu. Não pude entender direito o que diziam, mas imaginava que o doutor houvesse renovado seus argumentos contra a teoria de Kearns sobre o caso. No porta de entrada, Warthrop ordenou aos homens de Morgan que permanecessem do lado de fora; era óbvio que ele considerava aquilo uma missão tola e que não nos demoraríamos no interior do túmulo.

Um corredor central separava o edifício em duas seções. Os ancestrais do doutor descansavam atrás de muretas em ambos os lados; seus nomes, gravados na pedra dura, serviam para eternizar seus limites mundanos. O trisavô de Warthrop, Thomas, havia construído aquele templo para doze gerações da família: seções inteiras ainda estavam por ser preenchidas. Os compartimentos vazios e suas fachadas de mármore cor de creme intactas aguardavam pacientemente por um nome.

Nossos passos ecoaram pelo sepulcro ao atravessarmos.

Fizemos uma breve pausa quando Warthrop parou diante da catacumba de seu pai e fitou-a em silêncio e sem reação. Kearns

passou a ponta dos dedos pelas paredes lisas. Desviava os olhos de um lado para o outro e às vezes abaixava-se para inspecionar o chão. Morgan sugou nervosamente o cachimbo vazio; aquele barulho, assim como o de nossos passos, foi amplificado pelas paredes altas e o teto arqueado do mausoléu.

No caminho de volta para a entrada, Warthrop virou-se para Kearns e comentou, incapaz de disfarçar sua satisfação sinistra:

— Como eu disse.

— Esta é a escolha mais lógica, Pellinore — argumentou Kearns. — O lugar oferece pouco risco de invasão, fica longe do alcance de olhares curiosos e ainda por cima apresentava uma boa desculpa caso alguém visse seu pai. Essa escolha foi feita pelo mesmo motivo que o fez eleger o cemitério como seu criadouro, em primeiro lugar.

— Estive aqui mais de uma vez; eu teria notado — insistiu Warthrop.

— Bem, duvido que ele fosse pendurar um aviso na porta: "Cuidado, monstros!" — respondeu Kearns com um sorriso sarcástico.

Parou de repente. Fixada na pedra, uma placa brilhante de latão com a insígnia da família Warthrop estampada em relevo lhe chamou a atenção. Havia um W de prata ornamentado preso na parte inferior.

— Agora, o que é isto? — perguntou Kearns.

— É a insígnia da minha família — respondeu Warthrop secamente.

Kearns tateou a panturrilha direita e murmurou:

— Onde está minha faca?

— Está comigo, senhor — respondi.

— Certo! Foi batizada com sangue de *poppy*, esqueci! Obrigado, Will.

Pressionou a ponta da lâmina contra uma das bordas da placa, tentando forçá-la entre o metal e a pedra fria. Frustrado, tentou a borda oposta. Warthrop perguntou o que ele estava fazendo, mas Kearns não respondeu. Encarou a insígnia franzindo a testa e acariciando o bigode.

— Será que... — Ele me devolveu a faca e segurou o W de prata. O objeto se virou no sentido horário em sua mão até parar, de cabeça para baixo, e Kearns soltou uma risada leve de satisfação. — Agora é um M! Alistair Warthrop, seu diabinho esperto! De W para M; M de... O que significaria esse M, hein?

Puxou o objeto suavemente, e a placa, presa apenas em um dos lados, balançou, revelando uma pequena câmara rebaixada. Posicionado no fundo havia um relógio com os ponteiros parados nas doze horas.

— Curiosíssimo, curiosíssimo! — empolgou-se Kearns enquanto nos amontoávamos atrás dele para espiar por cima de seus ombros. — Com tantos lugares para se colocar um relógio! Por que os mortos se importariam em saber as horas?

— Por que se importariam? — repetiu Morgan com um sussurro.

Kearns enfiou a mão no esconderijo e empurrou o ponteiro dos minutos. Aproximou o ouvido, movendo o ponteiro lentamente para marcar doze e quinze. Resmungou e se inclinou para sorrir para Morgan.

— Eles não se importam, oficial. Isso aqui é um recado disfarçado de relógio,

Voltou o grande ponteiro para o doze, pressionou as mãos contra o mármore, abriu as pernas para se equilibrar e empurrou a pedra com toda a força.

— Isso é ridículo! — exclamou Warthrop, que havia chegado ao limite até mesmo de sua enorme paciência. Ao seu lado, a boca de Morgan se movia ao soletrar a palavra "relógio", tentando decifrar a resposta enigmática de Kearns. — Estamos perdendo preciosos...

— Teria de ser um número com algum significado para ele — interrompeu Kearns — e não uma hora do dia. Uma data, ou talvez um versículo da Bíblia, um salmo ou algo do Novo Testamento — estalou os dedos impacientemente. — Rápido, passagens famosas!

— Salmo vinte e três — sugeriu Malachi.

— Não existem tantas horas assim — argumentou Morgan.

— Pode ser no formato de vinte e quatro horas — retrucou Kearns.

Ajustou o relógio para 8h23. Nesse momento, ele e Malachi, que parecia contagiado pelo entusiasmo de Kearns, empurraram a pedra, mas a enorme laje não se moveu.

— João, 3:16 — sugeriu Malachi em seguida. Nada ainda. Warthrop riu com desprezo.

— Pellinore! — exclamou Kearns. — Em que ano seu pai nasceu?

O doutor fez um sinal de desdém. Kearns virou-se mais uma vez para o relógio, acariciando o bigode sem parar.

— Talvez o ano em que Pellinore nasceu...

— Ou o ano em que a mulher dele nasceu, o ano em que ele se casou, ou qualquer combinação possível para o seu relógio-cadeado! — bufou o oficial, decodificando finalmente a frase enigmática de Kearns. — Isso é inútil.

Atrás de nós, Warthrop disse:

— A hora das bruxas.

Notei a expressão triste em seus olhos; a admissão do inaceitável, o reconhecimento de uma conclusão inevitável.

— A hora das bruxas se aproxima — continuou. — Do diário de meu pai: "A hora das bruxas se aproxima... A hora chega, e o próprio Cristo se vê desmoralizado".

— Meia-noite? — perguntou Kearns. — Mas isso já tentamos.

— A hora das bruxas é uma hora depois — disse Morgan. — Uma hora da manhã.

Kearns pareceu em dúvida, mas com um suspiro testou a combinação. Novamente a grande laje não se moveu, mesmo com todos os nossos ombros pressionados contra ela.

— O que ele disse mesmo? — indagou Kearns. — A hora em que o próprio Cristo é desmoralizado?

— Após o julgamento, ele foi desmoralizado pelos soldados romanos — disse Malachi.

— Mas que horas eram?

Malachi balançou a cabeça:

— A Bíblia não diz.

Warthrop pensou por um momento, reunindo todos os seus poderes prodigiosos de concentração para decifrar a charada.

— Ele não foi desmoralizado pelos soldados — disse lentamente — e sim pelas bruxas. A hora das bruxas é às três da manhã, uma afronta à Santíssima Trindade e uma desmoralização à hora de sua morte — respirou fundo e confirmou decidido. — Três horas, Kearns. Tenho certeza.

Kearns ajustou os ponteiros do relógio para as três horas. Os mecanismos de dentro estalaram suavemente, e, antes que Kearns ou qualquer outro pudesse tentar a sorte, Warthrop se precipitou e empurrou a pedra fria. Com um gemido rangente, a porta secreta se afastou, criando uma abertura em um dos lados, através da qual dois homens poderiam caminhar lado a lado. Nem luz nem som saíam da abertura sombria, apenas um odor muito fraco de deterioração, um cheiro que infelizmente se tornara bastante familiar para mim. Assim como a tumba, o que estava atrás da grande porta de mármore era escuro, silencioso e fedia a morte.

— Muito bem! — disse Kearns exultante. — Vamos tirar a sorte para ver quem vai primeiro?

Malachi arrancou o lampião de mim.

— Eu vou — anunciou com pesar. — É meu dever, eu o conquistei.

Kearns arrancou o lampião dele.

— É meu dever; estou sendo pago para isso — disse.

Warthrop arrancou o lampião de Kearns.

— O dever é meu — disse ele. — Eu o herdei.

Lançou um olhar para Morgan, que o interpretou mal.

O oficial colocou a mão sobre meu ombro.

— Eu cuido de Will Henry.

Antes que Malachi ou Kearns pudessem protestar, Warthrop mergulhou na passagem. A luz do lampião foi sumindo e depois desapareceu completamente. Por vários e longos minutos cruciais, esperamos sem dizer uma palavra, esforçando-nos para tentar captar qualquer ruído na escuridão fria atrás da porta secreta. O brilho do lampião voltou por fim, acompanhado pela sombra delgada do doutor. Em seguida iluminou sua expressão tensa; eu nunca o havia visto tão cansado.

— Bem, Warthrop, o que encontrou? — indagou Morgan.

— Degraus — respondeu o doutor em voz baixa. — Que descem por um túnel estreito... e uma porta no final — ele se virou para Kearns. — Admito que eu estava errado, Jack.

— Quando você me viu cometer um erro, Pellinore?

O doutor ignorou a pergunta.

— A porta está trancada.

— Bom sinal — disse Kearns —, mas uma circunstância ruim. Não acredito que seu pai tenha lhe deixado a chave em testamento.

— Meu pai me deixou muitas coisas de herança — respondeu o doutor sombriamente.

Kearns pediu que trouxessem o baú para dentro da tumba e rapidamente retirou os suprimentos para a caçada: munição extra para os rifles; seis das granadas restantes; um pequeno saco contendo vários sachês, talvez duas dúzias ao todo, com formato que me lembrava o de saquinhos de chá; um rolo apertado de corda resistente; e um maço de bastões compridos com cordões curtos e grossos pendendo de uma das extremidades.

— O que é isso, Cory? — perguntou Morgan, apontando para o maço. — Dinamite?

— Dinamite! — exclamou Kearns, dando um tapa na testa. — Ah, eu devia ter pensado nisso! — puxou três sacos de lona do baú e encheu cada um com duas granadas, munição e um punhado dos sachês de papel. Tateou a bainha vazia atada à sua perna e se perguntou em voz alta mais uma vez onde tinha ido parar sua faca.

— Está comigo, senhor — disse eu, levantando a faca.

— Como você acaba sempre ficando com a minha faca, Will Henry? — perguntou, brincando.

Bateu a lâmina afiada contra o cordão que segurava os bastões e os distribuiu igualmente entre os sacos.

— São sinalizadores de longa duração, oficial — informou a Morgan. — Luz brilhante para um trabalho sombrio - atirou um dos sacos sobre o ombro e entregou outro ao doutor. O último ele balançou na direção do oficial. — Bobby... Ou prefere delegar a tarefa a um de seus bravos voluntários?

Malachi apanhou o saco da mão de Kearns.

— Eu vou.

— Seu entusiasmo é admirável, mas me preocupo com o efeito dele sobre seu julgamento — respondeu Kearns racionalmente.

— Eu testemunhei aquela coisa assassinar minha irmã - replicou Malachi. — Vou com vocês.

Kearns respondeu com um sorriso alegre:

— Muito bem. Mas se sua sede de sangue se intrometer no meu trabalho, alojarei uma bala na sua cabeça.

Afastou-se do rapaz torturado, com os olhos cinza cintilando alegremente à luz do lampião.

— Ela tem tudo a seu favor, cavalheiros. E mais rápida, mais forte, e o que lhe falta de inteligência é compensado pela esperteza. Conhece o território, enquanto nós, não, e consegue se guiar na escuridão tão negra quanto o piche, o que nós, é claro, não conseguimos. Não temos escolha nessa questão, evidentemente, mas a luz que trazemos anuncia nossa presença; isso a atrairá como uma mariposa. Sua única fraqueza é o instinto incontrolável de proteger os mais novos, uma vulnerabilidade que podemos explorar se tivermos sorte o bastante para separá-los do cuidado materno. Quando ameaçados na selva, os *poppies* protegem os mais jovens nas câmaras mais profundas dos covis subterrâneos. É para lá que vamos, cavalheiros, para as entranhas da Terra, mas podemos não chegar; pode ser que ela nos encontre no meio do caminho ou esteja nos esperando. Porém, a probabilidade de termos o elemento surpresa a nosso lado é praticamente nula: somos os caçadores, mas também a caça.

Virou-se para o oficial.

— Você e seus homens ficam aqui em cima, dois patrulhando o perímetro do cemitério, dois toda a área e dois vigiando este lugar. É possível que ela fuja para a superfície, mas sinceramente duvido. Não é de sua natureza.

— E se ela fugir? — perguntou o oficial com os olhos redondos de coruja piscando rapidamente atrás dos óculos.

— Então sugiro que a mate.

Bateu as mãos, radiante de satisfação devido à nossa reação espantada àquela resposta.

— Muito bem, então! Alguma pergunta? Só os tolos se apressam, vocês sabem. Will Henry, seja um bom garoto e pegue aquela corda.

— Pensei que só vocês três fossem descer — disse o oficial, colocando a mão sobre meu ombro.

— Apenas até a porta, oficial — disse Kearns —, para nos economizar uma viagem. Sua preocupação me emociona, porém. Aqui — com a ponta da bota, empurrou a corda pelo chão liso em direção a Morgan. — Você leva isso.

Morgan fitou a corda como se ela fosse uma cascavel enrolada a seus pés. Tirou a mão do meu ombro.

— Bom... tudo bem, contanto que seja somente até a porta.

— Emocionante — repetiu Kearns com um escárnio suave. Virou-se para o doutor, enquanto eu pegava a corda. — Pellinore, depois de você.

Através da fenda escura na passagem, seguimos a luz do lampião cambaleante do doutor — Kearns primeiro, depois Malachi e finalmente eu, arrastando-me graças ao peso da corda caída sobre meu ombro. Vimos um lance estreito de escadas em frente, que descia treze degraus até um pequeno patamar para então virar subitamente para a direita e continuar por mais treze até uma câmara apertada de um metro e oitenta por um metro e oitenta, cujas paredes e teto eram reforçados com largas tábuas de madeira que lembravam o deque de um navio. Nós nos amontoamos os quatro neste espaço claustrofóbico. Os lampiões projetavam nossas sombras disformes sobre a madeira desgastada.

— Você disse que havia uma porta — sussurrou Malachi para o doutor. — Onde?

— Estamos sobre ela — respondeu ele.

Acompanhamos seu olhar para baixo. Havia um alçapão sob nossos pés, articulado em um dos lados. Um cadeado enferrujado no lado oposto prendia o alçapão a um fecho chumbado no chão da câmara.

— E não existe chave? — perguntou Malachi.

— É claro que existe chave — retrucou Kearns. — Ela só não está conosco.

— Não, senhor — intervim. — Acho que está comigo.

Todos os olhares se viraram na minha direção, nenhum mais pasmo que o do doutor. No tumulto dos acontecimentos, eu havia me esquecido dela completamente. Com as bochechas coçando de vergonha, enfiei a mão no bolso e tirei de lá a velha chave.

— Will Henry... — começou o doutor.

— Desculpe, senhor — disse, apressado. — Eu ia lhe contar, mas o senhor estava com um humor terrível quando a encontrei, então decidi contar depois, mas então me esqueci... Desculpe, senhor.

Warthrop pegou a chave, fitando-a com espanto.

— Onde a encontrou?

— Na cabeça, senhor.

— Na cabeceira?

— Não, na cabeça murcha, senhor.

— Ah — disse Kearns, pegando a chave da mão de Warthrop. — Ela estava com o oficial. Mais uma vez, Will Henry veio em nosso socorro! Vamos ver agora se a sorte nos sorri...

Ele se ajoelhou ao lado do cadeado enferrujado e inseriu a chave. Os dentes rangeram contra a tranca relutante, enquanto ele forçava o antigo dispositivo no sentido horário. O cadeado se abriu com um estalo alto!

— Fiquem a postos — sussurrou Kearns. — Ela pode estar à espreita no outro lado, embora eu duvide.

Segurou a alça do alçapão — que ironia amarga nesse nome/alçar o pão!" — e o abriu ensaiando um drama, como um mágico abrindo um armário para revelar seu incrível conteúdo até então invisível. A porta bateu com força no chão, e uma das pontas quase acertou minha canela. Ouvimos o grito assustado do oficial vindo lá de cima: "O que foi isso?", e o ruído de passos correndo pela escada. Uma onda nauseante de podridão vazou pelo buraco e invadiu o espaço apertado, um fedor tão intenso que Malachi recuou ofegante, foi até o canto mais distante e se curvou em dois, segurando o ventre. Morgan e seu companheiro, Brock, apareceram acima de nós na escada, segurando os revólveres com as mãos trêmulas.

— Santo Deus! — gritou o oficial, tateando os bolsos desesperadamente à procura de seu lenço. — Que diabo é isso?

— A manjedoura do diabo — respondeu Warthrop com amargura. — Will Henry, me dê seu lampião.

Ele se ajoelhou ao lado do buraco, de frente para Kearns, e abaixou a luz pelo comprimento de todo o seu braço. A escuridão abaixo parecia resistir ao brilho, mas pude ver uma parede lisa e cilíndrica, como um enorme canhão. Esse duto descia três metros antes de terminar abruptamente. Eu não conseguia enxergar o que estava abaixo dele.

— Inteligente — comentou Kearns com apreciação sincera. — Basta deixar a vítima cair no buraco que a gravidade faz o resto.

Apanhou um sinalizador de seu saco e o acendeu. Uma luz brilhante e azulada interrompeu a penumbra. Atirou o dispositivo no buraco, que caiu e rolou no espaço aberto por talvez quinze metros ou mais, antes de pousar entre o amontoado de escombros macabros que entulhavam o chão da câmara. Uma curiosidade mórbida venceu nossos olfatos e nos reunimos ao redor do buraco para espiar o fosso.

Abaixo havia uma paisagem irregular de ossos estilhaçados que transpunha o raio de iluminação do sinalizador, um lamaçal de restos mortais imensuráveis; milhares de ossos, milhares e milhares, atirados por todas as partes, minúsculas falanges e grandes fêmures, costelas, bacias, esternos e colunas vertebrais ainda intactas, erguendo-se do entulho como os dedos fortes e tortos de um gigante. E crânios, alguns ainda com tufo de cabelo, crânios pequenos e crânios grandes, alguns com bocas congeladas escancaradas como se a mandíbula houvesse sido paralisada em meio a um grito. Registramos essa cena odiosa de restos humanos, essa carnificina que a estupidez humana e o apetite carnívoro haviam forjado, com os corações cheios de espanto e assombro ao ver a verdadeira face do horror, ao mesmo tempo monstruosa e completamente humana.

Ao meu lado, Kearns murmurou:

— "Por mim se vai das dores à morada... Por mim se vai ao padecer eterno..."

— Deve haver centenas de pessoas — sussurrou Morgan, que depois de o haver encontrado, agora falava através de seu fiel lençinho.

— De seiscentas a setecentas, eu diria — arriscou Kearns sem se abalar. — Uma média de dois ou três por mês durante vinte anos, se quiser mantê-los gordos e felizes. Este é um projeto inteligente: a queda muito provavelmente quebrava as pernas da vítima, fazendo a chance de fuga passar de muito difícil para impossível.

Ele se abaixou e colocou o rifle sobre um dos ombros e o saco de lona sobre o outro.

— Muito bem, cavalheiros, o dever nos chama, não é? Oficial, se você e o sr. Brock puderem segurar a corda para nós, acredito que estejamos prontos. Podemos ir, Malachi? Pellinore? Eu estou pronto. Estou praticamente louco de ansiedade: nada deixa meu sangue mais quente do que uma boa caçada sangrenta! — sua expressão refletia as palavras. Os olhos cintilavam, e as bochechas brilhavam. — Precisaremos que nos passem os lampiões quando estivermos lá em baixo, oficial, pois não queremos desperdiçar os sinalizados-res. Então, quem vai primeiro? Muito bem! — gritou, sem esperar por um voluntário. — Eu vou! Segurem firme agora, oficial e sr. Brock; quero caminhar ereto como um verdadeiro mamífero bípede. Pellinore, Malachi, vejo vocês no inferno... quero dizer, lá embaixo.

Jogou a corda no buraco, colocou as pernas sobre a borda e pendurou-se rapidamente de costas, balançando o corpo sobre a abertura. Segurando a corda com as duas mãos, olhou para mim e, por algum motivo, me lançou uma piscadela antes de descer. As âncoras humanas seguravam firme a corda que se movia para lá e para cá à medida que Kearns descia, devagar, para a câmara da morte. Escutei o ruído repugnante de sua aterrissagem no amontoado de esqueletos, e a corda afrouxou-se.

— Próximo! — chamou.

A luz azul do sinalizador soltava faíscas, fazendo a sombra de Kearns tremer fracamente sobre a confusão de ossos.

Antes que o doutor pudesse se mover, Malachi agarrou a corda. Olhou para mim e disse, antes de sumir de vista:

— Até logo, Will.

Agora era a vez do doutor. Confesso que as palavras "Leve-me com você, senhor" estavam na ponta da língua, mas não as disse. Ele se recusaria — ou pior, concordaria. Ou será que a primeira opção era a pior? Afinal, nossos destinos não eram inseparáveis? Não estavam entrelaçados desde a noite em que meu pai e minha mãe, abraçados, morreram no enlace daquele incêndio faminto? "Você é indispensável para mim", dissera ele. Não "seus serviços", como sempre havia dito desde que eu fora morar com ele, mas sim "você".

Como se pudesse ler minha mente, o doutor disse:

— Espere por mim aqui, Will Henry, Não vá embora até eu voltar.

Fiz que sim, com os olhos ardendo em lágrimas.

— Sim, senhor. Vou esperar pelo senhor bem aqui.

Ele desapareceu de vista, dentro da manjedoura do diabo.

Os lampiões foram abaixados em seguida, e nossa vigília angustiante começou. Permaneci próximo ao buraco no chão da câmara, assistindo à dança do fogo dos sinalizadores até ela sumir, piscando ante o brilho fraco e amarelo dos lampiões até também ele ser engolido pela escuridão. Brock sentou-se no degrau mais baixo e se pôs a limpar as unhas com o canivete com afinco. Morgan bafejava ruidosamente o cachimbo vazio, colocava e tirava seu pincenê obsessivamente, esfregando com agitação as lentes com o lenço antes de colocar os óculos mais uma vez sobre o nariz e o lenço sobre a boca.

Após vários minutos desse ritual irritante — bafejar, tirar, esfregar, esfregar —, os olhos inquietos de Morgan caíram sobre mim, e ele sussurrou:

— A justiça será feita, Will Henry, eu lhe prometo. Ah, sim. Os culpados responderão por seus crimes; eu mesmo cuidarei disso!

— O doutor não fez nada de errado — retruquei.

— Bem, tenho de discordar, garoto. Ele sabia e não se manifestou. E sua inércia resultou em mortes, simples assim, Ele pode até dizer a você e a si mesmo que sua atitude foi prudente, que estava seguindo as diretrizes do que ele chama de ciência, mas

isso não era nenhuma pesquisa científica ou exercício intelectual. Era uma questão de vida ou morte, e nós dois sabemos o que ele escolheu! E nós dois sabemos o verdadeiro motivo que o fez tentar manter essa abominação em segredo: proteger o bom nome dos Warthrops, por lealdade cega a um homem que obviamente enlouqueceu!

— Acho que não, senhor — repliquei da maneira mais educada possível. — Não acho que ele acreditasse que a culpa era do pai até encontrar a porta secreta.

— Hunf! — bufou o oficial. — Mesmo se for verdade, isso não lhe tira a culpa, William Henry. Sua lealdade é admirável, ainda que tragicamente inadequada. Sei que você, que perdeu tanto, deve ter medo de perdê-lo também, mas cuidarei pessoalmente para que você encontre um lar decente, independentemente da forma como esta noite de horror terminar. Tem minha palavra: não descansarei até encontrar um lar adequado para você.

— Não quero outro lar. Quero ficar com ele.

— Mesmo que ele sobreviva ao lugar aonde está indo, seja lá onde for, você não poderá segui-lo.

Eu estava horrorizado.

— O senhor irá prendê-lo? Por quê?

— E também aquele abominável Cory ou Kearns, ou seja lá qual for o nome dele. Acho que nunca conheci um ser humano mais desprezível. É melhor ele rezar para que aquela pobre mulher sobreviva ao martírio impensável pelo qual ele a fez passar. Ah, acho que ele gostou de fazer aquilo. Acho que a ver sofrer lhe deu prazer. Bem, darei a mim mesmo o prazer supremo de vê-lo na forca! Quero vê-lo contar piadas e dar aquele risinho presunçoso, profanando blasfêmias malditas com a corda no pescoço! Nem que isso custe todos os momentos da minha vida, pois ficarei feliz em gastá-los para testemunhar a justiça sendo feita para aquele homem.

— Foi um erro — insisti, ainda falando sobre o doutor. Pouco me importava o que aconteceria com John Kearns. — O senhor não pode prendê-lo por cometer um erro — implorei.

— Ah, posso sim.

— Mas o doutor é seu amigo.

— Meu compromisso maior é com a lei, Will Henry. E a verdade é que, mesmo o conhecendo há muito tempo, eu mal o conheço. Você passou um ano inteiro vivendo sob o mesmo teto que ele, sob sua sombra e companhia constantes. Pode me dizer com convicção que o conhece ou compreende os demônios que o guiam?

Ele estava certo, é claro, como já confessei: eu não o conhecia melhor do que ele havia conhecido seu próprio pai. Talvez esse seja nosso destino cruel, a maldição da humanidade: nunca nos conhecermos de verdade. Erguemos edifícios em nossas mentes sobre a frágil estrutura de nossas palavras e atos, meras representações da pessoa real que, assim como os deuses para quem se construíam templos, permanece escondida. Entendemos nossa própria imagem; conhecemos nossa própria teoria; amamos nossa própria construção. Ainda assim... será que o artifício de nosso afeto torna nosso amor menos verdadeiro? Não que eu tenha amado o monstrologista, não digo isso. Atualmente não sou leal nem a ele, nem à sua memória, apesar de ter sido privado da presença dele todos esses anos e de admitir ser consumido pelas lembranças. Não houve um dia sequer em que não pensasse nele e em nossas aventuras juntos, mas isso não é prova de amor. Não há uma noite sequer em que não me lembre de seu rosto fino e belo, ou que não ouça o eco distante de sua voz na perfeição acústica de minhas lembranças, mas isso não prova nada. Eu não o amei... nem o amo agora, nem nunca o amarei... repito; acho que não deixei muito claro: nunca amei o monstrologista.

— Alguém está chamando — disse Brock. O anúncio lacônico contrastava com o chacoalhar frenético da corda ao ser puxada por alguém lá de baixo. Olhei pela abertura e vi o doutor erguendo o lampião.

— Will Henry! — gritou. — Onde está Will Henry?

— Aqui, senhor — respondi.

— Precisamos de você. Desça imediatamente, Will Henry.

— Descer? — perguntou o oficial. — Como assim, "descer"?

— Aqui, Robert. Ajude-o a descer imediatamente. Rápido, Will Henry.

— Se precisar de mais uma mão, Brock pode ir — gritou Morgan através do buraco. Brock desviou a atenção das unhas com uma expressão cômica de surpresa.

— Não — respondeu Warthrop. — Tem de ser Will Henry. — Deu outro puxão impaciente na corda. — Imediatamente, Robert!

Indeciso, Morgan mordeu a haste do cachimbo por um momento.

— Não vou obrigar você a ir — sussurrou.

Balancei a cabeça, aliviado e apreensivo ao mesmo tempo.

— Preciso ir — falei. — O doutor precisa de mim.

Fui em direção à corda. Morgan me agarrou pelo pulso e disse:

— Vá, então, mas não assim, Will.

Puxou a corda e deu duas voltas em minha cintura. A passagem era estreita o bastante para eu pressionar as costas contra um dos lados e os pés contra o outro, o que me lembrou Papai Noel descendo pela chaminé. Então passei pela abertura, balançando suspenso no ar, e me virei lentamente no final da corda retorcida. No meio do caminho, olhei para cima e vi o rosto do oficial emoldurado pelo contorno oval da abertura. A luz do lampião refletia em seus óculos, fazendo seus olhos parecerem perfeitamente redondos e grandes demais para o rosto: nunca esteve tão parecido com uma coruja!

Então meus dedos tocaram o chão da câmara. Em seguida, meu corpo todo aterrissou sobre os ossos, causando um ruído repugnante. De perto, o odor da morte era sufocante, e meus olhos se encheram de lágrimas; através de um véu de água, observei o doutor me desamarrar.

— Morgan! — chamou ele suavemente. — Precisaremos de pás.

— Pás? — perguntou o oficial. Seu rosto, tão longe acima de nós, estava quase perdido na escuridão. — Quantas?

— Somos quatro, então... quatro, Robert. Quatro.

Warthrop me puxou pelo cotovelo rapidamente, dizendo:

— Cuidado onde pisa, Will Henry.

A câmara era menor do que eu havia imaginado, com talvez apenas quarenta ou cinqüenta metros de circunferência. As paredes,

assim como as do patamar minúsculo sobre nossas cabeças, eram reforçadas com largas tábuas de madeira deformadas pela umidade e cheias de amassados, sulcos e arranhões. Restos mortais se amontoavam sobre o chão da câmara, em alguns lugares com trinta centímetros de altura, como se fossem os destroços de um naufrágio arrastados pela tempestade. Nem todas as vítimas haviam quebrado as pernas na queda, como Kearns suspeitara. Algumas devem ter conseguido andar e arranharam essas paredes na tentativa desesperada de escapar. Eu as imaginei, pobres, desesperadas e condenadas, agarrando e arranhando a madeira instantes antes que a desgraça surgisse das trevas — e seus crânios fossem esmagados com a força de um caminhão de duas toneladas.

Tentei não pisar nelas (havam sido como eu um dia), mas era impossível; simplesmente havia muitas. O chão era macio e cedia até com o meu peso leve; em alguns locais, a água borbulhava sob meus pés — água e uma lama avermelhada escura. Ali, onde o sol não brilhava e nenhuma brisa batia, os fluidos corporais tinham encharcado o chão e ficado represados. Eu estava caminhando em um verdadeiro pântano de sangue.

Paramos na extremidade mais distante da câmara. Ali, Kearns e Malachi esperavam próximos à boca de um túnel, o único acesso ao fosso que eu podia ver além do alçapão. No entanto, nesta abertura não havia porta: a passagem aberta do túnel tinha dois metros de altura e um e oitenta de largura.

— Finalmente o que procurávamos — declarou Kearns, olhando para mim satisfeito, enquanto o lampião projetava sombras firmes em suas feições suaves.

— O túnel de acesso desmoronou, Will Henry — informou o doutor.

— Ou o fizeram desmoronar — sugeriu Kearns. — Com dinamite, arriscaria dizer.

— Siga-me — instruiu Warthrop.

Cerca de vinte metros adiante, vimos uma parede de terra amontoada e madeira quebrada, uma confusão de poeira, pedra e estilhaços das vigas que sustentavam o teto. O doutor agachou-se

no chão e me mostrou uma pequena abertura no entulho, sustentada por uma das vigas caídas.

— É muito pequena para qualquer um de nós passar — apontou. — Mas parece que dá acesso a pelo menos uma parte do caminho, talvez até ao caminho inteiro. O que acha, Will Henry? Precisamos saber qual é a largura desta parede... se podemos cavá-la com o mínimo de urgência para passar ou se teremos de enfrentar o problema de outra maneira.

— Dinamite! — exclamou Kearns. — Sabia que deveria ter trazido!

— Bem — perguntou-me o doutor —, pode fazer isso?

É claro que eu não negaria.

— Sim, senhor.

— Bom garoto! Aqui, pegue o lampião. E é bom levar meu revólver também. Não; coloque-o aí no seu cinto; a trava de segurança está acionada. Agora tenha cuidado, Will Henry. Vá com cuidado e sem pressa. Volte ao menor sinal de problemas. Deverá haver centenas de toneladas de terra acima de você.

— E se conseguir passar para o outro lado, seria útil à nossa causa se você desse uma espiada — completou Kearns.

— Espiada, senhor?

— Sim. Observar o território do inimigo. Sentir o clima do lugar. E, é claro, verificar a posição do inimigo, se possível.

O doutor discordou.

— Não, Kearns. É muito perigoso.

— E se espremer para passar por um buraco com toneladas de pedra sobre a cabeça, não é?

— Você sabe que não lhe pediria isso se houvesse alternativa, Will Henry — disse-me Warthrop.

— Eu tenho uma alternativa — disse Kearns. — Dinamite.

— Por favor — pediu Warthrop, fechando os olhos. — Simplesmente... cale a boca, Kearns. Ao menos uma vez. Por favor — e deu um tapinha em meu ombro e um abraço paternal. — Vá agora, Will Henry. Mas devagar. Devagar.

Segurando o lampião à minha frente, arrastei-me para dentro da fenda. Ela se estreitou quase imediatamente; minhas costas se

esfregaram no topo e choveram escombros que se acumularam entre meus ombros encurvados enquanto me movia lentamente. O lampião era de pouca ajuda em um espaço tão apertado. O caminho era perigoso, com lascas do tamanho de um braço e pedras duras, e continuava a se estreitar à medida que eu avançava, até eu ser forçado a me deitar e seguir me arrastando por cada centímetro claustrofóbico. Não conseguia calcular o quanto já havia percorrido; pressionado por todos os lados, não conseguia sequer virar a cabeça e olhar para trás. O tempo se arrastava tão lentamente quanto eu, e o ar se tornava cada vez mais frio; minha respiração congelava ao redor da minha cabeça e perdi a sensibilidade na ponta do nariz. Agora minhas costas se esfregavam incessantemente contra o teto, e fiquei preocupado com a possibilidade de ficar entalado naquele desfiladeiro terrível. E, se isso acontecesse, por quanto tempo teria de permanecer feito uma rolha em uma garrafa até que eles conseguissem escavar e me tirar de lá?

Minhas dificuldades eram maiores devido à configuração da passagem, que não era linear, mas ziguezagueava e em geral subia, obrigando-me a forçar o corpo para a frente, empurrando-o com os calcanhares.

Então, de repente, parei. Apoiei a face na terra, tentando recuperar o fôlego e lutando para conter o pânico.

Ao que parecia, eu chegara ao fim da passagem. Havia uma parede de terra e pedra cerca de trinta centímetros à frente; o caminho estava bloqueado. Eu poderia estar a poucos centímetros ou a alguns metros do outro lado; era impossível saber ao certo.

Ou seria possível? Sacudi o braço esquerdo na minha frente e arranhei cuidadosamente a terra com as unhas.

Se recuasse agora, teria de voltar de ré, o que provavelmente seria até mais difícil, mas pior ainda seria voltar sem a resposta que o doutor buscava. Queria impressioná-lo; queria confirmar o julgamento que ele tinha sobre mim, de que eu era indispensável.

Fosse pelos arranhões, pelo atrito contra o solo ou pelo peso que eu exercia sobre um local particularmente instável, a terra de repente abriu-se embaixo de mim e caí com uma torrente de terra e

pedras, perdendo o lampião durante a queda e rolando em cambalhotas até atingir o chão e parar.

Felizmente, o lampião também sobrevivera à queda; estava caído a poucos metros de distância. Eu o apanhei e o ergui o mais alto que pude, mas não consegui enxergar sequer uma pista de abertura; ela havia desabado atrás de mim, e a superfície da obstrução parecia incrivelmente uniforme em sua aspereza — não era possível dizer de onde eu viera.

Caminhei pela extensão da parede, observando ansiosamente suas laterais terrosas, mas não consegui ver nada que denunciasse onde se situara a abertura. Eu estava preso.

Por um momento quase desmaiei de pavor. Meus companheiros estavam longe, do outro lado da passagem obstruída. Não havia como os avisar sobre minha situação, e o resgate poderia demorar horas; isso se chegasse, porque agora eu estava entre aquela parede intransponível e o que quer que estivesse do outro lado — e eu sabia o que estava do outro lado.

"Fique calmo, Will", disse a mim mesmo. "Calma! O que o doutor diria para você fazer? Pense! Não dá para voltar. E, mesmo que encontre a passagem de onde veio, a queda foi grande; como você voltaria lá para cima? Não há saída; terá de esperar que eles venham regatá-lo."

O que foi isso? Será que ouvi alguma coisa se escondendo atrás de mim? O barulho de um arranhão, de um assovio ou de um bufar? Virei-me rapidamente com o lampião balançando loucamente em uma de minhas mãos trêmulas, enquanto a outra procurava o revólver do doutor. Uma sombra pulou à minha esquerda e apontei a arma em sua direção, pressionando o gatilho e estremecendo por causa da esperada reação que não veio: esqueci-me de desativar a trava de segurança. E, então, para piorar minha humilhação, percebi que a sombra era minha, projetada pelo lampião quando me virei.

Respirei fundo e desativei a trava. Para acalmar os nervos agitados, lembrei-me da vitória sob a plataforma — a maneira como despachei o jovem *Anthropophagus*, praticamente apenas com as mãos — e segui em frente, arrastando os pés e forçando a vista para enxergar na escuridão.

Estava em uma câmara mais ou menos do tamanho daquela com os restos de comida. Pequenos ossos — pedaços de costelas trituradas, dentes e outros fragmentos impossíveis de identificar — entulhavam o chão, mas não com a mesma abundância espantosa vista na primeira câmara. O próprio chão era duro como cimento, pressionado com firmeza pelos pés enormes que o pisaram durante vinte anos. Espalhados por toda a câmara (contei dezessete ao todo), havia montes gigantes com formato de ninhos, que alcançavam facilmente quase três metros de diâmetro, estranhamente multicoloridos e brilhantes, como se cravados de diamantes. Após examinar mais de perto, descobri o motivo de sua estranha aparência. Os ninhos eram feitos de tiras de roupas, blusas, camisas, calças, meias, saias e roupas de baixo, firmemente entrelaçadas. Os estranhos pontos de luz brilhantes eram reflexos do lampião nos relógios e anéis de diamante, alianças de casamento e colares, brincos e braceletes; ou seja, quase todos os tipos de acessórios que nós, seres humanos, gostamos de pendurar em nós mesmos. Assim como os índios das Grandes Planícies com seus búfalos, os *Anthropophagi* não desperdiçavam nada; haviam fabricado seus ninhos com as vestes de suas vítimas. Imaginei-os usando os fragmentos de ossos espalhados pelo chão para tirar nacos de nossa carne dentre os dentes.

Um bufar agudo emergiu da escuridão atrás de mim. Balancei a arma ao redor, mas nada saltou das sombras, nenhum monstro enorme e aterrorizante se ergueu de algum ninho. Segurei a respiração, aguçando os ouvidos e os olhos até que, mesmo sem ter visto nenhum movimento, identifiquei a direção da respiração ofegante e rítmica. A comparação pode ser absurda nessas circunstâncias, mas para os meus ouvidos aquilo se parecia com a respiração rápida de uma criança roncando.

Segui o barulho arrastando os pés sem os tirar do chão, com receio de que pudesse pisar em um osso e denunciar minha presença ou seja lá o que fosse. O ruído me levou até o outro extremo do covil, a um ninho próximo à parede. Lentamente levantei o lampião para olhar sobre a borda.

Deitado no berço com formato de tigela estava um jovem *Anthropophagus* macho, surpreendentemente (pelo menos para mim) e quase ridiculamente pequeno, talvez apenas alguns centímetros mais alto que eu, apesar de ser facilmente vinte quilos mais pesado. Os olhos enormes nos ombros não estavam fechados enquanto ele dormia em seu sono agitado — aquelas criaturas não tinham pálpebras —, mas havia uma película leitosa, uma espécie de pálpebra, que brilhava umidamente sobre os olhos vítreos. A boca, do tamanho de uma bola de futebol americano, estava aberta, expondo os dentes triangulares, com os incisivos menores amontoados na parte da frente e as presas maiores e mais grossas logo atrás.

A jovem criatura se contorcia durante o sono. Será que estava sonhando? Que tipo de sonho monstruoso ela tinha? Arrisquei um palpite. As sacudidas poderiam ser um sintoma de algo além de um sonho, pois o pequeno monstro estava sem um dos antebraços, e a carne áspera do seu cotovelo direito estava inchada e inflamada. Ele fora gravemente ferido de alguma maneira, e eu me lembrei do ritual de amizade bizarro daquela espécie, em que um colocava a garra bem fundo dentro da boca do outro para limpar os dentes. Será que perdera o braço assim? Havia deixado as garras escorregarem, e a boca do outro se fechou abruptamente, rasgando as articulações e depois engolindo o braço decepado?

A ferida expelia um pus amarelado; a criatura claramente estava sofrendo e talvez nem estivesse dormindo. Era mais provável que houvesse entrado em estado de delírio semi-consciente. Sua pele normalmente branca estava avermelhada de febre e brilhava de suor. Ele estava morrendo.

"Isso explica tudo...", pensei, ajoelhando-me diante do berço e olhando para a criatura com uma fascinação mórbida, "... por que a mãe o abandonou. Ele seria um fardo para ela."

Devo confessar que meus sentimentos estavam confusos. Testemunhara em primeira mão a brutalidade daqueles monstros, vira seu poder de destruição e quase perdera minha própria vida para seu ódio voraz. Mas, mesmo assim... mesmo assim, sofrimento é sempre sofrimento, não importa o ser que esteja sofrendo — e

aquele em particular estava sofrendo muito, isso estava claro. Parte de mim se sentiu enojada, enquanto outra se viu tomada de uma pena profunda pelo padecer da criatura (certamente uma parte muito menor, mas uma parte, de qualquer jeito).

Não poderia abandoná-lo; não poderia deixá-lo naquele sofrimento. Do ponto de vista prático, era uma imprudência, porque ele poderia acordar e começar a chorar, o que talvez atraísse sua mãe e resultasse na minha morte certa. Não sabia aonde ela levara os outros, se estava escondida em uma antecâmara a dezenas de metros de distância ou se havia recuado até o buraco mais profundo de seu covil, Mas minha estranha e anormal empatia incentivou-me a pôr um fim na agonia da criatura.

Então, inclinei-me para a frente, encostei a barriga na borda do ninho e coloquei a arma à altura de sua virilha, logo abaixo do lábio inferior, que babava. Só me ocorreu muito tempo depois que o barulho do disparo excederia de longe o choro que o *Anthropophagus* moribundo poderia produzir. "Não está perto o bastante", decidi. Queria que o tiro fosse rápido e certo; então trouxe o cano a poucos centímetros da barriga rosada e brilhante do monstro. Preparei a arma, produzindo um ligeiro ruído, o menor dos sons, mas este foi suficiente para acordá-lo.

Ele se moveu na velocidade de um raio, sem dar chance para que eu puxasse o gatilho, mais rápido que as asas de uma mosca. Seu braço esquerdo arremessou a arma da minha mão quando ele se levantou do leito de morte, rangendo os dentes e cuspidando com um ódio delirante nascido da febre e do medo. Jogou-se contra mim. O lampião voou pelo ar e se espatifou no chão, explodindo em chamas. Rolamos juntos pelo chão em uma confusão de braços e pernas descontrolados; sua boca agitada agarrou a ponta da minha jaqueta, despedaçando-a. Sua garra esquerda tentava golpear meu rosto, enquanto eu a segurava pelo pulso, empurrando-a com toda a força. Minha outra mão socava seus olhos, que agora estavam brilhantes, ardendo de febre. Pelo brilho do fogo, pude enxergar neles o reflexo do meu próprio rosto, contorcido de medo. Nossa estranha dança da morte nos fez rodopiar até a parede; eu a usei como apoio para elevar o pé e chutá-lo nas partes íntimas com a

maior força que pude. A pancada serviu apenas para deixá-lo com mais raiva e, na verdade, pareceu tê-lo revigorado: começou a golpear minha cabeça com o toco de seu braço direito. Deslizei para o lado para me esquivar das investidas furiosas e caí de costas no espaço vazio.

A luta nos levou até a entrada de um túnel estreito e, então, caí em uma ladeira íngreme, levando-o comigo. Rolamos dando cambalhotas como dois acrobatas no circo, com os braços e as pernas entrelaçados, caindo pelo que pareceu ser uma eternidade antes de parar no fundo, um amontoado de pedras caídas e terra solta. Atordoado pelo impacto, soltei o pulso do monstro por um instante, mas esse instante era tudo de que ele precisava: puxou meu antebraço para dentro de sua mandíbula poderosa e mordeu. A dor foi explosiva, e uivei de angústia, socando-o cegamente com a outra mão, até que, no meu desespero, segurei seu membro ferido, enfiei-o na boca e mordi a ferida purulenta com toda a força. Um pus grosso e viscoso encheu minha boca e escorreu pela minha garganta; meu estômago se embrulhou em protesto (mais tarde eu vomitaria copiosamente sobre seu cadáver), mas meu plano desesperado funcionou. Ele soltou meu braço e se atirou para longe de mim, rugindo de agonia. Ignorando minha própria dor latente, tateei o chão com as mãos (invisíveis na escuridão profunda, apesar de estarem a apenas trinta centímetros dos meus olhos) e encontrei uma pedra do tamanho de um melão. Eu a apanhei, levantei-a sobre a cabeça e a arremessei contra o corpo contorcido do monstro. E fiz isso diversas vezes, contra carne mole e dura carapaça, contra qualquer coisa que se movia, e meus gemidos e gritos foram sobrepondo os dele aos poucos. Sangue e pedaços de tecido voavam em todas as direções, pousando sobre meus olhos e minha boca aberta, ensopando minha camisa, escorrendo pelo meu corpo inclinado e encharcando minhas calças. Os gritos da criatura pararam; ele ficou imóvel, mas mesmo assim eu o golpeava, sem parar, até que toda a minha energia se esvaiu, e a pedra caiu dos meus braços exaustos. Desabei sobre seu corpo sem vida, arfando; meus soluços soavam violentos e histéricos, altos e débeis ao mesmo tempo, nos confins daquele espaço estreito. Após me

restabelecer um pouco, levantei-me e, com náuseas, caí de costas contra o limite do túnel, apertando o braço esquerdo, que agora latejava e queimava como se estivesse pegando fogo.

Cuspi várias vezes para tentar tirar aquele gosto asqueroso da boca. A lembrança daquilo era mais insuportável que o gosto que ainda restava, e meu estômago se embrulhou. A palma da minha mão direita estava escorregadia de sangue. Cuidadosamente tateei a mordida com as pontas dos dedos, contando sete perfurações ao todo, três na parte de cima e quatro na de baixo. Minha primeira tarefa era controlar o sangramento: o doutor disse que o olfato daquelas criaturas era apurado. Encolhi-me para me livrar da jaqueta, tirei a camisa e a enrolei várias vezes no braço. Então, lenta e desajeitadamente, como uma criança aprendendo a se vestir, vesti a jaqueta de novo.

"Por enquanto, está tudo bem", disse a mim mesmo para reunir meus ânimos enfraquecidos. "Duas vitórias em uma só noite. Agora, de volta para a câmara. Você encontrará um caminho de volta até os outros. Coragem, Will Henry, coragem! Pode ficar aqui e sangrar até morrer ou se levantar e encontrar um caminho de volta. E então, o que você vai escolher, Will Henry?"

Arrastei-me até minha mão tocar o corpo de minha vítima. Saltei por cima dela, depois me levantei e comecei a subir a inclinação, com o braço esquerdo pressionado contra a barriga e o direito estendido para tatear a parede. Pisava com a maior leveza possível, com a respiração entrecortada e forçando-me a ir com calma, parando de vez em quando para inclinar os ouvidos à escuridão, tentando ouvir qualquer som que pudesse denunciar a presença de um *Anthropophagus*. Não tinha idéia da distância que havia caído para dentro do fosso; parecia, como já disse, que a queda demorara tanto quanto a de Lúcifer. O tempo passa de forma diferente quando não se tem um dos sentidos e todos os outros são intensificados: cada suspiro parece um trovão, cada passo arrastado ou arranhado é como um bombardeio. Eu podia sentir o cheiro do meu próprio sangue e o do monstro. O gosto de sua infecção queimava em minha língua.

Continuei a me arrastar, sempre subindo, mas sem me aproximar do fim. Às vezes minha mão direita escorregava em um espaço aberto, um túnel de conexão ou talvez uma fenda natural formada por uma força mais benigna da natureza, Será que na confusão da queda havíamos acabado em uma ramificação secundária da passagem principal? E será que eu estava fora do caminho, indo cegamente da escuridão para a escuridão, perdido e sem saída?

Certamente, pensei, parando e inclinando-me vertiginosamente contra as pedras geladas e úmidas; certamente havia chegado ao ponto de partida. Quanto tempo se passara? Por quanto tempo havia andado e para onde estaria marchando agora? O pensamento me paralisou. Então concluí: "Bem, pode ser o caso, Will, mas você continua subindo, e é para cima que você quer ir". Talvez aquele túnel levasse diretamente à superfície."Será que ainda estaria chovendo?" pensei, Ah, sentir a chuva sobre o rosto! Respirar o ar fresco da primavera até o fundo dos pulmões! Ansiar por isso era quase tão insuportável quanto a dor.

Então continuei andando naquele labirinto desprovido de luz, agarrando-me à lógica do meu pensamento — subir significava sair — e à lembrança da chuva, da luz do sol, da brisa quente e de todas as coisas reconfortantes. Aquelas lembranças pareciam pertencer a um tempo diferente, a uma era longuíqua, até mesmo a uma pessoa diferente; senti como se tivesse roubado a memória de outro garoto de outro tempo e espaço, um garoto que não estava perdido e lutando contra um pânico incontrolável e um pavor de parar o coração.

Por enquanto, a situação era clara: o chão havia se nivelado, eu não estava mais subindo. Havia de alguma forma pegado o caminho errado.

Parei de andar. Inclinei-me contra a parede. Apertei o braço ferido, que latejava no ritmo das batidas do meu coração. Além da minha respiração ofegante, não havia nenhum barulho. Não havia luz. Todos os meus instintos me encorajavam a pedir ajuda, a gritar com toda a força dos pulmões. Não tinha idéia de quanto tempo havia se passado desde que caíra na câmara, mas certamente o

doutor e os outros já haviam conseguido escavar uma passagem àquela altura. Deviam estar em algum lugar, talvez em algum lugar próximo, na próxima curva (se é que havia uma próxima curva), com as luzes apenas fora do alcance da minha visão. Seria duplamente arriscado — uma idiotice, na verdade — anunciar minha presença, já que existia também a probabilidade de me encontrar com a fera na próxima curva. Ou será que as probabilidades eram favoráveis? Kearns dissera que a fera levaria os mais jovens até a parte mais profunda de seu refúgio, e não era ilusão o fato de que, até então, eu havia subido e não descido. Isso não significava que a chance de eu estar mais próximo de meus companheiros era maior do que a de estar mais perto da fera? E que o risco na verdade seria manter silêncio, cambaleando na escuridão por inúmeras horas, até que a desidratação e o cansaço tomassem conta de mim — isso se eu não sangrasse até a morte?

Assim se acirrava o debate dentro de mim: gritar por ajuda ou permanecer calado? Os segundos se transformavam em minutos, e cada minuto apertava a camisa de força da indecisão e me deixava ainda mais paralisado.

Minha fortaleza desmoronou. Eu não passava de um garoto, você se lembra; um garoto que passara por apertos e muitos problemas; sem dúvida, um garoto que presenciara coisas de empalidecer um adulto, mas ainda assim um garoto, ainda assim uma criança. Escorreguei pela parede e repousei a testa contra os joelhos levantados. Fechei os olhos e rezei. Meu pai não era um homem particularmente religioso; confiara os assuntos religiosos aos cuidados de minha mãe. Ela rezava comigo todas as noites e me levava à igreja todos os domingos para incutir um pouco de fé em mim, mas eu havia herdado de meu pai a indiferença à religião e passei pelos caminhos da devoção sem grande convicção. Uma oração representava apenas palavras repetidas por hábito. Quando cheguei à casa do doutor, é claro que as idas à igreja e as orações cessaram abruptamente — e não lamentei essa perda.

Mas, naquele momento, rezei. Rezei até ficar sem palavras, depois rezei com todo o meu ser, uma oração composta não por palavras, mas pelo anseio profundo e indescritível de minha alma.

E, enquanto fazia isso, com os olhos apertados, balançando o corpo para a frente e para trás no ritmo rodopiante de minha mente atormentada, uma voz falou na escuridão. Não era a voz, imaginei, daquele para quem as pessoas geralmente rezam. Bem longe disso!

— Ora, ora. O que temos aqui?

Levantei a cabeça e protegi os olhos doloridos contra a luz que estava na mão dele. Tão brilhante quanto mil sóis, ela me cegou. Ele me segurou pelo cotovelo e me ajudou a levantar.

— O cordeirinho desgarrado foi encontrado — disse Kearns.

O fato é que eu havia sucumbido ao desespero a poucos metros da liberdade, em uma passagem que, conforme Kearns me informou, estava a apenas poucos passos de distância do esconderijo dos *Anthropophagi*.

— Você é um assistente-aprendiz de monstrologia sortudo, Will — disse com seu tom brincalhão característico. — Quase atirei em você.

— Onde estão os outros? — perguntei.

— Há duas artérias principais que saem da câmara dos ninhos; Malachi e Warthrop estão em uma, e eu, na outra, obviamente. Mas o que aconteceu com seu braço?

Relatei as aventuras que tinha vivido desde a queda até o coração do refúgio dos monstros. Kearns expressou admiração pela minha valentia ao liquidar a jovem criatura ferida. Pareceu surpreso pela minha coragem mesmo sob pressão.

— Esplêndido, absolutamente esplêndido! Excelente trabalho, Will! Pellinore ficará radiante. Ele ficou bastante apreensivo quando você não voltou. Totalmente desvairado. Nunca havia visto um homem operar uma pá daquela maneira. Se estivesse cavando em outra direção, teria chegado à China em uma hora! Mas venha aqui, vamos dar uma olhada nesse braço.

Desenrolamos o curativo improvisado. Pegajoso de tanto sangue, o último pedacinho de tecido ficou grudado no braço e estremei de dor. A mordida ainda sangrava. Ele colocou os farrapos ensangüentados sobre meu ombro e disse:

— É melhor deixar a ferida respirar um pouco, Will. Não queremos correr o risco de uma infecção.

Com a mão nas minhas costas, levou-me até a entrada do túnel que levava para fora.

— Olhe para baixo — disse.

Uma nuvem de poeira cintilou à luz do lampião.

— O que é isso? — perguntei.

— Migalhas, Will Henry, para marcar o caminho de volta!

Aquilo era o conteúdo dos pequenos sachês que ele colocara nos sacos de lona, um pó fosforescente que brilhava como minúsculos faróis à luz do lampião.

— Você encontrará uma marcação como esta mais ou menos a cada vinte metros — instruiu. — Siga-as. Não volte atrás. Caso se perca, retorne até encontrar a marcação novamente. Aqui, leve o lampião.

— Você não vem comigo?

Meu coração começou a tremer.

— Tenho monstros para caçar, lembra? — respondeu.

— Mas vai precisar do lampião.

— Não se preocupe comigo. Tenho sinalizadores. Ah, acredito que tenha deixado cair isto.

Era o revólver do doutor. Ele o pressionou em minha mão.

— Só atire quando vir a íris dos olhos do outro — seus olhos cinzentos dançaram alegremente com a piada. — Cerca de setecentos passos, Will.

— Passos, senhor?

— Talvez um pouco mais para você; suas pernas não são tão compridas quanto as minhas. Dê cerca de quatrocentos passos e então vire à direita na passagem principal. Não perca essa curva, isso é muito importante! O caminho tende a descer um pouco, mas não se desespere, pois vai começar a subir de novo. Quando chegar lá em cima, diga ao oficial que estou morrendo de saudades dele. Daquele narizinho de batata. Daquele sorriso cativante. Se não tivermos retornado em duas horas, faça-o descer com seus homens. Essas feras escavaram a escuridão e talvez precisemos da ajuda dos outros homens. Boa sorte para você, monstrologista júnior. Boa sorte e vá com Deus!

Depois, ele se virou e evaporou como um fantasma à luz do lampião. Seus passos sumiram rapidamente. Não parecia abalado por ter de se movimentar sem uma luz, Na verdade, passou a impressão de que aquela perspectiva o agradava: John Kearns era um homem que se sentia em casa na escuridão.

Com que rapidez o desespero pode se transformar em alegria! Meus ânimos estavam mais exaltados que a pequena luz em minha mão; meu coração, mais elevado. Já podia sentir a fragrância doce da liberdade, seu sabor divino. Nesse êxtase por minhas preces terem sido atendidas, esqueci-me de contar os passos e só lembrei quando já era tarde demais para começar a fazê-lo, mas isso não parecia ter tanta importância. O caminho estava bem marcado com o pó brilhante.

Cheguei à curva que Kearns indicara, a curva que me levaria de volta aos ninhos abandonados dos *Anthropophagi* e de lá para o sorriso "cativante" de Morgan. Parei por um momento, confuso, porque havia dois caminhos marcados — um para a passagem perpendicular e outro que seguia em frente, continuando o caminho que eu havia trilhado."Bem", pensei, "ele deve ter virado à direita primeiro, caminhado um pouco e depois voltado atrás ao ver que a passagem estava bloqueada, ou talvez tenha ouvido o choro desesperado de um 'monstrologista júnior' ferido." Suas instruções tinham sido explícitas: "Não perca essa curva, isso é muito importante!". Então, com um suspiro, mergulhei na abertura. Se deveria dar setecentos passos ao todo e a primeira parte tinha quatrocentos, a segunda deveria ter trezentos, então comecei a contar.

O túnel era mais estreito, o teto, bem mais baixo; várias vezes fui forçado a abaixar a cabeça ou andar desajeitadamente curvado, fazendo o fundo do lampião se arrastar no chão. A passagem era tortuosa, ziguezagueava para lá e para cá, e o caminho seguia em declive e escorregadio, sempre descendo, como Kearns anunciara.

Após cem passos, ouvi alguma coisa fazer um ruído atrás de mim — ou pensei que fosse atrás de mim. Naquele local apertado era difícil saber ao certo. Parei. Segurei a respiração. Nada. Apenas poeira caindo e pedregulhos se desprendendo enquanto eu passava,

pensei, nada mais. Comecei a caminhar de novo e retomei a contagem.

Após setenta passos, ouvi o barulho de novo, definitivamente vindo de trás, e tive quase certeza de que uma parte do túnel estava cedendo. Escutei com atenção, mas tudo o que consegui ouvir foi o ruído suave do lampião. Verifiquei a trava de segurança do revólver. Meus nervos estavam agitados, naturalmente, pelas provas difíceis daquela noite, e minha imaginação fervilhava com visões dos demônios brancos e sem cabeça que habitavam aquela escuridão, mas meu bom senso não estava totalmente confuso. Ou eu estava sendo seguido, ou não. Se estava, confrontar meu perseguidor nessa circunstância claustrofóbica (o túnel não podia ter mais de um metro e meio de diâmetro naquele ponto) seria loucura. Caso contrário, não ganharia nada além de me atrasar devido às pausas amedrontadas. Continuando!

Como Kearns conseguira passar por aquela trilha? Um adulto teria sido forçado a se arrastar — e, nesse caso, como teria calculado os passos, já que não seria possível caminhar?

Esqueçamos um adulto: como um monstro de dois metros de altura conseguiria passar sem ter de serpentear sobre a barriga incrustada de dentes? A medida que as paredes se apertavam ao meu redor, a dúvida e o medo me assolavam. Certamente esta não era a passagem principal para a câmara dos ninhos. Eu devia ter entendido mal ou virado na curva errada... Porém, o caminho estava marcado, continuava marcado, embora os intervalos entre os pontos brilhantes agora se ampliassem por muito mais de seis metros. E o túnel continuava a descer ao invés de subir, como ele dissera, e o chão não estava mais compacto, mas sim esponjoso, saturado de umidade, à medida que descia às profundezas. Prossegui lenta e dolorosamente, com o lampião iluminando pouca coisa além das paredes úmidas e do teto gotejante, indo cada vez mais fundo, até uma profundidade que nem as raízes mais profundas das maiores árvores da superfície conseguiriam penetrar.

Então senti aquele cheiro, aquele cheiro enjoativo e doce como o de fruta podre. Era leve de início, mas se tornava mais forte a cada metro agonizante, um fedor de dar náusea que queimava meu nariz

e se acumulava amargamente no fundo da minha garganta. Eu já havia sentido aquele cheiro antes, no cemitério, na noite em que Erasmus Gray morrera; aquele odor ainda estava grudado em minhas roupas, resultado do abraço do jovem monstro cujo sono delirante eu havia perturbado. Era cheiro de monstro. O cheiro deles.

Não posso dizer que entendi totalmente o significado daquele momento naquela hora, as pistas dos elementos distintos que começaram a me parecer tão óbvias: os dois caminhos marcados, um amplo seguindo em frente e o outro tortuoso e estreito; o túnel que descia sempre; o barulho de algo me seguindo; o conselho para descobrir minhas feridas para "deixá-las respirar um pouco". Uma armadilha tão bem calculada encontra-se além da compreensão da maioria dos homens, que dirá da ingenuidade de uma criança! Não, eu estava apenas confuso e assustado, não desconfiado, quando me ajoelhei, empurrando o lampião para a frente com uma das mãos e agarrando a arma com a outra, trêmula. A trilha era íngreme, e o chão, escorregadio. Se eu me virasse naquele instante, teria de me arrastar lentamente ou correr o risco de escorregar um metro para trás para cada metro que avançasse. Será que deveria voltar? Ou ignorar o cheiro terrível (talvez a própria terra o tivesse absorvido como uma esponja) e a pequena voz interior que sussurrava: "Dê meia-volta! Volte!". Será que eu deveria me forçar a continuar?

No fim, tomaram a decisão em meu lugar. Uma mão saiu da escuridão e bateu em meu ombro. Com um grito assustado, virei-me, e a lamparina bateu na parede. A luz vacilante iluminou freneticamente o rosto sujo, os olhos animados e o risinho irônico.

— Will Henry, para onde você está indo? — sussurrou Kearns. Seu hálito tinha um cheiro tão doce quanto o alcaçuz. — Não lhe disse para seguir em frente e não voltar?

— Este não é o caminho de volta — sussurrei em resposta.

— Eu tinha esperanças de evitar isto — foi sua resposta enigmática. — O cheiro do sangue deveria tê-la atraído; francamente, estou confuso por ela não ter vindo.

Puxou o lampião de mim com cuidado e retirou um sinalizador do saco.

— Aqui, pegue. Segure-o pela base para não queimar a mãozinha. Não o solte, aconteça o que acontecer!

Encostou o pavio na chama do lampião. A fumaça serpenteou pelo espaço apertado; o túnel foi tomado pela luz ofuscante, e a escuridão sumiu.

Ele colocou a mão no meu peito e disse com um pesar fingido:

— Sinto muitíssimo, sr. Henry, mas não há escolha. É a solução do momento.

E, com essas palavras de despedida, John Kearns me empurrou com toda a força.

Minha queda foi ligeira, reta e irreversível. A silhueta de Kearns se afastou rapidamente, dissolvendo-se na escuridão à medida que eu deslizava pela passagem escorregadia. Uma colisão com uma curva na parede me fez cair de costas, e saí escorregando pelos últimos metros, afundando os calcanhares na lama em uma tentativa malsucedida de diminuir a velocidade com que eu derrapava para dentro do buraco que me aguardava lá embaixo.

Como teria sido estranho para alguém que estivesse observando de baixo, caso estivesse em pé na câmara dentro da qual eu caía, ver a escuridão virgem, nunca abençoada pelo beijo benévolo da luz, ser rasgada pelo brilho cegante do sinalizador agarrado em minha mão, descendo como uma estrela cadente vinda do arco do céu! Caí deitado de costas, e o solavanco do impacto arremessou o sinalizador para longe. Por um momento, fiquei deitado espantado e ofegante. O gosto quente e fêrrico de sangue encheu minha boca: eu havia mordido a ponta da língua ao cair.

Rolei de frente e cuspi o sangue. Mal tinha conseguido me ajoelhar quando ele veio até mim com um grito sibilante, os braços estendidos, os olhos negros se revirando nos ombros fortes, e a boca aberta babando. Levantei a arma a trinta centímetros de distância e puxei o gatilho. O jovem *Anthropophagus* caiu aos meus pés, contorcendo-se na lama fedorenta do chão da câmara. Tive sorte no tiro, mas não tinha tempo para comemorar ou divagar sobre minha boa mira, porque agora o irmão dele vinha na minha direção, saído de seu esconderijo. Atirei duas vezes, errando em ambas, e continuei a atirar enquanto recuava, aos tropeços.

Uma bala implodiu o chão marcado pelo meu recuo apressado, seguida pela resposta de um rifle. Era Kearns, deitado de bruços no túnel acima de mim, atirando pelo buraco através do qual eu, a isca, havia caído.

Minhas costas bateram na parede; caí para trás com as pernas abertas e atirei mais duas vezes contra a silhueta que avançava. Ambos os tiros foram desperdiçados, mas o tiro seguinte de Kearns atingiu o alvo, acertando a fera no ombro direito. Isso a fez levar o braço ao chão, porém pouco diminuiu sua aproximação implacável. "A espécie possui o maior tendão de Aquiles conhecido entre os primatas, por isso consegue saltar distâncias absurdas, de até doze metros", havia me informado o doutor com seu tom professoral característico. Atravessar uma distância tão grande com apenas uma investida pode ser difícil para um *Anthropophagus* imaturo; para sorte dele, havia apenas dez metros a cruzar. Lançou-se contra mim com o braço esquerdo perpendicular ao corpo, preparado para dar o golpe fatal. Eu tinha apenas uma bala e um segundo para pensar.

A sorte me poupou dessa decisão terrível: no meio do voo, ele foi impedido, e seus ombros foram jogados para trás devido ao impacto da bala que atingiu o ponto entre eles. O segundo tiro o atingiu no meio das costas e o derrubou. Caiu, ofegando e gemendo aos meus pés, com as garras cavando impotentemente a terra, antes de soltar o último suspiro, e a morte o levar.

Ouvi uma risada suave e satisfeita acima de mim, e, vinda da outra extremidade da câmara, onde a luz do lampião não alcançava, uma voz familiar chamou meu nome:

— Will Henry, é você?

Fiz que sim. Não conseguia pronunciar outra resposta. Parecia que anos haviam se passado desde a última vez que ouvira aquela voz, e mais vezes do que eu era capaz de contar ela havia me irritado e amedrontado, me enchido de pavor nada injustificável e de apreensão torturante. Ah, porém, naquele momento, aquela voz me trouxe lágrimas de alegria.

— Sim, senhor — gritei para o doutor. — Sou eu.

O monstrologista correu até mim. Agarrou meus ombros e olhou fundo nos meus olhos; seu olhar refletia a intensidade de sua

preocupação.

— Will Henry! — exclamou. — Will Henry, por que está aqui? — ele me puxou de encontro a seu peito e sussurrou intensamente no meu ouvido. — Eu disse que você é indispensável para mim. Acha que menti, Will Henry? Posso ser tolo e péssimo cientista, cego às verdades mais óbvias devido à minha ambição e ao meu orgulho, mas se tem uma coisa que não sou é mentiroso.

Ele me soltou depois de dizer essas palavras e se virou de lado por um momento, como se estivesse envergonhado com aquela confissão. Depois se voltou para mim novamente e perguntou de forma brusca:

— Agora me diga, seu garoto bobo e estúpido, você está ferido?

Levantei o braço, e o doutor passou a luz do lampião ao longo dele. Sobre seu ombro, nos limites da região que a luz alcançava (porque o sinalizador por fim havia se apagado), pude ver Malachi. Ele estava fitando não nossa cena emocionante, mas sim um ponto acima de nossas cabeças, em direção ao buraco pelo qual eu caíra.

O doutor limpou cuidadosamente a terra e os minúsculos e afiados pedregulhos das feridas, curvando-se para examiná-las sob a luz trêmula.

— É uma mordida, relativamente superficial — concluiu. — Bastam alguns pontos, e você ficará novo em folha, Will Henry, ainda que um pouco traumatizado.

— Tem algo ali em cima — gritou Malachi com voz rouca, apontando o dedo na direção do teto da caverna. — Em cima de vocês!

Puxou o rifle até o ombro e certamente teria puxado o gatilho, se Kearns não houvesse anunciado sua presença e pulado pelo buraco. Aterrissou em pé com o domínio de um campeão de ginástica, abrindo os braços para manter o equilíbrio, e sustentou a pose como se fosse nos reunir em seu abraço metafórico.

— Então tudo está bem quando termina bem — disse animado. — Ou talvez eu devesse dizer: tudo termina bem perto do final. Ou quem sabe "por enquanto, está tudo bem" fosse mais adequado... Mas, enfim, aí está você, Pellinore; bem a tempo, graças a Deus!

Com os olhos apertados, Malachi respondeu:

— Isso é muito estranho,

— Ah, meu caro amigo, você devia ter me visto na Nigéria em 1985. Aquilo sim foi estranho!

— Também acho estranho — concordou o doutor. — Diga-me, Kearns: como Will Henry foi parar aqui embaixo enquanto você estava lá em cima?

— Will Henry caiu, e eu não.

— Caiu? — repetiu Warthrop e se virou para mim. — É verdade, Will Henry?

Balancei a cabeça. Mentir era o pior tipo de tolice.

— Não, senhor, fui empurrado.

— Ora, "caiu", "foi empurrado"... É tudo igual — disse Kearns ironicamente. Observou confuso enquanto Malachi colocava o cano da arma a alguns centímetros de seu peito.

— Vá em frente — disse ao órfão furioso. — Aperte o maldito gatilho, seu melodramático insuportável, semi-suicida, chorão vagabundo. Você realmente acha que me importo se sobreviver ou não? Mas talvez você queira incluir em seus cálculos o fato de que nosso trabalho ainda não acabou. A fera ainda está lá em algum lugar da escuridão, e não muito longe, eu diria. Com isso, senhor, eu não ousaria julgá-lo. Atire se quiser, senhor, e morrerei da forma como vivi, sem arrependimentos! — Levou o peito na direção de Malachi, desafiando-o, e sorriu de orelha a orelha.

— Por que ele o empurrou, Will Henry? — perguntou o doutor, mal tomando conhecimento do drama. Havia muito já estava cansado do teatrinho de Kearns.

— Ele me enganou — respondi, abaixando a voz e me recusando a olhar na direção do traidor. — Acho que encontrou esta câmara e sabia que os *Anthropophagi* estavam aqui embaixo, mas não tinha como os acertar de jeito, então marcou o local e me mandou diretamente até lá. Ao me ver ferido, achou que o cheiro de sangue pudesse atraí-los. Quando isso não aconteceu, ele...

— Em minha própria defesa — interrompeu Kearns —, dei a você uma arma e não apenas o atirei aos lobos. Eu estava lá em cima, sabe, para atirar neles. Não questiono as necessidades das

circunstâncias; simplesmente as obedeco. Como o Malachi aqui, que abandonou sua amada irmã quando ela mais precisou dele...

— Kearns, chega! — advertiu o monstrologista. — Ou *eu* atiro em você.

— Sabe por que nossa raça está condenada, Pellinore? Porque se apaixonou pela ficção agradável de que estamos de alguma forma acima das próprias leis que nós mesmos determinamos e que governam todo o resto.

— Não sei do que está falando — disse Malachi com os nervos controlados —, mas gostei da idéia. Sugiro que o façamos sangrar e o usemos como isca.

— Eu me apresentaria como voluntário com prazer — respondeu Kearns sem se abalar —, mas acredito que as circunstâncias não exijam mais essa medida.

Ele pegou o lampião do doutor e se afastou rapidamente. As botas respingavam no chão enlameado, e os calcanhares afundavam um centímetro antes de se desprenderem. Quando chegou até a parede, ele se virou e fez um gesto para que nos juntássemos a ele.

Então, colocou o dedo nos lábios e apontou para baixo. Havia uma pequena abertura, com aproximadamente o dobro da largura dos meus ombros, na base da parede. Ele aproximou o lampião do buraco enquanto olhávamos para a escuridão lá dentro. A passagem descia em um ângulo de quarenta e cinco graus em relação ao chão da câmara. Kearns apontou com o indicador as pegadas reunidas ao redor da parede, os cortes superficiais e os sulcos formados pelas unhas dos monstros ao longo dos primeiros metros do túnel.

Recuamos a uma distância segura, e Kearns declarou com a voz suave:

— Dois conjuntos diferentes de pegadas, não é, Pellinore?

O doutor concordou, e Kearns prosseguiu.

— Um filhote e uma fêmea madura. Os dois entraram, nenhum saiu. Por que ela levou um e abandonou os outros é um mistério, mas foi o que ela fez, e isso é inegável. Talvez aqueles dois — virou a cabeça em direção aos *Anthropophagi* mortos — tenham voltado de lá de baixo para cá por algum motivo, apesar de as pegadas não sustentarem essa hipótese. Há apenas duas possibilidades, acredito:

ou essa passagem leva a outra câmara mais profunda, ou pode ser uma rota de fuga que leve à superfície. Só existe uma maneira de descobrir. Certo, Pellinore?

O doutor concordou relutantemente:

— Certo.

— E, se ela e o filhote não fugiram para a superfície, o barulho aqui em cima deve tê-la alertado de nossa aproximação. Ela está, com certeza, nos esperando.

— Por mim, tudo bem — disse Malachi, segurando amargamente a arma. — Não vou decepcioná-la.

— Você fica aqui — declarou Kearns.

— Não aceito ordens suas — respondeu Malachi com desprezo.

— Tudo bem — retrucou Kearns de maneira indulgente. — Aceite as ordens de Pellinore, se preferir. Precisamos de alguém para ficar aqui e guardar a saída... e ficar de olho em Will Henry, é claro.

— Não vim até aqui para ser babá! — exclamou Malachi. Apelou para Warthrop. — Por favor. E meu direito.

— É mesmo? Como assim? — interferiu Kearns. — Não foi nada pessoal, sabe. Eles estavam com fome e precisavam comer. O que você faria se estivesse com fome?

Warthrop colocou a mão sobre o ombro de Malachi.

— Kearns precisa ir; ele é o caçador especialista. E eu também preciso ir, porque, se alguém conquistou esse "direito", esse alguém fui eu.

Lembrei-me da questão perturbadora levantada no porão enquanto ele analisava o companheiro da matriarca pendurado diante de si: "Eu me pergunto se ela ficaria satisfeita com o filho dele".

— Outra pessoa deve ficar para o caso de ela conseguir fugir e voltar para cá. Você deixaria isso a cargo de Will Henry? Olhe para ele, Malachi; é apenas um garoto — continuou o doutor.

Seus olhos incrivelmente azuis fitaram meu rosto e desviei-me do tormento insuportável que vi dentro deles.

— Eu posso fazer isso — ofereci. — Guardarei a saída. Leve Malachi com o senhor.

Fui ignorado, evidentemente. Malachi assistiu com tristeza ao doutor e a Kearns verificando a munição e os equipamentos. Kearns tirou do saco do doutor dois sinalizadores e vários sachês de papel com o pó usado para marcar a trilha e colocou-os em seu próprio saco; em seguida examinou as granadas para ver se estavam funcionando bem. O doutor me levou para um canto e disse:

— Tem algo que não me cheira bem nisso, Will Henry, apesar de eu não poder identificar o que é. Ela não recuaria para um lugar sem saída; é esperta demais para isso. Também não abandonaria dois de seus filhos à nossa mercê. Isso é muitíssimo estranho. Fique atento e grite imediatamente se vir qualquer coisa fora do normal.

Apertou meu braço e completou com severidade:

— E, pelo amor de Deus, não saia andando por aí desta vez! Quero que esteja aqui quando eu voltar, Will Henry.

— Sim, senhor — concordei, fazendo o melhor que podia para parecer corajoso.

— Vivo, de preferência.

— Tentarei, senhor.

Com o coração pesado, eu o observei passar pela abertura estreita com Kearns. Algo me incomodava. Algo que precisava pedir a ele, algo importante, algo de que eu deveria me lembrar, mas não conseguia.

— Por quanto tempo devemos esperar? — gritou Malachi.

— Por quanto tempo devemos esperar antes de irmos atrás de vocês?

Kearns balançou a cabeça.

— Não venham atrás de nós.

Perto da parede, Kearns fez uma reverência, cedendo ao monstrologista a honra de ir primeiro. Instantes depois eles sumiram. O brilho suave do lampião foi desaparecendo rapidamente à medida que saíam de vista para caçar a matriarca e os últimos de sua prole.

Malachi não falou nada por um bom tempo. Caminhou até os *Anthrophagi* caídos e cutucou com o cano do rifle aquele que havia recebido dois tiros.

— Essa bala é minha — comentou, apontando para o buraco escuro no meio das costas do monstro. — O segundo tiro; o tiro da morte.

— Então você salvou minha vida — disse.

— Acha que é assim que funciona, Will? Que agora só restam mais cinco vidas para salvar e reparar meus erros?

— Você não podia ajudá-los — expliquei. — Você estava preso no seu quarto. E também não podia ter ajudado Elizabeth, não mesmo. Como poderia ter salvado sua irmã, Malachi?

Ele não respondeu.

— Parece um sonho — disse, após uma pausa pensativa. Observava o corpo caído aos seus pés. — Não isto. Minha vida antes disto, antes deles. Era para ser o contrário. E muito estranho, Will.

Ele me contou o que aconteceu depois da última vez que o vi na passagem que conectava a manjedoura do diabo à câmara dos ninhos, confirmando pelo menos parte da versão de Kearns. Eles haviam, sim, descoberto duas artérias principais cujas direções pareciam seguir para baixo. Ele e o doutor seguiram por uma trilha, enquanto Kearns seguiu pela outra — aparentemente aquela em que o *Anthropophagus* e eu caímos. Suspeitei que Kearns, o caçador especialista, tivesse notado os rastros da luta e sabido — mas não contado aos outros — exatamente para onde eu havia ido, optando por não os informar.

A passagem, relatou Malachi, se conectava a inúmeras outras, e, a cada ramificação ou junção, eles escolhiam ir pela trilha que seguia para baixo. No meio do caminho para este esconderijo final, Warthrop topou com o rastro dela, pegadas frescas deixadas no solo úmido, e então eles as seguiram até encontrar a câmara onde estávamos agora esperando pela volta do doutor.

— A passagem desembocava ali — disse, apontando para um local nas sombras diretamente atrás dos corpos. — Sabíamos que provavelmente Kearns a havia encontrado antes, porque vimos a luz lá dentro e ouvimos o barulho dos tiros. Mas nunca imaginei que você fosse estar aqui, Will.

— Nem eu.

Ele se inclinou sobre o rifle, e seu peso fez a coronha se afundar lentamente no solo macio. Ele a retirou e observou a água sendo sugada pela terra.

— O chão aqui é muito úmido — observou —, e as paredes estão gotejando. Deve haver um canal ou um rio subterrâneo por perto.

Ele estava certo: havia, sim, um canal, que corria quase que perpendicularmente à caverna, mais ou menos seis metros abaixo de nós, e na primavera ficava quase com o dobro do tamanho. A cada estação seu curso se alargava, à medida que a água consumia as paredes que o delimitavam; a cada ano o próprio chão sobre o qual pisávamos se tornava mais saturado e instável. Os *Anthropophagi* o descobriram; era sua fonte principal de água potável, e, assim, os mais jovens não precisavam se aventurar até a superfície para saciar essa necessidade. O caminho tomado por Warthrop e Kearns levava diretamente a uma caverna às margens do canal, onde as criaturas iam beber água e se banhar — apesar de não se banharem como nós. Eles não são bons nadadores e têm muito medo de águas profundas, mas gostam, assim como os guaxinins, de lavar o sangue e os restos de carne das unhas. Também gostam (se é que a palavra "gostar" pode ser usada para descrever isto) de escorregar de costas em águas rasas, deixando a água entrar nas bocas abertas, e depois girar e retorcer o corpo, mastigando a água espumante como um crocodilo ao ataque. Não se conhece o propósito desse ritual esquisito, mas talvez, como o da limpeza que um faz na boca do outro, faça parte de seus hábitos de higiene.

Foi até as margens protegidas desse canal subterrâneo que ela levara o "bebê" de um ano de idade, o membro mais novo e vulnerável de sua prole. Como o doutor havia observado, o fato de ela ter deixado os irmãos mais velhos dele para trás era muitíssimo estranho, mas eu suspeitava que ela tivesse a intenção de voltar para buscá-los — ou então que eles, no meio da confusão e do medo, tivessem se recusado a segui-la. Seja lá qual fosse o caso, foi esse filho protegido que eles encontraram na última curva da descida, choramingando e resmungando às margens da água salvadora, incapaz de fugir ou de se defender. Naquela idade, os

Anthropophagi, assim como suas presas da mesma idade, não conseguem andar com eficiência. Kearns foi diretamente até ele e o matou com um único tiro.

O tiro ecoou até nós, e Malachi enrijeceu. Ergueu o rifle e virou-se na direção da boca da passagem. Os caçadores esperavam na caverna abaixo de nós, sabendo que a mãe deveria estar escondida em algum lugar por perto, certos de que ela sairia.

Tinham razão; ela saiu.

Voltou para recolher os outros filhos. Kearns e o doutor não a encontraram enquanto desciam porque ela havia tomado uma trilha diferente, que levava diretamente até os pés de Malachi Stinnet.

Atrás dele, o chão se abriu e cedeu em uma explosão de água e lama. Ele perdeu o equilíbrio, caindo para a frente de joelhos e perdendo o rifle. O saco de lona escorregou de seus ombros quando ele se segurou para não cair de cara na lama. Escorregou para trás em direção à abertura que se alargava no chão da câmara, com uma expressão terrivelmente familiar para mim em seus belos olhos. Eu já a tinha visto antes, nos olhos de Erasmus Gray e nos de meu pobre pai: o olhar ironicamente cômico dos condenados quando a maldição se ergue sobre eles sem escapatória.

Seus dedos abriram sulcos na terra molhada; suas pernas chutaram descontroladamente. Seus tornozelos desapareceram no redemoinho em meio à piscina de lama atrás dele, e, então, algo pegou suas botas e o puxou. Em um instante ele estava afundado até os joelhos.

Ele gritou meu nome. Seu corpo foi rodado como um peão, sua cabeça chicoteava com tanta força que eu tinha certeza de que ele quebrara o pescoço. Estava em pé, apenas com o tronco retorcido à mostra, estendendo os braços implorantes na minha direção como Erasmus fizera, como meu pai fizera, e essa súplica silenciosa quebrou minha paralisia. Corri e estendi a mão para ele.

— Segure firme, Malachi! Segure firme!

Ele deu um tapa para afastar minha mão e gesticulou violentamente em direção ao saco que estava ao meu lado. Afundou até o peito na superfície agitada, puxado pela mesma fera que afundou o punho no peito do navegador Burns a bordo do *Feronia*, e

sangue jorrou de sua boca. Ela havia enfiado as garras nas costas de Malachi e com elas envolvera sua coluna vertebral, usando-a como uma espécie de alça para puxá-lo para baixo.

Eu interpretei mal o verdadeiro desejo de Malachi, que não tinha nada a ver com resgate. Ao contrário de Erasmus e de meu pai, Malachi não queria ser salvo. Nunca quis. Era tarde demais para isso.

Mais uma vez ele apontou o dedo freneticamente para o saco, e, paralisado, eu o vi puxar uma granada. Colocou-a contra o peito, enfiou o dedo por baixo do pino e, então, com os dentes ensangüentados, Malachi Stinnet sorriu para mim, triunfante.

Fechou os olhos; a cabeça caiu para trás; sua expressão era de paz completa e de aceitação. Ele desapareceu aos poucos, primeiro os braços e o peito, depois o pescoço, até que pela última vez seus olhos se abriram, fitando os meus, sem piscar nem demonstrar preocupação.

— Por Elizabeth — sussurrou.

Sumiu no redemoinho de sangue. Atirei-me para trás, arrastando-me para longe dali o mais rápido que pude. A terra saltou, as paredes tremeram, enormes pedaços do teto se desprenderam e caíram. O abalo da explosão me fez voar. A queda foi interrompida pelo corpo do jovem monstro que a bala de Malachi abatera. Atirado sobre ele, fiquei parado em choque por um momento, com os ouvidos zumbindo, ensopado de água, lama, pedaços de carne e de ossos. Sentei-me e esfreguei os olhos; o resíduo áspero de pólvora que estava suspenso no ar como um aerossol queimava o fundo da minha garganta. Olhei para o epicentro do holocausto. A explosão criara uma cratera de três metros, no centro da qual bolhas subiam preguiçosamente à superfície rosada.

Onde estava o doutor? Virei para a direita, espiando pela neblina enfumaçada e procurando a abertura da passagem.

Será que a caverna havia desabado? Será que ele e Kearns estavam presos sob toneladas de terra? Será que toda aquela estrutura, enfraquecida pela água e despedaçada pela explosão,

havia desmoronado sobre as cabeças deles, esmagando-os, ou pior, enterrando-os vivos?

Cambaleei por um momento, dei um passo me arrastando em direção à parede... e parei. A fumaça havia abaixado um pouco, e eu consegui ver a abertura; ela não tinha desabado; mas não foi essa visão agradável que me fez parar. Foi um ruído — o ruído de alguma coisa se erguendo da cratera sangrenta explodida atrás de mim.

Os pelos da minha nuca se eriçaram. A pele das minhas costas formigou, e os músculos se contorceram. Virei a cabeça lentamente e vi a silhueta dela se erguendo, como uma imitação obscena da Vênus que se ergue das ondas, sua pele clara marcada por feridas de balas e tingida com seu próprio sangue e o de Malachi. Um de seus braços havia sido decepado completamente pela explosão. Seu corpo estava horrivelmente mutilado, mas sua vontade permanecia intacta. Na mais cruel das ironias, o corpo de Malachi a protegera do maior impacto da explosão.

E agora ela, a matriarca, a mãe dos *Anthrophagi*, com o único olho que lhe restava, espiava-me ao lado de sua preciosa prole, a qual seus instintos exigiam que protegesse com ferocidade implacável até o último suspiro, como dissera o doutor. Sua própria dor não tinha importância. O fato de estar mortalmente ferida, tampouco. O que a estimulava era tão antigo quanto a própria existência, a mesma força irresistível que fez o doutor se maravilhar na casa paroquial: "Observe a força do instinto materno, Will Henry!".

Aquela compulsão incontrolável agora a dirigia até o local onde eu estava agachado, congelado nas garras do medo, vacilando em agonia indecisa, pois mesmo ferida ela se movia com velocidade assustadora e me pegaria se eu tentasse escapar pela passagem — que poderia estar aberta ainda ou não.

O espaço entre nós havia se reduzido à metade quando retomei a consciência, puxei o revólver do doutor do cinto e mirei, lembrando-me, enquanto começava a puxar o gatilho, da coisa que havia me incomodado anteriormente, a coisa de que deveria ter me lembrado, mas não consegui: balas. Eu me esqueci de pedir mais balas para o doutor. Restava apenas uma.

Uma bala. Uma chance. Um tiro desesperado ou um tiro que não acertasse um órgão vital e seria o fim. Estava atormentado pelas conseqüências amargas de meu próprio esquecimento.

Ela se concentrou para o salto final. O braço que ainda lhe restava se ergueu. A boca se abriu. O olho que sobrevivera brilhou com uma maldade impiedosa. Eu precisava impedi-la antes que ela desse aquele salto, e o fiz, mas não com uma bala. Em vez disso, voltei seu amor materno contra ela.

Atirei-me ao lado do corpo de seu filho e enfiei a arma na lateral da criatura morta, gritando estupidamente com toda a força e rezando para que nenhum instinto animal a tivesse avisado de que a criança ameaçada não estava mais viva. Meus pés escorregaram, e eu caí de costas com um gemido assustado; meu braço esquerdo se enrolou estranhamente ao redor dos ombros sem cabeça da criatura. Minha artimanha desesperada funcionou, pois ela não pulou, mas parou completa e repentinamente. Farejou o ar. Emitiu um chamado baixo e borbulhante, como uma vaca no pasto mugindo para seu bezerro.

Não hesitou por muito tempo, talvez por apenas um ou dois segundos, e então renovou suas forças, dirigindo-se até mim com o ombro que sustentava o olho restante, aproximando-se até que pude sentir seu hálito podre e ver as fileiras de enormes dentes de oito centímetros que marchavam em direção ao fundo de sua boca cavernosa.

"Espere. Espere, Will Henry. Deixe que ela chegue mais perto. Você precisa deixar que ela chegue mais perto! Mais perto. Mais perto. Três metros. Um metro e meio. Um metro. Meio metro..."

E, quando a monstra se aproximou o suficiente para eu conseguir ver meu próprio reflexo em seu olho escuro e desalmado, quando o mundo todo se resumiu a seu fedor podre, seus dentes afiados e sua pele lisa, brilhante e clara, quando alcancei aquele instante em que um triz separa a vida da morte, encostei o cano da arma contra sua virilha e puxei o gatilho.

TREZE

"Você Carrega o Fardo Dele"

Numa manhã de maio daquele mesmo ano — um mês depois da visita no meio da noite do velho ladrão de túmulos, que deu início ao curioso "Caso dos *Anthropophagi*", como o doutor passara a chamá-lo — lá estava eu subindo as escadas para atender aos chamados incessantes. Eles haviam sido ignorados por tempo demais (em outras palavras, eu não havia aparecido depois do primeiro grito) e começaram a fazer tremer as paredes do casarão 425 da Harrington Lane.

— Will Henry! Will Henreeeeee!

Encontrei-o no banheiro com uma navalha na mão, o queixo barbeado pela metade pontilhado de loção adstringente, a água na bacia à sua frente com uma tonalidade cor-de-rosa não de todo desagradável.

— O que você está fazendo? — quis saber depois da minha entrada ofegante.

— O senhor me chamou.

— Não, Will Henry. O que você estava fazendo antes que o chamasse, e por que demorou tanto tempo para deixar de fazer o que quer que estivesse fazendo para me atender?

— Estava preparando o café da manhã, senhor.

— Café da manhã! Que horas são?

— Quase nove, senhor.

— Odeio me barbear — disse, depois me estendeu a navalha e sentou-se na cômoda enquanto eu terminava de barbear-lhe o queixo. — Já terminou?

— Ainda falta o pescoço — respondi.

— Não a barba, Will Henry. O café da manhã.

— Ah. Não, senhor, ainda não.

— Não? Por que não?

— Precisei parar.

- O que aconteceu?
- O senhor me chamou.
- Está sendo insolente, Will Henry?
- Não procuro ser.

Ele resmungou. Limpei a lâmina. Os olhos do doutor acompanharam a minha mão.

— Como está o braço, Will Henry? Já faz algum tempo que não o examino.

— Bem melhor, senhor. Percebi ontem à noite que as cicatrizes parecem brilhar no escuro.

- É uma ilusão de ótica.
- Sim, senhor. Cheguei à mesma conclusão.
- O que teremos para o café da manhã?
- Panquecas de batata e lingüiça.

Ele fez uma careta. A navalha raspava seu pescoço. Havia um ritmo naquilo: raspar, raspar, limpar... raspar, raspar, limpar. Seus olhos não abandonaram o meu rosto.

— Alguma correspondência hoje?

— Não, senhor.

— Ontem também não, Isso é incomum.

— Ontem foi domingo, senhor, e a correspondência só chega depois das dez.

— Domingo? Tem certeza disso?

Fiz que sim. Raspar, raspar, limpar.

— Imagino que não tenha se lembrado de comprar um ou dois biscoitos na cidade.

— Lembrei sim, senhor.

Ele suspirou aliviado.

— Que bom. Acho que vou querer um.

— Não vai dar, senhor.

— E por que não? Agora você está sendo insolente, Will Henry. Sou o dono desta casa; acho que posso fazer o que bem entender.

— Não vai dar porque o senhor comeu o último ontem à noite.

— Comi? — A surpresa dele parecia real. — Verdade? Não me lembro disso. Tem certeza?

Disse que tinha e limpei os restos de espuma do seu rosto com uma toalha morna. Ele se olhou no espelho e dirigiu ao reflexo um olhar apressado.

— Que pena — lamentou-se. — Que pena ao quadrado: primeiro, que eu não tenha nenhum para comer agora; segundo, que não me lembre de ter comido nenhum, para começo de conversa! Onde está a minha camisa, Will Henry?

— Acho que a vi no armário, senhor.

Acompanhei-o até o quarto. Enquanto ele abotoava a camisa, falei:

— Posso correr até lá, senhor.

— Correr até onde?

— Até a cidade, para comprar alguns biscoitos.

O doutor agitou a mão num gesto distraído de indiferença.

— Ah, na verdade não estou com fome.

— Mas o senhor deveria comer alguma coisa.

Ele suspirou.

— Vamos começar de novo com essa ladainha, Will Henry? O que você está fazendo agora?

— Nada, senhor.

Ele começou a dizer algo, então pareceu mudar de idéia.

— Saiu algo nos jornais de hoje?

Fiz que não. Uma de minhas tarefas era examinar diariamente os jornais em busca de notícias que pudessem interessá-lo. Nos últimos tempos parecia haver apenas um assunto potencialmente perigoso que o interessava.

— Nada, senhor.

— Impressionante — comentou. — Nem mesmo no *Globe*?

Neguei outra vez. Já fazia mais de duas semanas desde que ele reportara o assassinato às autoridades, e, até o momento, apenas uma notícia breve e um obituário haviam sido publicados no jornal semanal de Dedham. A polícia, ao que parecia, não estava levando a sério as alegações do doutor de que acontecera um crime.

— Ele que vá para o inferno — murmurou o monstrologista. Não sabia se ele estava se referindo ao dr. J. E. Starr, a vítima, ou ao dr. John Kearns, o assassino.

Warthrop havia prometido fazer justiça em nome de Hezekiah Varner e dos outros pobres-diabos que sofriam atrás das pesadas portas trancafiadas do Sanatório de Motley Hill. A promessa foi cumprida, mas sem dúvida não da forma como ele imaginara. Na verdade, não acredito que a promessa fosse uma prioridade em sua mente na manhã em que chegamos a Dedham, três dias depois da morte da matriarca *Anthropophagus*. Não era justiça o que ele buscava; eram respostas. Não igualdade, mas exorcismo.

— Fascinante — dissera Kearns depois da nossa chegada ao sanatório em ruínas. Antes de deixar a Nova Inglaterra, ele havia insistido em nos acompanhar. E também queria verificar a teoria revisada de Warthrop sobre o caso; ou pelo menos foi o que disse. — Fui internado uma vez. Já lhe disse isso, Pellinore? Ah, sim, por três longos anos, até conseguir escapar, Tinha dezessete anos. Todo esse episódio terrível foi planejado pela minha querida mãe, que Deus a tenha — olhou para mim e sorriu. — Ela está catalogada na Sociedade do seu patrão, na letra M de "Monstros Maternais". Quatro dias depois da minha volta, ela caiu das escadas e quebrou o pescoço.

— Por que ela o internou? — perguntei.

— Eu era precoce.

A velha sra. Bratton, vestida de preto, demonstrou pouca surpresa com a nossa visita inesperada na varanda caindo aos pedaços. O doutor entregou-lhe o seu cartão e vinte dólares em ouro, e no mesmo instante fomos conduzidos à saleta com atmosfera perfumada e enfeites gastos, onde o alienista idoso vestido no seu camisão de dormir aconchegava-se sob um cobertor esfarrapado, tremendo, apesar do fogo alto que dançava na lareira.

Houve algumas afabilidades introdutórias. Com um brilho nos olhos cinzentos, Kearns apresentou-se como dr. John J. Schmidt de Whitechapel.

— E qual é a sua especialidade, doutor? — perguntou o velho.

— Anatomia — respondeu Kearns.

Warthrop depositou mais duas moedas sobre a mesa, ao lado do cotovelo de Starr, e imediatamente deu início ao interrogatório.

— Quem eram Slidell e Mason? — perguntou.

— Loucos — murmurou Starr.
— Este é um diagnóstico formal? — quis saber Kearns.
— Não, mas garanto ao senhor, dr. Schmidt: loucura é a minha especialidade.

— Eles eram agentes confederados? — pressionou o doutor.
— Nunca afirmaram ser, Warthrop, não para mim pelo menos, mas estive com eles apenas uma vez, e foi um encontro breve. De certo eram fanáticos pela "causa", como a chamavam, e também do tipo mais perigoso: com quantias fabulosas a seu dispor.

— O meu pai os apresentou — disse o doutor. Não era uma pergunta.

O velho concordou, e mesmo esse pequeno gesto pro- vocou um acesso de tosse de pelo menos dois minutos, ao final ele sacou aquele mesmo lenço nojento e cuspiu nele. Ao meu lado, Kearns riu, como se algo naquele ritual o divertisse.

— E quem o meu pai disse que eles eram?

— Filantropos.

Kearns gargalhou. O doutor olhou para ele com censura e voltou a se dirigir a Starr.

— Filantropos?

— Interessados, profundamente interessados, de acordo com as suas próprias palavras, no avanço da ciência da eugenia.

— Filantropos fanáticos — arriscou Kearns, ainda às risadas.

— O meu pai — disse Warthrop — contou com a ajuda deles em um experimento.

Starr afirmou:

— Pelo que entendi, envolvia o cruzamento de duas espécies.

— Ah, meu Deus! — exclamou Kearns, fingindo espanto.

Mas a repulsa de Warthrop foi sincera.

— *Anthrophagi* com *Homo sapiens*? Com que propósito?

— O mais óbvio de todos, Pellinore — disse Kearns. — Uma máquina assassina com intelecto compatível à sua sede de sangue. O predador supremo. O equivalente bestial ao *Urbmensch* de Nietzsche.

— Não imagino que ele encarasse o experimento dessa forma, dr. Schmidt — disse Starr. — Mason e Slidell podem ter encarado,

mas não Warthrop. "Pode estar em nossas mãos dar alma aos desalmados", ele me disse reservadamente. "Piedade aos impiedosos. Humanidade aos desumanos."

— E o senhor concordou — disse Warthrop.

— Não a princípio. Rejeitei a oferta de imediato. Não tinha o menor desejo de brincar de Deus.

— Mas mudou de idéia. Por quê?

Starr ficou em silêncio. O peito do velho estremecia em contraponto à sua respiração torturada. Warthrop acrescentou outras duas moedas à pilha.

— Como sabe que eu mudei de idéia? — retrucou o velho.

— O senhor prendeu Varner aqui para eles. Convenceu o tribunal de que era louco e o trancafiou para que nunca acreditassem na sua história.

— Varner era maluco como um chapeleiro.

— E o senhor concordou com a segunda parte do acordo.

Starr umedeceu os lábios arroxeados.

— Não havia outra parte — insistiu. — Do que se trata isso, Warthrop? O que quer de mim? Eu sou um velho, um velho à beira da morte, devo acrescentar. Por que veio até aqui para me atormentar com o passado?

Warthrop se virou e, agarrando o meu braço ferido, sacudiu-o sob o nariz agitado do alienista.

— Porque não é o passado — esbravejou. — O senhor pergunta o que eu quero. Vou responder com a mesma pergunta: o que o senhor quer, Jeremiah Starr? Tem a minha palavra de cavalheiro que não contarei a ninguém o que for dito entre nós hoje. O senhor não passará o resto da sua vida desprezível na prisão nem acabará na forca, apesar de o sangue das suas inúmeras vítimas clamar aos céus por isso! Eu conheço a maior parte da história, suspeito que saiba tudo, mas quero ouvi-la, e não resta ninguém vivo para confessá-la a não ser o senhor. O senhor tem a minha palavra. O que quer mais?

Starr se recusou a responder, mas a ganância o traiu: o olhar remelento do velho voltou-se por um instante para a pilha de moedas ao seu lado. Warthrop abriu a bolsa e despejou todo o

conteúdo sobre a mesa. As moedas caíram ruidosamente e se espalharam sobre o tapete esfarrapado. Uma delas caiu com a cara para cima sobre o cobertor do velho.

— Pronto! — gritou Warthrop. — Isso é tudo que tenho comigo. Amanhã lhe darei dez vezes mais; apenas responda às minhas perguntas para que esse assunto possa ser enterrado de uma vez por todas... As criaturas sob os cuidados do meu pai precisavam de duas coisas para sobreviver durante o "experimento" de eugenia, qualquer que fosse o seu verdadeiro propósito: um abrigo seguro, sem dúvida financiado por Mason e Slidell, e comida. Sim? Eles construíram o abrigo subterrâneo, e o senhor providenciava as refeições. Sim? Diga "sim" seu monstro maldito!

— Sim — disse Starr.

Um acesso de tosse fez o velho se curvar, e o seu rosto ficou da cor de morangos maduros. O queixo dele, com a barba por fazer, ficou coberto de saliva, Warthrop recuou com nojo.

— E quando a guerra acabou...?

— Ele se ofereceu para financiar o experimento — admitiu Starr. — Ele não conseguiu abrir mão.

— Não conseguiu abrir mão? — o doutor parecia horrorizado. — Não conseguiu abrir mão do quê?

— O seu pai se afeiçoou a eles, acho, Como se fossem animais de estimação ou filhos. Sem ofensa, Warthrop. O seu pai era muito possessivo com eles.

— E não importava ao senhor de onde vinha o dinheiro.

— Warthrop — respondeu Starr num tom condescendente. — Convenhamos. Esses... — ele agitou a mão sardenta no ar, em busca da palavra. — ... Supostos pacientes são os dejetos da sociedade. Eles vêm para cá porque literalmente não há outro lugar para ir. Nem família, nem ninguém disposto a cuidar deles. São todos loucos... a maioria do tipo criminoso, e aqueles que não têm a capacidade intelectual de um nabo. São lixo humano, descartados pelos homens, tóxicos para a maioria da população e para si mesmos, esquecidos, indesejados, piadas cruéis de tudo o que nos faz humanos. Eles poderiam apodrecer aqui ou ser sacrificados pelo bem maior.

— Com a vantagem adicional de que, se sumissem, ninguém sentiria a sua falta.

Starr concordou, aparentando ficar aliviado que o doutor entendesse.

— Ninguém sentiria falta — repetiu.

— E o senhor manteve a sua parte do acordo — incitou Warthrop, com os músculos da mandíbula tensos. Ele saberia a verdade fosse qual fosse o custo. As moedas brilharam à luz do lampião; eram parte desse custo, mas não a maior para ele. — Todos os meses, até ele morrer e a remessa de dinheiro cessar, o senhor transportava duas ou três vítimas para Nova Jerusalém.

— Não, não, não — objetou Starr, — Você está certo no fundamental, Warthrop, mas errado nos detalhes. Eu nunca os levei. Tinha um homem para fazer esse serviço. E não parei de mandá-los.

Warthrop ficou confuso.

— O que o senhor quer dizer com não parou de mandá-los?

— Exatamente isso, Warthrop. Não parei.

Ao meu lado, Kearns murmurou:

— Isso não pode ser verdade.

O doutor passou uma mão pelos cabelos. Ele desmoronou em uma cadeira e apoiou os cotovelos nos joelhos, olhando para os sapatos. Voltou a falar.

— E por que não parou? — conseguiu perguntar.

— O seu pai implorou que eu não o fizesse. Criou um fundo para os cuidados com eles. Estava ciente de que o experimento o colocara em uma posição delicada: se cortasse a oferta de alimento, as feras simplesmente a procurariam em outro lugar. Eu concordei com ele. O gênio estava fora da garrafa, a caixa de Pandora fora aberta; não havia outra escolha a não ser continuar.

— Caso contrário, pessoas "de verdade" poderiam morrer — sugeriu Kearns. Ele afirmava e sorria para o velho perverso, como a dizer "somos parecidos, eu e você".

— Sim! Exatamente isso — Starr assentiu, ansioso. — Então nada mudou depois que ele morreu. Uma vez por mês, ao bater a meia-noite, eu despachava Peterson para o cemitério com uma carga.

— Uma viagem de três horas, o que situa a hora da alimentação por volta das três da manhã — disse Kearns. — A hora das bruxas.

Warthrop balançava a cabeça.

— A sua história não se encaixa com as evidências do caso, Starr. Um macho alfa foi descoberto se alimentando de um cadáver; apenas *Anthropophagi* levados ao limite da fome recorreriam a isso. Eles haviam aberto caminho até a superfície havia pouco tempo: algo desnecessário se o senhor lhes servia carne fresca todos os meses, E não acredito que o fechamento do túnel entre o abrigo e as câmaras de alimentação tenha sido resultado de um fenômeno natural, O senhor diz que não parou, mas deve ter parado.

— Sim, sim, sim — afirmou Starr com impaciência. — Você sugeriu que eu tivesse parado depois da morte do seu pai, e eu disse que não, já que ele deixara recursos para pagar pelo meu trabalho e as despesas. Mas esse dinheiro acabou, Warthrop, em dezembro do ano passado. A última remessa foi na noite de Natal.

Kearns soltou uma risada.

— Noite feliz!

— Então Peterson dinamitou o túnel, prendendo as abominações do outro lado.

— Peterson — repetiu Kearns.

— Sim, Peterson. Confio plenamente nele; fez este serviço desde o começo.

— Qual é o nome dele?

— Jonathan. Por que pergunta?

Warthrop não deu a Kearns a chance de responder.

— O senhor concluiu que eles morreriam de inanição.

— Achei que era a alternativa mais inteligente, Foi algo que eu e o seu pai discutimos antes da morte dele.

Se isso o faz se sentir melhor, Warthrop, ele expressava um remorso mórbido de tempos em tempos; não acredito que a operação desse a ele alguma satisfação. Mais de uma vez mencionou para mim a possibilidade de encerrar o experimento, matá-los por inanição, envenenamento, incendiar o abrigo. Mas no

fundo ele era um otimista — acrescentou —, realmente acreditava que, se tivesse tempo, os domaria.

— Domaria? — perguntou Warthrop. — Achei que a idéia era fazer um cruzamento de espécies.

— Ah, ele desistiu disso depois de alguns anos — disse Starr, com outro gesto da mão sardenta. — Todos os parceiros em potencial que enviei foram simplesmente retalhados.

Kearns riu.

— Não muito diferente dos casamentos entre seres humanos!

Warthrop concordou, mas não com a observação cínica de Kearns.

— Isso explica tudo, ou quase tudo. Não havia motivo para deixar o abrigo feito pelo homem até que o suprimento de comida fosse cortado e a fome os levasse à superfície. Eu acreditava que o ataque aos Stinnets fora uma resposta territorial provocada pela nossa invasão aos domínios deles... — o monstrologista suspirou, tanto uma expiração de alívio quanto uma dolorosa constatação. — Eu estava errado. Errado na minha pressuposição e errado na minha reação. Mas nem todas as perguntas foram respondidas, Starr. Por que deixou Varner viver? Não teria sido mais seguro descartá-lo no buraco com o resto do "lixo"?

— Pelo amor de Deus, Warthrop, o que pensa de mim? Posso ser um avaro, mas não sou inteiramente corrupto.

Lembrei-me das moscas zumbindo de forma enlouquecedora em frente à janela de Varner, nas suas crias repugnantes rastejando em feridas abertas, em suas botas cheias de carne em decomposição. "Não sou inteiramente corrupto."

— Ah, não — concordou Kearns, que atravessou a sala e ficou de pé em frente ao velho, que respirava com dificuldade. Com grande ternura, ele disse: — Pelo contrário, o senhor é um humanitário, dr. Starr. Não permita que ninguém diga o contrário! Um alquimista antropológico que transforma chumbo em ouro! As correntes que prendem a maioria dos homens não o prendem, e nisso somos irmãos, meu caro Jeremiah. Somos os novos homens de uma nova e gloriosa era, livres de mentiras e desimpedidos de moralismos ridículos.

Ele colocou as mãos ao lado da cabeça mole de Starr, envolvendo-lhe o rosto enquanto se curvava para murmurar na sua orelha enorme:

— A única verdade é a verdade do presente. "Não há nada bom nem mau, o pensamento é que o faz assim." Não existe moralidade; o que existe, Jeremiah, é a moralidade do momento.

E, com isso, John Kearns, estudante de anatomia humana e caçador de monstros, torceu violentamente a cabeça da vítima com as próprias mãos, quebrando seu pescoço, rompendo a medula espinhal, matando-o instantaneamente.

Então, ao passar por um perplexo e emudecido Warthrop a caminho da porta disse, sem qualquer indício de ironia:

— Não sentirão a falta dele.

O doutor mal podia conter a fúria, apesar de, por todos os indícios, parecer estar perfeitamente sereno; mas eu o conhecia muito bem. Ficou em silêncio até sairmos da ruela que levava à casa em Motley Hill, então se voltou para Kearns.

— Isso é assassinato, Kearns, puro e simples.

— Foi um assassinato por misericórdia, Warthrop, puro e simples.

— Você não me deu escolha.

— Sempre se tem escolha, Pellinore. Posso fazer uma pergunta? O que aconteceria se o coração do velhote subitamente voltasse à vida, e ele fizesse uma confissão dos seus crimes no leito de morte? Você não gostaria de dar continuidade à obra da sua vida? ... Desculpe-me, foram duas perguntas.

— Tenho uma pergunta melhor — rebateu Warthrop. — Qual é a minha escolha se ficar em silêncio? Isso permite que você dê continuidade à obra da sua vida?

— Nossa, Pellinore, você fere os meus sentimentos. Quem é capaz de dizer qual obra é mais digna de aprovação? "Não julgues, para não seres julgado."

— Dizem que ninguém conhece melhor a Bíblia do que o diabo.

Kearns riu com jovialidade, puxou as rédeas da montaria e tomou o rumo da cidade.

— Para onde você vai agora? — quis saber o doutor.

— Para todos os cantos da Terra, meu caro monstrologista. Percorrê-la de cima a baixo! Espere por mim quando a lua subir ao céu; eu voltarei!

Ele montou no cavalo e seguiu a galope. Warthrop e eu o observamos até que sumisse atrás do cume do último morro. O doutor mordia o lábio inferior com grande ansiedade.

— O senhor sabe para onde ele está indo? — perguntei.

Ele balançou a cabeça.

— Acho que sim — suspirou e então deu uma risada longa, baixa e amarga. — "John J. J. Schmidt"! Sabe, Will Henry, também não acredito que Kearns seja seu verdadeiro nome.

Mas ele manteve a palavra, qualquer que fosse o seu verdadeiro nome. Uma hora depois do jantar, quando a lua cheia ergueu-se prateada acima dos cumes das árvores, ele voltou. Retirou-se ao seu quarto sem uma palavra, depois desceu pesadamente as escadas vestindo uma nova muda de roupas e a capa de viagem. Trazia as malas nas mãos.

— Bem, Pellinore, estou de partida — anunciou. — Foi muito divertido, mas não desejo abusar da sua hospitalidade, algo que acredito ter feito pelo menos por um dia.

— Mais do que um, John — respondeu Warthrop secamente, — O que você fez com Jonathan Peterson?

— Quem? — Kearns parecia sinceramente surpreso. — Ah! O laçao do velhote, sim. Ele... Por que pergunta?

— Onde ele está?

Kearns balançou a cabeça com tristeza.

— Ninguém parece conseguir encontrá-lo, Pellinore. Uma coisa muito triste.

Warthrop ficou calado por algum tempo, então disse com seriedade:

— Ainda pretendo informar as autoridades.

— Sim, e na verdade não posso culpá-lo por isso, então não voltarei a apelar para o seu bom-senso. Seria como Deus transferir a aliança para os insetos — riu diante de sua frieza impassível pelo doutor. — Sabe por que gosto tanto de você, Warthrop? Porque você é muito sincero.

Ele se voltou para mim.

— E você, Will Henry! Sem ressentimentos, espero, por aquele incidente infeliz nas cavernas; realmente não pôde ser evitado. Não que eu vá contar, mas se contasse a qualquer um sobre a sua ousadia no campo de batalha, seria chamado de mentiroso. Você será um excelente monstrologista algum dia, se conseguir sobreviver à tutela do nosso Warthrop, Adeus, Will.

Apertou a minha mão e afagou os meus cabelos.

— Para onde você vai agora, Kearns? — perguntou o doutor.

— Ah, convenhamos, Pellinore, você ameaça me entregar e então pergunta sobre o meu paradeiro? Não sou um completo idiota, pelo menos não nenhum Bobby Morgan. Por sinal, como você o convenceu a não o atirar na prisão?

Warthrop enrijeceu.

— Robert é um velho amigo. Ele entende a importância do meu trabalho.

— Manter você na ativa deixa Nova Jerusalém mais segura? Diga isso ao bom reverendo Stinnet e a seu clã.

— Pensei — disse o doutor, sem alterar o tom de voz — que você estivesse de partida.

— E estou! Mas, com toda a sinceridade, acho que preciso de longas férias. Um tipo de caçada mais divertido, com presas menos ameaçadoras, que não exijam demais de mim, principalmente porque não terei os serviços indispensáveis do nosso mestre Will Henry aqui.

— Esse é outro assunto que não esqueci — disse o doutor ameaçadoramente. — É melhor você partir, Kearns, antes que eu comece a pensar demais a respeito.

Ele ouviu o conselho do doutor e partiu de imediato. Na manhã seguinte, Warthrop manteve a promessa e comunicou o assassinato às autoridades, apesar de isso não ter dado em nada, até onde eu sei. Uma notícia sobre o desaparecimento misterioso de Jonathan Peterson foi publicada nos jornais, mas, pelo que saiba, nada mais além disso; o corpo nunca foi encontrado.

Não falamos muito a respeito de Jack Kearns depois daquela primavera de 1888. Esse assunto parecia expor o doutor a dilemas

morais que ele não se importava de carregar sozinho.

Mas no fim do outono daquele ano o assunto acabou vindo à tona de forma indireta. Eu estava na sala de jantar polindo a prataria da família quando ouvi um grito vindo da biblioteca e o barulho de algo pesado caindo no chão. Alarmado, corri até lá, esperando encontrar o doutor inconsciente (ele vinha trabalhando há dias sem dormir ou alimentar-se). Em vez disso, o encontrei abrindo uma trilha no tapete, andando de um lado para o outro, passando incessantemente a mão nos cabelos há muito sem um bom corte, murmurando irritado algo para si mesmo. Parou quando me viu à porta e observou em silêncio quando me apressei para colocar no lugar a pequena mesa que ele tinha virado em sua consternação. Ao lado da mesa estava o caderno principal do *Times* de Londres. A manchete sob o cabeçalho exclamava: ESTRIPADOR ATACA NOVAMENTE/ASSASSINO DE WHITE- CHAPEL FAZ A QUARTA VÍTIMA.

Whitechapel. Eu ouvira aquele nome na saleta da casa em Motley Hill, seis meses antes: Dr. John J.J. Schmidt de Whitechapel.

O doutor não disse nada enquanto eu lia a reportagem sombria; permaneceu em silêncio por alguns segundos quando olhei para ele. Fui eu quem por fim quebrou aquele silêncio terrível.

— O senhor acha... — perguntei. Não havia necessidade de terminar a pergunta.

— O que eu acho? — perguntou retoricamente. — Acho que Malachi deveria ter aceitado a oferta dele.

Depois de se vestir e remexer as decepcionantes panquecas de batata (ele não tocou na lingüiça), o doutor me chamou até o porão. Era hora do meu *check-up* bimestral.

Sentei-me no banco alto de metal. Ele analisou meus olhos com uma luz forte, mediu a pressão e a temperatura, examinou a minha garganta. Tirou uma ampola de sangue do meu braço. Observei, àquela altura um tanto acostumado ao ritual, ele despejar uma pequena quantidade de solução de iodo no tubo e o girar por alguns segundos. "Você vai precisar aprender a fazer isso, Will Henry" costumava dizer. "Não ficaremos juntos para sempre."

— Conta-gotas — pediu, e coloquei o instrumento na palma da sua mão. Ele pingou uma gota da mistura de sangue em uma

lâmina, colocou outra lâmina sobre a primeira e posicionou a amostra sob a lente do microscópio. Prendi a respiração enquanto ele observava o resultado. O doutor resmungou e fez um gesto para que eu olhasse.

— Está vendo as partículas pretas em forma oval? — perguntou.

— Sim, senhor, acho que sim.

— Sim, está, ou sim, talvez? Seja preciso, Will Henry!

— Eu as vejo. Sim, senhor.

— Estas são as larvas.

Engoli em seco. As formas pareciam minúsculas pepitas de obsidiana, milhares de pequenos olhos pretos mortos, nadando em uma única gota do meu sangue.

O doutor retirou as luvas e disse, sem rodeios:

— Bem, parece que a população manteve-se mais ou menos estável.

Ele abriu uma pasta ao lado do microscópio e anotou "Paciente: William J. Henry/ Diag.: Infestação por *B. arawakus*" e rabiscou uma anotação sob a data.

— Isso é bom? — perguntei.

— Humm? Sim, é bom. Ninguém sabe por que em alguns casos o *arawakus* mantém uma perfeita simbiose com o mamífero hospedeiro, dando a este uma vida anormalmente longa, e em outros casos domina o corpo do hospedeiro com populações enormes. O que é muito curioso no seu caso, Will Henry, é que você se encaixa na primeira categoria, enquanto o seu pai, não. Existe uma teoria complexa demais para ser explicada de forma adequada em todos os seus elegantes detalhes, escrita por um dos meus colegas da Sociedade, mas que, em linhas gerais, postula que o que aconteceu com o seu pai foi um meio de propagação, um meio para que o parasita encontrasse um novo hospedeiro.

— Um novo hospedeiro — repeti. — Eu.

Ele deu de ombros.

— Duvido que tenha acontecido na noite do incêndio. Você não estava perto deles na hora da fatídica calamidade. E apenas uma teoria; o método como infestam o hospedeiro é desconhecido.

— Mas foi um acidente, não foi?

— Bem, duvido que o seu pai tenha infestado você de propósito!

— Não, não foi isso que... quero dizer, o que aconteceu com o meu pai, senhor. Foi um acidente, não foi?

Ele ficou sério.

— O que está perguntando, Will Henry? Está sugerindo que o seu pai foi infectado de forma intencional?

Não respondi, era desnecessário. O doutor colocou a mão no meu ombro e disse:

— Olhe para mim, Will Henry. Você sabe que eu não minto. Sabe isso a meu respeito, não sabe?

— Sim, senhor.

— Não sou o responsável pela sua aflição, se é que ela é mesmo uma aflição, e não uma dádiva. Não sei como ou quando o seu pai foi contaminado, apesar de sem dúvida ter sido consequência dos serviços que prestava para mim. Nesse sentido, acredito, não foi um acidente o que aconteceu com o seu pai, nem o que agora está acontecendo com você. Você é o filho, Will Henry, e, como filho, carrega o fardo dele — ele desviou o olhar. — Como todos os filhos.

Depois, naquela mesma tarde, o doutor isolou-se no gabinete para trabalhar no ensaio que pretendia apresentar no congresso anual da Sociedade, depois de me alertar que não desejava ser incomodado. Na semana anterior recebera pelo correio o rascunho da monografia que seria apresentada por um colega monstrologista, ninguém menos do que o presidente da Sociedade, endereçada a ele de forma anônima por um colega preocupado, que insistia que Warthrop escrevesse uma resposta.

"Asseguro que não é exagero afirmar que o futuro da nossa disciplina está em risco" escrevera o amigo, "E não posso pensar em melhor homem para contestar as alarmantes e perigosas conclusões do nosso estimado presidente."

Depois de estudar o rascunho do venerável dr. Abraham von Helrung, Warthrop concordou plenamente com o colega em ambas as afirmações: o ensaio do presidente era mesmo perigoso e não

havia melhor homem para evitar a catástrofe antecipada do que ele. E Warthrop lançou-se na missão com sua obsessão de costume. Naquela tarde em especial, ele trabalhava na décima segunda versão da sua resposta a Von Helrung.

Enquanto se embrenhava nos meandros da sua considerável agudeza intelectual, eu me recolhi ao meu pequeno quarto e me troquei para dar uma ida rápida à cidade. O meu propósito era simples: comprar alguns biscoitos de framboesa na padaria, pois sabia que o doutor perguntaria por eles quando acordasse na manhã seguinte e que não seria capaz, por nada neste mundo, de entender por que não estavam ali, apesar da minha explicação.

Apressado que estava (a padaria fecharia em menos de uma hora), não me dei conta a princípio. Eu havia trocado de roupa e estendia a mão para pegar o meu pequeno chapéu no cabideiro quando olhei para baixo e vi pendurado na cabeceira da cama um chapéu novo, claramente maior do que o anterior surrado e manchado de lama. O que era aquilo? Tremendo, eu o peguei, o virei e vi bordadas no forro, com linha dourada, as minhas iniciais: W. J. H.

Por um momento fiquei paralisado, o coração por algum motivo disparado como se eu tivesse subido correndo um morro íngreme, segurando em uma das mãos o meu pequeno chapéu, que ainda recendia a fumaça de madeira de um incêndio há muito apagado, e na outra o novo, que parecia ter surgido do nada, mas que evidentemente viera de algum lugar, ou de alguém.

Com a cabeça descoberta e um chapéu em cada mão (um velho, outro novo), desci as escadas. Vindo da biblioteca, ouvi o barulho de um objeto pesado batendo no tapete e corri até lá para investigar. Imaginava que Warthrop ainda estivesse no gabinete.

O doutor estava agachado em frente à lareira, atijando o fogo. Ao lado dele estava a velha mala-armário do seu pai. Se notou a minha chegada, não deu qualquer sinal. Então abriu a tampa e, um a um, passou a atirar os conteúdos nas chamas crepitantes. As labaredas dançavam e chiavam a cada punhado (o cheiro do cabelo da cabeça murcha foi particularmente nauseante). Fui até o lado dele e me sentei. Warthrop mal notou a minha presença.

O calor ficou mais intenso nos nossos rostos. Ele atirou na lareira as velhas cartas, uma a uma. Se percebeu que uma delas havia sido aberta ("Sinto-me bastante sozinho; às vezes e não me sinto inteiramente em casa aqui"), não demonstrou. Na verdade, seu semblante não trazia qualquer emoção, sofrimento ou raiva, arrependimento ou resignação. O doutor poderia estar envolvido numa tarefa trivial, e não na destruição das únicas evidências restantes da existência do pai.

— O que você tem aí, Will Henry? — perguntou, sem tirar os olhos da fogueira purificadora.

Olhei para o meu colo, onde os dois chapéus repousavam lado a lado. Ergui a cabeça e estudei o rosto dele, voltado para longe do meu, olhando para o fogo. No seu perfil anguloso as sombras eram banhadas de luz, o obscuro visível, o oculto revelado. Em um ato de crueldade impensada, talvez (ou ao menos num presságio inevitável, a transmissão de uma enfermidade hereditária, a maldição familiar), o pai dera a ele o nome Pellinore em homenagem ao rei mítico que perseguiu um monstro que não podia ser capturado.

— O meu chapéu, senhor.

— Qual deles, Will Henry? Essa é a pergunta.

O fogo estalava e crepitava, chiava e rugia. "É isso", pensei. "O fogo destrói, mas também purifica."

Atirei o velho chapéu no centro das chamas. Warthrop me dirigiu o mais sutil dos gestos de assentimento e, em silêncio, observou o fogo consumi-lo.

— Quem sabe, Will Henry — disse depois que o fogo o reduziu a cinzas, assim como os restos da vida do pai dele. — Talvez este fardo que você carrega prove ser uma bênção.

— Uma bênção, senhor?

— O meu colega apelidou o arawakus de "Vírus da Fonte da Juventude".

— Isso quer dizer que eu nunca vou crescer?

Ele levantou do meu colo o novo chapéu, seu primeiro presente para mim, e o colocou na minha cabeça.

— Ou que viverá para sempre, para dar continuidade ao meu trabalho. Isso sim é transformar fardos em bênçãos! O

monstrologista riu.

EPÍLOGO

Maio de 2008

Cento e vinte anos depois de encerrado o "Caso dos *Anthrophagi*", liguei para o diretor de instalações e disse-lhe que terminara de ler os primeiros três volumes do extraordinário diário de William Henry.

— E? — perguntou ele.

— E é ficção, definitivamente.

— Bem, claro que é — pareceu irritado. — Encontrou qualquer coisa que nos ajude a identificá-lo?

— Nada considerável.

— A cidade natal...?

— Ele a chama de "Nova Jerusalém", mas essa cidade não existe, ao menos não na Nova Inglaterra.

— Ele mudou o nome. Ele tem de ser de algum lugar.

— Bem — comentei —, ele menciona duas cidades.

Dedham e Swampscott. Esses lugares ficam em Massachusetts.

— E quanto à família? Irmãos, irmãs, primos... alguém?

— Li apenas os três primeiros cadernos — respondi. — Mas parece que seus únicos parentes foram os pais.

— Pigarreei. — A polícia consultou as impressões digitais quando o encontrou?

— Sim, claro. Não constavam do sistema.

— Foi feito um exame físico completo quando o trouxeram, certo?

— Esse é o procedimento padrão. Sim.

— Eles... vocês normalmente fazem algum tipo de exame de sangue?

— O que você quer dizer? Um teste de DNA?

— Bem, isso também. Mas, como parte do exame físico, vocês realizam exames de sangue?

— É claro. Por que pergunta?

- E não havia nada... incomum nas amostras?
- Preciso consultar a ficha dele, mas lembraria se o doutor tivesse dito que havia algo incomum. Aonde quer chegar?
- E quanto a uma autópsia? Isso também é procedimento padrão?
- Não, a não ser que haja suspeita de crime ou solicitação da família.
- E nenhuma das alternativas se aplica a Will Henry — afirmei.
- Qual foi a causa da morte?
- Insuficiência cardíaca.
- E ele estava doente antes de morrer? Uma febre ou talvez erupções cutâneas?
- Ele morreu em paz durante o sono. Por quê?
- Ele dá uma explicação para a idade avançada. Deve tê-la inventado, como todo o resto.

O diretor concordou.

- Bem, obrigado por ler os diários.
- Ainda não terminei — respondi. — E gostaria de terminar, se não for um problema. O senhor se importa se eu ficar com eles mais um tempo? Talvez encontre algo que possa ajudar.

Ele disse que não se incomodava; ninguém respondera ao anúncio, e todas as investigações dele, assim como as minhas, não tinham dado em nada. Prometi ligar se encontrasse algo útil. Desliguei, aliviado: temia que exigisse a devolução do diário de Will Henry antes que eu pudesse terminar os últimos volumes.

Nos meses seguintes, sempre que tinha tempo, pesquisava na internet em busca de qualquer fragmento de informação que pudesse dar credibilidade à autenticidade do diário. É claro que encontrei muitas referências à criatura mítica descrita nos trechos que abrem este livro, de Heródoto a Shakespeare, mas nada sobre uma invasão da espécie nos Estados Unidos no fim do século XIX. Nada sobre a Sociedade de Monstrologia (tampouco sobre a "Monstrologia", aliás; ao que parecia, o termo integrava um léxico criado por Will Henry), e nada que indicasse que uma pessoa chamada Pellinore Warthrop de fato existira. Encontrei uma referência sobre um sanatório em Dedham na virada do século, mas

ele não era chamado Motley Hill nem o proprietário se chamava Starr. Não encontrei qualquer referência ao encalhe de um cargueiro chamado Feronia nas proximidades de Swampscott em 1865. Não havia registro do naufrágio de nenhum navio na região naquele ano.

Estudei diversas fontes a respeito do para lá de verdadeiro personagem "Jack, o Estripador", mas não encontrei qualquer referência ao pseudônimo John Kearns ou a qualquer teoria que sustentasse a afirmação de Will Henry de que ele caçava monstros quando não estava caçando seres humanos. Um funcionário muito atencioso do Museu Britânico por fim retornou os meus telefonemas a respeito dos arquivos de Sir Francis Galton, o pai da eugenia, que Warthrop afirmava ser amigo íntimo do seu pai. Como suspeitava, nas cartas de Galton não havia nenhuma referência a Alistair Warthrop ou a qualquer pessoa que o lembrasse nem ao menos remotamente.

Também não encontrei nada a respeito do *Biminius arawakus*. Não existe qualquer mito (e, claro, nada na literatura científica) a respeito de um parasita que de alguma forma proporcione longevidade ao hospedeiro.

Em alguns momentos, imerso nessa pesquisa absolutamente infrutífera, eu ria de mim mesmo. Por que perdia tempo tentando encontrar o menor indício de provas reais no que era de forma tão evidente obra da imaginação de um louco? Senti pena dele. Talvez essa seja parte da resposta. Não acredito que Will Henry a considerasse fruto da sua imaginação. Acho que ele de fato acreditava que era tudo verdade. Era ficção, obviamente, mas não ficção deliberada.

Quase quatro meses depois da nossa conversa, liguei mais uma vez para o diretor e perguntei onde William James Henry estava enterrado. O cemitério municipal ficava a dez minutos da minha casa. Lá encontrei um pequeno marcador de pedra, onde estava gravado apenas o nome dele, se fosse mesmo aquele o nome dele, apenas mais uma sepultura em meio aos túmulos de indigentes. Perguntei a mim mesmo qual seria o procedimento para solicitar a exumação do corpo. De pé em frente à sepultura, me dei conta do

absurdo da idéia; por que eu desejaria que qualquer parte daquela estranha história fosse verdade?

Sem pensar, me agachei e remexi a terra com um graveto, cavando cerca de dez centímetros no solo arenoso. Uma tempestade recente saturara o solo, e a água rapidamente brotou no pequeno buraco.

Eu a vi depois de um minuto ou dois, uma pequena criatura parecida com um verme, não uma minhoca ou uma larva grande, mas um ser longo e muito fino que se remexia na superfície da água escura. "Não era mais grosso do que um fio de cabelo", dissera Will Henry ao descrever as coisas que infestaram seu pai.

Pesquei o invertebrado anônimo com a ponta do graveto e o levantei, apertando os olhos contra o brilho luminoso daquele dia de fim de verão. Lembrei-me das palavras de Warthrop no diário ("O método como infestam o hospedeiro é desconhecido") e atirei o graveto para longe num momento absurdo de pânico.

"Caia na real" disse a mim mesmo, tentando afastar os pensamentos com uma risada, o que me trouxe à mente outra coisa que Will Henry escrevera. As palavras me acompanharam enquanto batia em retirada, apressado, em direção ao carro e, depois disso, para a minha vida moderna em um mundo onde o espaço para monstros encolhe mais a cada dia.

"Sim, meu filho querido, monstros existem. Por acaso há um pendurado no meu porão"

FIM

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por
LeYtor
Tendo como base a digitalização em *Doc* de
Lile Melile

